

GÉRSON PERES BATISTA
JOEL CINTRA BORGES

O Espírito da Abertura

2ª edição - 2006
Revista e atualizada

II O Espírito da Abertura

Índice

PREFÁCIO.....	VII
INTRODUÇÃO.....	IX
ABERTURAS ABERTAS	
Capítulo I	Abertura do Centro..... 1
	5...Be7
	5...Bb4
Capítulo II	Gambito do Rei..... 9
	Aceito
	Gambito do Cavalo do Rei: 3.Cf3
	Gambito do Bispo do Rei: 3.Bc4
	Outros sistemas menos usuais
	Recusado
	2...Bc5
	Contra-ataque Falkbeer: 2...d5
Capítulo III	Abertura Vienense..... 17
	Variante Normal: 3.f4
	Variante Blake: 3.Bc4
Capítulo IV	Defesa Philidor..... 23
	Variante Antoshin: 3...exd4
	Variante Nimzowitsch: 3...Cf6
	Variante Hanham: 3...Cd7
	Variante Gunderam: 3...De7
	Contra-ataque Philidor: 3...f5
	Defesa Húngara: 4...d6 e 4...exd4
Capítulo V	Defesa Petrov..... 31
	Variante Clássica: 3.Cxe5
	Variante Steinitz: 3.d4
Capítulo VI	Abertura dos Quatro Cavalos..... 37
	4.Bb5
	4.d4
	4.g3
	4.Bc4
Capítulo VII	Abertura Escocesa..... 43
	4...Bc5
	4...Cf6
	4...Dh4
	4...Df6
	4...g6
Capítulo VIII	Abertura Giuoco Piano 51
	Variante Clássica: 4.d4
	Giuoco Pianissimo: 4.d3
	Gambito Evans: 4.b4 (capítulo à parte)
Capítulo IX	Gambito Evans..... 57
	Aceito
	Recusado

IV O Espírito da Abertura

Capítulo X	Defesa dos Dois Cavalos	65
	Variante Clássica: 4.Cg5	
	Variante Moderna: 4.d4	
Capítulo XI	Abertura Ruy Lopez	71
	Defesa Cozio	
	Defesa Barnes	
	Defesa Bird	
	Defesa Schliemann	
	Defesa Clássica	
	Defesa Steinitz	
	Defesa Berlinense	
	Defesa Morphy	
	Variante das Trocas	
	Variante Aberta	
	Linha principal	
	Contra-ataque Marshall	
ABERTURAS SEMI-ABERTAS		
Capítulo XII	Sistema Pirc/Robatsch	87
	Sistema Clássico	
	Ataque Austríaco	
Capítulo XIII	Defesa Alekhine	93
	Variante Moderna	
	Ataque dos Quatro Peões	
	Ataque dos Dois Peões	
	Variante das Trocas	
	Sistema Escandinavo	
Capítulo XIV	Defesa Escandinava	101
	Variante Antiga: 2...Dxd5	
	Variante Marshall: 2...Cf6	
Capítulo XV	Defesa Caro-Kann	109
	Variante Clássica	
	Variante Nimzowitsch	
	Variante Panov-Botvinnik	
	Variante do Avanço	
	Variante das Trocas	
	Variante do Cavalo	
	Variante Tartakower ou Fantasia	
Capítulo XVI	Defesa Francesa	123
	Variante Nimzowitsch ou do Avanço	
	Variante Winawer	
	Variante Steinitz	
	Variante Clássica	
	Variante Tarrasch	
Capítulo XVII	Defesa Siciliana	133
	Variante Scheveningen	
	Ataque Richter-Rauzer	
	Variante Kan	
	Variante Taimanov	
	Variante dos Quatro Cavalos	

Ataque Sozin-Velimirovic
Variante Najdorf
Ataque Keres
Variante do Dragão
Variante Pelikan
Variante Alapin
Gambito Smith-Morra
Variante Nimzowitsch-Rubinstein
Sistema Fechado

ABERTURA FECHADA

Capítulo XVIII	Gambito da Dama	149
	Recusado	
	Defesa Ortodoxa	
	Sistema Tartakower	
	Defesa Tarrasch	
	Defesa Eslava	
	Variante das Trocas	
	Defesa Cambridge Springs	
	Variante Manhattan	
	Defesa Lasker	
	Sistema Ragozin	
	Variante Viena	
	Defesa Chigorin	
	Defesa Balogh	
	Contragambito Albin	
	Gambito da Dama Aceito	

ABERTURAS SEMIFECHADAS

Capítulo XIX	Defesa Holandesa	165
	Gambito Staunton	
	Sistema Leningrado	
	Variante Stonewall	
Capítulo XX	Gambito Budapeste	173
	Aceito	
	Recusado	
Capítulo XXI	Defesa Benoni Moderna	179
	Variante Clássica	
	Sistema Karpov	
	Variante Mikenas	
	Variante Taimanov	
	Variante Penrose-Tal	
	Variante do Fianchetto	
	Variante Uhlmann	
	Sistema Nimzowitsch	
Capítulo XXII	Gambito Benko	187
	Recusado	
	Semi-recusado	
	Variante Vilnius	
	Aceito	
	Variante Clássica	
	Variante do Fianqueto	

VI O Espírito da Abertura

Capítulo XXIII	Defesa Grünfeld	195
	Variante das Trocas	
	Variante Russa	
	Variante Clássica	
Capítulo XXIV	Defesa Índia do Rei	203
	Variante Clássica	
	Sistema Sämisch	
	Sistema Averbach	
	Variante dos Quatro Peões	
	Sistema do Fianqueto do Rei	
Capítulo XXV	Defesa Índia da Dama	215
	Variante Normal: 4.g3	
	Variante Rubinstein: 4.e3	
	Variante Petrosian: 4.a3	
	Variante Bogoljubov: 4.Cc3	
Capítulo XXVI	Defesa Nimzoíndia	225
	Variante Clássica: 4.Dc2	
	Variante Leningrado: 4.Bg5	
	Variante Rubinstein: 4.e3	
	Variante Sämisch: 4.a3	
	Variante Spielmann: 4.Db3	
	Sistema Kasparov: 4.g3 ou 4.Cf3 e 5.g3	
	Variantes diversas	
ABERTURAS DE FLANCO		
Capítulo XXVII	Ataque Índio do Rei	235
	Variante Francesa	
	Variante Siciliana	
Capítulo XXVIII	Abertura Réti	243
	2...dxc4	
	2...d4	
	2...c6	
	2...e6	
Capítulo XXIX	Abertura Catalã	249
	3...d5	
	3...Bb4+	
Capítulo XXX	Abertura Inglesa	255
	1...e5	
	1...c5	
	1...Cf6	
	1...f5	
ÍNDICE DAS PARTIDAS		263
JOGADORES CITADOS NESTE LIVRO		265
BIBLIOGRAFIA		273

Prefácio

O eclético grande mestre Ricardo Réti, um verdadeiro filósofo do xadrez, já afirmava: “Antes de aprender a jogar à base de posição, deve-se aprender a combinar. Esta regra confirmou-se na história do xadrez e não podemos deixar de recomendá-la a jogadores de todos os níveis”.

No xadrez também é muito difundida a regra de que se deve aprender o final antes da abertura. Há uma lógica nisso, pois num nível superior não existe o estudo da abertura sem levar em conta a perspectiva do final.

Com o advento da computação, o estudo do xadrez mudou radicalmente, principalmente na fase da abertura. Cada vez mais disponibilizam-se enormes bancos de dados, com milhões de partidas disputadas desde o começo das competições enxadrísticas.

Isso, aliado a gerenciadores eficazes (como o ChessBase) e programas de análise (a exemplo do Fritz), fez com que a grande falta de informação em que vivíamos vinte anos atrás se transformasse num crônico quadro de informação excessiva, impossível de ser processada pela limitada memória da mente humana.

Como em tantas outras atividades cotidianas, o homem teve de aprender a selecionar as suas informações e a eficácia desse processo é uma condição *sine qua non* para o sucesso.

Esse novo entorno revolucionou o estudo da abertura de tal forma que ele praticamente passou a ser um aprendizado das posições decorrentes das jogadas iniciais. A divisão dogmática do xadrez em abertura, meio-jogo e final, que já era tênue, praticamente desapareceu. A perspectiva do final, tão claramente necessária ao meio-jogo, aproximou-se da abertura.

Como o final é uma fase mais concreta, em que o cálculo matemático das variantes é muito mais freqüente, as conclusões podem ser tiradas com muito mais confiança. Na mesma linha, dentro do estudo dos finais, é evidente que não pode ser dito que se conhece bem qualquer final, caso não se domine o *simples* final de peões, pois, o que acontece depois de trocadas as peças? Uma visão clara do objetivo final cria uma maior transparência na avaliação das fases anteriores.

Isso quer dizer que se não conheço os finais, não devo estudar a abertura? É lógico que não. O xadrez é antes de mais nada um jogo. Só depois de um longo caminho torna-se um esporte, mas mesmo entre os profissionais um alto teor lúdico continua presente.

VIII *O Espírito da Abertura*

Quem aprende quer brincar e a visão pseudocientífica de aprender o final antes da abertura é aposentada precocemente. Mas, precisamos prover o estudioso de um guia, pequenas regras para dar-lhe confiança. Réti continua: “Não se deve acreditar que o jogo de combinação seja somente fruto do talento e não se possa aprendê-la. Os elementos são sempre os mesmos que se apresentam em proporções mais ou menos complicadas, tais como duplos, sujeições, trocas. Quanto mais combinações se viu, tanto mais fácil torna-se concebê-las por si mesmo”.

O mesmo vale para o estudo da abertura. Como o bebê que aprende a falar por um processo de imitação, é vendo partidas e jogando que se progride.

Entretanto, a maioria dos livros de aberturas fornece um número excessivo de informações e nisso reside a grande qualidade da obra *O Espírito da Abertura*. Gérson Peres Batista e Joel Cintra Borges souberam fazer uma síntese, apresentando as principais linhas das aberturas mais importantes, mostrando seus planos, tanto do ponto de vista das brancas quanto das pretas. Tudo exemplificado com uma preciosa coleção de cento e quatro partidas, pequena, mas cuidadosamente selecionada e muito educativa.

Tenho a convicção de que uma geração de enxadristas do futuro vai olhar para trás consciente que a base de suas qualidades na abertura e formação de seu estilo reside em *O Espírito da Abertura*, como já ocorreu para muitas gerações com o *Xadrez Básico* de Orfeu d’Agostini, *Manual de Xadrez* de Idel Becker e *Partidas Selecionadas* de Vassily Smyslov, entre outros.

O Espírito da Abertura é um poderoso farol no escuro oceano das aberturas!

Herman Claudius van Riemsdijk
Mestre internacional

Introdução

A presente obra é fruto de quatro anos de trabalho, tempo em que pesquisamos a fundo uma das fases mais difíceis do xadrez: a abertura.

Os autores são dois amigos e companheiros das lides do xadrez. Um, professor e instrutor da FIDE. O outro, um forte aficionado, estudioso da modalidade e com boa experiência na área da literatura. A idéia era fazer um livro que tratasse as aberturas sob uma ótica conceitual, priorizando seus fundamentos, sua razão de ser, bem como suas origens históricas. Para completar, duas ou três partidas bem típicas, como exemplos.

Fizemos o possível para que ela fosse, antes de tudo, uma obra agradável e fácil de ser lida e estudada, inclusive pelo principiante, que deseja apenas saber como se joga a Abertura Ruy Lopez, a Defesa Siciliana, a Abertura Inglesa, a Defesa Índia do Rei... Não fugimos, contudo, do rigor na pesquisa da técnica, de dados históricos, geográficos e até lingüísticos.

Nosso público-alvo é o enxadrista de nível intermediário, ou seja, aquele que já tem uma boa noção do jogo, mas ainda não atingiu a maestria. Estamos certos, também, de que O Espírito da Abertura será bastante útil ao xadrez escolar, onde a modalidade tem crescido enormemente, até como apoio pedagógico para o estudo das outras disciplinas.

Partindo do princípio de que toda abertura traz em seu bojo um objetivo básico, nosso livro apresenta uma maneira nova e agradável de estudá-las, trabalhando mais com idéias, conceitos e exemplos, evitando as exaustivas análises comuns nos livros do gênero.

Uma obra desse porte – que trata de todas as principais aberturas e seus criadores – envolve necessariamente toda a história do xadrez moderno, bem como os grandes mestres de todos os tempos. Não é pretensão nossa, portanto, que esteja perfeita e acabada, e sim que seja burilada pelas críticas construtivas dos leitores estudiosos, aperfeiçoando-se a cada edição.

Para finalizar, nossos maiores agradecimentos aos numerosos amigos que colaboraram para a realização desse trabalho. Em especial, ao mestre internacional e ex-campeão brasileiro Herman Claudius van Riemsdijk, pelo estímulo, pela apresentação do livro e pelas horas que gastou, ajudando na revisão técnica do mesmo.

Os autores

X *O Espírito da Abertura*

Abertura do Centro



1.e4 e5 2.d4 exd4 3.Dxd4

Histórico

Conhecida provavelmente desde a origem da teoria do xadrez, foi citada por Polério já em 1590, mas apenas em 1737 é que Phillip Stamma chamou a atenção para *3.Dxd4* (era mais comum o branco entrar no Gambito Nórdico: *1.e4 e5 2.d4 exd4 3.c3*).

O primeiro registro de partida que se tem é a jogada entre Jouy e De la Bourdonnais, no ano de 1836, em Paris. Nessa ocasião, depois de *1.e4 e5 2.d4 exd4 3.Dxd4 Cc6*, o condutor das brancas recuou sua dama para *d3*. A retirada para *e3*, como se joga nos dias de hoje, deve-se a Wilfried Paulsen, que fez a inovação no Campeonato Alemão de 1881. Nessa competição, inclusive, disputaram-se vários jogos com a Abertura do Centro.

Entretanto, só a partir da segunda metade do século XIX é que ela foi analisada mais profundamente e jogada mais vezes. A razão disso parece ser o temor de se colocar a dama em jogo precocemente e as perdas de tempo que isso ocasiona.

Seus adeptos vêem nela uma maneira de buscar a iniciativa, ainda que em aparente contradição com um dos princípios básicos da abertura (desenvolver primeiro as peças menores).

Ela foi utilizada no passado por jogadores

agressivos e rebeldes aos princípios ortodoxos, como Wilfried Paulsen, Emil Schallopp, Chigorin, Winawer, Spielmann, Tartakower e Marshall.

Mais recentemente, pelos soviéticos Tolush, Kupreichik, Zaitsev e Velimirovic. Em nossos dias, podemos citar alguns grandes mestres da elite mundial, como Shirov, Judit Polgar, Michael Adams e Shabalov.

Na América do Sul, é utilizada esporadicamente pelo GM peruano Júlio Granda e por Ivan Morovic, do Chile, além do MI uruguaio Martin Crosa e do MI paraguaio José Cubas. No Brasil, temos o MF Ricardo Benares e Joaquim de Deus Filho.

Especialista: Shabalov

Dados biográficos

O grande mestre Alexander Shabalov nasceu em Riga, Letônia, aos doze de setembro de 1967. Como Capablanca, ele descobriu o xadrez vendo seu pai jogar com os amigos.

Cedo provou seu talento, vencendo o altamente competitivo Campeonato Sub-16 da União Soviética no ano de 1982.

Aluno de Tal e Bagirov, logo atingiu a maestria, obtendo o título de grande mestre em 1991, aos 24 anos. Em 1992 mudou-se para a América do Norte, devido à agitação política em seu país, fixando residência na cidade de Pittsburgh, onde sua esposa conseguiu residência médica.

Em 1993, venceu dois importantes torneios abertos nos Estados Unidos, além de dividir com Yermolinsky a primeira colocação no campeonato oficial do país. Em 2000, ganhou mais uma vez o Campeonato Norte-americano, junto com Seirawan e Benjamin, título esse que conquistou novamente em 2003 e 2004. Disputou várias Olimpíadas.

2 O Espírito da Abertura

Em sua carreira enxadrística, encontramos freqüentemente a Abertura do Centro, como parte do seu repertório, e Shabalov demonstra sempre o profundo conhecimento que possui sobre a mesma.



Partindo da posição-chave mostrada no diagrama, as pretas têm duas alternativas principais:

- **5...Be7** – É uma continuação tranquila, que tem como idéia básica jogar ...d5 em algum momento, contragolpe que visa nivelar o jogo.
- **5...Bb4** – Alternativa agressiva, almejando um forte contra-jogo. É a mais popular atualmente.

Branças

As brancas intencionalmente tomam o setor central com suas peças e concentram forças para um ataque na ala do rei.

Devem fazer o roque grande, desenvolver sua ala do rei rapidamente e ficar atentas às movimentações do adversário na ala oposta.

Na medida do possível, impedir a jogada liberadora ...d5, que pode proporcionar vivacidade ao jogo negro.

O maior problema do branco é a dama exposta, que deve passar para a casa g3, de onde pressionará o roque pequeno do adversário.

A coluna *d* será excelente para a torre

da ala da dama, após o roque grande.

O que caracteriza a luta é uma constante busca pela iniciativa.

Pretas

De imediato, aproveitar a saída prematura da dama adversária e ganhar um tempo desenvolvendo seu cavalo.

Assim que houver oportunidade, realizar o avanço do peão a *d5*. Esse lance é importante na liberação das peças e na busca de espaço. Caso isso não seja possível, jogar *d6* e desenvolver gradualmente a ala da dama.

Quase sempre é realizado o roque pequeno, após o qual inicia-se o ataque à baioneta (alas opostas).

A coluna *e* semi-aberta, onde está vulnerável a dama branca, deve ser dominada sem demora pela torre.

Atacar na ala da dama e vigiar a ala do rei é a estratégia principal do negro. Não ficando descartada, naturalmente, a possibilidade de uma ruptura central.

Partida 1

**SHABALOV, A - SHLIPERMAN, I
Nova Iorque (EUA), 1995 [C22]**

1.e4	e5
2.d4	exd4
3.Dxd4	

Poder-se-ia entrar no Gambito Nórdico com *3.c3*, cujas idéias principais devem-se ao dinamarquês From.

3 ...	Cc6
--------------	------------

Nada mais apropriado, pois, desenvolver uma peça e atacar ao mesmo tempo.

4.De3

Essa é considerada a melhor casa para a dama. Outras opções são: *4.Da4*, *4.Dd1*, *4.Dd3* e *4.Dc4*.

4 ...	Cf6
--------------	------------

Era comum, no passado, o lance 4...g6, com a idéia de fianquetar o bispo.

5.Cc3 Be7

Na próxima partida abordaremos 5...Bb4.

6.Bc4

O lance 6.Bd2 daria a chance da resposta 6...d5!, eliminando o peão do rei branco e neutralizando assim seu domínio central.

**6 ... 0-0
7.Bd2 d6**

Não podendo jogar ...d5, o negro se contenta com um passo apenas do peão.

8.0-0-0 Ce5

Também seria bom 8...Be6.

**9.Bb3 Be6
10.f4**

Retirando o cavalo de sua casa privilegiada e iniciando o ataque na ala do rei.

**10 ... Cc4
11.Bxc4 Bxc4**

O branco abre mão do par de bispos. Mas, veremos que o bispo negro de c4 não ajudará na defesa de sua ala do rei.

**12.Cf3 c6
13.Cd4**

A centralização.

13 ... Te8

Para pressionar o peão branco de e4.

14.Dg3

Essa passagem da dama é característica. De sua nova casa, ela fará uma enor-

me pressão sobre o roque.

**14 ... Bf8
15.The1**

Observemos que as peças brancas estão bem mais harmônicas.

**15 ... Dc7
16.b3 Ba6?!**

Com esse bispo em a6, é como se as brancas tivessem uma peça a mais no palco principal da luta: a ala do rei.

17.Cf5

Devido à diagonal livre, o cavalo pôde instalar-se em uma casa privilegiada, com vistas ao ataque sobre o monarca inimigo.

**17 ... Dd7
18.Dg5**

Para trazer a torre: Te1-e3-h3 ou g3.

**18 ... Te6
19.Te3 Rh8
20.Th3 Tae8
21.Be3!**

Com duas ameaças: uma tática, através do lance e5, que ganha um peão; outra posicional, com o traslado do bispo a d4, de onde pressionará a posição do rei das pretas.

21 ... Cg8

Se 21...Cxe4 22.Cxe4 Txe4 23.Txd6!

22.Bd4

O bispo passa a exercer forte pressão na grande diagonal.

22 ... Tg6

Parece melhor que 22...f6, mas não salvará as negras.

4 O Espírito da Abertura

23.Dh4 **h6**
24.g4

O branco tem todas as condições de vencer por ataque. O adversário não tem um plano ativo e suas peças estão mal coordenadas.

24 ... **Be7**
25.g5 **De6?**

As brancas ganharão um precioso tempo no ataque, ameaçando a dama.

26.Cxg7!

Lance freqüente nessas situações: sacrifício de uma peça para desmontar e abrir a posição do defensor.

26 ... **Txg7**
27.f5 **Dd7**
28.gxh6!!



Posição após 28.gxh6!!

Eficiente e elegante entrega da dama.

28 ... **Bxh4**
29.hxg7+ **Rh7**
30.Txh4+ **Ch6**
31.Tg1 **Tg8**
32.Bf6 **d5**
33.Txh6+! **Abd. 1-0**

A ameaça era **34.Tg4** e **35.Th4++**.

Partida 2
ROMERO HOLMES, A - KARPOV, A
Madri (Espanha), 1992 [C22]

1.e4 **e5**
2.d4 **exd4**
3.Dxd4 **Cc6**
4.De3 **Cf6**

Esse interessante método de defesa foi recomendado em 1884, pelo austríaco Berger.

5.Cc3 **Bb4**

É mais agressiva e leva a posições mais agudas que **5...Be7**, por isso se tornou a preferida pelos condutores das pretas e a variante principal dessa abertura.

6.Bd2 **0-0**
7.0-0-0 **Te8**
8.Bc4

Sacrifício de peão sugerido pelo grande combinador polonês Winawer. O movimento **8.Dg3!?**, jogado por Marshall contra Pillsbury em Búfalo, no ano de 1901, tem sido respondido com **8...Txe4!**, levando a uma luta tensa e rica em alternativas.

8 ... **d6**

Aceitar o peão é muito arriscado. Logo após **8...Bxc3 9.Bxc3 Cxe4 10.Df4** com grande iniciativa.

9.f3

Dando apoio ao peão de **e4** que está sob pressão. No entanto, alguns teóricos recomendam **9.Dg3!?**, para seguir com **f3** e prosseguir com a idéia básica de atacar a ala do rei, ainda que à custa do peão central.

Outro lance muito estudado é **9.Ch3!?** (Variante Kupreichik), ensaiado pela primeira vez na partida Kupreichik x Estrin, a qual será estudada a seguir.

9 ... **Ca5**

Ou também **9...Ce5**, a que seguiria **10.Bb3 Be6**.

10.Bb3

Para 10.Be2 Be6.

10 ... Cxb3+
11.axb3

Parece melhor 11.cxb3!?, dificultando a abertura da coluna a.

11 ... a5!



Posição depois de 11... a5!

Com essa novidade teórica, Karpov inicia imediatamente o avanço de sua ala da dama sobre o roque branco.

12.Df2

Saindo da linha da torre. Contra 12.Cge2, a resposta seria 12...d5.

12 ... Bd7!
13.Cge2 a4

Os planos de ambos são simples: as pretas buscarão romper na ala da dama e o branco intentará seu ataque na ala do rei.

14.bxa4 Bxa4
15.Cb1!?

Se 15.Cxa4 Bxd2+ 16.Txd2 Txa4 17.Cc3 Ta1+ com vantagem do segundo jogador.

15 ... Bc5!?
16.Be3 b6
17.Bd4 Bd7

Liberando a coluna para a torre.

18.g4

E o branco inicia finalmente seu asalto sobre o roque contrário.

18 ... Ta5

Para jogar ...Da8 e ter maior pressão na coluna a. A torre em a5 também tem influência sobre a quinta fileira.

19.Cf4

Se 19.g5 diretamente, então 19...Ch5.

19 ... Bc6

Deixando livre a casa d7 para o cavalo.

20.Thg1 Cd7
21.Ch5 g6!

Resolvendo todos os seus problemas na ala do rei.

22.Dd2?

Sacrificando o cavalo. Karpov, porém, já tinha tudo calculado que a combinação era incorreta.

22 ... Bxd4
23.Dxd4 gxh5

As pretas têm vantagem decisiva.

24.gxh5+ Rf8
25.Dg7+ Re7

Faltam peças ao ataque branco. O rei negro encontrará refúgio em breve.

26.Tg5 Da8
27.b4 Txxg5
28.Dxxg5+ f6
29.Dg7+ Rd8
30.Dxxh7 Da2
31.Dh6 Rc8
32.Df4 Th8
33.h6 Dg8!
34.Td3 Dg5 0-1

Partida 3
KUPREICHIK, V – ESTRIN, Y
Leningrado (Rússia), 1965 [C22/04]

1.e4	e5
2.d4	exd4
3.Dxd4	Cc6
4.De3	Cf6
5.Cc3	Bb4
6.Bd2	O–O
7.O–O–O	Te8
8.Bc4	d6
9.Ch3	

Uma inovação aparentemente inadequada (já que o cavalo fica no canto do tabuleiro), mas que tem se mostrado muito eficiente. A idéia de Kupreichik é fazer *f4* e oportunamente saltar com o cavalo a *g5*.

9 ...	Ce5
10.Bb3	

Também é jogável *10.Be2*.

10 ...	Be6
--------	-----

Tentando cortar o raio de ação do bispo branco na perigosa diagonal *a2-g8*. Outra opção é *10...Bc5*, ganhando tempo em cima da dama mal colocada.

11.f4

Este lance é uma das razões para o cavalo estar na coluna *h* e não na *f*, como de praxe.

11 ...	Cc4
12.Bxc4	Bxc4
13.e5!	

As brancas compensam a perda do par de bispos com uma ação central que leva muito risco à segurança das peças adversárias, em especial ao rei!

13 ...	Cd7
14.Ce4	Bxd2+
15.Txd2	Bb5?

As pretas deviam ter jogado *15...De7*.

16.Db3	Bc6
17.Chg5	d5
18.Cxf7!	



Posição após 18.Cxf7!

Explorando o fato de que a diagonal *a2-g8* está enfraquecida.

18 ...	Rxf7
19.Cg5+	Rf8
20.Txd5!	

Complemento do sacrifício do cavalo. Tem como objetivo liberar a diagonal para a dama.

20 ...	h6
21.Ch7+	Re7
22.f5!	

Sem se importar com mais perda de material, as brancas seguem fielmente seu plano de caça ao rei.

22 ...	Bxd5
23.Dxd5	Dc8

O grande teórico Estrin ficou sem lances úteis. Mesmo cedendo a casa *d8* para a fuga do rei, sua posição não tem salvação.

24.f6+!

Kupreichik continua jogando com precisão e a partida está próxima do fim.

24 ...
25.f7
26.e6
27.exd7
28.Te1+

Rd8
Th8
Re7
Dxd7
Rd8

29.Dxb7

As pretas abandonam em razão da ameaça sobre a torre de *a8* ou a perda da dama depois de *30.Td1*.

Gambito do Rei



1.e4 e5 2.f4

Histórico

Falar das origens do Gambito do Rei é como falar do início do xadrez documentado, uma vez que essa abertura é uma das mais antigas que se conhece.

O primeiro trabalho sobre ele é o célebre manuscrito de Göttingen, datado de 1490. Não se sabe ao certo quem é seu autor, acreditando alguns especialistas que foi escrito pelo espanhol Luís Ramirez Lucena.

Também é citado no livro do próprio Lucena em 1497 e em outros, como o do português Pedro Damiano (1512) e o do sacerdote espanhol Ruy Lopez de Segura (1560).

O auge do Gambito do Rei foi no período romântico, época das grandes combinações e dos sacrifícios inesperados.

Atualmente não é muito freqüente nos torneios, havendo, por parte da maioria dos jogadores, preferência por aberturas menos agudas e de caráter mais estratégico.

Dos grandes mestres modernos, podemos citar como seus adeptos: Keres, Spassky, Tal, Fischer, Bronstein, Kortchnoi, Hjartarson, Fedorov e Gallagher. Entre os brasileiros, os MIs Matsuura e Fier.

Especialista: Keres
Um pouco de sua história

O dia em que um amigo lhe emprestou o antigo e famoso tratado de Dufresne, que foi o primeiro livro de xadrez que lhe chegou às mãos, Paul Petrovic Keres se sentiu o menino mais feliz do mundo.

Nascido em 1916, na pequena cidade de Narva, na Estônia, o xadrez era um passatempo tradicional em sua família de classe média, e ele muito cedo demonstrou grande entusiasmo pelas mágicas 64 casas do tabuleiro, recortando as colunas de xadrez dos jornais e anotando as idéias que lhe ocorriam.

Aos 12 anos derrotou o GM Mikenas, que era o mais forte jogador de seu país, numa simultânea. Ganhou praticamente todos os torneios escolares que disputou, até que em 1934-5 venceu o campeonato nacional.

Como em sua cidade não havia muitos adversários, ele decidiu jogar xadrez postal, chegando a disputar cerca de 150 partidas simultaneamente.

Conquistou o título de grande mestre em 1950, tendo integrado a equipe de seu país e da URSS em diversas ocasiões, sempre com ótimo desempenho. Venceu vários matches, inclusive contra o ex-campeão mundial Max Euwe, em 1940.

No famoso torneio de AVRO de 1938, classificou-se em primeiro lugar para disputar com Alekhine o título mundial, mas, esse match-desafio nunca se realizou, devido ao início da Segunda Guerra Mundial. Apesar disso, Paul Keres tem, entre os entendidos, *status* de campeão, pelos seus conhecimentos e qualidade de jogo.

Seu último torneio, entre as mais de duzentas competições de que participou, foi em 1975, no Canadá, onde se sagrou campeão. Retornando dessa viagem, teve problemas cardíacos, falecendo na cidade de Helsinki, na Finlândia, aos 59 anos de idade. "Foi a maior perda do xadrez, desde a morte de Alekhine", disse Botvinnik.

Pessoa de grande disciplina, cuidava de sua forma física e preparava-se cuidadosamente para todas as competições que disputava. Os comentaristas destacam a precisão matemática, a profundidade e o brilhantismo de seu jogo, bem como sua serenidade em qualquer circunstância.

Com ampla visão artística e uma particular habilidade para o ataque, ensaiava gambitos em partidas sérias, sendo responsável por muitas inovações. Uma de suas principais características eram os ataques súbitos e imprevistos.

Em suas partidas, inclusive diversas com o Gambito do Rei, encontramos verdadeiras obras-primas. Seu livro *El Gambito de Rey* constituiu-se em uma das principais referências para o estudioso.

Variantes

Após **1.e4 e5 2.f4**, temos duas divisões principais:

Aceitar o gambito

• **Gambito do Cavalo do Rei: 1.e4 e5 2.f4 exf4 3.Cf3**

Com as possíveis respostas das pretas: *3...g5, 3...Cf6, 3...d5, 3...d6, ou 3...Be7.*

• **Gambito do Bispo do Rei: 1.e4 e5 2.f4 exf4 3.Bc4**

Onde o segundo jogador pode responder: *3...Dh4+, 3...d5 e 3...Cf6.*

• **Outros sistemas menos usuais: 1.e4 e5 2.f4 exf4**

Nos quais o branco pode jogar: *3.Be2, 3.Df3, ou 3.Cc3.*

Recusar o gambito

Algumas respostas das pretas:

• **1.e4 e5 2.f4 Bc5**

• **Contra-gambito Falkbeer: 1.e4 e5 2.f4 d5**

Branças

O objetivo estratégico principal é atacar o peão central adversário em *e5*.

Embora em seus primeiros tempos o Gambito do Rei visasse fundamentalmente o ponto fraco *f7* adversário, hoje inúmeros outros fatores foram acrescentados e o branco tem idéias bem mais diversificadas.

As compensações pelo sacrifício do peão são: deslocamento do forte peão central adversário para a casa *f4*; peões pretos dobrados na coluna *f*; abertura dessa coluna para a torre branca; o peão *a* mais de *f4* é fraco, difícil de ser defendido. Junta-se a isso, ainda, o fato de que aceitar o gambito implica em abrir mão de um precioso tempo na abertura.

As brancas, pelos motivos citados, obtêm vantagem de espaço e um jogo mais livre, jogando rapidamente *d4* e construindo um forte centro de peões.

No caso da não aceitação do gambito, o primeiro jogador deve contentar-se com uma partida mais posicional, sem os habituais sacrifícios violentos.

Pretas

Se aceitarem o gambito, devem empenhar-se para devolver o peão no momento oportuno, ou seja, quando isso lhes propiciar alguma vantagem posicional. Ou, como segunda opção, defender o peão a todo custo e procurar trocar as peças, com o objetivo de chegar a um final com vantagem material.

Caso recusem, devem iniciar um ataque pelas casas centrais e tentar impedir o avanço do peão branco ao quadro *d4*. De acordo com a opinião dos mestres atuais, essa alternativa é a mais segura.

Partida 4

KERES,P - MUES,L

CORRESPONDÊNCIA, 1935 [C32]

1.e4

2.f4

e5

d5

Essa jogada caracteriza o Contra-

gambito Falkbeer: além de não aceitarem o peão, as negras é que sacrificam o seu!

Por muito tempo chegou a ser considerado a refutação do Gambito do Rei, mas, com o passar dos anos, os teóricos encontraram boas continuações para as brancas. Essa interessante réplica também é muito antiga, e era considerada favorável ao branco pelo notável jogador francês Philidor, pois naqueles tempos respondia-se a *3.exd5* com *3...Dxd5*.

Só no ano de 1840 é que o austríaco Falkbeer e o tchecoslovaco Lederer descobriram a possibilidade de jogar *3...e4!*, publicando suas análises na revista *Deutsche Schachzeitung* no ano de 1850, o que deu vida nova à linha.

3.exd5

Os mestres da Escola Romântica preferiam *3.Cf3*. Também se pode jogar *3.d4*.

3 ... e4

Esse avanço do peão tem por objetivo evitar a abertura da coluna *f* e dificultar o desenvolvimento das peças brancas.

O lance *3...c6* também é uma alternativa interessante.

4.d3

Atacando imediatamente o molesto peão de *e4* e ainda deixando uma incógnita sobre onde irá colocar o cavalo da dama, em *c3* ou *d2*.

4 ... Cf6
5.Cd2

Popularizada por Keres, essa jogada objetiva impedir a cravada do cavalo, o que poderia ocorrer se ele fosse desenvolvido a *c3*.

5 ... exd3
6.Bxd3 Cxd5

Possível, porém complicado, era reter com a dama.

7.Ce4?!

Muito melhor seria *7.De2+*.

7 ... Be7?

A jogada anterior do branco não foi muito precisa porque nesse instante o adversário dispunha de *7...Cb4!*, ao invés do lance efetuado na partida.

8.Cf3 c6
9.0-0 Bg4
10.De1

A dama sai da cravada do bispo, dominando também a coluna e aberta.

10 ... Db6+
11.Rh1 0-0
12.Ce5 Bf5
13.g4

Lance que traz perigo para ambos os jogadores. Se por um lado o branco ameaça lançar-se ao ataque, por outro deixa seu rei bastante exposto.

13 ... Bd7
14.Cg5

Dando continuidade a um ataque na ala do rei, atitude comum quando se joga o Gambito do Rei.

14 ... h6
15.Tf3!



Posição após 15.Tf3!

15 ... c5

A tomada em *g5* abriria a coluna *h*, permitindo ao branco definir a partida rapidamente.

16.Bh7+ Rh8
17.De4

A centralização da dama é um princípio muito importante no xadrez. Nessa nova posição ela pode atuar em praticamente todas as direções do tabuleiro.

17 ... Bxg5

Para poder defender o cavalo atacado de *d5* com *18...Be6*.

18.fxg5 Be6
19.gxh6

Não há mais esperanças de salvação para a posição negra.

19 ... Dd8
20.hxg7+ Rxc7
21.Bh6+! Rh8

Se *21...Rxc7 22.g5+ Rg7* (para *22...Dxc7 23.Tg1* é decisivo) *23.Dh4*, com ideia de *24.Dh6+*.

22.Bxf8 Cf6
23.Cg6+! 1-0

Depois de *23...fxg6 24.Dxe6* garante a vitória.

Partida 5

RUBINSTEIN, A - HROMADKA, K
MAEHRISCH OSTRAU (TCHECOSLOVÁQUIA),
1923 [C30]

1.e4 e5
2.f4 Bc5

Responder ao Gambito do Rei desenvolvendo uma peça é o mais simples, porém não o mais forte método de recusá-lo.

3.Cf3 d6
4.Cc3

A continuação preferida de Morphy era *4.c3*, intensificando as ações no centro com o posterior *d4*.

4 ... Cc6

É inferior *4...Cc6* porque o branco pressionaria fortemente a posição das pretas com *5.Bb5*.

5.Bc4 Cc6
6.d3

Podemos dizer que a situação é favorável às brancas. O motivo é que não se pode fazer *...exf4* sem uma nítida desvantagem posicional, já que as pretas não conseguem jogar imediatamente *...d5*. Além do que as brancas podem a qualquer momento abrir a coluna *f* ou ainda fazer *f5*, restringindo o jogo negro.

6 ... Bg4

Mais condizente com a posição é *6...Be6*.

7.h3 Bxf3
8.Dxf3 Cd4
9.Dg3

Um temático sacrifício de torre.

9 ... De7

Para *9...Cxc2+ 10.Rd1 Cxa1 11.fxe5 dxe5 12.Dxe5+* (segundo Réti), ou *12.Dxg7* com grandes complicações.

10.fxe5 dx5
11.Rd1

Melhor que *11.Bb3*, que permitiria a troca do ativo bispo branco pelo cavalo.

11 ... c6
12.a4!

Impede ...b5 e já prepara uma investida ao provável roque grande adversário.

12 ...	Tg8
13.Tf1	h6
14.Ce2	0-0-0
15.Cxd4	Bxd4
16.c3	Bb6
17.a5	Bc7
18.Be3	Rb8

Defende o peão de a7 e ameaça 18...Cxe4, que não era possível devido a 19.Dg4+, ganhando o cavalo.

19.Rc2	Ra8
20.Tf3	

Com a idéia de 21.Df2, ameaçando ganhar o peão da coluna a ou h.

20 ...	Cd5
--------	-----

Um bonito lance, com o qual as pretas esperam aliviar a pressão na coluna f. Rubinstein, porém, encontra uma réplica à altura.

21.Bg1

Depois de 21.exd5, o segundo jogador tem um ataque promissor com 21...cxd5 22.Ba2 e4 23.Bf4 exf3 24.Bxc7 Tc8 seguido de ...De2+.

21 ...	Cf4
22.Df2	Bb8
23.g3!	

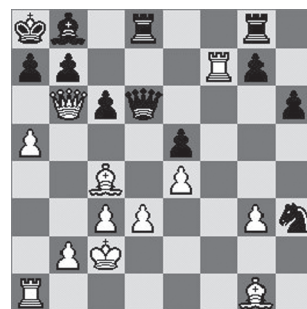
O início da combinação decisiva. As pretas não temiam essa jogada porque pensavam que depois de 23...Cxf3, trocariam o cavalo pelo bispo e rechaçariam o ataque. No entanto...

23 ...	Cxh3
24.Txf7	Dd6
25.Db6!!	

Um lance brilhante que decide a partida.

25 ...	Td7
--------	-----

Não se pode 25...axb6 por 26.axb6+ Ba7 27.Txa7+ Rb8 28.Txb7+ Rc8 29.Ba6.



Posição depois de 25.Db6!!

26.Bc5!	Txf7
---------	------

Não há como evitar perda de material. Se 26...Dc7 27.Dxc7 Txc7 28.Bxc7 Bxg8.

27.Bxd6	Tf2+
28.Dxf2!	Cxf2
29.Bc5	1-0

Partida 6

MATSUURA, E - VAN RIEMSDIJK, H
Brasília, 1995 [C39]

1.e4	e5
2.f4	exf4

Aceitar o gambito conduz a uma dura luta, com posições agudas, favoráveis ao jogador que tenha mais criatividade e habilidade tática.

3.Cf3

Entrando na variante denominada Gambito do Cavalo do Rei.

3 ...	g5
-------	----

Muito popular no século XIX, esse lance defende o peão de f4 e ameaça 4...g4, seguido de 5.Dh4+, deixando o branco em situação difícil.

4.h4

Impedindo a entrada da dama em *h4* e obrigando as pretas a uma decisão imediata. Uma das mais famosas variantes desse gambito ocorre quando o branco joga *4.Bc4* e se *4...g4 5.O-O!*, sacrificando uma peça para ter um ataque fortíssimo. Essa linha recebe o nome de Gambito Múzio.

4 ... g4
5.Ce5

Dando início ao Gambito Kieseritzky, considerado mais promissor que o de Allgaier (*5.Cg5*).

5 ... Cf6
6.d4

Inferior é *6.Bc4*, por causa da réplica *6...d5*.

6 ... d6
7.Cd3 Cxe4
8.Bxf4 Bg7

Ou *8...De7*.

9.c3

Se *9.Cc3*, Fischer dá a seguinte continuação: *9...Cxc3 10.bxc3 c5 11.Be2 cxd4 12.O-O Cc6 13.Bxg4 O-O 14.Bxc8 Txc8 15.Dg4 Rh8* com ligeira vantagem negra. Em sua partida contra Spassky em Mar del Plata 1960, o norte-americano jogou *15...f5?!* e acabou perdendo.

9 ... O-O
10.Cd2 Te8
11.Cxe4 Txe4+
12.Rf2

O rei branco é obrigado a sair em busca de um refúgio.

12 ... c5!

Visando a abertura de linhas.

13.dxc5 dxc5
14.g3

Era de ser considerada a jogada *14.Dd2*.

14 ... Db6
15.Bg2 c4+
16.Rf1 Te8
17.Cb4 Ca6!!

Decisivo. Herman encontra uma novidade que refuta a variante.

18.Cxa6

Segundo análises do próprio van Riemsdijk, *18.Da4* também era insuficiente.

18 ... Bf5!



Posição após 18...Bf5!

Complemento de *17...Ca6*. A ameaça é simples: *19...Bd3+*.

19.Cb4

Se olharmos essa posição agora e a compararmos com a de duas jogadas atrás, veremos que as peças brancas mantêm-se nas mesmas casas, enquanto que as pretas têm uma peça a mais no jogo: o bispo em *f5*. Um exemplo claro de dinamismo!

19 ... Tad8!
20.Cd5

Para *20.Da4 a5!*

20 ... Txd5!
21.Bxd5 Bd3+ 0-1

Se 22.Rg2 Dxb2+ 23.Rg1 (23.Bd2 Te2+) 23...Bxc3.

Essa partida foi jogada em Brasília/DF, no 62º Campeonato Brasileiro. Também foi publicada no Informador 64, partida 287, com análises do próprio Herman.

Herman

Herman Claudius van Riemsdijk nasceu em Tiel, Holanda, em 26 de agosto de 1948. É mestre internacional desde 1978 e árbitro internacional a partir de 1981. Foi colunista do jornal *O Estado de São Paulo* de julho de 1970 a outubro de 2001.

Ganhou o campeonato brasileiro em 1970, 73 e 88 e o paulista em sete oportunidades. Foi campeão pan-americano em 1977 e co-campeão sul-americano em 1989. Esteve em dois interzonais, 1979 e 93.

É recordista brasileiro em participações em olimpíadas, representando o país desde o ano de 1972.

Dirigiu a Federação Paulista de Xadrez por três vezes e foi presidente do centenário Clube de Xadrez São Paulo.

Escreveu um excelente livro de finais, *The Final Countdown*, publicado anteriormente em holandês com o título de *Veldjes Tellen*.

Matsuura

O *gentleman* do xadrez brasileiro, o mestre internacional Everaldo Matsuura nasceu em Maringá/PR, em 1º de outubro de 1970.

Em meio a uma família de enxadristas, teve contato com a modalidade bem cedo, aos cinco anos de idade.

Seu gênio tranqüilo – herança da raça nipônica – reflete-se no estilo posicional de jogo e na postura serena e cortês frente aos adversários, uma marca registrada de Matsuura.

Essas qualidades fizeram dele um dos maiores treinadores do país, com alguns alunos destacando-se no Brasil e no exterior.

É o jogador da elite de maior atividade, tendo participado de inúmeras finais do campeonato brasileiro e representado o Brasil em duas olimpíadas.

Alguns de seus mais expressivos resultados:

- Campeão paranaense de 2002;
- Conquistou o paulista de 1998;
- Venceu o pan-americano de 1993;
- Campeão brasileiro absoluto 1991;
- Tricampeão brasileiro de jovens: 1990, 93 e 94;
- Ganhou o brasileiro de cadetes em 1986;
- Quarto lugar no mundial de cadetes 1986.

Abertura Vienense



1.e4 e5 2.Cc3

Histórico

Em seus primeiros anos foi chamada simplesmente de Abertura do Cavalo da Dama, passando depois a ser conhecida como Abertura Hamppe, devido às análises do mestre suíço Carl Hamppe (1814-76).

Apareceu pela primeira vez nos torneios em 1873, quando vários mestres austríacos a estudaram a fundo e a popularizaram. Então, em homenagem a Viena, capital da Áustria, ela recebeu seu nome definitivo.

É um sistema que pode levar a posições sólidas ou a um jogo extremamente tático, dependendo do ritmo que o jogador quiser imprimir à luta.

Além do mestre austríaco Rudolf Spielmann, utilizaram-na com sucesso o dinamarquês Nielsen, o norte-americano Weaver Adams, o ucraniano Eduard Gufeld, o alemão Jacques Mieses, além do inglês Tim Harding, que escreveu um livro sobre a mesma.

No Brasil, o principal expoente da Vienense é o mestre internacional e respeitado treinador Jefferson Pelikian, o jovem MI Krikor Mekhitarian, além de Adriano Oliveira e Alessandro Batezelli.

Especialista: Spielmann

Um pouco de sua história

Rudolf Spielmann nasceu em Viena, Áustria, no dia 5 de maio de 1883 e faleceu em 20 de agosto do ano de 1942.

Participou de mais de cem torneios, os mais fortes de seu tempo, conquistando diversas primeiras colocações, não raro compartilhadas com jogadores como Alekhine, Nimzowitsch e Réti.

Disputou ainda cerca de cinquenta matches contra os principais enxadristas de sua época.

Não seguiu o hipermodernismo, que era a idéia predominante em seu tempo, preferindo ser fiel ao seu estilo criativo, dar asas à imaginação. Tanto, que chegou a ser chamado de neoromântico e último poeta das partidas de gambito. Seus ídolos eram o alemão Adolf Anderssen e o russo Mikhail Chigorin, jogadores reconhecidamente táticos.

Devido a seu temperamento nervoso, seu jogo era muito instável, alternando altos e baixos. Tinha um extraordinário dom para a combinação, com uma infinidade de recursos nas posições complicadas.

Aprendeu a jogar quando criança, chegando a ser exibido como prodígio. A verdadeira maestria, porém, só adquiriu muitos anos mais tarde.

Adotou o xadrez por profissão e a Alemanha como sua segunda pátria, ali vivendo até 1939, ano em que começou a Segunda Guerra Mundial. Nessa ocasião, mudou-se para a Suécia, fugindo do nazismo, uma vez que era descendente de judeus. Ali viveu seus três últimos anos.

Nas inúmeras vezes em que usou a Abertura Vienense, o grande mestre Rudolf Spielmann deixou sua marca, com

planos e lances ousados, tornando-a uma abertura muito dinâmica.

O curioso é que, amante do jogo tático e das grandes combinações, ele era apaixonado pelo Gambito do Rei, tendo passado a jogar a Vienense para evitar o Contra-gambito Falkbeer, o qual considerava muito difícil de ser combatido!

É autor do livro *El arte del sacrificio*.

Variantes

Após a seqüência normal **1.e4 e5 2.Cc3 Cf6**, a posição bifurca-se, podendo o branco escolher entre uma linha posicional e uma tática.

Variante Normal: 3.f4

Branças – Com esse lance, o branco planeja entrar em um jogo ágil e aberto, com pressão na casa crítica *f7*. Avançando o peão, demonstram a pretensão de abrir a coluna *f* (além, naturalmente, de atacar um peão central inimigo), para, com o apoio de suas torres, iniciar um assalto contra o rei negro, rocado ou não.

Pretas – Para estas, a melhor alternativa é uma resposta imediata no centro, com a jogada natural *3...d5!* O cavalo, que quase sempre será instalado na casa *e4*, poderá oferecer chances de contra-jogo, pela sua excelente posição no centro do tabuleiro. Devem jogar com sumo cuidado e lutar sempre para conquistar a igualdade na partida, já que nos primeiros lances a iniciativa será do branco.

Variante Blake: 3.Bc4

Branças – Têm, como principal objetivo, impedir a liberação central do adversário à base de *3...d5*, e ao mesmo tempo atacar o ponto fraco *f7*. Esse lance, no entanto, permite ao negro jogar *3...Cxe4*, que leva a linhas complicadíssimas, com inúmeras possibilidades táticas, cujo conhecimento é imprescindível para um bom aproveitamento desse sistema.

Pretas – Se desejarem águas mais calmas, é conveniente fazer *3...Cc6* ou mesmo *3...Bc5*, entrando em outras aberturas (Três Cavalos, Giuoco Piano etc), onde devem buscar desenvolvimento rápido das peças, centralização e espaço, entre outros temas. Mas, o mais utilizado pelos jogadores com “sangue de toureiro” é *3...Cxe4*, podendo entrar até numa variante aguda que inclui o sacrifício de uma torre, denominada “Frankstein-Drácula”!

Partida 7

SPIELMANN, R - FLAMBERG, A
MANNHEIM (ALEMANHA), 1914 [C29]

1.e4 e5
2.Cc3

Dificultando *...d5* e deixando em aberto a possibilidade de realizar *f4*.

2 ... Cf6

Considerado o melhor.

3.f4

Atacando o peão do centro e almejando abrir a coluna *f*. Outras alternativas são: *3.Bc4*, que analisaremos na próxima partida e *3.Cf3*, entrando em linhas estudadas noutras aberturas.

3 ... d5!

Buscando o contra-ataque central.

4.fxe5

Para abrir a coluna *f*.

4 ... Cxe4
5.Cf3

O mais indicado. Dignos de consideração são: *5.Df3* e *5.d3*.

5 ... Bg4

Ou ainda 5...Be7 e 5...Cc6.

6.De2!

Essa jogada, idealizada por Arthur Kaufman, obriga as pretas a uma decisão quanto ao seu cavalo e prepara o roque grande.

6 ... Cc5?!

Aconselhável era 6...Cxc3, onde o branco replicaria 7.bxc3. As negras crêem que não seria vantajosa aqui a jogada 7.d4, pelas trocas que se seguiriam. No entanto...

7.d4!

Preparando uma elegante seqüência de lances.

7 ... Bxf3
8.Dxf3 Dh4+
9.g3!

Por certo, as pretas esperavam 9.Df2, com a possível continuação 9...Dxf2+ 10.Rxf2 Ce6 11.Cxd5 c6, seguido de 12...Cxd4, com final melhor. Entretanto, o condutor das brancas é Spielmann, que não perde a oportunidade de reviver o estilo romântico.

9 ... Dxd4

Cai o primeiro peão!

10.Be3! Dxe5?

Cai o segundo! Flamberg ainda poderia resistir com 10...Db4.

11.0-0-0 c6
12.Cxd5!

Abrindo definitivamente a posição.

12 ... cxd5
13.Txd5 De6



Posição depois de 12.Cxd5!

Não salvaria 13...De4, por 14.Bb5+ Cc6 15.Bxc5 Dxf3 16.Te1+.

14.Bc4 De4
15.Bxc5!! 1-0

Se as pretas tomassem a dama, levariam 16.Te1+.

Aleksander Flamberg foi um dos principais enxadristas poloneses até o início da Primeira Guerra Mundial.

Partida 8

HANSEN, J - NUNN, J

TEESSIDE (INGLATERRA), 1974 [C27]

1.e4 e5
2.Cc3 Cf6
3.Bc4 Cxe4!?

O começo de uma aventura. As pretas tomam o peão no intuito de conquistar uma rápida liberação central e a mobilização de seus efetivos.

4.Dh5!

Complicando a luta. A captura em e4 deixaria a iniciativa nas mãos do segundo jogador.

4 ... Cd6
5.Bb3

Mantendo o ritmo violento. Outras respostas permitem ao adversário libertar-se com relativa facilidade.

5 ... Cc6!?

Também se pode jogar o mais sólido *5...Be7*, mobilizando rapidamente a ala do rei.

6.Cb5!

Uma receita do mestre e escritor alemão Curt von Bardeleben.

6 ... g6
7.Df3 f5!

Uma melhora em relação a *7...Cf5*, que se jogava no passado.

8.Dd5 De7

Entregando temporariamente material, na expectativa de recuperá-lo mais tarde e conseguir um forte ataque, devido ao seu melhor desenvolvimento, à má situação da dama branca e à posição pouco segura do rei contrário. A jogada *8...Df6* é outra possibilidade, porém pouco adotada na prática.

9.Cxc7+ Rd8
10.Cxa8



Posição depois de 10.Cxa8

Essa é a posição crítica da variante denominada por Tim Harding de "Frankstein-Drácula", devido às suas monstruosas complicações.

10 ... b6
11.d3

Liberando o bispo e posteriormente a ala da dama. O branco também dispõe, entre outros lances, de *11.Df3* e *11.Cxb6*.

11 ... Bb7
12.h4

Ocasionalmente tem sido tentado *12.Ch3*; o lance do texto, no entanto, é mais dinâmico.

12 ... f4!

Ameaçando ganhar a dama com *13...Cd4*. Se *12...Cd4* direto, as brancas retrucariam *13.Bg5* e para *13...Dxg5* *14.Dxb7*.

13.Df3 Bh6!

O movimento *13...Cd4* tem se mostrado favorável às brancas. Depois desta partida, *13...Bh6!* foi considerado de difícil defesa.

14.Dg4?

Uma opção melhor é *14.Ce2*.

14 ... e4!
15.Bxf4 exd3+
16.Rf1

Se jogassem *16.Rd1* perderiam igualmente.

16 ... Bxf4
17.Dxf4 Tf8
18.Dg3 Ce4!
19.Dc7+ Re8
20.Ch3

Para o aparentemente melhor *20.Cf3*, as negras teriam *20...Dc5!* *21.Rg1 Txf3!*, vencendo.

20 ... Cxf2!

A partir de agora, Nunn impõe-se com maestria.

21.Cxf2	De2+
22.Rg1	Dxf2+
23.Rh2	Dxh4+
24.Rg1	Dd4+
25.Rh2	Ce5!
26.Thf1	Cg4+
27.Rg3	De3+!
28.Rxg4	h5+
29.Rh4	g5+
30.Rxh5	Th8+
31.Rg6	Be4+
32.Tf5	Bxf5+
33.Rxf5	Tf8+
34.Rg6	De4+
35.Rg7	De7+
36.Rg6	Df6+
37.Rh5	Dh8+
38.Rg4	Dh4++ 0-1

Essa instrutiva partida foi jogada no Campeonato Mundial Juvenil.

Partida 9
PELIKIAN, J - DE HARO, M
PORTO ALEGRE, 1994 [C29]

1.e4	e5
2.Cc3	Cf6

Menos usuais, porém perfeitamente jogáveis são: *2...Bc5* e *2...Cc6*.

3.f4

O avanço do peão exerce grande pressão no centro.

3 ...	d5!
--------------	------------

Fazendo frente à investida branca sobre as casas centrais.

4.fxe5	Cxe4
5.Cf3	Cc6
6.d3	

Interessante é *6.Bb5*.

6 ...	Cxc3
7.bxc3	d4
8.Bb2	

Levaria à igualdade *8.cxd4 Cxd4 9.c3 Cxf3+ 10.Dxf3 c6 11.d4 Dh4+ 12.g3 Dg4 13.Bg2 Dxf3 14.Bxf3 Be6*, como na partida Capron-Malevinsky, Sofia 1985.

8 ...	dx3
9.Bxc3	Bb4
10.Bxb4	Cxb4
11.Dd2	Cc6
12.d4	Bg4
13.c3	f6

Para quebrar o bloco de peões no centro. A nada levaria *13...Bxf3*, porque depois de *14.gxf3 Dh4+ 15.Df2*, a perda do roque não oferece perigo devido à troca das damas.

14.Df4	Bxf3
15.Dxf3	De7?!

Mais acertado é *15...fxe5*.

16.Ba6!

Um lance tático que põe fogo no tabuleiro!

16 ...	Cxd4
---------------	-------------

Apesar de deixar a posição ainda mais aguda, as complicações geradas com esse lance são favoráveis ao branco.

17.cxd4	Db4+
18.Rf2?!	

As brancas alcançariam uma posição vantajosa mais tranquilamente com *18.Rf1*.

18 ...	Dxd4+
19.Rg3	Dxe5+
20.Rh3	De6+
21.g4	Dxa6

Apesar do catarinense Martin Afonso de Haro ter recuperado a peça e estar com três peões a mais, não terá como sustentar a posição, devido à fragilidade do seu rei.

Em final de peças maiores, geralmente leva vantagem quem tem o rei melhor colocado. E, como podemos observar, o de Pelikian encontrou segurança em *h3*.

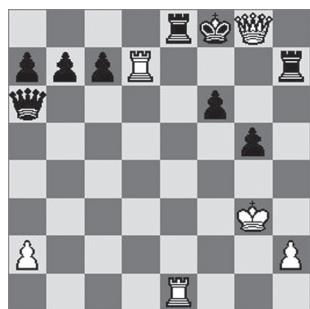
22.The1+ **Rf8**
23.Tad1 **g5?!**

Mais preciso seria *23...h5*.

24.Td7

O domínio das colunas *d* e *e* abertas e a entrada da torre na sétima fileira são decisivos!

24 ... **h5**
25.gxh5 **Te8**
26.Db3 **Txh5+**
27.Rg3 **Th7**
28.Dg8+! **1-0**



Posição depois de 28.Dg8+!

Um bonito arremate!

Esta partida foi disputada na semifinal da 61ª edição do Campeonato Brasileiro Absoluto Individual.

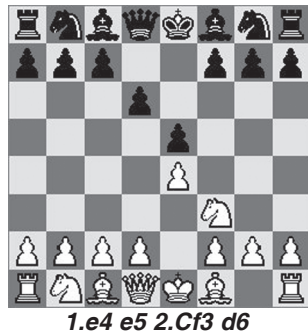
Pelikian

Jefferson Pelikian, nascido em São Paulo em 10/10/1965, é mestre internacional, ex-campeão paulista e várias vezes finalista do Campeonato Brasileiro Absoluto, tendo sido vice-campeão em 1994. No ranking da FIDE, há vários anos está entre os dez melhores do Brasil. Representou o Brasil em duas olimpíadas.

Seus amplos conhecimentos sobre os finais e a seriedade com que encara o trabalho de formar enxadristas, qualificam-no como o melhor treinador do país na atualidade. Tem acompanhado, como técnico, a equipe brasileira de categorias menores em diversos países.

Entre seus ex-pupilos, os que mais têm se destacado são os grandes mestres Giovanni Vescovi e Rafael Leitão. A pentacampeã brasileira e mestra internacional Tatiana Ratcu também foi sua aluna.

Defesa Philidor



Histórico

Sua origem remonta à época de Lucena, que viveu no século XV. Ruy Lopez também a indicou em 1561, como uma boa maneira de evitar os perigos de sua famosa abertura.

Quem a popularizou, no entanto, foi o grande enxadrista e músico francês Philidor, que acreditava ser esse o meio mais seguro de defender o peão de e5 atacado pelo cavalo.

Pensava também que o lance 2...d6 não atrapalhava o avanço dos peões para o centro, como é o caso de 2...Cc6, que impede ...c6, necessário para um posterior ...d5.

Em seu famoso livro *Analyse du Jeu des Échecs* (Análise do Jogo de Xadrez), ele resumiu todas as suas observações sobre os méritos desta defesa, a qual acabou ficando com seu nome.

Um de seus grandes partidários foi o polonês, naturalizado argentino, Miguel Najdorf.

Na atualidade, podemos citar os grandes mestres argentinos Guimard e Câmpora e o brasileiro Darcy Lima.

Criador: Philidor

Um pouco de sua história

François-André Danican Philidor nasceu no dia 7 de setembro de 1726, na pequena cidade de Dreux, próxima a Paris.

Desde muito cedo demonstrou grande talento para a música, tendo entrado para o coral da Capela Real de Versalhes aos seis anos de idade.

Sua primeira experiência com o xadrez ocorreu aos dez anos, quando se ofereceu para jogar com um velho músico cujo parceiro havia faltado. O senhor concordou sorrindo, mas seu bom humor desapareceu quando começou a ficar em desvantagem. Após dar-lhe xeque-mate, o garoto teve que sair correndo da mesa!

Seu mestre foi Legall de Kermeur, na época o campeão do famoso Café de la Régence, de tão grata memória para o xadrez. Após um período de três anos, Philidor já era tão forte quanto seu professor, derrotando-o finalmente em um match no ano de 1744.

Na Inglaterra, venceu também o sírio Philip Stamma, que era considerado o campeão do mundo.

É autor de um livro muito importante para o xadrez moderno, *Analyse du Jeu des Échecs*, cuja primeira edição foi publicada em Londres no ano de 1749. Nessa obra, ele definiu os princípios estratégicos e táticos do jogo-ciência, os quais têm reflexos até os dias de hoje.

Philidor foi indiscutivelmente um dos maiores gênios do xadrez, sendo o primeiro grande jogador a dar a devida importância aos peões, atribuindo-se a ele a célebre expressão "os peões são a alma do xadrez".

Contudo, sua enorme influência, especialmente na estratégia, só foi completamente reconhecida a partir da segunda metade do século XX.

Paralelamente à sua carreira enxadrística, foi compositor musical bri-

lhante e original, tendo escrito 25 óperas cômicas, quatro delas com a colaboração de Jean Jacques Rousseau.

Em dezembro de 1792 deixou a França e não mais retornou, devido à revolução. Deprimido, devido à saudade de sua esposa e filhos, bem como dos amigos do Café de la Régence, com problemas de saúde e financeiros, Philidor morreu em Londres no dia 3 de setembro de 1795.

Variantes



1.e4 e5 2.Cf3 d6 3.d4

Esta é a posição mais jogada e é a partir dela que faremos nossas considerações.

- **Variante Antoshin: 3...exd4** – Um aparente abandono do centro, reabilitado por Vladimir Antoshin e por alguns mestres cubanos. As pretas, graças à troca, terminam rapidamente o desenvolvimento e podem preparar seu contra-ataque.

- **Variante Nimzowitsch: 3...Cf6** – Essa jogada deu vida nova à Defesa Philidor. As brancas devem prestar atenção ao peão atacado, o que facilita o contra-ataque das negras.

- **Variante Hanham: 3...Cd7** – As pretas utilizam seu cavalo para defender o peão, sem expô-lo à troca com o bispo branco, o que poderia acontecer se ele fosse desenvolvido a c6.

- **Variante Gunderam: 3...De7** – É

uma tentativa de encontrar novos caminhos, mas, que requer cuidados, devido à constante exposição da dama.

- **Contra-ataque Philidor: 3...f5** – Tida como correta nos tempos de seu criador, essa variante foi deixada de lado, em função de análises que demonstraram sua inconsistência.

- **Defesa Húngara: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Be7 4.d4**, com as variantes : 4...exd4 e 4...d6.

Branças

Jogando de maneira natural, conseguem domínio central e mais liberdade, uma vez que o lance 2...d6 não ameaça nada e ainda impede a saída do bispo.

Assim, o condutor das brancas pode realizar rapidamente o avanço do peão da dama a d4, sem qualquer preparação. Essa é uma jogada enérgica, que ocupa imediatamente o centro, obrigando as pretas a mantê-lo ou abandoná-lo.

Devem, também, procurar avançar o peão da coluna a, com o fim de comprimir o flanco da dama rival, causar debilidades na estrutura de peões adversários e ainda impedir um contra-jogo à base de b5.

O roque grande é uma interessante alternativa, podendo produzir posições de grande risco para o negro.

Pretas

Quem utiliza a Philidor deve estar ciente de que ela é um misto de solidez com falta de mobilidade, levando a uma posição sustentável, mas passiva. O espaço insuficiente é compensado pela boa estrutura de peões e facilidade de contra-atacar nas alas.

A Variante Hanham (3...Cd7) é uma das melhores opções, uma vez que possibilita ataque de peões na ala da dama e ala do rei.

Podem agir sobre o centro da se-

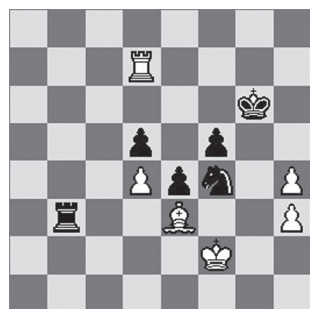
31.Txa6	Tc3
32.Rf2	Td3
33.Ta2	Bxd2
34.Txd2	Txb3

As pretas estão melhores, porque têm uma torre mais ativa e cavalo superior ao bispo (em posição bloqueada o cavalo leva vantagem).

35.Tc2	h4!
---------------	------------

Quebrando a estrutura de peões na ala do rei.

36.Tc7+	Rg6
37.gxh4	Ch5
38.Td7	Cxf4!



Posição depois de 38...Cxf4!

Simplificando tudo e entrando em um final de torres totalmente ganho.

39.Bxf4	Tf3+
40.Rg2	Txf4
41.Txd5	Tf3
42.Td8	Td3
43.d5	f4
44.d6	Td2+
45.Rf1	Rf7
46.h5	e3
47.h6	f3

As brancas abandonam.

Hans Moritz Brühl (1736-1809) foi um diplomata alemão que fez de Londres seu lar. Além de grande aficionado do xadrez, interessava-se muito pela Astronomia, à

qual trouxe significativas contribuições. Tinha também um grande amor pela música, o que deve ter sido o elo que o aproximou inicialmente de Philidor.

Partida 11
RAMOS,E - LIMA,D
SÃO PAULO, 2000 [C41]

Partida disputada na 8ª rodada do zonal da FIDE, na sede do Clube de Xadrez São Paulo. Nesse torneio, o grande mestre Darcy Lima teve uma das melhores atuações de sua carreira, sagrando-se campeão e classificando-se para a fase seguinte do mundial, em Nova Delhi, na Índia.

1.e4	e5
2.Cf3	d6
3.d4	

O mais enérgico, ocupando imediatamente o centro.

3 ...	Cd7
--------------	------------

Variante Hanham.

4.dxe5

É comum aqui *4.Bc4*, deixando para o futuro a definição do centro.

4 ...	dx e5
5.Bc4	c6
6.0-0	Be7
7.a4	

Pretendendo caminhar até *a6* e abalar a estrutura dos peões contrários.

7 ...	Cgf6
8.Cc3	0-0

Uma outra maneira de tratar essa posição é através de *8...a5*, impedindo um possível avanço do peão branco a essa casa e estabelecendo, ao mesmo tempo, um posto avançado em *b4*.

9.De2	Dc7
--------------	------------

10.b3?

Parece melhor *10.Ch4*, para seguir com *f4*, abrir a coluna *f* e prosseguir com a idéia de atacar na ala do rei.

10 ... Cc5
11.Bb2?!

Logo veremos que o bispo fará falta na diagonal *c1-h6*.

11 ... Ce6
12.Cd1 Cf4

A ausência do bispo permite que o cavalo se instale nessa excelente casa.

13.De1

Devido à imprecisão da jogada branca *10.b3*, o segundo jogador já está com a iniciativa, tendo um cavalo muito bem colocado em *f4* e boas perspectivas de ataque ao roque.

13 ... Bd6
14.Cd2 Bb4
15.c3 Be7

Após *15.c3* a posição negra ficou mais cômoda ainda, pois o bispo de *b2* encontra-se totalmente inoperante.

16.g3

É difícil saber o que incomoda mais: o cavalo em *f4* ou *h3*!

16 ... Ch3+
17.Rh1 g6

Impede a entrada de um cavalo em *f5* e dá ao rei a casa *g7*, em caso de necessidade.

18.Ce3 h5

Esse aparentemente inócua movimento de peão é o início de um plano interessante: realizar *...h4*, abrir a coluna *h*

e ocupá-la com a torre.

19.Be2 Be6
20.Bf3 Tad8

Uma estratégia correta conduz a uma posição harmônica. Se compararmos os dois lados, veremos que o branco está muito inferior.

21.Bg2 h4
22.De2 Rg7
23.c4 hxg3
24.fxg3 Th8
25.Cf3 Cxe4!
26.De1

Ao retirar a dama, as brancas entregam as armas, ficando totalmente à mercê do adversário. Contudo, não dispunham de muitas alternativas, já que ficariam em situação difícil se fizessem *26.Bxe5+*, por *26...Dxe5 27.Cxe5 Cxg3+!* seguido de *28...Cf4+*.

26 ... f6
27.Cxe5?

Apressando a derrota.

27 ... Cef2+



Posição após 27...Cef2+

28.Txf2 Cxf2+
29.Dxf2 fxe5
30.De2 Bf6
31.Be4 Da5
32.Tf1 Dd2

Aplicando corretamente a teoria de simplificação de Capablanca: quando em vantagem material, trocar peças (vitória tranqüila, sem nenhuma chance de contra-jogo para o adversário!).

33.Tf2	Dxe2	
34.Txe2	Bh3	
35.Rg1	Thf8	
36.Bg2	Bxg2	
37.Cxg2	Td1+	
38.Ce1	Tb1	
39.Rg2	e4	
40.Ba3	Te8	0-1

Darcy

O carioca Darcy Gustavo Machado Vieira Lima, nascido em 1962, é um dos seis grandes mestres do Brasil.

Venceu o Campeonato Brasileiro Absoluto de 1992, 2002 e 2003, é ex-campeão sul-americano e classificou-se nos anos de 2000, 2003 e 2005 para o mundial. Integra a equipe olímpica desde 1988, com dez participações.

Foi editor do jornal "Xeque Mate" e já presidiu a Confederação Brasileira de Xadrez.

Escreveu os livros "Xadrez - Aprenda a Jogar", "Combinações" e "Estratégia", sendo os dois últimos em parceria com o instrutor da FIDE Júlio Lapertosa.

Uma de suas principais metas sempre foi levar o xadrez ao ambiente escolar e às comunidades carentes, idéia essa que em 2003 teve o apoio do Ministério dos Esportes e Educação, em um projeto oficial de popularização da modalidade.

* * * * *

Antes de finalizarmos o capítulo, vamos fazer um estudo condensado da **Defesa Húngara**, que possui estruturas semelhantes à defesa que acabamos de analisar, sendo comum uma transpor para a outra.

Denominamos Defesa Húngara à seguinte posição:



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Be7

Histórico

Método defensivo idealizado pelo italiano Cozio e citado em seu manuscrito *Il Giuoco Degli Scacchi* (1766).

Foi empregado pelo Clube de Xadrez de Pest (Hungria), em um match com Paris, por correspondência, iniciado em 1842 e encerrado no ano de 1845, sendo essa a razão de sua denominação atual.

Surgiu com a idéia de evitar as variantes bastante conhecidas da Giuoco PIANO, Defesa dos Dois Cavalos e Gambito Evans.

Especialista: Smyslov

Um pouco de sua história

O grande mestre Vasily Vassilievich Smyslov nasceu em Moscou no dia 24 de março de 1921. Seu pai era engenheiro e experimentado jogador de xadrez, contemporâneo de Chigorin, por quem foi muito influenciado.

Tendo recebido as primeiras lições do pai, Smyslov sofreu de forma indireta essa influência, a qual marcou muito sua maneira de jogar, criativa e avessa ao dogma, como bem demonstra essa sua reflexão: "Na arte do xadrez não há leis imutáveis governando a luta, feitas especialmente para cada posição, pois se assim fosse o xadrez perderia sua atração e seu caráter eterno".

Segundo ele mesmo relata, estudou tudo o que havia na biblioteca de sua casa, desde o livro do jogador e escritor ale-

mão Jean Dufresne, aos periódicos com as últimas partidas dos campeonatos russos.

Aos catorze anos de idade, época em que já ganhava os primeiros torneios escolares, houve um fato marcante que consolidou sua paixão pelo jogo, que foi ver de perto os dois ex-campeões mundiais Lasker e Capablanca, que estavam em Moscou para um campeonato.

Muito sereno e com grande controle dos nervos, Smyslov venceu muitos torneios, inclusive tendo sido campeão de Moscou por quatro vezes e participado de várias olimpíadas.

Seu maior torneio, contudo, foi o Interzonal de Zurich de 1953, onde ocupou a primeira colocação entre os quinze melhores enxadristas do mundo, com dois pontos à frente do segundo colocado.

Essa brilhante atuação qualificou-o para desafiar Mikhail Botvinnik, o campeão mundial da época. O match, porém, terminou empatado e Mikhail manteve o título.

Em 1955, no entanto, vence de novo o torneio de candidatos, em Zagreb, e em 1957 bate de maneira convincente a Botvinnik, tornando-se o sétimo campeão mundial.

Quando se defrontam de novo, no match-revanche, Botvinnik consegue tirá-lo o título, contra todas as expectativas.

Também é músico (cantor de ópera) e formado pelo Instituto de Aviação de Moscou, mas, sua grande paixão e profissão é o xadrez.

Seu estilo de jogo foi influenciado principalmente por Chigorin, Tarrasch e Nimzowich. Uns o consideram como possuidor de uma grande habilidade tática e outros atribuem sua força à profundidade de suas concepções estratégicas.

Apesar de não encontrarmos muitas partidas da Defesa Húngara em sua carreira, uma vez ou outra ele a utilizou, sempre com maestria, sendo fonte de pesquisas para os que tiverem interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre a mesma. Certamente irão aprender mui-

to, não apenas com relação essa defesa, mas (e principalmente) sobre a difícil arte do xadrez, que ele dominava como poucos!

Variantes



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Be7 4.d4

A partir da posição do diagrama (uma vez que *4.d4* é de longe o melhor para o branco), as negras têm dois caminhos principais, ambos podendo levar por inversão de lances à Defesa Philidor:

- **4...exd4** – Cedendo o centro para pressionar o peão do rei em *e4*, mediante *...Cf6* e *...Te8*.

- **4...d6** – Defendendo o peão de *e5* e deixando às brancas as opções de fechar o centro (*5.d5*), continuar o desenvolvimento (*5.Cc3*), ou acabar com a tensão central (*5.dxe5*).

Brancas

Devem efetuar o avanço do peão da dama de imediato, sob pena de permitir a liberação inimiga e uma completa igualdade já nos primeiros movimentos.

Tentar explorar seu melhor desenvolvimento de peças para assegurar uma ligeira, porém prolongada vantagem.

Em geral conseguem superioridade de espaço, o que pode ser um fator importante para a busca de outras vantagens maiores.

Pretas

A Defesa Húngara proporciona uma posição sólida, sem debilidades, porém coibida e passiva, sem muitas perspectivas de assumir a iniciativa. Precisam ficar atentas às possibilidades de trocas de peças e conseqüente liberação do jogo.

Partida 12
TAULBUT, S - SMYSLOV, V
HASTINGS (INGLATERRA), 1981 [C50]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.Bc4 Be7
4.d4

A mais indicada nesse momento, pois age imediatamente sobre o centro inimigo.

4... d6
5.dxe5 dxe5
6.Bd5

Uma idéia de Bronstein que veio reforçar os planos brancos. Impede a simplificação que se produziria após a troca das damas, e ainda ameaça indiretamente o peão de e5.

6... Bd7

Defendendo, também indiretamente, o peão de e5. Atualmente é mais comum **6...Bd6**.

7.0-0 Cf6
8.Cc3 Bd6
9.Bg5 h6
10.Be3

Ou **10.Bh4**, continuando com a cravada sobre o cavalo.

10...
11.Bxc6
12.Dd3
0-0
Bxc6
De8!?

Essa jogada da dama, aparentemente misteriosa, tem por objetivos:

- Proteger o peão de e5 para liberar o bispo.
- Realizar ...b5 e depois ...b4, com a intenção de tomar em e4.

13.a4
14.Dc4!
Bb4



Posição após 14. Dc4!

Forçando a definição.

14...
15.Dxc3
16.Dxe5
17.Df4
18.Dxe4
Bxc3
Cxe4
Cd6
De4
Bxe4

E a posição se reduz a uma completa igualdade.

19.Cd2
Bf5

Se **19...Bxc2**, então **20.Tfc1**.

20.Bf4
21.c3
22.Tfe1
23.Cb3
24.Bg3
Tfd8
f6
Rf7
g5
Bg6 ½-½

Defesa Petrov



1.e4 e5 2.Cf3 Cf6

Histórico

Embora conhecida desde o século XV, foi considerada insatisfatória para as pretas até abril de 1842, quando Carl Jaenisch publicou sobre ela extensas análises na revista francesa *Le Palamède*.

Alexander Petrov, que fazia estudos conjuntos com Jaenisch sobre aberturas, descobriu o verdadeiro mérito do lance 3...d6 (atribuído a Cozio), depois de 1.e4 e5 2.Cf3 Cf6 3.Cxe5, e deixou de lado as continuações inferiores 3...Cxe4 e 3...De7.

Em função dessas análises, ela ficou conhecida como Defesa Petrov, ou Russa, em homenagem ao país de Petrov e adotivo de Jaenisch (finlandês, mas, educado na Rússia).

Petrov, responsável por sua popularização, foi o melhor jogador russo de sua época, mas, infelizmente, nunca chegou a medir forças com os mestres do oeste europeu.

A primeira vez que esse sistema foi utilizado em campeonatos mundiais aconteceu em 1969, no match entre Petrosian e Spassky.

Alguns de seus partidários na atualidade são os grandes mestres Kasparov, Karpov, Smyslov, Kramnik, Yusupov, Salov, Anand, Leko e Bacrot.

Apesar de dar margem a um alto ín-

dice de empates, por ser uma defesa simétrica, a Petrov vem merecendo muita atenção por parte dos maiores jogadores de hoje, podendo ser considerada a abertura do momento.

Entre os jogadores nacionais citamos os GMs Darcy Lima, Henrique Mecking e Rafael Leitão.

Especialista: Yusupov

Dados biográficos

Artur Mayakovich Yusupov nasceu na Rússia em 1960, tendo atualmente a nacionalidade alemã. Foi campeão mundial juvenil em 1977, o que lhe proporcionou o título de mestre internacional (se fosse hoje já receberia o de GM diretamente). Tornou-se grande mestre aos vinte anos de idade.

Sua atuação nos torneios internacionais e campeonatos mundiais é tão boa que já ocupou o terceiro lugar na lista de *rating* da FIDE, atrás somente de Kasparov e Karpov.

A grande compreensão que Yusupov tem do jogo fez dele excelente professor e escritor, tendo publicado, em parceria com Dvoretzky, excelentes livros sobre a técnica enxadrística, em especial para jogadores de nível intermediário e avançado.

É um dos partidários desse sistema, tendo publicado a obra *Defensa Petrov*, pela editora espanhola Eseeve.

Variantes

Após 1.e4 e5 2.Cf3 Cf6 surgem duas importantes linhas, que serão analisadas no decorrer das partidas:

• **Variante Clássica:** 1.e4 e5 2.Cf3 Cf6 3.Cxe5

• **Variante Steinitz: 1.e4 e5 2.Cf3 Cf6 3.d4**

Branças

Devem contentar-se com a vantagem do lance inicial e não tentar tirar proveito rapidamente do movimento 2...Cf6, já que ele é apenas diferente, não sendo, de forma alguma, fraco.

Optando pela Variante Clássica, as brancas geralmente alcançam uma ligeira vantagem, mas tão microscópica que em um sem número de vezes leva à nulidade, com a partida terminando em empate.

A Variante Steinitz conduz o jogo para rumos mais tensos. A escolha, de uma ou de outra, dependerá das intenções e do estilo de cada jogador.

Pretas

Como já foi dito anteriormente, a Petrov, por suas características, leva a posições de simetria de peões, acabando por cair em posições equilibradas.

Assim, em grande parte dos casos, o jogador que a utiliza busca apenas o empate, o que em matches pode ser uma boa estratégia: empatar de pretas e buscar a vitória com as brancas.

No entanto, isso não constitui regra geral, uma vez que a intenção pode ser bem outra: surpreender o adversário, buscando linhas mais agudas e a iniciativa logo nos primeiros lances!

Partida 13
IVANCHUK, V - YUSUPOV, A
LINARES (ESPAÑA), 1993 [C43]

1.e4 e5
2.Cf3 Cf6
3.d4

Mais freqüente na prática é 3.Cxe5, que será visto na partida seguinte.

3 ... Cxe4

Na terceira partida desse capítulo é analisado 3...exd4.

4.Bd3 d5
5.Cxe5 Cd7

Yusupov resolve deixar de lado sua linha predileta 5...Bd6. O lance ...Cd7 tem o mérito de acelerar o desenvolvimento do flanco da dama, ficando a possibilidade de se fazer o roque pequeno ou grande. Mas, dá margem a complexas discussões teóricas.

6.Cxd7

Aqueles que apreciam partidas mais animadas podem jogar 6.Cxf7!?

6 ... Bxd7
7.0-0 Bd6

Makarichev e outros mestres russos preferem 7...Dh4, que leva a um jogo mais rico em possibilidades.

8.c4

Necessário para aumentar a tensão central. Na decisão do mundial da FIDE de 1996, Kamsky tentou 8.Cc3 contra Karpov, sem muito sucesso.

8 ... c6
9.cxd5 cxd5
10.Dh5 0-0!



Posição após 10...0-0!

Se 10...Cf6?! 11.Te1+ Be7 (11...Be6?)

12.Txe6+ Rf8 13.Txf6 ganhando) 12.De2 com vantagem branca.

O sacrifício é ainda conseqüência de 7...Bd6. Com a entrega do peão dama, as negras esperam conseguir um bom jogo de peças e melhor desenvolvimento.

11.Dxd5	Bc6
12.Dh5	g6
13.Dh3	Tc8

Existe uma controvérsia entre os teóricos se essa jogada é mais forte que a novidade 13...Db6!?, feita pelo próprio Yusupov em Madri 1995, contra a musa do xadrez, Judit Polgar.

14.Bh6

A jogada 14.Bxe4!? é a mais praticada atualmente, tendo proporcionado melhores resultados que o movimento tradicional realizado por Ivanchuk.

14 ...	Te8
15.Cd2	Bd7
16.Df3	Dh4
17.g3	Cxd2

Com a troca dos cavalos, e posteriormente da dama, a partida caminha rapidamente para o empate.

18.Bxd2	Dxd4
19.Bc3	Dg4
20.Dxg4	½-½

Ivanchuk

Vasily Ivanchuk, nascido em 1969 na Ucrânia, sagrou-se campeão europeu juvenil em 1986-7 e recebeu o título de grande mestre no ano de 1988.

Foi vice-campeão mundial da FIDE, tendo perdido o match decisivo para seu compatriota Ruslan Ponomariov, na época com 18 anos de idade (o mais jovem campeão mundial de todos os tempos).

Os primeiros lugares conquistados com freqüência nos grandes torneios co-

locam-no, folgadoamente, entre os dez melhores do mundo.

Considerado um sério candidato ao título mundial, especialmente no início dos anos de 1990, tem nos nervos seu *calcanhar de Aquiles*, o que faz com que tenha resultados um tanto irregulares, como acontecia com o grande teórico Nimzowitsch.

Partida 14

MILOS JR,G - ZARNICKI,P
CASCAVEL,1995 [C42]

1.e4	e5
2.Cf3	Cf6
3.Cxe5	

Variante Clássica.

3 ...	d6
--------------	-----------

Importante para expulsar o perigoso cavalo. Seria mau continuar com 3...Cxe4 por 4.De2 De7 (4...Cf6?? 5.Cc6+ ganhando a dama) 5.Dxe4 d6 6.d4 dxe5 7.dxe5 Cc6 8.Bb5 com melhor jogo.

4.Cf3

Uma interessante variante é 4.Cxf7!? (Gambito Cochrane). As brancas sacrificam seu cavalo por dois peões, forte centro e exposição do rei adversário.

4 ...	Cxe4
5.d4	

O usual. As brancas preparam um desenvolvimento tranqüilo à base de Bd3 e 0-0, minando depois com c4 o peão das pretas que se alojará em d5, para sustentar o cavalo em seu posto avançado.

A jogada 5.De2, recomendada por Capablanca e Lasker, iguala demasiadamente a posição.

5 ...	d5
6.Bd3	Cc6

Também se joga aqui 6...Be7, cui-

dando do desenvolvimento antes de lutar pela iniciativa, ou ainda a continuação simétrica 6...Bd6, movimento favorito do grande enxadrista norte-americano Frank James Marshall.

7.0-0 Be7

Melhor é a cravada 7...Bg4, que justificaria o movimento do cavalo a c6, pressionando o ponto d4.

8.c4

Atacando o peão que apóia o cavalo das pretas.

**8 ... Cb4
9.Be2**

Em jogo aberto deve-se fazer o possível para conservar o par de bispos.

**9 ... 0-0
10.Cc3 Be6
11.Ce5 c5**

As pretas também intensificam sua pressão nas casas centrais.

**12.Cxe4 dxe4
13.d5 Bd6
14.f4!?**

Uma novidade do brasileiro. O mais jogado é 14.a3.

**14 ... exf3 e.p.
15.Cxf3**

O branco emergiu de todas as complicações com um peão central passado e defendido.

15 ... Bg4

Não contentes com uma boa casa para seu bispo, as negras preparam-se para trocá-lo. Entretanto, considera-se melhor 15...Bf5! 16.Ce1 Be4 17.g3 f5, com igualdade.

16.a3 Bxf3

Se 16...Ca6 17.Cg5!

**17.Txf3 Ca6
18.Bd3**

A superioridade de Milos é palpável. Tem suas peças melhor posicionadas no tabuleiro e um peão passado apoiado. O cavalo negro em a6 também está muito mal colocado.

**18 ... g6
19.Bh6 Te8?**

Imprecisão que aumenta ainda mais a vantagem branca. Era fundamental 19...Dh4 20.Th3 Dd4+.

**20.Dd2! Tc8
21.Taf1 Tc7
22.Bg5! Be7
23.Bf6 Bxf6
24.Txf6 Td7
25.Bc2!**



Posição depois de 25. Bc2!

**25 ... Cc7
26.Df2 Tee7
27.Ba4 b5
28.Bxb5 Cxb5
29.cxb5 Dc7
30.Tc6 De5
31.Tc8+ Rg7
32.Txc5 Td6
33.Df4**

A soma de vantagens que o branco

conseguiu já é suficiente para ganhar.

33 ...	Dxf4
34.Txf4	f5
35.Rf2	Ted7
36.Td4	Rf6
37.Tc6?!	

Deixando diminuir sua vantagem.
Melhor seria *37...Re3!*

37 ...	Re5
38.Txd6	Rxd6
39.Re3	Tb7
40.a4	Te7+
41.Rd2	g5
42.g3	Tc7
43.b3	Te7
44.h4!	h6
45.h5	Te5
46.Rc3	Te3+
47.Td3	Te1
48.a5!	Te8
49.Rc4!	f4
50.gxf4	gxf4
51.b6	a6
52.b4	Tf8
53.b5	f3
54.bxa6	f2
55.Td1	Tf4+
56.Rb3	Tf3+
57.Rc2	1-0

Milos

O paulista Gilberto Milos Júnior, nascido em 1963, começou a jogar xadrez aos 5 anos de idade, com seu pai. Aos 12 teve o primeiro contato com livros e o xadrez de clube, quando foi levado pelo pai ao Clube de Xadrez São Paulo.

Foi bicampeão brasileiro cadetes e tricampeão brasileiro juvenil, títulos que o qualificaram para participar de 5 mundiais dessas categorias, nos quais alcançou dois terceiros lugares.

Conquistou o título de mestre internacional aos 22 anos e o de grande mestre aos 25. Já ganhou o campeonato brasileiro absoluto 6 vezes e em 1987 foi campeão sul-americano.

Participou inúmeras vezes das olimpíadas de xadrez como primeiro tabuleiro e esteve presente nas quatro últimas versões do Campeonato Mundial da FIDE, com boas atuações, especialmente em 1999.

Já venceu diversos torneios internacionais e teve performance destacada em outros tantos, como a Copa Mundial de 2000 na China, onde ficou entre os quatro melhores enxadristas do mundo.

Sua mais expressiva colocação no ranking internacional foi 38º, quando chegou à excepcional marca de 2.644 pontos.

Excelente didata, tem colaborado com a evolução do xadrez nacional através de artigos em revistas e na internet, bem como com seus dois livros: *Campeonato Mundial da FIDE/96* (match Karpov x Kamsky) e *Xeque e Mate* (em parceria com Davy D'Israel).

Criou o excelente programa *Personal Chess Trainer*.

Partida 15 COTTA,E - SOUZA,A JUIZ DE FORA, 1966 [C43]

1.e4	e5
2.Cf3	Cf6
3.d4	exd4

Esse lance já teve muitos adeptos no passado, mas aos poucos foi perdendo espaço para *3...Cxe4*.

4.e5	Ce4
5.Dxd4	

Embora saindo precocemente, a dama encontrará refúgio em *f4*, quando for atacada pelo cavalo.

5 ...	d5
6.exd6	Cxd6
7.Bd3	

Também se pode jogar *7.Cc3*, que na maioria das vezes acaba entrando nessa mesma linha.

7 ... Cc6
 8.Df4 g6
 9.Cc3 Bg7
 10.Bd2

Levaria a um jogo mais tranqüilo, porém menos promissor, 10.Be3, para fazer o roque pequeno.

10 ... Be6
 11.0-0-0

De estilo agressivo, Cotta faz o roque grande para mobilizar suas peças na ala do rei e iniciar o ataque sobre o monarca adversário.

11 ... Df6

Para minimizar as chances brancas de ataque, Aírton propõe a troca das damas.

12.Da4!

Coerente com sua maneira de jogar, o branco evita a troca e ainda ameaça ganhar a dama do adversário.

12 ... h6

Impedindo Bg5.

13.The1

As brancas estão com dois tempos a mais. Enquanto já têm todas as peças desenvolvidas, o negro ainda precisa rocar e centralizar as torres.

13 ... 0-0
 14.h4

Começa o ataque. Passada a fase de colocar as peças em jogo, chegou a hora de buscar algo mais concreto.

14 ... a6
 15.Bg5?!



Posição após 15. Bg5?!

A marca da criatividade e da ousadia que consagraram Eduardo Cotta como um dos mais geniais enxadristas mineiros e um dos maiores jogadores brasileiros da década de 60!

Embora análises posteriores demonstrem que esse lance não é correto, no calor da partida há outros fatores a serem considerados, entre eles o psicológico.

15 ... hxg5
 16.hxg5 Bh6?

Perdendo rapidamente. Melhor seria 16...De7 17.Dh4 Bxc3 18.Th1 f5, com superioridade.

17.Dh4!

A tomada em h6 fecharia a coluna. Agora as brancas têm vantagem decisiva.

17 ... Cf5
 18.Bxf5 Bxf5
 19.Cd5! Dh8
 20.gxh6 f6
 21.g4 Bd7
 22.Ce7+ Cxe7
 23.Txe7 1-0

Essa partida foi jogada no Zonal do XXXIII Campeonato Brasileiro, no qual o jovem Eduardo Guaracy Cotta, campeão mineiro na época, classificou-se em primeiro lugar, com 7,5 pontos em 8 rodadas.

Abertura dos Quatro Cavalos



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Cc3 Cf6

Histórico

Apesar de ter sido utilizada muito antes, só a partir do século XVI é que passou a ser olhada com mais atenção e jogada com maior frequência.

Abertura sólida e segura, tem a vantagem de ser muito árida, com grandes chances de levar à igualdade. É utilizada geralmente por jogadores mais conservadores, que gostam de desenvolver suas peças com tranquilidade, ou em situações em que um empate é o suficiente para conseguir uma boa colocação em um torneio, ou manter a vantagem num match.

Por ser muito simples, é pouco jogada hoje em dia, já que quem está com as peças brancas prefere posições mais dinâmicas, mais ricas em planos estratégicos.

Brasileiros: GM Darcy Lima, MI Herman Claudius e os MFs Sadi Dumont e Juliano Resende.

Especialista: Glek

Dados biográficos

Igor V. Glek nasceu na Rússia em 7 de novembro de 1961, tendo posteriormente adotado a nacionalidade alemã.

É grande mestre desde 1990 e já venceu vários torneios, entre os quais:

Philadelphia 1990, Open de Hamburgo 1993, Campeonato da Rússia 1995 (compartilhado) e Open de Biel 1995.

É o principal defensor da Abertura dos Quatro Cavalos na atualidade, tendo preferência pela variante 4.g3 que conhece profundamente.

Variantes

Depois dos lances iniciais 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Cc3 Cf6, podemos distinguir quatro linhas:

- **4.Bb5** – Que pode dar origem à Variante Simétrica, caso as negras respondam 4...Bb4, ou à Variante Rubinstein, se jogam 4...Cd4.

- **4.d4** – É uma das linhas mais usadas. Por inversão de jogadas chega-se a essa posição também pela Abertura Escocesa.

- **4.g3** – É a maneira moderna de se tratar essa abertura.

- **4.Bc4** – Não é comum na prática magistral, porque o negro consegue liberar seu jogo com 4...Cxe4, abrindo linhas para suas peças.

Branças

De maneira especial na Variante Simétrica, as brancas contentam-se com a vantagem do lance inicial, colocando suas peças em jogo calmamente, deixando para o meio-jogo a realização de jogadas mais agressivas.

Após o desenvolvimento das peças, sobretudo as menores (bispo e cavalo), é comum o início de uma ofensiva na ala do rei, a qual geralmente começa com a abertura da coluna f.

Nas variantes com 4.d4 e 4.g3, o branco procura dominar o centro, com vistas igualmente a uma irrupção sobre o roque contrário.

Em praticamente todas as linhas, as colunas *d* e *e* exercem papel significativo. Em muitos casos a coluna *b* também é aberta, em virtude da troca do bispo de casas pretas pelo cavalo branco de *c3*. Essas colunas devem ser ocupadas rapidamente.

Pretas

Como as brancas não adotam uma postura agressiva nos primeiros lances, as pretas têm oportunidade de igualar o jogo sem muitos problemas, devendo, inclusive, ficar atentas à possibilidade de assumir o mando do jogo e ditar o tom da partida.

Precisam cuidar de seu centro, alvo constante do ataque branco.

Sempre que possível, propor trocas de peças, o que facilitará sobremaneira o jogo, por diminuir as chances de ataque direto ao seu rei.

Partida 16
GLEK,I - KROEZE,F
HOLANDA, 1996 [C26]

1. e4	e5
2. Cf3	Cc6
3. Cc3	Cf6
4. g3	

Essa jogada é considerada a mais atual. Visa manter o controle do centro à distância com o bispo em *g2*, o qual serve também para proteger melhor o roque. Apesar da aparente perda de um tempo (já que *g3* não ataca o centro e não é jogada de desenvolvimento), o branco tem um plano consistente, como se verá no desenrolar da partida.

4 ...	d5
-------	----

Quando o adversário joga pelas alas (lance *g3* branco), o melhor a fazer é con-

tra-atacar no centro. Outras opções são: 4...Bb4, 4...Bc5, 4...g6, ou ainda o menos usado 4...Cd4.

5. exd5

Observar que o branco pode pressionar, quando desejar, o peão de *e5* que ficou exposto na coluna semi-aberta.

5 ...	Cxd5
6. Bg2	Cxc3

As negras buscam uma melhor estrutura de peões, já que o branco ficará com peões dobrados na coluna *c* e um isolado na *a*.

7. bxc3	Bd6
---------	-----

Para dar apoio ao peão de *e5*. Note-se, no entanto, que o bispo fica pouco ativo nessa casa. Outra possibilidade é 7...Be7.

8.0-0	0-0
9.Tb1!	

Uma novidade, uma vez que só se jogava 9.d4. A torre ocupa a coluna semi-aberta e ainda impede o desenvolvimento do bispo negro, que tem de ficar vigiando o peão de *b7*.

9 ...	Tb8
-------	-----

Torre passiva. Se compararmos as torres de *b1* e *b8*, veremos que a do branco é muito mais ativa. Quanto maior o raio de ação da peça, tanto melhor!

10.d4

Querendo trocar os peões e assim desdobrar os da coluna *c*.

10 ...	Bg4
--------	-----

Também é possível 10...Bd7 ou 10...Te8.

11.h3	Bd7
-------	-----

As pretas acham prudente manter o bispo na diagonal c8-h3. Era melhor, no entanto, deixá-lo em h5 para ajudar na defesa do rei.

12.Dd3!? exd4?!

O lance 12...h6! teria evitado muitos problemas.

13.Cg5! g6

Kroeze é forçado a debilitar perigosamente seu roque.

14.cxd4 Cb4

Se 14...Bf5 15.Be4, com vantagem.

15.Dd2 Cxa2?

Subestimando a força do ataque branco, sem se dar conta do lance fortíssimo que virá em seguida. É preciso ter cuidado com capturas de peões nos cantos do tabuleiro, porque a peça pode ficar fora de jogo e tornar-se alvo de ataque!

16.Cxh7!!



Posição após 16.Cxh7!!

Conduzindo a partida de forma magnífica, com extrema maestria, Glek inicia alguns lances táticos que definirão a luta.

16 ... Rxh7
17.Dh6+ Rg8
18.Bd5! Cc3

Para 18...Cxc1 segue 19.Dxg6+ Rh8 20.Dh6+ Rg8 21.Be4! E caso 18...Df6 simplesmente 19.Bxa2.

19.Dxg6+ Rh8
20.Dh5+! Rg8
21.Bc4!! b5?!

Melhor teria sido 21...Df6, no entanto, depois de 22.Bd3! o branco ainda mantém um ataque perigosíssimo.

22.Bg5! Be7
23.Dg6+ Rh8
24.Bf6+!! Bxf6
25.Dh6+ Rg8
26.Bd3 Ce2+
27.Rh2 1-0

Observar a manobra instrutiva que forçaria o mate: 27...Te8 28.Bh7+ Rh8 29.Bg6+ Rg8 30.Dh7+ Rf8 31.Dxf7++.

Partida 17

CAPABLANCA, J - STEINER, H
LOS ANGELES (EUA), 1933 [C49]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.Cc3 Cf6
4.Bb5 Bb4

A chamada Variante Simétrica. Outra importante linha é a Variante Rubinstein (4...Cd4) que, apesar de aparentemente violar um princípio fundamental na abertura (movimentar a mesma peça duas vezes), não dá margem para as brancas obterem vantagem; ao contrário, estas é que devem estar sempre atentas para não comprometerem sua posição.

5.0-0 0-0
6.d3 d6
7.Bg5

Aplicando a fórmula fundamental na fase inicial da partida, que é: A = CD + ET. Abertura = centro, desenvolvimento + espaço e tempo.

7 ... Bxc3

Uma troca necessária. O cavalo ameaçava saltar a *d5*, pressionando a cravada em *f6* e ainda com pretensões de ganhar o bispo de *b4* depois da troca em *c6*.

8.bxc3

As brancas têm estrutura de peões inferior, mas em troca possuem o par de bispos e a coluna *b* aberta. Isso faz com que apostem todas suas fichas no meio-jogo, principalmente em um ataque sobre o roque das pretas.

8 ... Ce7

Propicia ao branco a oportunidade de tomar em *f6*, abrindo o roque e dobrando os peões. No entanto, essa debilidade não pode ser explorada prontamente e seriam as negras que tirariam proveito da estratégica coluna aberta. Hoje se considera melhor *8...De7*.

9.Ch4

Para jogar *f4* e abrir a coluna *f*. É uma manobra típica para aproveitar a ação das torres.

9 ... c6

É mais forte *9...Cg6*. A intenção de Steiner, porém, é trocar os bispos de casas brancas (para eliminar o par de bispos), e chegar rapidamente ao final, que julga superior, por sua melhor estrutura de peões.

10.Bc4

Apontando para o rei inimigo!

10 ... Be6?

Melhor é *10...Rh8*, seguido de *11...Cg6*. E se *12.Cxg6*, então *12...fxg6*.

11.Bxf6 gxf6
12.Bxe6 fxe6
13.Dg4+

Atacando *g8* e *e6* ao mesmo tempo. As negras já estão tendo problemas com seu rei, devido à má execução de seus últimos lances.

13 ... Rf7
14.f4!

A coluna *f* em breve será aberta e as torres terão grande atividade.

14 ... Tg8?

Colocar a torre na coluna aberta parece uma compensação pela má posição do rei preto. As brancas, no entanto, mostrarão em breve a inconsistência desse plano. Recomendado seria *14...exf4*.

15.Dh5+ Rg7
16.fxe5

Abre-se a coluna para as torres.

16 ... dxe5
17.Txf6!!



Posição após 17.Txf6!!

Sacrifício bonito e correto. Tem como base a excelente posição de ataque das peças brancas e a fragilidade do rei negro, que não conta mais com seus escudos naturais (os peões do roque).

17 ... Rxf6

18.Tf1+

A única peça que não participava da luta ocupa agora uma excelente coluna aberta.

18 ... Cf5

Forçado. Se o rei foge, leva mate em dois.

19.Cxf5!

Para não fechar a coluna *f*.

19 ... exf5
20.Txf5+ Re7
21.Df7+ Rd6
22.Tf6+ Rc5
23.Dxb7

Com dupla ameaça de mate (*c6* e *b4*).

23 ... Db6
24.Txc6+!

Quando a posição parecia defensável, eis que surge mais um sacrifício de torre!

24 ... Dxc6
25.Db4 mate

Esta foi uma partida de exibição, jogada diante de um grande público, com figuras humanas representando as peças em um gigantesco tabuleiro.

O adversário do genial enxadrista cubano José Raul Capablanca, Herman Steiner (1905-55), nasceu na Hungria e posteriormente radicou-se nos Estados Unidos, onde se tornou enxadrista profissional, organizador de eventos e colunista. Era um jogador forte, tendo integrado a equipe americana em quatro olimpíadas e vencido o Campeonato dos Estados Unidos de 1948. Foi também um grande incentivador do xadrez naquele país.

Partida 18

WINANTS,L - SCHEEREN,P
HOLANDA, 1992 [C47]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.d4 exd4
4.Cxd4 Cf6
5.Cc3

Por transposição de jogadas, chegamos à abertura que estamos estudando. Nos livros mais antigos encontramos essa linha dentro da Escocesa, mas na realidade ela divide as honras com a Abertura dos Quatro Cavalos, como é catalogada no livro *Batsford Chess Openings* (BCO), de Kasparov e Keene.

5 ... Bb4

Aqui temos uma curiosa continuação: *5...Cxe4?!*, que não tem fama de ser muito boa.

6.Cxc6 bxc6
7.Bd3 d5

Lance fundamental para a liberação do jogo negro e a luta pelas casas centrais.

8.exd5

Para *8.e5*, a resposta é *8...Cg4*, seguido de *...0-0* e *...f6*.

8 ... cxd5
9.0-0 0-0
10.Bg5

Posição crítica, que é considerada nivelada. As pretas podem escolher entre a continuação simplificadora de Capablanca *10...Bxc3*, como também *10...Be6* ou *10...c6* (a da partida).

10 ... c6
11.Df3

Pressiona o cavalo cravado em *f6* e ameaça um ataque ao rei.

11 ... Bd6

O bispo em *d6* impede a passagem da dama para *h4*, via *g3*. Também é bastante jogado *11...Be7*, para não debilitar a ala do rei.

12.Tae1!?

Conhecido desde a partida Pomar contra Unzicker, Madri 1957. Outras alternativas são *12.Bxf6* e *12.Ca4*.

12 ... Tb8!

Ocupando a coluna aberta e pretendendo criar debilidades na ala da dama.

13.b3

Outra possibilidade é *13.Cd1!?*

13 ... Bb4!

Aproveitando o tema da cravada para criar problemas às brancas.

14.Dg3! Be6

Se tomassem o cavalo, naturalmente o branco capturaria em *b8*.

15.Dh4 h6

Ameaçava ganhar com *16.Bxf6*.

16.Bxh6!



Posição após 16.Bxh6!

Para *16.Bd2 Ce4!*

16 ... gxh6

Não serve *16...Ce4* por *17.Txe4*.

17.Dxh6

Com a ameaça de *18.Te5*, ganhando.

17 ... Bxc3

18.Te3!

Uma tentativa de complicar o jogo. O empate aconteceria depois de *18.Dg5+ Rh8 19.Dh6+*.

18 ... Tb4

19.Tg3+ Tg4

A jogada salvadora.

20.Txg4+

Para *20.Th3? Txg2+*.

20 ... Bxg4

21.Dg5+ Rh8

22.Dh6+ Rg8

23.Dg5+ 1/2-1/2

Apesar das partidas selecionadas mostrarem um escore dilatado a favor do branco (duas vitórias e um empate), isso não quer dizer que seja uma abertura inviável para o segundo jogador. Esses resultados devem-se mais à maior força de jogo dos condutores das peças.

Abertura Escocesa



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.d4 exd4 5.Cxd4

Histórico

Essa abertura pode ser encontrada entre os enxadristas italianos desde 1750, em especial nas partidas do talentoso Domenico Ercole Del Rio.

Seu nome atual vem de um match por correspondência entre os clubes de xadrez de Edimburgo e Londres, entre os anos 1824 e 1828, no qual ela foi utilizada pelos dois lados em diversas partidas. A vitória coube à equipe escocesa, que acabou firmando seu nome à abertura.

Muito importantes foram os estudos que nela fizeram os enxadristas búlgaros, em especial Nikola Padevsky e Ivan Radulov, revitalizando algumas de suas variantes.

A Escocesa é uma interessante opção para sair da rotina e também para impedir linhas preparadas, sobretudo na Ruy Lopez, que é a mais jogada das aberturas abertas.

O MI Wellington Rocha e o MF Felipe El Debs são os destaques no Brasil.

Especialista: Chigorin

Um pouco de sua história

Mikhail Ivanovich Chigorin nasceu

em 1850, em uma localidade próxima à cidade de São Petersburgo, na Rússia.

Apreendeu os rudimentos do xadrez aos dezesseis anos de idade, com o professor de sua escola. Todavia, esse primeiro contato com a arte de Caissa não lhe causou muita impressão e apenas sete anos depois, quando já tinha finalizado seus estudos e assumido um cargo público, é que, jogando no Café Dominik, sua paixão pelo nobre jogo aparece. Não muito tempo depois, deixa sua estável carreira e passa a ser enxadrista profissional.

Profundamente cético, dizia que o xadrez podia ser irracional como a própria vida, cheio de desajustes, erros, imperfeições e conseqüências imprevistas. Imprimiu essa maneira de pensar ao seu estilo de jogo, adotando uma postura pouco dogmática e confiando mais em sua fantasia e intuição.

Essas características o consagraram como um dos grandes da Escola Romântica, que fazia da combinação a maneira de conquistar a vitória, além, é claro, do elemento estético. Não bastava ganhar, era imprescindível vencer com toques de beleza e refinamento!

Ao contrário da grande maioria dos mestres, ele julgava que os cavalos eram superiores aos bispos e buscava mantê-los sobre o tabuleiro a todo custo. Talvez tenha sido um dos últimos jogadores de alto nível a ter essa predileção!

Com uma notável capacidade de trabalho, Chigorin ministrou palestras em várias cidades, editou uma revista e fundou o primeiro clube de xadrez de São Petersburgo, contribuindo imensamente para o nascimento da hegemonia soviética. Faleceu em janeiro de 1908, de diabetes.

Como jogador, disputou os principais torneios de seu tempo, obtendo muitos

resultados brilhantes. Jogou também vários matches contra os maiores jogadores da época, inclusive dois com Steinitz, disputando o título máximo.

O mínimo que se pode dizer de Chigorin, é que sua profundidade, sua impetuosidade, seu inconformismo frente ao óbvio e sua busca incansável para encontrar novos caminhos, beneficiaram em muito não apenas a Escocesa e o Gambito Escocês, mas toda a técnica enxadrística!

Variantes

Após os lances **1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.d4 exd4 4.Cxd4**, temos as seguintes opções:

- **4...Bc5** – Ataca o cavalo de *d4* e indiretamente a casa *f2*, tendo forte domínio na diagonal *a7-g1*. Depois, o negro seguirá com *...Df6*, desenvolverá sua ala do rei e moverá sua torre para *e8*, de onde atuará sobre o peão de *e4*.

As brancas poderão proteger o cavalo com *5.Be3* (jogando depois *c3* e levando o cavalo para *e3* via *c2*, ou ainda movendo-o para *b5*); retirá-lo a *b3* (atacando o bispo e realizando um posterior avanço do peão da coluna da torre dama); ou ainda trocá-lo em *c6* (variante muito popular atualmente).

- **4...Cf6** – Conhecida como Variante Caro, por ter sido recomendada pelo britânico Horatio Caro. É considerada por muitos como a melhor alternativa para as pretas. O branco pode jogar *5.Cxc6*, ou passar para uma linha comum com a Abertura dos Quatro Cavalos, com *5.Cc3*.

- **4...Dh4** – Visa elaborar um contra-ataque, ameaçando ganhar o peão de *e4*, disputando a iniciativa e confiando ter tempo necessário para terminar seu desenvolvimento. O branco alcança boa posição com *5.Cb5* ou mesmo *5.Cc3*.

- **4...Df6** – Pressiona o cavalo de *d4*,

podendo, posteriormente, entrar na linha *4...Bc5*, por inversão de jogadas.

- **4...g6** – Pretende atacar o centro à distância. Atentar, porém, para o fato de que, nessa posição, a perda de tempo com o fianqueto do bispo é perigosa, não tendo produzido bons resultados na prática.

De todas essas variantes, as duas primeiras são as mais utilizadas e, portanto, receberão mais ênfase.

Brancas

Desde as primeiras jogadas lutam pelo domínio do centro e abertura de linhas.

Com o avanço do peão a *d4*, abre-se passo para a dama e para o bispo de *c1*, o que deixa o branco com um jogo mais livre e possibilidades de ocupar em seguida as colunas *d* e *e*.

Por ser uma abertura que conduz a uma luta franca, com jogo bastante aberto, os golpes táticos são freqüentes. Portanto, o primeiro jogador deve ficar atento à possibilidade de uma combinação que desmoroze a posição adversária.

Caso o negro roque grande (o que é comum na variante *4...Cf6*), usar o método padrão nessas posições, ou seja, rocar pequeno e partir para o ataque na ala da dama.

Pretas

Devem especular com o fato de o branco ter jogado *d4* sem muita preparação e procurar nivelar o jogo o mais rápido possível.

A falta de uma tensão central (uma vez que com a troca dos peões o centro já ficou definido), permite a eleição entre vários métodos seguros de contra-ataque, seja através de *4...Cf6*, agindo sobre o vulnerável peão de *e4*, ou de *4...Bc5*, com vistas a exercer grande pressão no ponto *d4*.

Essas duas variantes são as mais populares e consideradas as mais consistentes.

Partida 19
CHIGORIN, M - SCHIFFERS, E
SÃO PETERSBURGO (RÚSSIA), 1880 [C45]

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.d4	exd4
4.Cxd4	

Aqui o branco pode adotar o Gambito Escocês, com *4.Bc4*, ou o Gambito Göring, jogando *4.c3*. Em ambos os casos consegue grande iniciativa, entrando em posições apropriadas para jogadores de ataque.

4 ...	Bc5
--------------	------------

Uma das réplicas clássicas, recebida por Blumenfeld. Possibilita grandes chances de equilibrar o jogo.

5.Be3

Também é jogável *5.Cb3*, para acabar com a pressão sobre *d4*. O problema é que o bispo adversário fica muito forte em *b6*, dominando a diagonal *a7-g1*.

5 ...	Df6
--------------	------------

Intensificando o ataque sobre o cavalo.

6.c3!	Cge7
--------------	-------------

Preparando a jogada libertadora ...*d5*.

7.Bc4

Vigiando o ponto de ruptura (casa *d5*). O branco ainda tem à sua disposição *7.g3* como uma boa opção.

7 ...	d6
--------------	-----------

O lance *7...Ce5!*, seguido de *8.Bb3 d6*, é considerado superior ao do texto.

8.f4

Jogada agressiva, condizente com a personalidade inquieta de Chigorin.

8 ...	Dg6
9.0-0!	Dxe4?!

A coluna do rei agora está aberta e a torre passa a exercer grande pressão sobre ela.

10.Te1	Dg6
11.Cxc6	Bxe3+
12.Txe3	bxc6
13.De2	

E surge um grande problema para as pretas resolverem: como fazer o roque? Vê-se que a tomada em *e4* já teve seus reflexos.

13 ...	Df6
---------------	------------

Procurando remediar a situação.

14.Cd2	d5
15.Bd3	Be6
16.Tf1	g6

Se rocam, levam *17.f5*, perdendo uma peça.

17.Cb3	0-0
18.g4!	

Aproveitando a debilidade causada pelo avanço do peão a *g6* e a melhor colocação de suas peças, Chigorin inicia um ataque promissor. Mais calmo é *18.Cc5*, que evidentemente não se ajusta ao seu temperamento.

18 ...	Tae8
19.Cc5	d4
20.g5!	Dh8

A dama fora de jogo em *h8* será um dos fatores da ruína do negro.

21.Txe6!	fxe6
22.Dxe6+	Rg7
23.Te1!	dxcc3

Não prevendo o belo arremate, as negras tomam ingenuamente o peão. Entretanto, não havia muito o que fazer.

24.Dxe7+!



Posição depois de 24.Dxe7+!

Brilhante. Um sacrifício de dama que deve ter deixado Schiffers muito surpreso!

24 ...	Txe7
25.Txe7+	Tf7
26.Ce6+	Rg8
27.Te8+	Tf8
28.Txf8++	1-0

Emanuel Stepanovich Schiffers (1850-1904) foi, por muito tempo, o segundo melhor jogador da Rússia, ficando atrás somente de Chigorin, com o qual disputou seis matches, ganhando apenas um deles.

Era um grande professor de xadrez e, ao lado de Chigorin, deu grande impulso ao desenvolvimento do jogo-ciência na Rússia.

Partida 20
KASPAROV,G - KARPOV,A
LYON (FRANÇA), 1990 [C45]

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.d4	exd4
4.Cxd4	

A presente partida foi a 14ª do con-

fronto Kasparov - Karpov, válido pelo título máximo daquele ano.

Kasparov surpreendentemente emprega a Abertura Escocesa, que esteve afastada das disputas pelo campeonato mundial durante 96 anos.

Isso é o que poderíamos chamar de uísque escocês envelhecido por quase um século!

4 ... Cf6

Atacando o forte peão central.

5.Cxc6

Uma interessante idéia de Kopaiev, dando um tom posicional à abertura. Pretende, após essa troca, atacar o molesto cavalo de f6.

5 ... bxc6
6.e5

O avanço do peão à quinta casa deve ser bastante meditado. Se por um lado invade o campo adversário, causando dificuldades no desenvolvimento, por outro, fica exposto e não raras vezes acaba sendo capturado.

6 ... De7

Além dessa cravada, pode-se fazer 6...Cd5, com bom jogo.

7.De2

De nada adiantaria 7.f4, pois as pretas intensificariam seu ataque a e5 mediante 7...d6. Observar também que o avanço do peão a f4 deixa muito vulnerável a diagonal a7-g1.

7 ... Cd5
8.c4

Querendo expulsar o cavalo do centro.

8 ... Ba6

Uma nova cravada. Também é bom 8...Cb6.

9.b3

Para responder Bb2 quando o peão de e5 for atacado, ou ainda para trocar os bispos jogando Ba3.

9 ... 0-0-0

10.g3!

Na época foi uma novidade. O bispo ficará muito ativo ao longo da diagonal a8-h1, além de ser fundamental na defesa do rei branco depois do roque.

10 ... Te8

11.Bb2

f6

As negras concentram todas as suas forças em cima do peão.

12.Bg2



Posição após 12.Bg2

Ignorando o ataque a e5, o branco segue desenvolvendo suas forças, confiando numa investida sobre o roque adversário.

Também é muito interessante 12.Dd2, jogado pelo MI Luís Coelho x Gérson Batista, em Brasília 1998, com o objetivo de fazer com que o cavalo se instale em b6 e não na ativa casa f6. Esse lance mereceu citação por parte do GM Morozevich, em artigo no site *London Chess Centre*.

12 ... fxe5

Com o ganho do peão, o negro encerrou sua pressão na coluna e.

13.0-0 h5!

Já que a tônica do jogo será um ataque em alas opostas, Karpov não perde tempo e inicia a empreitada!

14.Dd2

Aqui está a diferença entre jogar Dd2 no movimento 12 e no 14. Agora, o cavalo passará para a ala do rei, onde será peça fundamental no ataque.

Caso Kasparov tivesse jogado 12.Dd2, o cavalo seria obrigado a ir para a ala da dama, onde sofreria ataques dos peões brancos.

14 ... Cf6
15.Da5 Bb7

Por incrível que pareça, mesmo com a dama invadindo o campo onde está o rei, o branco não pode fazer muita coisa. Esse bispo é realmente muito importante para a defesa das negras!

16.Ba3!

Se 16.Dxa7? Dc5 17.Dxc5 Bxc5, seguido de ...h4.

16 ... De6
17.Bxf8 Thxf8!
18.Dxa7

Recuperando o peão sacrificado seis lances atrás.

18 ... Dg4!

Contra-atacando na ala adversária.

19.Ca3!

Para jogar Cc2-e3 e ajudar na proteção ao rei.

19 ... h4
 20.Cc2 h3
 21.Bh1 Ce4
 22.a4!

Naturalmente, não seria bom 22.f3?? por Cxg3! 23.fxg4 Ce2++.

22 ... Cc3
 23.Tae1?

É mais correto 23.Tfe1!, para poder jogar o rei a f1 depois do xeque do cavalo em e2.

23 ... Ce2+
 24.Txe2 Dxe2
 25.Cb4

Com a intenção de levá-lo a a6.

25 ... d5

Único.

26.cxd5 cxd5
 27.Bxd5?!

Melhor é 27.Tc1!?

27 ... Bxd5
 28.Cxd5 Dc2

Forçado novamente.

29.Da6+ Rd7
 30.Ce3 De4
 31.Tc1

Também daria igualdade 31.Td1+ Re7 32.Tc1.

31 ... Tb8!
 32.Df1 Txb3
 33.Dxh3+ Rd8
 34.Dh5

Os últimos movimentos brancos foram quase todos forçados.

34 ... Rc8

35.Dd1 Txe3!

Se 35...Tb2? então 36.Cc4!

36.fxe3 Dxe3+
 37.Rh1 De4+
 38.Rg1 De3+
 39.Rh1 De4+
 40.Rg1 Td8
 41.Dc2 1/2-1/2

E ambos se contentam com o empate.

Partida 21
ROCHA, W - BATISTA, R
SÃO PAULO, 2001 [C45]

1.e4 e5
 2.Cf3 Cc6
 3.d4 exd4
 4.Cxd4 Bc5
 5.Be3

O mais jogado é 5.Cxc6, onde seguiria 5...Df6 6.Dd2!? dxc6! 7.Cc3 Bd4 8.Bd3 Ce7 9.0-0, a exemplo da partida Morozevich x Tkachiev, Cannes 2001.

Já o grande mestre holandês Jan Timman sugere 5.Cf5!? para trilhar caminhos menos conhecidos.

5 ... Df6
 6.Cb5!?

Jogada de caráter ousado e que já nos primeiros lances cria muita riqueza de possibilidades táticas.

Essa é uma das grandes qualidades do mestre internacional mineiro Wellington Rocha, que sabe como ninguém levar a partida para terrenos move-diços!

6 ... Bxe3
 7.fxe3 Dd8

Outras alternativas seriam:

a) 7...De5, ao que seguiria 8.Cd2! Rd8 9.Bd3! com iniciativa.

b) 7...Dh4+ 8.g3 Dxe4 (a opção é

8...Dd8) 9.Cxc7+! Rd8 10.Cxa8 Dxb1, com jogo complicado.

8.Dg4!

Começa a pressão da dama sobre os pontos fracos da posição adversária.

8 ... g6?

Erro que custará a partida a Renato Batista, uma das promessas do xadrez paulista.

Devido a ausência do bispo, o avanço do peão debilita ainda mais as casas pretas. Lev Gutman, na obra *Ganhando com a Escocesa*, indica 8...Rf8.

9.Df4 d6
10.Bc4 Ce5
11.0-0

Até aqui a posição é igual à da partida Blumenfeld e Helbach, São Petersburgo 1905. No entanto, Helbach escolheu 11...Be6 e perdeu rapidamente.

11 ... De7
12.C1c3 c6

A posição é insustentável.

13.Bxf7+!



Posição depois de 13.Bxf7+!

13 ... Cxf7
14.Dxf7+ Rd7

Se 14...Dxf7 15.Cd6+.

15.Db3 Ch6

Para impedir 16.Tf7.

16.Tad1! cxb5
17.Cxb5 a6
18.Cxd6 Rc7
19.Dc3+ 1-0

Wellington

O MI Wellington Carlos Rocha, nascido no ano de 1972 em Montes Claros/MG, muito cedo demonstrou seu excepcional talento para o xadrez: com 16 anos de idade foi campeão mineiro absoluto.

De lá para cá, aprimorou muito seu estilo, ganhando, além de diversos outros torneios, o Mineiro Absoluto mais três vezes, quatro Campeonatos Abertos do Brasil e sendo finalista do Campeonato Brasileiro Absoluto de 1997. Foi, também, campeão brasileiro de jovens em 1989 e juvenil em 1991.

Vem se mantendo entre os dez maiores *ratings* do Brasil. Atualmente reside nos Estados Unidos, onde tem participado de torneios.

Seu estilo revela sua grande paixão pela Arte de Caissa: muita visão, grande conhecimento de posições e uma enorme criatividade.

É autor do livro *Momento Tático*.

Abertura Giuoco Piano



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Bc5

Histórico

Tendo mais de meio milênio, foi criada na época em que os enxadristas italianos eram os mais influentes e ditavam seu estilo de jogo, bem como o repertório de aberturas. Por esse motivo ela é chamada também de Abertura Italiana.

Foi muito popular, mantendo a preferência dos jogadores até meados do século XIX, quando a Abertura Ruy Lopez foi gradualmente tomando seu espaço, por ser mais rica em planos estratégicos.

A expressão italiana *giuoco piano* significa jogo tranqüilo, calmo. Seus adeptos utilizam-na pretendendo realizar o desenvolvimento de suas peças de maneira metódica e fácil.

Atualmente, a Giuoco Piano tem experimentado um renascimento e muitas de suas linhas foram revitalizadas por alguns grandes mestres, especialmente Sveshnikov, Nunn, Dolmatov e o ex-campeão mundial Anatoly Karpov.

Especialista: Nunn

Dados biográficos

John Denis Martin Nunn nasceu na Inglaterra em 1955. Sempre demonstrou

precocidade, uma vez que entrou na Universidade de Oxford com quinze anos, graduando-se aos dezoito. Após terminar seu doutorado em 1978, permaneceu em Oxford lecionando matemática até 1981, quando se tornou enxadrista profissional.

Sagrou-se campeão juvenil europeu em 1974/75, conquistando o título de grande mestre no ano de 1978 e o campeonato de seu país em 1980.

As atuações de Nunn nos torneios internacionais são excelentes e desde 1976 integra a equipe olímpica inglesa, tendo ganhado a medalha de ouro em 1984, como melhor segundo tabuleiro (10 pontos em 11 possíveis!).

Também é problemista, modalidade em que conquistou o título de mestre internacional no ano de 1991.

Em sua brilhante carreira, tem utilizado a Giuoco Piano com frequência, inclusive revitalizando variantes (especialmente a Giuoco Pianíssimo). Constitui-se, por isso, em excelente fonte de pesquisa para os estudiosos dessa abertura.

Variantes

A partir de **1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Bc5**, temos três ramificações importantes:

- **Variante Clássica:** com o lance *d4* nas primeiras jogadas.

- **Giuoco Pianíssimo:** realizando apenas *d3*.

- **Gambito Evans:** *4.b4* (será estudado em capítulo à parte, uma vez que suas idéias diferem das concepções gerais da Giuoco Piano).

Branças

A idéia motriz da Variante Clássica é a rápida formação de um potente centro de peões, à base de *4.c3* e *5.d4*, visando ao mesmo tempo criar uma posição de ataque contra o ponto *f7*.

Lutam sempre pela iniciativa, ainda que isso custe o sacrifício de um peão central, sendo muito comuns nessa linha jogadas agudas e de caráter combinativo.

A alternativa *4.d3*, seguida de *5.c3* ou ainda *5.Cc3*, entrando na Giuoco Pianíssimo, é a preferência moderna (apesar dessa idéia existir desde o século XVIII).

Sua pretensão é construir um centro seguro, preparando depois uma expansão na ala da dama. Posteriormente, podem voltar suas ações para o centro (buscando jogar *d4*), e só então partir para um ataque em direção ao monarca adversário.

Pretas

Na Variante Clássica, o negro deve jogar com extrema precisão, para não ficar inferior ou perder rapidamente em algum ataque agudo.

Pode-se adotar dois tipos de defesa:

a) *4...De7* (ou *4...Bb6*), chamada de *Defesa do Ponto Forte*. Foi utilizada várias vezes por Alekhine e leva a posições restringidas, porém sólidas.

b) *4...Cf6*, considerada a melhor alternativa. Contra-atacando o peão central de *e4*, ganha tempo no desenvolvimento e tenta quebrar o centro branco.

Na Giuoco Pianíssimo o negro deve procurar desenvolver suas peças e estar preparado para uma luta de lentas manobras, buscando as melhores casas para suas peças.

Em geral, o condutor das brancas que adota essa variante tem um estilo mais posicional, procurando acumular pequenas vantagens para ganhar o final. Em vista disso, as pretas devem prestar atenção especial à sua estrutura de peões.

Partida 22 NUNN, J - FINLAYSON, S CHICHESTER (INGLATERRA), 1981 [C54]

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.Bc4	Bc5
4.c3	Cf6

Método do contra-ataque, o mais indicado. Pressiona o peão de *e4*, especulando com o fato de o branco não ter a defesa natural *5.Cc3*.

5.d3

Embora *5.d4* seja mais incisivo, a preferência hoje é por esse lance mais tranqüilo.

5 ...	d6
6.Cbd2	

Os movimentos desse cavalo são fundamentais nessa variante, podendo ser manobrado para *e3* (via *c4* ou *f1*), ou ainda colocado em *g3*, onde apoiará um ataque na ala do rei.

Também é interessante *6.b4*, ganhando espaço na ala da dama.

6 ...	De7
--------------	------------

Preparando o roque grande. É mais comum *6...a6*, para dar a casa *a7* para o bispo no momento em que o branco jogar *Be3* (a troca fortaleceria o centro adversário).

7.0-0	Bb6
--------------	------------

Fugindo de possíveis ataques, seja com *b4* ou *d4*.

8.Bb3

Iniciando uma manobra para melhorar a colocação do cavalo.

8 ...	h6
--------------	-----------

As negras fogem do caminho habitual e preparam um ataque sobre o roque branco. Essa idéia, como veremos no decorrer da partida, não é muito conseqüente.

9.Cc4 **g5**
10.a4 **Be6**
11.a5!

Início de uma manobra que visa dar maior atividade às peças, ainda que com sacrifício de material.

11 ... **Bxc4**
12.Bxc4 **Bxa5**
13.Txa5!



Posição depois de 13.Txa5!

13 ... **Cxa5**
14.Da4+ **Cc6**
15.Ba6! **0-0-0**

Depois de uma bonita seqüência, Nunn conseguiu uma posição muito interessante, forçando Finlayson a fazer o roque grande, quando seu rei será alvo de constantes ameaças.

16.Dxc6 **bxa6**
17.Be3

Levando mais peças para o ataque.

17 ... **Cg4?**

Lance que não ajuda em nada. Apesar da posição ser muito delicada, o avanço do peão a g4 talvez trouxesse melhores perspectivas.

18.Bxa7 **De8**
19.Dxa6+ **Rd7**

O rei é "convidado" a dar um passeio pelo tabuleiro.

20.h3 **Cf6**
21.d4 **Cxe4**
22.dxe5 **Re7?**

Um pouco melhor seria 22...g4. O rei vai a e7 buscando proteção, mas o branco não lhe dá trégua.

23.Te1 **d5**
24.Da3+ **Rd7**
25.c4 **g4**

Tarde demais para qualquer reação.

26.hxg4 **c6**
27.cxd5 **cxd5**
28.Da4+

O resto é simples. As peças brancas atacarão abertamente o rei e o adversário nada poderá fazer.

28... **Re6**
29.Da6+ **Re7**
30.Txe4! **dxex4**
31.Bc5+ **Rd7**
32.Cd4 **Tb8**
33.Da7+ **Rc8**
34.Bd6 **1-0**

Finlayson pagou um alto preço por fugir dos princípios elementares da abertura. As lições que podemos tirar dessa partida são as seguintes:

- Procure não se desviar do espírito da variante. Vimos que as negras não jogaram da forma natural, que seria fazer o roque pequeno e manobrar com suas peças para conquistar melhores casas.

- Não inicie um ataque sem ter desenvolvido as peças e colocado o rei em segurança. O feitiço pode voltar-se contra o feiticeiro!

Partida 23
SEPULVEDA - SERVAT
ARGENTINA, 1989 [C54]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.d4

Ensaiaando uma Abertura Escocesa.

3... exd4
4.Bc4

Agora um Gambito Escocês.

4... Bc5
5.c3 Cf6

Evitando entrar no Gambito Göring (com 5...dxc3), as pretas acabam levando a partida para a Giuoco Piano.

6.cxd4 Bb4+

Esse importante ganho de tempo é que dá vivacidade à linha. Outras retiradas do bispo permitem às brancas conseguir considerável vantagem de espaço, com o avanço de seus peões atacando os cavalos.

7.Cc3

Oferecendo o peão. A opção 7.Bd2 será estudada na partida seguinte.

7... Cxe4

Explorando a cravada.

8.0-0

Complemento do movimento anterior. Coloca o rei em segurança, podendo partir para o ataque.

8... Bxc3

Considerado o melhor. Greco recomendava aqui 8...Cxc3, mas depois de 9.bxc3, tanto 9...Bxc3 como 9...d5 são in-

feriores e a linha caiu em desuso.

9.d5

Aqui começa o ataque analisado pelo dinamarquês Möller, publicado em 1898 e que leva seu nome.

9... Bf6

É digno de atenção também 9...Ce5, porém não é suficientemente correto. Em jogo aberto, é melhor conservar o bispo que o cavalo!

10.Te1

Aproveitando o ataque sobre o cavalo para colocar a torre na coluna aberta.

10... Ce7

Se 10...0-0?! 11.Txe4 Ce7 12.d6! e o segundo jogador tem dificuldade no desenvolvimento de suas peças.

11.Txe4 d6
12.Bg5 Bxg5
13.Cxg5 h6!

Para evitar 14.Cxh7!? após seu roque.

14.De2 hxg5
15.Te1 Be6

Bloqueando a posição.

16.dxe6 f5!



Posição após 16...f5!

Eduard Gufeld e Oleg Stesko, no livro *The Giuoco Piano*, indicam 16...f6, mas a prática tem mostrado a superioridade de 16...f5.

17.Te3 g4!

Impedindo 18.Th3.

18.h3 d5
19.Bb3 c6!

Devolvendo o peão para conseguir um final superior.

20.hxg4 Dd6

As pretas resolveram seus problemas da fase de abertura e agora vão consolidar sua posição.

21.Th3 Txh3
22.gxh3 fxg4
23.Dxg4 0-0-0
24.Rh1 Tf8
25.Dd4 Df4
26.Dxf4 Txf4

O jogo de Servat é claramente superior: formação de peões melhor, torre mais ativa, cavalo superior ao bispo e seu rei entrará em jogo primeiro.

27.Tg1 g6
28.Rg2 Rc7
29.Bd1 Te4
30.Bg4 Rd6
31.Rf3 Re5
32.h4 Cf5
33.h5 Cd4+
34.Rg3 gxh5
35.Bxh5 Cxe6
36.f3 Te2
37.Tb1

É claro que se 37.f4+ Cxf4 38.Bxe2 Cxe2+, ganhando.

37 ... Cf4
38.Bg4 d4 0-1

Partida 24
ROSSOLIMO,N - REISSMAN,P
PORTO RICO [C54]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.Bc4 Bc5
4.c3 Cf6
5.d4 exd4
6.cxd4 Bb4+
7.Bd2

A continuação mais sólida. Para 7.Cc3 ver partida anterior.

7 ... Bxd2+
8.Cbxd2 d5!

Na grande maioria das partidas abertas (1.e4 e5), o lance ...d5 é necessário para a liberação das peças.

9.exd5 Cxd5

O cavalo encontra-se muito bem instalado nessa casa, já que o peão branco à sua frente é isolado.

10.Db3

Para atacar o ponto d5 e impedir a saída do bispo de c8, o qual protege o peão de b7.

10 ... Cce7

No jogo Miles-Kortchnoi, África do Sul 1979, que terminou empatado, seguiu 10...Ca5 11.Da4+ Cc6 12.Db3 Ca5.

11.0-0 c6

Todos os últimos movimentos das pretas visam fortalecer o ponto forte d5.

12.Tfe1 0-0
13.a4

Lance de Chigorin. Impede ...b5

e começa uma expansão na ala da dama.

13 ... b6?

Uma infeliz novidade. Além de colocar o bispo na diagonal errada, ocupa a casa *b6*, que seria útil para a dama ou o cavalo. Indicados seriam *13...Db6!* ou ainda *13...Dc7*.

14.Ce5

Se por um lado o peão isolado em *d4* é fraco, por outro, é um excelente suporte para o cavalo em *e5*.

14 ... Bb7
15.a5 Tc8
16.Ce4 Dc7
17.a6 Ba8
18.Dh3 Cf4

Reissman, ex-campeão de Porto Rico, encontra-se em situação difícil.

19.Dg4 Ced5
20.Ta3 Ce6

Aparentemente as pretas conseguiram arrumar sua posição e ameaçam *...c5*, liberando suas peças. Entretanto...

21.Bxd5! cxd5
22.Cf6+ Rh8
23.Dg6!!



Posição após 23.Dg6!!

Tão brilhante quanto forte. Esse lance clareia a posição, mostrando a fragilidade do roque adversário.

23 ... Dc2?

Dando oportunidade a um arremate brilhante! Mas, de qualquer forma a partida está perdida, pois, se *23...gxf6 24.Dxf6+ Cg7 25.Tg3 Tg8 26.Cxf7+*.

24.Th3!! 1-0

O grande mestre Nicolas Rossolimo (1910-75) nasceu em Kiev, na Rússia, de mãe russa e pai grego. Cedo, porém, mudou-se para a França, onde permaneceu algum tempo, transferindo-se posteriormente para os Estados Unidos, onde se naturalizou.

Venceu torneios importantes, como o Campeonato Francês de 1948, Hastings 1948/49 e Aberto dos Estados Unidos 1955, superando Reshevsky no desempate. Disputou cinco olimpíadas, representando a França duas vezes e os Estados Unidos três.

Gambito Evans



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Bc5 4.b4

Histórico

O Gambito Evans surgiu com o intuito de ganhar um tempo na Abertura Giuoco Piano, na qual o lance *d4* é preparado inicialmente com *c3*. Portanto, se o preto toma o peão em *b4*, pode-se jogar imediatamente *c3*, atacando o bispo.

O nome vem do jogador inglês William Davis Evans, Capitão da Marinha Mercante, que o concebeu durante uma viagem no ano de 1824.

Teve enorme importância na maior parte dos torneios do século XIX, sendo a menina dos olhos da Escola Romântica, que procurava a todo custo a iniciativa e os ataques ousados ao rei.

Foi muito empregado, por exemplo, nos famosos confrontos ocorridos em 1834, em Londres, entre o jogador mais forte da França, Louis Charles de la Bourdonnais, e o do Império Britânico, Alexander McDonnell, sem dúvida o maior acontecimento enxadrístico da primeira metade do século XIX.

Chigorin e Gunsberg, no final do século XIX, também fizeram dele sua arma predileta, em seus confrontos com Steinitz pelo campeonato mundial.

Já no século XX, com o aparecimento da Escola Hipermoderna, que passa a tratar o xadrez de forma mais sólida, mais

posicional, o Evans quase desaparece dos torneios magistrais.

Em 1995, depois de quase cem anos afastado das principais competições, foi utilizado por Kasparov, que surpreendeu Anand, e posteriormente também o holandês Piket, demolindo-os rapidamente no melhor estilo romântico.

O enxadrista mineiro João Carlos da Costa tem usado o Gambito Evans freqüentemente e com bastante sucesso.

Especialista: Morphy

Um pouco de sua história

Paul Charles Morphy, o gênio das combinações brilhantes, do jogo alegre e vistoso, dos ataques espetaculares, nasceu em Nova Orleans no dia 22 de junho de 1837.

Seu pai era um respeitado advogado de origem espanhola e sua mãe, de ascendência francesa, uma notável pianista e compositora. Morphy assimilou a maneira prática do pai e a fantasia artística materna.

Aprendeu a jogar xadrez aos 10 anos com seu pai, disputando também muitas partidas com um tio, que na época era o melhor jogador de Nova Orleans. Aos 12 anos já os superava com facilidade.

Seguindo os passos do pai, formou-se com distinção em Direito, aos 20 anos de idade. Sua precocidade e gênio eram tais, que nessa época já dominava quatro idiomas, era versado em matemática e música e sabia de cor o código civil do Estado de Lousiânia!

Em 1857 realizou-se em Nova Iorque um grande torneio, que assinalou o início das atividades enxadrísticas nos Estados Unidos, sendo convidados os

melhores jogadores do país. Morphy venceu em grande estilo, sendo coroado *campeão do novo mundo*, após derrotar no match final, de forma categórica, o forte jogador alemão Louis Paulsen, que representava o Estado de Iowa.

Ansioso para medir forças com os mestres europeus, recebeu o apoio do Clube de Xadrez de Nova Orleans, com a quantia de cinco mil dólares, na época uma pequena fortuna.

Desembarcando em Londres, enfrentou Jakob Löwenthal, destacado jogador húngaro radicado na Inglaterra, a quem venceu por 9x3.

Não teve oportunidade de jogar com o campeão inglês da época, Howard Staunton, porque este, cioso de sua reputação, sempre fugiu à disputa, por saber que teria pouca possibilidade de vitória.

Trasladando-se a Paris, no famoso Café de la Régence jogou um match com o arrogante e forte enxadrista alemão Daniel Harrwitz, derrotando-o por 5 a 2 e um empate.

Adolf Anderssen, também alemão, considerado o campeão mundial na época, seja por sua força em torneios e matches, seja por sua extraordinária capacidade combinatória, ao saber dos sucessos do jovem norte-americano em Paris, com o maior cavalheirismo para lá se dirigiu, a fim de jogar com ele, sem qualquer exigência. O resultado foi 7 a 2 para Morphy, mais dois empates.

Tendo conquistado o campeonato do mundo e sem mais adversários para enfrentar, retorna para os Estados Unidos, onde é recebido como herói, sendo aclamado em toda parte, especialmente em sua cidade natal.

Resolve, então, abandonar completamente as lides enxadrísticas e dedicar-se à carreira jurídica. Verifica, no entanto, que as mesmas pessoas que o haviam recebido com aplausos, fecham-lhe as portas, não acreditando que um mestre de xadrez pudesse exercer de maneira séria a advocacia.

Na mesma ocasião, sofre outro choque, ao ser rejeitado por uma atraente jo-

vem da sociedade de Nova Orleans, por quem se apaixonara, e que “não queria casar-se com um mero jogador de xadrez”!

Embora grande lutador no tabuleiro, Morphy não deu mostras de sê-lo na vida real, uma vez que, ao invés de enfrentar os novos desafios, ele se trancou na casa paterna, de onde saía muito raramente, acabando por ficar mentalmente desequilibrado. Faleceu no dia 10 de julho de 1884.

Steinitz disse que a carreira de Morphy marca uma época na história do xadrez, e que o estudo de suas partidas é essencial para se adquirir um completo conhecimento dos ataques diretos ao rei. Acrescentou ainda que ele foi admirado por seus sacrifícios e combinações, mas que não eram menos admiráveis suas qualidades como jogador de posição.

Segundo Capablanca, “sua força principal não está no poder de combinação, mas, no seu jogo de posição e estilo geral, porque a maioria de suas partidas ele as ganhou de maneira simples e lógica, e é aí que radica a verdadeira beleza de seu jogo”.

Réti, o fino observador e profundo pedagogo, fala que: “Morphy foi não só amplamente o maior jogador de sua época, mas, um criador em xadrez e o protótipo do que se poderia chamar o estilo perfeito”.

Variantes

Após os lances iniciais, que o caracterizam, **1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Bc5 4.b4**, há duas grandes variantes:

- **Gambito Evans Aceito:** 4...Bxb4.

- **Gambito Evans Recusado:** retirando-se o bispo, sem tomar o peão.

Passemos, agora, ao estudo das idéias para ambos os lados.

Branças

O espírito desse gambito é simples:

ganhar tempos no desenvolvimento, obter um forte centro de peões e mobilizar rapidamente as peças para um ataque direto ao rei.

A essas idéias, junta-se, ainda, a dificuldade das pretas de realizar ...d5 (lance que praticamente iguala a partida, quando feito sem maiores problemas), grande pressão sobre o ponto f7 (que fica vulnerável na maioria das partidas abertas) e o forte peão central de e4.

Em alguns casos, quando as negras aceitam o peão, também é possível jogar Ba3 para dificultar o roque adversário.

Pretas

Decidindo-se pela aceitação do gambito, a melhor defesa reside em uma idéia do ex-campeão mundial Emmanuel Lasker: defender a casa fraca f7 com ...Dd7 e contra-atacar imediatamente com ...Bb6, ameaçando ainda ...Ca5 para eliminar o bispo de c4.

No entanto, a prática tem demonstrado que não é fácil paralisar a iniciativa branca, razão porque muitos mestres recomendam recusar o gambito e explorar tranqüilamente, no futuro, o peão mal colocado de b4, que se torna uma fraqueza.

Partida 25

MORPHY, P - N. N.

NOVA ORLEANS (EUA), 1858 [C52]

(De seis partidas simultâneas às cegas).

1. e4	e5
2. Cf3	Cc6
3. Bc4	Bc5
4. b4	Bxb4
5. c3	Ba5

Uma das continuações mais agudas.

6. d4	exd4
-------	------

Mais seguro seria 6...d6 7.Db3 Dd7.

7. 0-0	dxc3
--------	------

Se 7...Bb6, segue 8.cxd4 d6 9.Cc3, com vantagem. Essa linha é original de Morphy.

8. Ba3	d6
9. Db3	Ch6
10. Cxc3	Bxc3
11. Dxc3	0-0
12. Tad1	

Ameaçando 13.e5 com grande força.

12 ...	Cg4
13. h3	Cge5
14. Cxe5	Cxe5
15. Be2!	

Conservando o par de bispos e evitando trocas, que beneficiariam as pretas.

15 ...	f5?
--------	-----

Temos aqui um erro muito instrutivo. As negras, com um desenvolvimento inferior, deveriam manter o jogo fechado, seguindo, por exemplo, com 15...f6. Depois do lance do texto, as brancas conseguem dar às suas peças o máximo de efetividade.

16. f4	Cc6
17. Bc4+	Rh8
18. Bb2	

Paul Morphy sempre no ataque!

18 ...	De7
19.Tde1	Tf6
20.exf5	Df8
21.Te8!!	

Um belo lance de desvio que inicia uma brilhante combinação final, feita às cegas!



Posição depois de 21. Te8!!

21 ...	Dxe8
22. Dxf6!	De7
23. Dxc7+!	Dxc7
24. f6	Dxc7+

Um intento desesperado e inútil. De qualquer forma, de nada adiantaria 24...Df8, porque seguiria: 25.f7+ Ce5 26.fxe5 h5 27.e6+ Rh7 28.Bd3+ Rh6 29.Tf6+ Rg5 30.Tg6+ Rf4 31.Rf2 e mate na jogada seguinte.

25. Rxc2	Bxh3+
26. Rxh3	h5
27. Tg1	Abandonam.

Não houve registro do nome do adversário de Morphy, por isso ficou simplesmente N. N. (abreviatura da expressão latina *nescio nomen*, que quer dizer nome ignorado).

Partida 26
KOPAIEV, N - SOKOLSKY, A
LVIV (UCRÂNIA), 1951 [C52]

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.Bc4	Bc5
4.b4	Bxb4
5.c3	Ba5
6.d4	d6

Uma variante importante nesse momento é: 6...exd4 7.0-0 Cge7! (com a intenção de jogar 8...d5). Para 7...dxc3 8.Ba3! e a pressão na diagonal é fortíssima.

7.Db3	Dd7
-------	-----

A chamada Variante Lasker, visando proteger a casa atacada f7. Para o aparentemente natural 7...De7, as brancas teriam o golpe tático 8.d5, seguido de 9.Da4+, ganhando.

8.dxe5!	dxe5
---------	------

Outra alternativa é devolver o peão com 8...Bb6 (ameaçando ...Ca5, para trocar o perigoso bispo de c4), o que forçaria o branco a jogar Bb5.

9.0-0	
-------	--

Pondo o rei em segurança e preparando-se para colocar rapidamente a torre na coluna aberta.

9 ...	Bb6
-------	-----

Ameaçando 10...Ca5.

10.Td1	
--------	--

Se 10.Ba3 Ca5! e as pretas ficam bem.

10 ...	De7
11.Ba3?!	

Só agora é jogado o bispo, ganhando tempo em cima da dama exposta. A mesma idéia pode ser realizada fazendo primeiramente 11.a4, o que se prefere atualmente.

11 ...	Df6
12.Cbd2	Bg4
13.Bd5	Cge7

Terminadas as complicações da fase inicial, a posição das pretas está bastante estável e ainda têm um peão a mais.

14.h3	Bh5
15.c4	Cd4!



Posição após 15...Cd4!

Entrando em uma linha aguda e bastante promissora.

16.Cxd4 Bxd4
17.Bxb7

É difícil achar lance bom aqui. Com suas duas torres atacadas, o branco tenta complicar a luta.

17 ... 0-0!
18.Bxa8 Dxf2+
19.Rh1 Bxa1
20.Txa1 Txa8
21.Bxe7 Dxd2

O rei branco ficou muito exposto.

22.Db7

Necessário para recuperar o peão.

22 ... Te8
23.Dxc7 f6!

Dando apoio à torre.

24.c5 Bg6
25.Dd6 De2

A troca das damas daria às pretas alguma chance de empate, devido aos bispos de cores opostas.

26.De6+ Rh8
27.Dd7 Tg8
28.Dxa7 Bxe4

29.Tg1 De3
30.Dd7 f5! 0-1

Ameaça 31...Dh3++ e se 31.Rh2 (31.g3 Df2+) Df4+ 32.Rh1 Dg3 ganhando.

Partida 27
KASPAROV,G - ANAND,V
RIGA (LETÔNIA), 1995 [C51]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.Bc4 Bc5
4.b4 Bxb4

Caso queiram recusar o peão, a jogada 4...Bb6 é uma boa opção.

5.c3 Be7

As negras tomam o peão e colocam seu bispo em segurança, variante essa considerada sólida. No entanto, não é muito ambiciosa, já que permite ao primeiro jogador manter a iniciativa, mesmo com algumas simplificações.

6.d4 Ca5
7.Be2!?

A primeira surpresa. Anand provavelmente esperava 7.Cxe5 Cxc4 8.Cxc4 d5! 9.exd5 Dxd5 10.Ce3, quando retiraria sua dama atacada e completaria o desenvolvimento do flanco rei. A ida do bispo para e2 tem por objetivo deixar o cavalo negro fora de jogo em a5.

7 ... exd4

Uma tentativa de melhorar a variante é 7...d6.

8.Dxd4!

Segunda surpresa. Uma novidade teórica de Kasparov, cuja idéia é aproveitar sua vantagem de espaço.

**Posição depois de 8.Dxd4!**

8 ... Cf6?!

Não é o melhor. Outras opções seriam *8...Rf8, 8...f6, 8...d5!?* ou *8...d6!?*

9.e5 Cc6

Colocando novamente o cavalo na luta. É muito importante evitar peças fora de jogo, nas bordas do tabuleiro!

**10.Dh4 Cd5
11.Dg3**

A manobra da dama *d1-d4-h4-g3* deixou-a em ótima posição, criando dificuldades às pretas para desenvolver sua ala do rei.

11 ... g6

Se *11...0-0?! 12.Bh6 g6 13.h4!?*, com vantagem.

12.0-0 Cb6

A sugestão aqui é *12...0-0!?*, como jogou Ruslan Ponomarev, ex-campeão mundial da FIDE, contra Sergey Daniliuk, durante a 6ª etapa da Copa Russa 1997, vencendo a partida.

13.c4

Para impedir o lance liberador *...d5*.

13 ... d6

**14.Td1 Cd7
15.Bh6!**

Kasparov aproveita a fraqueza oriunda da jogada *11...g6*, e explora as casas pretas débeis, impedindo também o roque. Os dois peões a mais de Anand são ilusórios. O melhor desenvolvimento das brancas, sua vantagem de espaço e a posição exposta do rei preto, serão decisivos para a vitória do primeiro jogador.

**15 ... Cdx5
16.Cxe5 Cxe5
17.Cc3**

Se jogam *17.Bg7?! Bf6 18.Bxh8 Bxh8 19.Cc3 b6* com igualdade.

17 ... f6

Para expulsar o bispo de *h6* mediante *...Cf7*.

**18.c5! Cf7
19.cxd6 cxd6**

Para *19...Bxd6 20.Bb5+ c6 (20...Bd7 21.Te1+) 21.Bf4 cxb5 22.Bxd6 Cxd6 23.Txd6* com vantagem decisiva.

**20.De3! Cxh6
21.Dxh6 Bf8
22.De3+! Rf7
23.Cd5 Be6?!**

O lance *23...Bd7 24.Tac1 Bc6 25.Bc4* daria continuidade à luta, mas a vantagem das brancas ainda seria muito grande.

**24.Cf4 De7
25.Te1! 1-0**

As pretas perdem forçosamente uma peça.

O oitavo lance de Kasparov (*Dd4!*) é fruto de análise caseira, de laboratório. Essas novidades, postas à prova nos torneios, deixam o adversário em dificuldades, por ter de encontrar a resposta ao

movimento inesperado, sob pressão do relógio e também psicológica.

Anand

Viswanathan Anand é o 15º campeão mundial de xadrez da história, título que conquistou no ano 2000, ao derrotar Alexei Shirov na final do Campeonato Mundial da FIDE.

Nasceu em 1969, na cidade de Madras, Índia, onde o xadrez tinha pouca tradição (embora seja seu berço histórico!). Atualmente, Anand é muito popular em seu país, o que tem ajudado bastante no desenvolvimento do jogo-arte-ciência.

Começou muito jovem, disputando partidas rápidas no clube de sua cidade natal, mas, à medida que foi destacando-se nos campeonatos juvenis, começou a viajar para a Europa e participar de torneios importantes.

Conquistou o título de grande mestre em 1988, sendo hoje o número dois

no ranking da FIDE (em 1/7/2006). Já venceu praticamente todos os eventos enxadrísticos mundiais importantes, entre eles: Campeonato Mundial Juvenil 1987, Wijk aan Zee 1989, Nova Délhi 1990, Reggio Emilia 1992-93, Mônaco 1994, Gran Prix de Moscou 1994, Villarrobledo 1996 e Grand Prix de Genebra 1996.

Na realidade, seu nome é Anand e seu sobrenome Viswanathan, mas, como no meio enxadrístico começaram a chamá-lo de Anand, ele assumiu com naturalidade a troca do nome pelo sobrenome. É uma pessoa aberta, simpática e bem educada, sendo muito apreciado por todos. Cuida muito de seu físico, com uma vida bem natural e alimentação semivegetariana.

Seu estilo é dinâmico, com a característica de que joga muito mais rápido que a maioria de seus oponentes, quase nunca tendo, por isso, problemas com o tempo de reflexão.

Defesa dos Dois Cavalos



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Cf6

Histórico

Acredita-se que essa conhecida defesa tenha sido analisada pela primeira vez em 1597, pelo italiano Gianutio, teórico e escritor de xadrez.

Durante algum tempo foi chamada de Defesa Prussiana, em virtude de uma monografia publicada em 1839 pelo alemão Bilguer, mas acabou tornando-se conhecida popularmente como Defesa dos Dois Cavalos.

Seu ponto fundamental é que ela não perde um tempo logo no início, como acontece na Giuoco Piano, onde o branco ataca o centro rapidamente com c3 e d4, em cima do bispo negro de c5.

A diversidade de variantes de ataques e contra-ataques que a caracterizam, tem atraído, além dos teóricos, praticamente todos os grandes jogadores do passado e do presente.

Em nível mundial, o grande nome na Defesa dos Dois Cavalos é o GM soviético Estrin. No Brasil, podemos citar o GM Henrique Costa Mecking e o MI Herman Claudius van Riemsdijk.

Especialista: Estrin

Dados biográficos

O grande mestre soviético Yakov Borisovich Estrin (1923-87) era advogado e nos momentos de folga dedicava-se à sua grande paixão: o xadrez.

Jogava principalmente por correspondência, tendo sido campeão mundial nessa modalidade na edição 1972-75.

Escreveu dois livros: *Gambitos* e *Defesa dos Dois Cavalos*, tendo colaborado também com Panov em uma de suas obras. Foi editor-chefe de uma conceituada enciclopédia soviética de aberturas.

Em sua época, Estrin era o mais respeitado conhecedor da Defesa dos Dois Cavalos e ainda hoje seus estudos são sempre citados.

Variantes

Após os lances que a caracterizam, **1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bc4 Cf6**, temos duas linhas principais:

- **Variante Clássica: 4.Cg5**

- **Variante Moderna: 4.d4**

Demais variações, como 4.d3, 4.Cc3 e 4.0-0, acabam entrando, por inversão de jogadas, em outras aberturas.

Branças

Nas duas principais possibilidades que se abrem ao branco nesse momento, as idéias básicas são as seguintes:

- **4.Cg5** – Durante muito tempo acreditou-se ser essa a melhor continuação, pois assegurava às brancas um peão de vantagem, já que as negras jogavam sempre 4...d5, sacrificando o peão para ficar com a iniciativa.

No entanto, com a evolução dos métodos defensivos, essa avaliação mudou

um pouco, especialmente depois do aparecimento da idéia de Traxler, *4...Bc5!?*, que deu muito mais vivacidade ao jogo das pretas.

- **4.d4** – Esta é uma continuação agressiva que, sem quebrar as regras do desenvolvimento (como é o caso da variante anterior), mantém a iniciativa, ainda que cedendo um peão ao adversário.

Em ambas as linhas, as brancas precisam ficar atentas às possibilidades táticas, muito freqüentes nesse sistema.

Assim, devem combinar lances agressivos com o desenvolvimento das peças, procurando, também, fazer o roque o mais rápido possível, para evitar complicações futuras.

Contará muito para o branco ser bem sucedido, uma boa dose de criatividade, elemento principal quando entramos em complicações táticas.

Pretas

Se as brancas entram na variante *4.Cg5*, as negras devem jogar *4...d5* (sacrificando o peão para fechar a diagonal do bispo) e manter uma atitude de extrema agressividade em relação às peças inimigas, expulsando-as de suas melhores casas (sobretudo o cavalo de *g5* e o bispo de *c4*).

É importante ressaltar, também, que as pretas não devem importar-se com as debilidades de seus peões na ala da dama (na linha principal, é comum os peões das colunas *a* e *c* ficarem isolados), uma vez que, em compensação, conseguem grande atividade para suas peças e uma iniciativa difícil de ser parada pelo adversário, sobretudo no meio-jogo.

Podem, ainda, entrar no Contra-ataque Traxler (*4...Bc5!?*), criando grandes complicações, que exigem do branco muita atenção para não cair em linhas perdedoras.

Se for jogada a Variante Moderna (*4.d4*), aceitar o peão, preparando-se para

devolvê-lo no momento adequado, e completar o desenvolvimento de suas forças. Em geral, ao final de todas as complicações a partida toma um rumo posicional, com igualdade.

Partida 28 KURKIN - ESTRIN, Y CORRESPONDÊNCIA, 1966 [C57]

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.Bc4	Cf6
4.Cg5	

Entrando na Variante Clássica, sobre a qual as opiniões são muito controversas. O mestre norte-americano Edward Lasker já chegou a dizer que “se houver justiça no xadrez, o lance *4.Cg5* tem de ser mau”. Isso porque o branco quebra dois importantes preceitos da abertura: movimenta a mesma peça duas vezes e inicia um ataque precocemente, com quase todos os seus efetivos nas posições iniciais. Outros, porém, são partidários fervorosos desse movimento do cavalo.

4 ... **Bc5!?**



Posição depois de 4...Bc5!?

Essa réplica violenta e surpreendente era utilizada pelo jogador e problemista tcheco Karel Traxler (1866-1936), que legou seu nome à variante. Atualmente ela também é conhecida como Variante Wilkes-Barre.

As negras não se conformam em ceder um peão e procuram complicar a par-

tida com esse movimento inesperado, especialidade do jogador paulista Domingos Sávio Perego.

5.Cxf7

É a opção mais complexa, apesar de *5.Bxf7+* ser considerada mais promissora. Para *5.d4*, que chegou a ser cogitada como refutação da variante, a resposta *5...d5!* é suficiente.

5 ... Bxf2+!

As esperanças das pretas residem nesse xeque.

6.Rf1

Se *6.Re2*, as negras ganham brilhantemente com *6...Cd4+!* *7.Rd3 b5 8.Bb3 Cxe4!! 9.Cxd8 Cc5+* (e agora o mate é forçado) *10.Rc3 Ce2+! 11.Dxe2 Bd4+ 12.Rb4 a5+ 13.Rxb5 Ba6+ 14.Rxa5 Bd3+ 15.Rb4 Ca6+ 16.Ra4 Cb4+ 17.Rxb4 c5++*, como na partida Reinisch x Traxler, Praga 1890.

Para *6.Rxf2*, têm chances de igualdade (segundo análises do próprio Estrin), começando com *6...Cxe4+*.

**6 ... De7
7.Cxh8 d5!**

Sacrificando um peão para ganhar tempo na abertura da diagonal. O ganho de tempo em posições abertas é fundamental!

**8.exd5 Cd4
9.h3?**

O correto é *9.d6!* (abrindo a diagonal para o bispo, que por sua vez apóia o retorno do cavalo), seguido de *10.c3* (expulsando o perigoso cavalo de *d4* e permitindo à dama entrar no jogo, através do xeque em *a4*). Ao final de todas as complicações, o branco teria uma ligeira vantagem. O lance do texto, porém, compromete muito sua situação.

**9 ... Bg3
10.c3 Cf5
11.Da4+ Bd7
12.Bb5 Dc5!
13.Bxd7+ Cxd7
14.Re2**

Nota-se que a tentativa branca de desenvolver suas peças não foi muito feliz, ficando em uma situação delicadíssima.

**14 ... Dxd5
15.Tg1 e4
16.d4 exd3+
17.Rd1 Bf2
18.Tf1 Dxc2
19.Txf2 Dg1+!
20.Rd2 Dxf2+
21.Rxd3 0–0–0
22.Df4 Ce5+
23.Re4 Cg3+
24.Rxe5 Dc5+
25.Re6 Dd5+ 0–1**

Partida 29

ARNOLD - CHIGORIN, M
SÃO PETERSBURGO (RÚSSIA), 1885 [C59]

**1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.Bc4 Cf6
4.Cg5 d5
5.exd5 Ca5**

Além desse clássico sistema de defesa, temos outros três caminhos:

a) *5...Cd4* – O movimento da moda. É muito rico em variantes táticas, a exemplo da partida Daniel Langier x Herman Claudius van Riemsdijk, Mar del Plata 1991, onde prosseguiu: *6.c3 b5! 7.Bf1 Cxd5 8.Cxf7 Rxf7 9.cxd4 exd4 10.Dxf3+ Cf6! 11.Dxa8 Bc5 12.Be2 d3 13.Cc3 Te8 14.b4 Bd4 15.Bb2 dxe2 16.f3 Bf2+!!*, ganhando.

b) *5...Cxd5* – Pouco recomendado por causa do incisivo *6.Cxf7!* (Ataque Fegatello), onde o sacrifício de peça é amplamente compensado pelo forte ataque ao rei.

Os jogadores mais posicionais podem responder a *5...Cxd5* com *6.d4!*, que

seguiria *6...exd4 7.0-0 Be6 8.Te1* e a vantagem é das brancas, segundo o ex-campeão mundial Max Euwe.

c) *5...b5!?* – Com vistas a surpreender o oponente.

6.Bb5+

O mais estudado. A outra alternativa é *6.d3*, que poderia continuar *6...h6 7.Cf3 e4 8.De2 Cxc4 9.dxc4 Bc5*, com igualdade.

6 ...	c6
7.dxc6	bxc6

Compromete-se a estrutura de peões em troca de um rápido desenvolvimento de peças.

8.Be2

Os jogadores táticos devem analisar também *8.Df3*, que leva a posições muito complicadas.

8 ...	h6
9.Cf3	

Outra opção é o lance *9.Ch3!?*, cuja paternidade deve-se a Steinitz, e que foi reintroduzido na prática por Fischer, 60 anos mais tarde.

9 ...	e4
10.Ce5	Dc7
11.f4	Bd6
12.d4	0-0
13.0-0	c5

O peão *c* isolado é trocado pelo central do adversário.

14.c3	Tb8
15.Ca3	

Para *15.Cd2 cxd4 16.cxd4 Tb4 17.Cb3 Cxb3 18.axb3 Txd4!*

15 ...	cxd4
16.Cb5	Txb5!



Posição depois de 16.Txb5!

Um sacrifício posicional de qualidade, que tem como compensação os perigosos peões passados no centro.

17.Bxb5	Db6
18.a4	d3+
19.Rh1	a6
20.Cc4	Cxc4
21.Bxc4	Bg4
22.a5	Da7
23.Da4	Be2
24.Te1	Cg4

Ameaça o conhecido mate: *25...Cf2+ 26.Rg1 Ch3+ 27.Rh1 Dg1+! 28.Txg1 Cf2++*.

25.h3

Forçado.

25 ...	Df2
26.Bd2	Bc5!
27.Bxf7+	

Desespero!

27 ...	Txf7
28.De8+	Rh7
29.Dxf7	Dxg2+!!
30.Rxg2	Bf3+
31.Rf1	

Ou *31.Rg3 Bf2* mate.

31 ...	Ch2++
---------------	--------------

Partida 30
SUNDQVIST - GABRAN
CORRESPONDÊNCIA, 1975 [C56]

1.e4 e5
2.Cf3 Cc6
3.Bc4 Cf6
4.d4

Variante Moderna, que implica no sacrifício de um peão. A cessão de um peão ao adversário na abertura é justificável, desde que atenda a um ou mais desses quatro requisitos:

- a) Colaborar no desenvolvimento de nossas peças;
- b) Construir um forte ataque;
- c) Impedir o roque adversário, temporária ou definitivamente;
- d) Desviar uma peça inimiga, em especial a dama.

Se bem observarmos, *4.d4* atende ao primeiro e segundo item, sendo, portanto, perfeitamente válido.

4... exd4
5.0-0

Não é interessante *5.Cg5*, porque depois de *5...d5 6.exd5 De7+!* e a posição das pretas é preferível.

Muito jogado também é *5.e5 d5 6.Bb5 Ce4 7.Cxd4 Bd7 8.Bxc6 bxc6 9.0-0 Bc5 10.f3 Cg5 11.Be3 0-0 12.Rh1 Bb6 13.c4!*, com jogo complicado, segundo Estrin.

5... Cxe4

Aqui encontramos uma importante ramificação, *5...Bc5*, onde o branco responderia *6.e5*, entrando no perigoso Ataque Max Lange, com *6...d5 7.exf6* (outra opção é jogar simplesmente *6.Bb5) dxc4 8.Te1+ Be6 9.Cg5* (se *9.fxg7 Tg8 10.Bg5 Be7 11.Bxe7 Rxe7!*) *Dd5 10.Cc3 Df5 11.Cce4 0-0-0 12.g4 De5 13.Cxe6 fxe6 14.fxg7 Thg8 15.Bh6! d3 16.c3 d2 17.Te2 Td3 18.Df1 Dd5 19.Td1 Ce5 20.Dg2!*, com ligeira vantagem das brancas. Sugestão interessante é *11.g4!*?

6.Te1 d5

Sempre que possível, procurar defender-se atacando!

7.Bxd5!



Posição depois de 7.Bxd5!

Além dessa elegante combinação, o branco dispunha do interessante *7.Cc3*, que levaria ao equilíbrio.

7... Dxd5
8.Cc3 Da5

O melhor. Também é possível *8... Dh5*.

9.Cxe4 Be6
10.Ceg5

Atualmente prefere-se *10.Bd2*.

10... 0-0-0

Vemos que as negras aplicam corretamente o princípio da devolução do peão de gambito, restituindo-o no momento exato.

11.Cxe6 fxe6
12.Txe6 Bd6

Temos aqui também *12...Df5* e *12...h6* (o mais usado hoje em dia).

13.Bg5

Também é jogado *13.De2 Dh5 14.h3 (14.Bd2? d3!, ganhando)*.

13 ...	Tdf8
14.De2	Rd7
15.Te1	Txf3?!

As pretas têm ensaiado esse sacrifício de qualidade há algum tempo, mas sem muito sucesso.

16.Dxf3	Dxg5
----------------	-------------

Mesmo tendo conseguido duas peças menores pela torre, Gabran está em posição inferior, porque as peças brancas estão dispostas de forma muito agressiva, prontas para atacar o rei exposto.

17.Df7+	Ce7
18.f4	Dc5

Única, já que é preciso defender o cavalo.

19.Txe7+!

Se considerarmos que a torre de *h8* até agora nem entrou em jogo, o branco tem até superioridade material!

19 ...	Bxe7
20.Te5!	

Aqui está o segredo de toda a combinação branca.

20 ...	Db6
---------------	------------

Para *20...Db4*, simplesmente *21.a3*.

21.Txe7+	Rd8
22.Dxg7	Te8
23.Txe8+	

A vantagem material já é suficiente para o ganho. A lição de Capablanca é, portanto, bem aplicável: trocas!

23 ...	Rxe8
24.Dg8+	Re7
25.Dxh7+	Rf8
26.Df5+	Rg7
27.b3!	

Tudo está defendido e as brancas têm dois peões a mais.

27 ...	Db4
28.h3	c5
29.De5+	Rg8
30.f5	Dd2
31.Db8+	1-0

Abertura Ruy Lopez



1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5

Histórico

Também é chamada de Abertura Espanhola, por causa da nacionalidade de Luís Ramirez Lucena e Ruy Lopez, que foram os primeiros a analisá-la mais a fundo.

O padre Ruy Lopez de Segura, um dos mais fortes jogadores da Espanha, visitando a Itália em 1559, mostrou-se superior aos principais enxadristas de lá. Nessa ocasião, teve oportunidade de ver o livro de Pedro Damiano, português radicado na Itália, manifestando sobre ele opinião desfavorável.

Decidiu-se, então, a escrever seu próprio livro, o que efetivamente fez, publicando o *Libro de la invención liberal y arte del juego del Axedrez* em 1561, o qual - segundo Edward Lasker - "representa indiscutivelmente o primeiro compêndio que oferece aos jogadores de xadrez informações de substância". Nessa obra, ele cita como adequada para as brancas a abertura que tomaria seu nome.

Em seus primeiros tempos, ela visava basicamente atacar de forma indireta o peão negro de e5, não sendo muito do agrado dos jogadores.

Só em fins do século XIX, com o aprimoramento da estratégia, passou a ser

adotada com maior frequência, pois já não bastava jogar um gambito e atacar o adversário até dar mate. Fazia-se necessário ensaiar algo mais sólido, mais rico em planos, e foi justamente aí que a Ruy Lopez começou a tomar o lugar das aberturas praticadas até então. Atualmente ela é a mais utilizada das aberturas abertas.

Deve ser adotada por jogadores que têm aversão a dogmas e amam o dinamismo e a luta, sendo uma fonte inesgotável de idéias, dando margem a uma ampla variedade de planos, nos quais a solidez posicional e a agudeza tática se entrelaçam em completa harmonia.

Praticamente todos os campeões mundiais, bem como a grande maioria dos jogadores, têm feito da Ruy Lopez uma importante arma em seu repertório de aberturas.

Especialista: Steinitz

Um pouco de sua história

Wilhelm Steinitz é considerado o pensador mais original e profundo de toda a história do xadrez, o primeiro a descobrir sua verdadeira essência, marco definitivo para o xadrez moderno.

Para ele, xadrez era uma ciência. Leis posicionais podiam ser identificadas e estudadas, chegando ao extremo de não acreditar em criatividade e intuição: o importante era o desenvolvimento das peças, casas fortes e fracas, controle do centro, bispos bons ou maus, estrutura de peões e outras considerações posicionais.

Nasceu em Praga, na Bohemia (atual República Tcheca), no dia 18 de março de 1836. Seus pais eram judeus e de condição financeira muito baixa.

Apesar disso, aos 22 anos de idade matriculou-se no curso de Engenharia do Instituto Politécnico de Viena, começan-

do também a freqüentar clubes e cafés onde se jogava xadrez. Tendo que abandonar o curso por questões financeiras, e vendo que podia enfrentar os maiores jogadores do país, resolveu tornar-se enxadrista profissional.

Tinha praticamente a mesma idade de Morphy, mas nunca jogou com ele, porque quando atingiu um bom nível, o genial norte-americano já havia se afastado do xadrez.

Entretanto, não lhe passou despercebido o fato de que um jogador como Adolf Anderssen, cuja inventiva sobre o tabuleiro parecia insuperável, fracassasse diante do jogador americano de maneira tão contundente. Mais tarde estudaria profundamente as partidas de Morphy.

No início tinha um estilo tão vistoso e combinativo quanto os demais enxadristas de seu tempo, o qual foi se tornando mais posicional, mais fechado, à medida que suas idéias foram amadurecendo.

Aos 26 anos, já como o melhor enxadrista de Viena, mudou-se para Londres, onde acreditava estarem os jogadores mais fortes da Europa.

Em 1866 jogou um match com Adolf Anderssen, que voltara a ser considerado campeão mundial (devido ao afastamento de Morphy), ganhando por 8 a 6. Proclamou-se, então, campeão do mundo.

Seu encontro com Blackburne em 1876 foi um ruidoso sucesso, porque ele ganhou as sete partidas disputadas, sem conceder ao campeão inglês ao menos um empate.

Entretanto, só foi considerado oficialmente campeão mundial em 1886, após o match com o mestre polonês Johann Hermann Zukertort, médico, pianista e poliglota, discípulo de Anderssen e cujas atuações nos torneios foram brilhantes.

A disputa teve lugar nos Estados Unidos, em vinte partidas. Steinitz ganhou a primeira... mas, perdeu as quatro seguintes! Chegando a hora de mostrar seu sangue frio, ele não decepcionou: das quinze que faltavam, ganhou nove, empatou cinco e perdeu apenas uma.

Posteriormente, defendeu com êxito seu título contra Chigorin em duas oportunidades. No ano de 1894, com quase 60 anos de idade, foi derrotado pelo Dr. Emanuel Lasker em um match na cidade de Nova Iorque. Além de estar enfrentando um adversário 32 anos mais jovem, lutava contra suas próprias armas, uma vez que o forte jogador alemão tinha estudado e assimilado muito bem suas idéias.

Em 1897 tentou em vão reconquistar o título, em um match com o mesmo Dr. Lasker, em Moscou. Faleceu em 1900, na cidade de Nova Iorque.

Jogou a Ruy Lopez em diversas oportunidades, tanto de brancas como de pretas, sempre com grande brilhantismo, inclusive legando seu nome a uma variante.

Em 1889 publicou um livro que se tornou clássico: *Modern Chess Instructor* (*Moderno Instrutor de Xadrez*), no qual explica os princípios gerais de sua nova teoria de xadrez.

“Todo plano que seja elaborado há de ser congruente com o caráter da posição. Portanto, antes de forjar um plano é preciso fazer um balanço dos traços ou indícios que permitem avaliá-la... Todo plano há de ter um fundamento que não radica na personalidade do jogador, mas na situação que se apresenta no tabuleiro”. – Steinitz.

Variantes

A partir de **1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5** a posição sofre inúmeras bifurcações. Vejamos as principais:

• Defesa Cozio: **1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 Cge7**

Visa fundamentalmente evitar que em algum momento o branco tome em *c6* e deixe as negras com uma estrutura inferior de peões.

Entretanto, sabemos hoje que tal preocupação é infundada, porque se o branco tem melhores chances no final (devido à melhor formação de peões), o par de

bispos concede às pretas um ótimo meio-jogo.

Seu nome vem do enxadrista italiano Carlo Francesco Cozio, sendo também conhecida por Variante Lucena-Cozio, ou ainda Variante Steinitz.

• **Defesa Barnes: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 g6**

Chamada também de Defesa do Fianqueto, Pillsbury ou From, pretende exercer pressão na diagonal *a1-h8* com o bispo, e deixar livre a casa *e7* para um de seus cavalos, ou mesmo para a dama, lutando pelo domínio do centro. No entanto, esse movimento de peão lateral logo no terceiro lance, em jogo aberto, pode ser uma perigosa perda de tempo.

Seu nome vem do enxadrista Albert P. Barnes, que publicou um estudo sobre ela no *Canadian Spectator* em 1880. É uma linha pouco jogada.

• **Defesa Bird: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 Cd4**

Com esse lance do inglês Henry Edward Bird, jogado de forma pioneira contra Adolf Anderssen em 1854, as negras fogem dos sistemas tradicionais, tomando um caminho original.

É relativamente pouco estudada e leva a lutas difíceis, com melhores perspectivas para o lado branco.

Usada ocasionalmente por alguns grandes mestres como Tarrasch, Spassky e Malaniuk, não tem tido muita aceitação.

• **Defesa Schliemann: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 f5**

Essa audaciosa variante era conhecida inicialmente como Gambito Espanhol, passando depois a ser chamada de Gambito Jaenisch, devido às observações publicadas em 1847 pelo teórico russo Carl Jaenisch.

O nome, entretanto, que se firmou na maioria dos países foi Defesa Schliemann, por causa do advogado alemão Adolf K. W. Schliemann, que a introduziu na prática magistral na década 1860-70.

Era também considerada uma variante da Defesa Clássica: *1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 Bc5 4.c3 f5*.

É um gambito interessante em sua concepção, pois possibilita bastante contra-ataque para as pretas; no entanto, tem fama de não ser muito sólido e não raras vezes as pretas têm sofrido sérios revezes.

A Defesa Schliemann faz parte do repertório do cearense Gerardo Frota, dos MFs paranaenses Carlos Martins e Adwilhans Luciano de Souza, além dos mineiros Gilmar Dias Machado e Gérson Peres Batista, um dos autores desse livro. Entre os grandes mestres da atualidade, podemos citar o búlgaro Ventsislav Inkiyov.

• **Defesa Clássica: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 Bc5**

Praticada desde os fins do século XV, sendo até citada no manuscrito de Göttingen, foi analisada por Jaenisch em 1843 e recomendada durante muito tempo pelos jogadores italianos.

Não é considerada muito promissora, uma vez que na maior parte de suas linhas as brancas apoderam-se da iniciativa e ficam com vantagem.

Entretanto, não se encontrou até hoje uma variante que levasse à sua refutação. Também é conhecida como Defesa Cordel.

• **Defesa Steinitz: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 d6**

O mérito de *3...d6*, que leva o nome do ex-campeão mundial Wilhelm Steinitz, é sua simplicidade estratégica, onde as pretas desejam, através de uma série de trocas de peças, atingir uma posição sem pontos fracos.

A insuficiência de espaço para as manobras das peças negras e as poucas chances de complicações táticas, são as desvantagens dessa variante.

Devido ao seu caráter defensivo, agradou aos ex-campeões mundiais Lasker, Capablanca e Smyslov, que, como Steinitz, eram jogadores reconhecidamente posicionais.

• **Defesa Berlinesse: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 Cf6**

Não é muito freqüente na prática, porque na maioria das vezes o branco conquista uma palpável vantagem posicional.

No entanto, no ano de 2000, no match pelo título mundial versão PCA, Kramnik a utilizou com sucesso contra Kasparov.

Uma de suas subvariantes (1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 Cf6 4.0-0 Cxe4 5.d4 Be7 6.De2 Cd6 7.Bxc6 bxc6 8.dxe5 Cb7 9.Cc3 0-0 10.Te1 Cc5 11.Cd4) leva o nome de Variante Rio de Janeiro, ou Sistema Brasileiro, em função de um jogo por telégrafo entre Buenos Aires e Rio de Janeiro, em 1903.

Um dos integrantes da equipe brasileira era João Caldas Viana, ao qual se deve a idéia original, por isso essa linha é também conhecida por Variante Caldas Viana.

• **Defesa Morphy: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6**

É considerada por muitos a melhor maneira de enfrentar a Espanhola. Com sua última jogada, as pretas “perguntam” ao bispo o que ele irá fazer: tomar o cavalo ou recuar?

Analisada por Ercole Del Rio no século XVIII, foi utilizada por Löwenthal em seu match com Morphy, que gostou dela e a popularizou.

• **Variante das Trocas: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6 4.Bxc6**

É um dos mais discutidos sistemas da Ruy Lopez, questionando-se se a estrutura superior de peões do branco compensa a perda do par de bispos.

É a favorita de jogadores que dominam os finais de partida, já que o plano branco é simples: trocar as peças e ganhar o final pela maioria de peões que surgirá brevemente na ala do rei.

Em mais de uma dúzia de vezes o ex-campeão mundial Emanuel Lasker a utilizou com sucesso nas competições, por isso ela é também chamada de Variante Lasker.

• **Variante Aberta: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6 4.Ba4 Cf6 5.O-O Cxe4**

Muito popular nos fins do século XIX e início do século XX, foi perdendo espaço em função das análises e esquemas estratégicos que o branco encontrou para intensificar seu ataque.

Para as negras, seu ponto forte é a ativa disposição das peças, que projeta boas perspectivas para o meio-jogo. Em contrapartida, sua configuração de peões é pouco estável.

Na atualidade, dois grandes partidários da Variante Aberta são: o indiano Anand, ex-campeão mundial, e o grande mestre argentino Ariel Sorin.

• **Linha Principal: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6 4.Ba4 Cf6 5.0-0 Be7 6.Te1 b5 7.Bb3**

Essa ordem de jogadas é considerada a mais sólida e promissora para ambos os lados. Daqui surgem inúmeros sistemas: Marshall, Breyer, Keres, Zaitsev, Smyslov, Chigorin e outros.

O estudo dessas subvariantes, pela sua extensão e complexidade, foge aos objetivos dessa obra.

• **Contra-ataque Marshall: 1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6 4.Ba4 Cf6 5.0-0 Be7 6.Te1 b5 7.Bb3 O-O 8.c3 d5**

Um poderoso gambito introduzido na prática em 1918, pelo grande mestre Frank J. Marshall, várias vezes campeão norte-americano, em sua partida com o ex-campeão mundial José Raul Capablanca, no Torneio Magistral realizado no Manhattan Chess Club, em Nova Iorque.

Branças

A Ruy Lopez é uma abertura muito vigorosa, proporcionando ao primeiro jogador uma vantagem duradoura, com boas chances de domínio efetivo do centro e um desenvolvimento harmônico e racional de suas peças.

A ameaça indireta ao peão negro de e5 é o princípio de uma prolongada luta

pelo domínio do centro. A idéia motriz é o controle das casas *d5* e *f5*, com a passagem do cavalo da dama para a casa *g3*, ou com menor freqüência a *e3* (via *b1-d2-f1*), e uma posterior preparação de ataque na ala do rei.

Para jogá-la de brancas é necessário saber atacar com virtuosismo, e às vezes com muita paciência, aumentando gradualmente as próprias forças, enquanto se busca anular o contra-jogo adversário.

Caso queiram investir sobre a ala da dama, devem iniciar com *a4*, porque a freqüente formação de peões negros nesse setor (*a6* e *b5*) ajuda a promover a ruptura desejada.

Pretas

De acordo com o estilo de cada jogador, podem adotar uma postura mais cautelosa, procurando entrar na linha principal, ou agir com ousadia, buscando a iniciativa através de variantes arriscadas e de duplo fio, como o Contra-ataque Marshall ou a Defesa Schliemann.

Algumas observações:

- Precisam estar vigilantes a possíveis ataques contra seu rei.
- Na maioria das vezes, realizar o avanço liberador ...*d5*.
- Caso as brancas mantenham a tensão central (não trocando os peões nesse setor, nem avançando o peão a *d5* para fechar o centro), preparar uma defesa tenaz na ala do rei e promover uma movimentação de suas forças na ala da dama, para um eventual contra-ataque.
- Se o centro se fechar, buscar o contra-ataque em uma das alas, sobretudo a da dama.
- No caso de abertura das colunas *c* ou *d*, procurar trocar as peças maiores (torre e dama), o que ajuda a equilibrar o jogo.

Partida 31

STEINITZ, W - BLACKBURNE, J
LONDRES (INGLATERRA), 1876 [C77]

1.e4 e5

2.Cf3 Cc6
3.Bb5

Ameaçando em algum momento capturar o peão de *e5*.

3... a6

A Variante Morphy, que é a mais utilizada atualmente. Como bem salienta Richard Réti, em seu clássico "Los grandes maestros del tablero", o ataque indireto a *e5* é principalmente estratégico, uma vez que não seria vantajosa para as brancas, de imediato, a seqüência *4.Bxc6 dxc6 5.Cxe5 Dd4* ou *Dg5*, e as pretas recuperam o peão, ficando com bom jogo.

4.Ba4 Cf6

Enquanto as brancas ameaçam ganhar o peão de *e5*, seu adversário contra-ataca sobre *e4*.

5.d3

Hoje em dia se joga com a idéia de desenvolver rapidamente o peão a *d4* (após a preparação com *c3*), mas Steinitz optava sempre pela partida fechada, com seus peões em *c3*, *d3* e *e4*, para atacar depois em uma das alas, geralmente a do rei.

5... d6

Praticamente forçado, para defender o peão de *e5*. Com isso, as brancas já conseguiram uma pequena vantagem, uma vez que seu bispo do rei está livre e o das negras fechado.

6.c3

A formação característica de peões de Steinitz.

6... Be7
7.h3

A intenção não é impedir a cravada

...Bg4, que aqui não teria importância, e sim preparar g4.

7 ... 0-0
8.De2 Ce8

Para fazer o lance liberador ...f5, mas as brancas já estavam prevenidas.

9.g4!



Posição após 9.g4!

Evitando a ruptura em f5.

9 ... b5
10.Bc2 Bb7
11.Cbd2

Visando levar o cavalo a d5 ou f5, via f1 e e3, ou g3. Essa manobra de cavalo, jogada pela primeira vez por Steinitz, é hoje uma das idéias básicas da Ruy Lopez.

11 ... Dd7
12.Cf1 Cd8
13.Ce3 Ce6
14.Cf5 g6

Embora expulse o cavalo de sua posição privilegiada, deixa muitos pontos débeis. Era preferível 14...Bd8.

15.Cxe7+ Dxe7

Observa-se agora mais claramente a fraqueza das casas f6 e h6, o que é agravado pela falta do bispo de casas pretas.

16.Be3 C1g7

17.0-0-0 c5
18.d4

Para tomar posse da importante diagonal a1-f8.

18 ... exd4
19.cxd4 c4

Blackburne tenta um contra-ataque na ala da dama, mas acaba facilitando o plano de Steinitz.

20.d5 Cc7
21.Dd2

As brancas têm mais espaço, o que dá maior mobilidade para suas peças.

21 ... a5
22.Bd4 f6
23.Dh6 b4
24.g5 f5
25.Bf6

Com posição muito superior, as brancas consolidam sua vitória.

25 ... Df7
26.exf5 gxf5

Se 26...Cxf5 27.Bxf5 gxf5 28.g6! ganhando.

27.g6 Dxc6

Para 27...hxg6 28.Cg5! é definitivo.

28.Bxc7

Ganhando uma peça, já que se 28...Dxc7, simplesmente 29.Thg1.

28 ... Dxc6+
29.Bxc7

E as brancas vencem.

O inglês Joseph Henry Blackburne (1841-1924) era considerado um dos jogadores mais fortes e originais de seu

tempo, caracterizando-se por uma decidida preferência pelo jogo aberto. Participou de diversos torneios, ocupando sempre os primeiros postos. Em matches, derrotou Bird, Gunsberg e Zukertort.

Partida 32
KHALIFMAN, A - GLEK, I
LENINGRADO (RÚSSIA), 1985 [C63]

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.Bb5	f5

A Defesa Schliemann, uma vigorosa tentativa de apoderar-se da iniciativa.

As negras agridem lateralmente o centro, para impedir a formação de um forte centro de peões do adversário – ainda que à custa de uma possível estrutura inferior de peões, risco de perda do roque ou até de material!

A ameaça agora é *4...fxe4* e em seguida *...d5*, construindo uma massa de peões no centro.

Esse tipo de defesa ativa condiz perfeitamente com o estágio atual do xadrez, onde o condutor das pretas não se conforma com um precário equilíbrio e busca a supremacia a todo custo.

4.d4!?

O Dr. Dyckhoff, grande enxadrista postal que enriqueceu muito a teoria da Schliemann, indica o lance *4.Cc3* como o mais forte para o primeiro jogador.

As respostas das brancas podem ser agrupadas da seguinte forma:

- Indiferentes – Permitem ao negro atingir plenamente seu objetivo. São elas: *4.exf5*, *4.Bxc6* e *4.De2*.
- Posicionais – Buscam desenvolvimento sólido antes de empreender qualquer ação mais agressiva. Por exemplo: *4.d3*.
- Agressivas – O branco decide entrar rapidamente nas complicações, deixando de lado a segurança, vez por outra até o equilíbrio material. São elas: *4.d4* e *4.Cc3*.

4 ...	fxe4
5.Cxe5	Cxe5
6.dxe5	c6
7.Cc3	

Lance criativo que dá vida ao jogo branco. Também é possível *7.Be2*, a que seguiria *7...Da5+ 8.Bd2 Dxe5 9.Bh5+ Rd8* (não *9...g6?* por *10.Bc3*); pelo peão sacrificado as brancas evitam o roque adversário.

7 ...	cxb5
--------------	-------------

Caso não queiram entrar nas complicações táticas, podem responder *7...d5*.

8.Cxe4	d5!
---------------	------------

Faz-se necessário começar a devolver parte do material ganho para liberar suas peças.

9.exd6 e.p.	Cf6
10.Dd4	

Outra possibilidade muito estudada é *10.Bg5 Da5+ 11.Cc3 b4 12.Bxf6 gxf6 13.Cd5*, com forte ataque.

10 ...	Be7
---------------	------------

Para *10...Cxe4 11.Dxe4+ Rf7 12.Bf4 (12.Dd5+ Rg6! 13.g4 De8+! 14.Be3 h5! com vantagem) De8 13.Be5 Bxd6 14.Dd5+ De6 15.Dxd6 Dxd6 16.Bxd6 Te8+ 17.Rf1 Bf5*, com compensação pelo peão sacrificado.

11.Bg5	Bf5
12.0–0–0!	

O ex-campeão mundial da FIDE, em dia inspirado, sacrifica mais uma peça para fazer o roque, protegendo o rei e colocando a torre em jogo.

12 ...	Bxe4
13.The1!	

**Posição depois de 13.The1!**

13 ... **Dxd6!**

Glek percebe que precisa começar a devolver material, do contrário morrerá de indigestão...

14.**Dxd6** **Bxd6**
15.**Txd6** **0-0!**

Entregando todo o material ganho para chegar em uma posição de empate.

16.**Bxf6** **Bxg2**
17.**Tg1**

Para 17.**Bd4 Bc6**, com igualdade.

17 ... **Txf6**
18.**Txf6** **gxf6**
19.**Txg2+** **Rf7**
20.**Tg3** **Tc8**
21.**Rd2** **Empate**

Uma partida que poderíamos chamar no mínimo de curiosa. Após passar por uma tempestade na abertura e meio-jogo, uma série de trocas levou a um final tranqüilo, de total equilíbrio.

Khalifman

Alexander Valeryevich Khalifman nasceu em 1966, na Rússia.

O ano de 1990 lhe foi muito generoso: tornou-se grande mestre, dividiu o primeiro lugar no forte torneio de Groningen e ganhou o tradicional Aberto dos Esta-

dos Unidos, terminando o ano entre os dez maiores *ratings* no ranking internacional.

Entretanto, foi em 1999 que Khalifman chegou ao auge de sua carreira, ao tornar-se o 14º campeão mundial da FIDE, derrotando Akopian na finalíssima.

Partida 33

FISCHER,R - PORTISCH,L
HAVANA (CUBA), 1966 [C69]

1.**e4** **e5**
2.**Cf3** **Cc6**
3.**Bb5** **a6**
4.**Bxc6**

A Variante das Trocas, com a qual Lasker derrotou Capablanca e Alekhine em San Sebastian, no ano de 1914. Ela havia caído em desuso, devido aos diversos métodos defensivos desenvolvidos pelas pretas, mas Fischer a ressuscitou em grande estilo nessa olimpíada em Havana.

4 ... **dx6**
5.**0-0**

Esse lance oferece mais dificuldades para as pretas que a linha 5.**d4 exd4 6.Dxd4** muito utilizada no passado. As brancas, com sua última jogada, prepararam-se para avançar o peão da dama e abrir a posição, obtendo um pré-final favorável, devido à melhor estrutura e maioria de peões na ala do rei. As pretas, em contrapartida, possuem o par de bispos e possibilidade de lançar uma forte ofensiva contra o rei branco, após o roque grande.

5 ... **f6**

Método de defesa que remonta ao século XIX. Existem várias outras maneiras de se defender o peão, sendo a mais usual 5...**Bg4**, e se o branco jogar 6.**h3**, as pretas continuam com 6...**h5!**

6.d4 **exd4**

Outra forma de lutar contra a idéia das brancas é *6...Bg4*, que Fischer julgava ser superior à tomada feita pelo húngaro Portisch.

7.Cxd4 **c5**
8.Cb3 **Dxd1**
9.Txd1 **Bd6**

Outra opção era *9...Bd7* e fazer o roque grande, o que, segundo Polugaevsky, ofereceria melhores perspectivas de defesa.

10.Ca5!

Impedindo o desenvolvimento do bispo de *c8* e ameaçando *11.Cc4*, causando o debilitamento da formação dos peões pretos na ala da dama.

10 ... **b5**

A engenhosa idéia de proteger o peão de *b7* por meio do roque grande falha, por *10...Bg4* *11.f3* *0-0-0* *12.e5!* ganhando.

11.c4!

O peão imobilizado de *c5* tornou-se um ponto fraco.

11 ... **Ce7**
12.Be3 **f5!?**

A defesa natural *12...Tb8* não seria suficiente, porque o branco jogaria *13.Cd2* seguido de *Tac1*, com a intenção de *Cb3* ou *ccb5*.

Com a jogada do texto, as negras tentam complicar a luta, por meio de *...fxe4* ou *...f4*.

13.Cc3 **f4**
14.e5!



Posição depois de 14.e5!

Eis aí o lance que combate eficazmente as pretensões de Lajos Portisch. As brancas conseguiram grande vantagem de desenvolvimento e agora abrem linhas para suas peças.

14 ... **Bxe5?!**

Depois de *14...fxe3* *15.exd6* *exf2+* *16.Rxf2* *0-0+* *17.Rg1* *cxd6* *18.Txd6* *Bf5* *19.Te1* o branco apenas manteria uma leve vantagem, devido às suas peças mais ativas.

15.Bxc5 **Bxc3**
16.bxc3 **Cg6**

O rei no centro do tabuleiro, em campo aberto, será um grande problema para as pretas.

17.Cc6 **Be6?!**

Era preferível *17...Bd7*.

18.cxb5 **axb5**
19.Ca7 **Tb8**

Para *19...Bc4*, seguiria *20.Td4* com a ameaça de *21.Te1+*.

20.Tdb1 **Rf7**

O rei dá passo para a torre entrar em jogo, já que a queda do peão é inevitável. Para *20...Bc4* *21.a4*.

21.Cxb5

A vantagem posicional de Fischer materializa-se. Com um peão a menos, Portisch não se sustentará por muito tempo.

21 ...	Thd8
22.Tb4	Bxa2
23.Cxc7	Tbc8
24.h4!	Td2
25.Bb6	f3
26.Be3	Te2
27.Cb5	Ta8
28.h5	Ce5
29.Tf4+	Re7
30.Td1	Tc8
31.Te4	Rf6
32.Td6+	Rf5
33.Tf4+	Rg5
34.Txf3+	1-0

Partida 34

KASPAROV,G - ANAND,V
NOVA IORQUE (EUA), 1995 [C80]

Essa partida entrou para a história, devido a uma elegante série de sacrifícios que Kasparov realizou, mudando completamente o conceito sobre a trilhada variante que escolheram.

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.Bb5	a6

Considerada a melhor continuação. Os teóricos, no entanto, ainda não chegaram a um consenso se realmente essa jogada é necessária, ou não. É isso que torna o xadrez eterno!

4.Ba4

A única retirada plausível, pois se **4.Bc4** perde-se um precioso tempo em relação, por exemplo, à Defesa dos Dois Cavalos ou à Giuoco Piano.

4 ...	Cf6
5.0-0	

Defesa indireta do peão. Em caso de **5...Cxe4**, as brancas respondem **6.d4** e acabam capturando em **e5**, já que **6...exd4** abriria a coluna *e* de forma perigosa, e depois de **7.Te1** o adversário tem problemas nessa coluna.

5 ...	Cxe4
--------------	-------------

A Variante Aberta, que é a especialidade de Anand. A respeito dessa linha, pode ser observado estrategicamente o seguinte:

- As negras ficam com um forte cavalo centralizado e apoiado na casa *e4*.
- As brancas obtêm vantagem de espaço no centro e na ala do rei, em função de seu poderoso peão de *e5*.
- O branco terá maioria de peões na ala do rei e o adversário na ala da dama.

6.d4

Bem menos usuais são as alternativas **6.Te1** e **6.De2**.

6 ...	b5
7.Bb3	d5

As pretas têm que devolver o peão, mas, em compensação, consolidam seu cavalo em *e4* e ao mesmo tempo fecham a diagonal *a2-g8*. Se **7...exd4** **8.Te1 d5** **9.Cc3!** com vantagem do primeiro jogador.

8.dxe5

O movimento **8.Cc3!?** dá origem a uma linha muito interessante, bastante estudada pelo mestre internacional Herman Claudius van Riemsdijk.

8 ...	Be6
--------------	------------

A estratégia negra é avançar seu peão a *c5*, para fazer valer sua maioria no flanco da dama. Também devem jogar – assim que houver oportunidade – **...f6** ou **...f5**, antecipando-se ao avanço **f4-f5** do adversário.

9.Cbd2

Para desalojar o cavalo de seu ponto forte em *e4*. Também é jogado *9.De2*, *9.Te1* e *9.c3*.

9 ... Cc5

Adiantado em seu desenvolvimento, Anand evita a troca de peças, que só beneficiaria o adversário.

10.c3 d4

Para *10...Cxb3?* *11.Cxb3 Be7* *12.Be3*, com o domínio da casa-chave *c5*.

11.Cg5!

Entrando em interessantes complicações táticas. Uma continuação mais tranqüila é *11.Bxe6*.

11 ... dxc3

Se *11...Dxg5*, então *12.Df3 Bd7* *13.Bxf7+ Re7* *14.Bd5 Cxe5* *15.De2 d3* *16.De1 c6* *17.f4 Dh6* *18.Bf3!*

12.Cxe6 fxe6
13.bxc3 Dd3
14.Bc2!

Apesar de ser uma novidade na prática, essa jogada já havia sido citada há alguns anos no BCO, um livro dedicado a aberturas, de autoria do próprio Kasparov e Raymond Keene. No entanto, na referida obra ela é dada como duvidosa, devido à seguinte continuação: *14...Dxc3* *15.Tb1 0-0-0*, com ligeira vantagem negra. Kasparov, no entanto, havia preparado uma jogada “explosiva” em lugar de *15.Tb1*, como poderemos comprovar na seqüência da partida.

14 ... Dxc3

A retirada da dama – por exemplo, a *d7* – deixaria o branco em posição superior.

15.Cb3!!

Posição depois de 15.Cb3!!

Eis aqui o grande mérito de Kasparov! Até então, a teoria só conhecia *15.Tb1*, que era insuficiente. Com esse movimento inesperado, Kasparov coloca Anand em situação delicada.

15 ... Cxb3

Outra possibilidade era *15...Td8*.

16.Bxb3 Cd4?!

Apesar das análises demonstrarem que o branco ficaria superior, ao final de extensas variações, era preferível entrar nessas complicações táticas, com *16...Dxa1*.

17.Dg4! Dxa1
18.Bxe6! Td8
19.Bh6!!

Lance típico do estilo do grande jogador de Baku. A ameaça é *20.Bxg7 Bxg7* *21.Dh5+* e *Df7* mate.

19 ... Dc3
20.Bxg7 Dd3
21.Bxh8 Dg6
22.Bf6 Be7
23.Bxe7 Dxg4
24.Bxg4 Rxe7
25.Tc1!

A vantagem das brancas é decisiva.

25 ... c6
 26.f4 a5
 27.Rf2 a4
 28.Re3 b4
 29.Bd1!

Lance importante, que paralisa o avanço dos peões contrários. Não é porque uma posição esteja definida estrategicamente, que não exija habilidade técnica para concretizar a vitória!

29 ... a3
 30.g4 Td5
 31.Tc4

Logo cairá mais um peão das pretas.

31 ... c5
 32.Re4 Td8
 33.Txc5 Ce6
 34.Td5 Tc8
 35.f5 Tc4+
 36.Re3 Cc5
 37.g5 Tc1
 38.Td6 1-0

Em vista da seguinte continuação:
 38...b3 39.f6+ Rf8 40.Bh5 Te1+ 41.Rf3 Cb7
 42.Ta6, Anand desiste.

Essa partida foi jogada no encontro pelo título mundial, versão PCA.

Partida 35
BATELL,J - MARSHALL,F
NOVA IORQUE (EUA), 1937 [C89]

1.e4 e5
 2.Cf3 Cc6
 3.Bb5 a6
 4.Ba4 Cf6
 5.0-0 Be7
 6.Te1 b5
 7.Bb3 0-0
 8.c3

O branco poderia entrar nos Sistemas Anti-Marshall, jogando a4, d4 ou mesmo h3.

8 ... d5!?



Posição após 8...d5!?

O Contra-ataque Marshall! Conta-se que seu criador, Frank J. Marshall, esteve analisando essa aguda possibilidade de sacrificar o peão durante doze anos, decidindo-se a usá-la justamente contra Capablanca, que estava no auge de sua forma (tornou-se campeão mundial três anos depois). O grande jogador cubano aceitou a oferta e defendeu-se corretamente, vencendo a partida, que até hoje é referência para os estudiosos da linha.

9.exd5

As brancas poderiam passar para a Variante Aberta, jogando 9.d4 Cxe4 10.dxe5.

9 ... Cxd5

Outra alternativa, pouco vista na prática, mas muito engenhosa, é 9...e4!?, especialidade do mineiro Marcelo Moura.

10.Cxe5

O correto. Dizem que a melhor maneira de demonstrar a inconsistência de um gambito é aceitá-lo!

10 ... Cxe5

A troca dos cavalos permite que a dama negra passe rapidamente para a ala do rei.

11.Txe5

Em troca do peão sacrificado, as pretas têm as seguintes compensações:

a) Número maior de peças desenvolvidas.

b) Falta de mobilização das peças brancas na ala da dama.

c) A exposição da torre branca no centro do tabuleiro, em cima da qual o negro ganhará muitos tempos.

d) A precária posição do rei branco, que não tem o roque ideal devido à falta do cavalo, o guardião que evita a aproximação das peças contrárias.

e) O fato de que a posição está aberta, favorecendo o lado melhor desenvolvido, que aproveitará essa vantagem para um ataque direto ao rei, sobretudo com o apoio dos bispos, que estão muito ativos.

11 ... c6

Marshall jogou contra Capablanca 11...Cf6. O defeito desse movimento está na perda de tempo que ele encerra, além de fechar a diagonal d8-h4, o que dificulta o traslado da dama para o flanco do rei. A seu favor, podemos dizer que não obstrui a diagonal a8-h1, como acontece com 11...c6.

12.Bxd5

Jogada que não tem muitos partidários, por ceder o par de bispos em posição aberta e simplificar a posição desnecessariamente. O normal seria 12.d4.

12 ... cxd5

13.Df3

Mais natural continua sendo 13.d4.

13 ... Bd6!

14.Te2

Não serve 14.Txd5 por 14...Bb7 15.Txd6 De7!

14 ... Dg5!

Ameaçando 15...Bg4 e impedindo o lance liberador d4.

15.h3 Bf5

O desenvolvimento das peças pretas é muito superior e não vai demorar muito para colocar o adversário em sérias dificuldades.

16.Te1

Para defender a primeira fila e tentar liberar o jogo com d4.

16 ... Tae8

Marshall não dá trégua. Cada movimento traz uma ameaça, o que impede o branco de completar seu desenvolvimento.

17.Rf1 Be4

Não suportando mais a pressão, Battell tem de entregar a qualidade. É o princípio do fim!

18.Txe4	Txe4
19.Ca3	De5!
20.Cc2	Dh2
21.Ce3	Bf4
22.b3	Bxe3
23.fxe3	Tfe8
24.Re2	T8e6
25.d3	T4e5
26.Bd2	Tg5
27.Be1	Tf6
28.Bg3	Txg3 0-1

Um claro exemplo de como o desenvolvimento das peças é importante na abertura. Digno de observação é também o virtuosismo do grande campeão norte-americano no ataque.

Partida 36

**MECKING,H - RESHEVSKY,S
PETRÓPOLIS, 1973 [C95]**

Partida jogada no Interzonal de 1973, no qual o grande jogador brasileiro Henrique Costa Mecking brilhantemente sagrou-se campeão, conquistando o direito de disputar o match de candidatos. Se passasse por essa penúltima fase, seria o desafiante de Robert James Fischer, o campeão mundial na época.

1.e4	e5
2.Cf3	Cc6
3.Bb5	a6
4.Ba4	Cf6
5.0-0	Be7

Linha principal da Ruy Lopez. Ameaça tomar em *e4*.

6.Te1

Defendendo o peão. O branco planeja agora *c3*, *d4* e passar o cavalo de *b1* para *g3* ou *e3* (via *d2* e *f1*).

6 ...	b5
--------------	-----------

No caso de roque, perderiam o peão de *e5* depois da troca do bispo pelo cavalo.

7.Bb3	d6
8.c3	

Preparando *d4*.

8 ...	0-0
--------------	------------

Também é possível *8...Bg4*.

9.h3

Evitando a molesta cravada do bispo.

9 ...	Cb8
--------------	------------

Momento crucial da luta. Aqui encontramos as seguintes continuações: *9...Bb7* (Variante Zaitsev), *9...Cd7* (Variante Keres), *9...h6* (Variante Smyslov), *9...Ca5*

(Variante Chigorin) e a seqüência da partida *9...Cb8*, que é a Variante Breyer.

O genial enxadrista húngaro Gyula Breyer introduziu esse lance na prática em 1911, quando tinha apenas 18 anos de idade. Sua idéia é tão simples como lógica: jogar *10...Cbd7* para sustentar a pressão que vai haver no centro, e ainda liberar a diagonal *a8-h1* para o bispo.

10.d4

O congelamento da ala da dama branca é compensado por um forte centro de peões e possibilidades de iniciar planos à base de agressões laterais (jogando oportunamente *a4* e *c4*).

10 ...	Cbd7
11.Cbd2	Bb7
12.Bc2	

Dando sustentação ao peão de *e4* e assim liberando o cavalo.

12 ...	Te8
---------------	------------

Manobra instrutiva. As pretas jogarão em seguida *...Bf8*, *...g6* e *...Bg7*. Depois disso, a torre estará bem situada na coluna *e* e o bispo numa diagonal mais ativa, *a1-h8*.

13.a4

Movimento típico para desarticular a formação dos peões pretos nessa ala.

13 ...	Bf8
14.b4	a5

É mais comum *14...c6*.

15.bxa5	Txa5
16.Tb1	Ba6
17.axb5	Txb5
18.Bb3!	

Especulando com a má colocação da torre em *b5*. A ameaça é *19.Bxf7+ Rxf7* *20.Txb5 Bxb5* *21.Db3+*, recuperando a peça e ganhando um peão.



Posição depois de 18.Bb3!

18 ... Te7
19.Dc2 Tb8

Colocando a torre em segurança e reorganizando suas forças.

20.Cg5

De novo surge o tema de combinação em f7. Com o salto do cavalo a g5, Mecking ameaça novamente ganhar um peão, com 21.Cxf7 Txf7 22.Bxf7+ Rxf7 23.Da2+ Re8 24.Dxa6.

20 ... Bb7
21.f4!

Pressionando ainda mais o centro e com vistas a abrir a coluna f.

21 ... h6
22.fxe5 dxe5
23.Cgf3 c5
24.Ba3 Dc7
25.Ch4 Tee8
26.Da2

A pressão aumenta a cada lance, tornando cada vez mais difícil a Reshevsky defender seus pontos fracos.

26 ... Cb6
27.dxe5 Txe5
28.Bxf7+ Dxf7
29.Dxf7+ Rxf7
30.Txb6 Cd7
31.Tb5 Ba6?

Perdendo imediatamente. Oferece mais resistência 31...Tee8.

32.Tf1+ 1-0

A seqüência ganhadora é 32...Rg8 33.Txb8 Cxb8 (ou 33...Bxf1 34.Txf8+ Cxf8 35.Rxf1) 34.Txf8+ Rxf8 35.Cg6+.

Mecking

Um pouco de sua história

Henrique Costa Mecking nasceu em 23 de janeiro de 1952, em Santa Cruz do Sul, Estado do Rio Grande do Sul.

Segundo sua mãe, Da. Maria José Costa Mecking, ele tinha de 4 a 5 anos de idade quando ela lhe deu um pequeno tabuleiro com peças de damas e xadrez.

O jogo de damas ele aprendeu rapidamente e em pouco tempo já ganhava de todos os outros garotos. Voltando o interesse para o xadrez, começa a fazer perguntas que ela responde como pode: pouco mais que o movimento das peças...

Aos 7 anos sua família transfere-se para São Lourenço do Sul, onde ele conhece João Manoel Menna Barreto, Delegado de Polícia da cidade e um apaixonado pelo xadrez, o qual, segundo suas próprias palavras, "não o ensinou a jogar, apenas orientou sua formação entre 7 e 9 anos de idade".

Quando seus pais mudam-se para Pelotas, por volta de 1960, tem oportunidade de freqüentar um ótimo clube de xadrez e jogar com pessoas de nível muito alto.

Nessa época, estuda junto com Dirk Dagobert van Riemsdijk duas horas por dia, durante um ano. Uma observação de Dirk, "No aspecto competitivo, seu estilo era muito conservador. Não se encontra em suas partidas qualquer sacrifício especulativo, tudo se baseia no cálculo concreto. Ele era muito seguro, não se arriscava de maneira alguma, porque a derrota lhe pesava muito em termos emocionais".

Conhece também Carlos Rodrigues Peixoto, tricampeão gaúcho e vice-campeão brasileiro, que conta: “Quando ele veio jogar aqui, tinha que vencer todos os jogadores de Pelotas. Seu maior desafio na ocasião era me passar para trás, o que era difícil, porque eu era um jogador experimentado e muito teórico”. E era mesmo, chegando a assinar dez revistas especializadas, tendo tudo organizado em um fichário. Assim, nos três anos que se seguiram Mecking foi vice-campeão de Pelotas...

No ano de 1964, com 12 anos, vence o campeonato pelotense e o do Rio Grande do Sul. Em 1965, para assombro geral, ganha o campeonato brasileiro absoluto, com dois pontos à frente do segundo colocado, título que conquista novamente em 1967 (foram as duas únicas vezes em que disputou).

Aos dezoito anos, aprovado no exame vestibular da Universidade do Rio Grande do Sul, inicia o curso de Física, o qual logo abandona, porque sua grande vocação é o xadrez.

Conquista o título de mestre internacional aos 15 anos de idade e o de grande mestre aos 20, tendo sido o primeiro jogador brasileiro a realizar tal feito. Representou o Brasil nas olimpíadas de Lugano, 1968 e Nice, 1974.

Fora as já citadas, suas principais conquistas foram:

Campeão sul-americano absoluto em 1966 e 1972.

Campeão do Interzonal da FIDE, Petrópolis, 1973.

Campeão do Interzonal da FIDE, Manila (Filipinas), 1976.

Campeão do Torneio El Tiempo – Ecopetrol, Bogotá (Colômbia), 1970.

Campeão do Bora Kostic Memorial, Vrsac (Iugoslávia), 1971.

Em 1978, chegou à posição de terceiro melhor enxadrista do mundo, com 2.635 pontos, abaixo apenas de Karpov e Korchnoi.

No ano de 1977, um ou dois meses após perder (por 6,5 a 5,5) o match do torneio de candidatos para Lev Polugaievsky, começou a ter problemas de saúde, os quais foram diagnosticados nos Estados Unidos como *miasthenia gravis*, uma doença rara cujo sintoma mais evidente é a fraqueza progressiva da musculatura.

A partir do fim de 1979, começa a melhorar (segundo ele, através das orações da Renovação Carismática da Igreja Católica), tornando-se muito religioso, sem ter, contudo, deixado o xadrez.

Seu retorno oficial aos tabuleiros ocorre apenas em 1991, quando enfrenta o grande mestre Pedrag Nikolic num match realizado em São Paulo. No ano seguinte também joga com outro enxadrista da elite mundial, o GM Yasser Seirawan.

Disputa pouquíssimas competições até 1995, chegando a deixar de participar de torneios. No ano de 2000 joga um match com o GM Giovanni Vescovi, na época campeão brasileiro.

Na Olimpíada de Bled 2002 termina invicto e obtém a melhor performance entre os brasileiros.

Em 2003, no Paulista Interclubes, tem destacada atuação e sua equipe sagra-se campeã da 1ª divisão, que contou com a presença de inúmeros grandes mestres e mestres internacionais.

Morando há vários anos em Taubaté, interior de São Paulo, continua a se dedicar ao xadrez e à religião, os dois principais pilares de sua vida!

Sistema Pirc/Robatsch



1.e4 d6

Histórico

Apesar de ser conhecida desde os primeiros anos da teoria enxadrística, era pouco empregada pelos jogadores, provavelmente devido a seu caráter restritivo.

Apenas os mestres considerados “rebeldes” às partidas convencionais a adotavam ocasionalmente. Poderíamos citar: Staunton, Charousek, Mongredien e sobretudo Louis Paulsen, que praticamente foi o único a compreender sua verdadeira idéia estratégica e a assentar princípios válidos até aos dias de hoje.

Somente a partir da segunda metade do século passado é que o movimento 1...d6 saiu do esquecimento, começando a aparecer sistemas coerentes elaborados pelo húngaro Antal, o iugoslavo Pirc, os soviéticos Ufimtsev e Kotov, além do austríaco Robatsch.

Em função dos estudos desses jogadores, hoje temos vários nomes para essa defesa (com pequenas variações em cada uma delas): na Hungria chama-se Defesa Antal, Defesa Ufimtsev na antiga União Soviética e Sistema Pirc/Robatsch no resto do mundo.

De cunho hipermoderno, a forma clássica de jogá-la é através de ...d6, seguido de ...Cf6. Modernamente usa-se com frequência 1...g6, entrando, por inversão de

lances, no sistema que ora estudamos.

Na biografia dos seguintes enxadristas encontramos partidas com a Pirc/Robatsch: Botvinnik, Smyslov, Bronstein, Parma, Ivkov, Hübner, Gipslis, Hort, Gufeld, Benko, Nona Gaprindashvili, Gurgenidze, Penrose, Keene, Suttles, Pelikan e mais recentemente Svidler. Entre os brasileiros, podemos citar o ex-campeão nacional Aron Corrêa e o tetracampeão mineiro João Bosco Ladeira.

Especialista: Svidler

Dados biográficos

Peter Svidler é um dos mais jovens e expressivos grandes mestres da atualidade. Nascido em 1976 na Rússia, realizou, no ano de 1994, a tríplice proeza de vencer o Campeonato Russo, o Aberto de Linares (Espanha) e tornar-se grande mestre.

Em 1995 dividiu a primeira colocação no Campeonato Russo, São Petersburgo e Novisibirsk. No ano de 1997 foi campeão em Elista, compartilhando o primeiro prêmio também em Torshaven e Tilburg. Profundo conhecedor do Sistema Pirc/Robatsch, Svidler tem-no utilizado em alguns de seus mais importantes confrontos, sendo suas partidas um excelente meio para a compreensão das idéias estratégicas e possibilidades táticas do mesmo.

Variantes

Depois de 1.e4 d6, as duas principais variações são:

• **Sistema Clássico: 1.e4 d6 2.d4 g6 3.Cc3 Bg7 4.Cf3 Cf6 5.Be2**

É um método eminentemente posicional, no qual o branco contenta-se em conseguir boas casas para suas pe-

ças e rocar rapidamente, obtendo o controle do centro e vantagem de espaço.

Seus partidários mais ilustres são dois ex-campeões mundiais: Boris Spassky e Anatoly Karpov.

• **Ataque Austríaco: 1.e4 d6 2.d4 Cf6 3.Cc3 g6 4.f4**

Uma das mais populares linhas à disposição do branco. Apareceu inicialmente na partida Tarrasch-Charousek, em Nuremberg 1896 (vencida pelo primeiro em apenas 17 lances), tendo sido desenvolvida posteriormente pelos mestres austríacos Hans Haberditz, Hans Müller e Ernst Grünfeld.

Branças

Nos primeiros movimentos tem-se a impressão de que saem com grande superioridade na abertura, uma vez que obtêm vantagem de espaço e melhor coordenação das peças.

Porém, não é bem assim. Devem ficar atentas aos contra-ataques do adversário, uma vez que seus peões centrais estão expostos e o bispo de *g7* preto muito bem colocado.

Seus objetivos básicos devem ser: atacar pelas colunas *f* e *h* quando possível; paralisar o avanço dos peões adversários na ala da dama; trocar os bispos de casas pretas e explorar as possíveis debilidades dessas casas; utilizar o ponto *e4* como base de operações.

Pretas

Quem quiser empregá-lo deve estar ciente de que a base estratégica é o contra-ataque. Assim, seu condutor não deve procurar o equilíbrio, mas jogar para ganhar. É importante que tenha um bom controle dos nervos, facilidade para o cálculo de variantes e que maneje bem as posições restringidas.

Alguns princípios para se ter em conta: atacar o centro branco com ...*c5*, ...*e5* ou ...*f5*; mobilizar os peões do flanco dama com ...*a6*, seguido de ...*b5*, ou então ...*c6* e

também ...*c5*; procurar aumentar o raio de ação do bispo de *g7*; se o jogo fechar (o que ocorre com certa frequência), dar prioridade ao uso dos cavalos.

Observar também que, uma vez que a estrutura do Sistema Pirc/Robatsch assemelha-se muito à da Defesa Índia do Rei, é possível preparar um ataque pelas colunas *f* ou *g*, caso elas venham a abrir-se.

Partida 37

ADAMS, M - SVIDLER, P

GRONINGEN (HOLANDA), 1995 [B08]

**1.e4 d6
2.d4**

Aproveitando para pôr dois peões no centro do tabuleiro.

**2... Cf6
3.Cc3 g6
4.Be3 a6?!**

Mais natural aqui era 4...*Cbd7*. Com 4...*c6* 5.*Dd2* entra-se no conhecido Ataque 150.

5.Cf3 Bg7

Se se intenta um ataque lateral mediante 5...*b5*, o branco obtém vantagem através de 6.*e5*.

6.Dd2 0-0

De novo o lance 6...*b5* é inferior. Desta feita teria sido frustrado com 7.*Bh6 Bxh6* 8.*Dxh6 b4* 9.*Cd5*.

**7.Bh6 Bg4
8.0-0-0 Bxf3**

Com este lance o destino de ambos os contendores fica traçado: as brancas tentarão usar a coluna aberta *g*, e por extensão toda a ala do rei, para passar suas peças ao ataque; já as pretas confiam em um final de partida, onde pela estrutura mais balanceada de seus peões, terão melhores possibilidades que o rival.

9.gxf3 Cbd7
10.Bxg7 Rxg7
11.f4 e6

As pretas se mexem para buscar contra-jogo, do contrário terão de adotar uma defesa passiva na ala do rei.

12.h4

Quiçá fosse mais preciso aqui *12.e5!*, e depois *13.h4*.

12 ... d5

Se *12...h5*, então *13.f5*.

13.e5 Cg8
14.h5 f5
15.De3 Ce7
16.Ce2!

A primeira vista é para dar sustentação ao peão de *d4*, que será atacado em breve. Mas na realidade esse cavalo tem um futuro brilhante: pressionar a casa *e6!* Isso mesmo... com a manobra *Ce2-g1-f3-g5* ele atacaria esse ponto fraco no campo inimigo.

16 ... Tc8
17.Th4?!

Deixando de melhorar a posição branca, ao não fazer a manobra apontada anteriormente com o cavalo.

17 ... c5
18.Dh3 Th8
19.Bg2 Cc6
20.Th1

O grande mestre inglês poderia ter feito *20.hxg6*, quando uma possível continuação seria *20...hxg6 21.Txh8 Dxb8 22.Dg3 Cxd4 23.Cxd4 cxd4 24.Th1 Dd8 25.Dh2 Cf8!?*, com jogo complicado.

20 ... g5!

Movimento fino, fechando uma importante linha de ataque que existia sobre o rei.



Posição após 20...g5!

21.h6+

Para *21.fxg5 Dxc5+ 22.f4 De7 23.Bxd5 exd5 24.Cg3 (24.Dxf5? Thf8 25.Tg1+ Rh8 e vencem) 24...Thf8 25.Cxf5+ Txf5 26.Dxf5 Cxd4 27.Dg4+ Rh8* e a posição fica confusa.

21 ... Rf8
22.Th5

Se fizermos um *check-up* nos peões brancos veremos que desde a dobradura em *f3* no oitavo lance eles ficaram mais "doentes". A má distribuição pelo tabuleiro dos peões de *f2*, *f4* e *h6* causarão ainda uma grande dor de cabeça ao primeiro jogador.

23 ... g4
23.Da3 Da5!

Mais preciso que *23...De7*, pois pretende trocar as damas e passar a um final de jogo superior.

24.Dxa5 Cxa5
25.dxc5?

Enfraquecendo ainda mais a estrutura de peões.

25 ... Cxc5
26.Td1

Naturalmente, não se aplica aqui *26.b4* por *26...Cd3+*, explorando a cravada para tomar o peão.

26 ... Cc6
27.c4!?

Apesar de arriscado, tem o mérito de tentar abrir a posição.

27 ... dxc4
28.Bxc6 Cd3+!

O direto *28...bxc6* seria respondido com *29.Td4*, obtendo contra-jogo. Com o xeque do cavalo, a torre em *d1* ficará passiva.

29.Rd2 bxc6

Não é ruim *29...Txc6*.

30.Re3 Re7
31.Tg5 Thg8
32.Txg8 Txg8
33.b3 c5
34.Th1 Td8
35.Td1 cxb3
36.axb3 Cxf4!

Decidindo a luta mais rapidamente, por meio da tática!

37.Txd8 Cg2+
38.Rd3 Rxd8
39.Rc4 f4
40.Rxc5 g3
41.f3 Rc7
42.Rd4 Ch4
43.Re4 Cg6 0-1

Partida 38
FISCHER,B- BENKO,P
ESTADOS UNIDOS, 1963 [B09]

1.e4 g6
2.d4 Bg7
3.Cc3 d6
4.f4

Fischer adota o Ataque Austríaco, um dos mais agudos meios de combater o Sistema Pirc/Robatsch. A idéia é utilizar o peão *f* para dar apoio ao avanço a *e5*, lançando uma forte ofensiva no centro e concomitantemente ao rei adversário.

4 ... Cf6
5.Cf3 0-0

Caindo, por inversão de lances, na defesa estudada.

6.Bd3

O bispo ocupa aqui uma função mais ativa que em *e2*. Desde *d3*, protege o ponto *e4* e evita algumas ameaças táticas à base de *...c5* e *...Da5*. Além do mais, deixa livre a casa *e2* para a dama, ou para uma possível manobra do cavalo de *c3*.

6 ... Bg4?!

O lance de Benko visa tirar a sustentação do peão de *d4* para pressioná-lo posteriormente com *...Cc6*, seguido de *...Cd7* (liberando a diagonal para o ataque do bispo sobre o ponto *d4*), como se faz em algumas posições da Índia do Rei. O problema é que para isso tem que abrir mão do par de bispos.

7.h3 Bxf3
8.Dxf3 Cc6
9.Be3 e5

Outra alternativa é *9...Cd7*, aumentando a pressão sobre *d4*.

10.dxe5

Melhor que *10.fxe5 dxe5 11.d5 Cd4 12.Df2 c6!*

10 ... dxe5
11.f5

Ameaçando jogar *g4* e ficar com grande superioridade.

11 ... gxf5?

Tem o problema de enfraquecer sobremaneira o roque. Parece melhor *11...Cd4*.

12.Dxf5

Para *12.exf5 e4!* e as negras têm contra-jogo.

12 ... Cd4

Segundo análises do próprio Fischer na época, Benko deveria ter jogado o mais seguro *12...Dd7*.

13.Df2 Ce8
14.0-0 Cd6
15.Dg3

Mantendo a iniciativa.

15 ... Rh8

A jogada *15...f5* daria ao branco um final superior, mas difícil de conduzir.

16.Dg4

Impedindo *16...f5*.

16 ... c6

Passivo. Melhor teria sido *16...c5*.

17.Dh5

Com a ameaça de *18.Bxd4 exd4 19.e5*.

17 ... De8?

Era fundamental agora *17...Ce6* ou *17...c5*.

18.Bxd4 exd4
19.Tf6!!



Posição após 19.Tf6!!

A jogada intermediária que Benko certamente não previu!

19 ... Rg8

Forçado. Tanto *19...dxc3* como *19...Bxf6* levariam *20.e5*, com mate inevitável.

20.e5 h6
21.Ce2! Abandonam

Não há defesa satisfatória. Se *21...Cb5*, o branco responde *22.Df5* e para *21...Bxf6 22.Dxh6*, forçando o mate.

Partida jogada no Campeonato dos Estados Unidos de 1963/64 e que ajudou a aumentar o mito sobre Bobby Fischer. O genial enxadrista norte-americano conquistou o título com 100% de aproveitamento, ganhando as 11 partidas em disputa!

Leve-se em conta que, além de Benko, participavam do certame os grandes mestres Larry Evans, Samuel Reshevsky, Robert Byrne e outros fortes enxadristas.

* * * * *

A partida a seguir, eleita prêmio de beleza, foi jogada em 1998, na tradicional Taça Brasília Clube de Xadrez, competição fechada realizada anualmente pelos dinâmicos dirigentes daquela entidade.

As brancas são conduzidas por Marcos Silveira, jogador de estilo agressivo e que sempre busca em seus jogos posições ricas em possibilidades táticas. Seu adversário é o mestre internacional Sandro Heleno Trindade, que em sua época de juvenil conquistou o campeonato pan-americano da categoria.

Partida 39
SILVEIRA, M - TRINDADE, S
BRASÍLIA, 1998 [B06]

1.e4 g6
2.d4 Bg7
3.f4

Fiel ao seu estilo tático, Marcos Silveira utiliza uma linha aguda que primará pelas jogadas de ataque, onde dificilmente o resultado será um empate.

3 ... d5

Entrando em posições da Defesa Moderna, que tem origem comum com o Sistema Pirc/Robatsch.

4.e5

Apesar de limitar a ação do bispo de g7, o peão em e5 deixa débil a casa f5, que poderá ser ocupada de forma eficaz pelo cavalo de g8, através da manobra Cg8-h6-f5.

4 ... h5

Para o cavalo não ser molestado por g4, quando vier a ocupar a casa f5.

5.c4 c6
6.Cc3 dxc4
7.Bxc4 Ch6
8.Cf3 Bg4

A cravada em g4 enfraquece a casa d4 do branco.

9.0-0 b5
10.Bb3 e6
11.h3 Bxf3
12.Dxf3!

Deixando o peão de d4 à mercê do negro.

12 ... a6

Naturalmente, a tomada em d4 é muito perigosa, já que depois de Be3 a iniciativa branca compensa sobremaneira o peão sacrificado.

13.Td1 Ta7
14.Be3 Tc7

Vemos que, ao final da fase de abertura, as pretas têm suas peças colocadas de forma pouco harmônica.

15.a4 Cf5
16.axb5 axb5
17.Ce4

Os dois lados têm muitos pontos débeis, o que favorece às brancas, cujas peças estão melhor posicionadas.

17 ... h4
18.Cc5 Cd7
19.Bxe6!



Posição depois de 19.Bxe6!

O parco desenvolvimento negro e a exposição do seu rei justificam plenamente esse sacrifício.

19 ... fxe6
20.Cxe6 Dc8
21.Ta8!

Aproveitando um tema tático.

21 ... Cb8
22.d5!

Para abrir a coluna d e aumentar seus efetivos no ataque.

22 ... cxd5
23.Dxd5 Cxe3
24.Cxc7+ Dxc7
25.De6+ Rf8
26.Ta7! 1-0

Defesa Alekhine



1.e4 Cf6

Histórico

No ano de 1921, em Budapeste, o futuro campeão mundial Alexander Alekhine causou sensação ao responder 1.e4 com 1...Cf6 e vencer seu forte adversário, o húngaro Steiner.

Evidentemente, a seqüência 1.e4 Cf6 já havia tido outros antecedentes, por exemplo: nas duas partidas entre Adolf Anderssen e Pearson, no ano de 1863, em Londres; em jogos do mestre alemão Ludwig Fischer; nas citações do livro sobre aberturas *Lehrbuch*, de Allgaier, publicado em 1811.

Entretanto, o nome que se firmou à defesa foi o de Alekhine, sendo a idéia logo adotada por quase todos os mestres de então, como Tarrasch, Capablanca, Réti, Lasker, Rubinstein e outros.

Por sua originalidade estratégica, ela trouxe uma grande euforia no terreno teórico, uma vez que, contra as regras básicas de desenvolvimento, aparentemente imutáveis, o condutor das pretas perde vários tempos, em troca da debilidade na formação dos peões centrais do adversário.

Logo depois da Segunda Guerra Mundial, com o interesse despertado pela Defesa Siciliana, a Alekhine foi temporariamente esquecida.

Graças, porém, aos esforços de diversos grandes mestres, tanto na parte analítica como na prática, ela continua mantendo-se como uma interessante opção para as pretas.

No Brasil, os mestres internacionais Alexandr Fier e Alexandru Segal; os mestres da FIDE André Diamant, Leomar Borges e Ricardo Teixeira; e os grandes mestres Gilberto Milos, Darcy Lima e Rafael Leitão são alguns de seus partidários.

Criador: Alekhine

Um pouco de sua história

Alexander Alexandrovich Alekhine foi um dos grandes mestres mais originais e taticamente mais brilhantes de todos os tempos, e muito provavelmente o mais dedicado ao xadrez.

Sua maior força residia nas jogadas táticas lógicas, porém ousadas, tendo a sede de vitórias que caracteriza os grandes jogadores.

Nascido em Moscou, no dia 1º de novembro de 1892, no seio de uma família rica e aristocrata, aprendeu a jogar xadrez muito cedo. Teve, contudo, que desenvolver seu talento através do xadrez postal, juntamente com seu irmão mais velho, Aleksei, porque naquela época não era permitido a garotos freqüentar os clubes de xadrez.

Alekhine não foi um prodígio como Morphy e Capablanca, mas seu desempenho evoluiu rapidamente durante a adolescência, tendo conquistado o título de mestre internacional aos 16 anos e o de grande mestre aos 22 anos de idade.

Logo após a Revolução Russa de 1917, emigrou para a França. Já graduado em leis desde 1914, doutorou-se na Faculdade de Direito da Universidade de

Paris. No ano de 1929 naturalizou-se francês.

Sua primeira grande exibição ocorreu em 1914, quando obteve a terceira colocação no torneio de São Petersburgo, Rússia, ficando atrás apenas de Lasker e Capablanca. Foi nessa época que começou a pensar seriamente em tornar-se campeão do mundo.

A deflagração da Primeira Guerra Mundial, em 1914, interrompeu seus planos, mas no ano de 1927, em Buenos Aires, contra todas as expectativas, venceu o até então imbatível José Raul Capablanca, tornando-se o quarto campeão mundial da história.

Defendeu seu título com facilidade em 1929 e 1934, contra seu compatriota Bogoljubov. Em 1935, o holandês Max Euwe arrebatou-lhe o cetro temporariamente, mas Alekhine recuperou-o em um match-revanche dois anos depois.

Reteve a coroa de campeão mundial até sua morte, ocorrida em Lisboa, aos 24 de março de 1946, quando se preparava para enfrentar um novo desafiante, o grande teórico Mikhail Botvinnik.

Alekhine jogou 87 torneios em sua vida, vencendo 62 deles. Também se destacou no jogo às cegas, sendo que na Feira Mundial de Chicago, em 1932, jogou 32 partidas simultâneas.

Escreveu os seguintes livros: *My Best Games of Chess (1908-23)*, *The Book of the New York International Chess Tournament 1924*, *My Best Games of Chess (1924-37)*, *World's Chess Championship*, em 1937, *Ajedrez Hipermoderno*, traduzido para o espanhol em 1945, além de *Chess Legate* (cujo título em espanhol é ¡Legado!).

Todos aqueles que querem aprender xadrez, em especial os jogadores de estilo tático, encontram neles enormes subsídios.

Variantes

A partir de **1.e4 Cf6** as principais variações são:

• Variante Moderna: 1.e4 Cf6 2.e5 Cd5 3.d4 d6 4.Cf3

As brancas apóiam o posto avançado e5 e desenvolvem suas peças na ala do rei, mantendo em aberto o lance c4, que pode ser efetuado em momento oportuno.

As pretas, por sua vez, têm que eleger um plano adequado para pressionar o peão de e5, cuidando para que o desenvolvimento de suas forças gire em torno dessa idéia básica.

No quarto movimento temos uma grande divisão: 4...g6 (para atacar o ponto e5 diretamente), ou 4...Bg4 (pressão indireta).

• Ataque dos Quatro Peões: 1.e4 Cf6 2.e5 Cd5 3.c4 Cb6 4.d4 d6 5.f4

Apesar de sua aparência agressiva, essa variante é extremamente posicional. As brancas lutam para manter sua vantagem de espaço e as negras para sair de sua posição restringida.

• Ataque dos Dois Peões: 1.e4 Cf6 2.e5 Cd5 3.c4 Cb6 4.c5 Cd5

Também chamado de Ataque Lasker, esse avanço a c5 objetiva evitar as rupturas à base de ...c5 e ...d5. Como compensação, as pretas têm a casa d5 para explorar e, a longo prazo, a possibilidade de atacar a debilitada estrutura de peões brancos.

• Variante das Trocas: 1.e4 Cf6 2.e5 Cd5 3.d4 d6 4.c4 Cb6 5.exd6

É considerada uma linha sólida porque as brancas não se expõem muito, evitando criar debilidades em sua cadeia de peões. Contentam-se com uma pequena, porém duradoura vantagem de espaço.

As pretas podem responder 5...cxd6 (desequilibrando a estrutura de peões e complicando a luta) ou 5...exd6 (mantendo a simetria).

• Sistema Escandinavo: 1.e4 Cf6 2.Cc3 d5

O branco evita as complicações da

Defesa Alekhine e acaba caindo em uma espécie de Defesa Escandinava, por inversão de jogadas.

Branças

Devem aproveitar as perdas de tempo do cavalo e formar um forte centro de peões. A seu favor está a grande vantagem de espaço, que pode transformar-se numa prolongada iniciativa e, não raras vezes, em uma vantagem material ou num ataque decisivo.

Precisam estar vigilantes à pressão que será feita ao peão avançado de *e5*, o que algumas vezes exige novos movimentos de peões, deixando casas débeis.

Se optarem pela Variante Moderna, têm um jogo menos livre e estrutura de peões mais estável. Caso optem pelo Ataque dos Quatro Peões, ou pelo Ataque dos Dois Peões, a cadeia de peões fica comprometida, mas têm a compensação de uma grande vantagem de espaço.

Outra alternativa ainda é não avançar o peão de *e5* no segundo lance (respondendo por exemplo *2.Cc3*) e entrar, por transposição de jogadas, em outras aberturas.

Pretas

Sua política é explorar o avanço do peão a *e5*, dispondo suas peças no ataque direto a ele, ou pressionando as que lhe dão sustentação. As casas débeis, pela má estrutura de peões do rival, devem ser dominadas prontamente.

É importante observar também que o cavalo, da casa *b6* aparentemente precária em que na maioria das vezes se situa, pressiona as posições centrais *c4* e *d5*. Além do mais, via *c8* ou *d7*, ele pode ser levado a outras áreas do tabuleiro.

Convém ficar atento para não abrir a posição num momento inadequado, que possa favorecer uma colocação ainda melhor às peças brancas. O segredo é sair da posição restringida na hora exata, sem comprometer o bom andamento do seu plano inicial.

Partida 40 MINIC, D - HORT, V ZAGREB (CROÁCIA), 1969 [B05]

1.e4	Cf6
2.e5	Cd5
3.d4	d6
4.Cf3	Bg4

Um antigo movimento que voltou à prática nos últimos anos. A outra alternativa é *4...g6*, que visa atacar o peão de *e5* pela diagonal.

5.Be2

É interessante *5.h3*, obrigando o bispo a uma decisão.

5...	e6
6.c4	Cb6

Apesar de ficar aparentemente fora do jogo, o cavalo desde *b6* pode apoiar futuros contragolpes.

7.exd6	cxd6
8.0-0	Be7
9.Cc3	

As brancas poderiam realizar aqui *9.h3*, dando um respiro ao rei e preparando um oportuno *g4*. Também se joga com assiduidade *9.b3*.

9...	0-0
10.b3	Cc6
11.Be3	d5

Visa definir a posição dos peões no centro. A estratégia a seguir depende do que as brancas respondem nesse momento.

12.c5

Ao fazer esse avanço, o branco define seu plano de jogo: investir na ala da dama, onde possui agora maioria de peões.

12 ... Cc8!



Posição após 12...Cc8!

A estratégia das negras basear-se-á em bombardear o débil peão de *d4*, que necessita do constante apoio de suas peças, uma vez que não tem outro peão para sustentá-lo. Jogarão em seguida *Bf6*, *C8e7-f5* com forte pressão sobre esse ponto fraco.

13.b4

Apressando-se em mobilizar a ala da dama.

13 ... a6

Não seria recomendável *13...Cxb4* por *14.Tb1*, recuperando o peão e entrando na sétima fileira.

14.Tb1 Bf6
15.a4 C8e7
16.b5 Ca5
17.Bf4

Para poder apoiar o lance seguinte do cavalo.

17 ... Cf5
18.Ce5 Bxe2
19.Cxe2 axb5
20.Txb5

A debilidade em *a4* (peão isolado em coluna aberta) faz com que busquem alguma compensação, nesse caso o domínio da coluna *b* e pressão sobre o peão de *b7*.

20 ... Ta7!
21.Cg3 Cxg3
22.Bxg3 Bxe5
23.Bxe5 Cc4

Cavalo melhor que bispo. O jogo das pretas é preferível.

24.De2 Dd7
25.h3

Não havia outra alternativa, o peão de *a4* era indefensável. Se *25.Ta1??*, então *25...Dxb5*.

25 ... Txa4

Graças ao seu plano mais consistente, o segundo jogador tem peão a mais e posição superior.

26.Tfb1 Ta7
27.T5b3 f6
28.Bf4 Te8
29.Dg4 Df7
30.Tg3 Rh8

O ataque branco dificilmente frutificará porque seu adversário não possui fraquezas sérias.

31.Tf3 h6
32.Rh2 Rh7
33.Tb4 Dg6
34.Dh4 Te7
35.Tg3 Df7
36.Tbb3 Ta2
37.Txg7+

Desespero!

37 ... Dxc7
38.Tg3 Df8
39.Dh5 Txf2
40.Dg6+ Rh8
41.Bxh6 Df7 0-1

Partida 41

KUPREICHIK, V - GIPSLIS, A
MOSCOU (RÚSSIA), 1972 [B03]

1.e4 Cf6

2.e5 Cd5
 3.d4 d6
 4.c4 Cb6
 5.f4

Essa estrutura tem o nome de Ataque dos Quatro Peões. As brancas aproveitam sua enorme vantagem de espaço para tentar sufocar as peças pretas e estas, por sua vez, buscam explorar as casas fracas deixadas pelo avanço dos peões brancos.

5 ... dxe5
 6.fxe5 Cc6
 7.Be3

Melhor que 7.Cf3, que seria imediatamente cravado pelo bispo em g4.

7 ... Bf5
 8.Cc3 e6
 9.Cf3 Be7

O lance 9...Bg4 também pode ser considerado tecnicamente correto, pois está em consonância com o plano geral, que é pressionar os peões centrais. Ao fazer 9...Be7, pretendem conseguir contra-jogo com ...0-0 e ...f6.

10.d5



Posição depois de 10.d5

Mobilizando sua massa de peões centrais. Outro plano menos agressivo é 10.Be2, tratando de conseguir uma pequena superioridade posicional.

10 ... Cb4

Trocar os peões em d5 também é indicado pelos teóricos.

11.Cd4

É melhor 11.Tc1!, preparando a3 e b4.

11 ... Bg6
 12.a3 c5!?

A jogada 12...Ca6 deixaria o cavalo fora do campo de batalha. As negras aceitam entrar nas complicações táticas.

13.Cxe6!

Abrindo linhas sobre o futuro refúgio do rei, o roque.

13 ... fxe6
 14.axb4 cxb4
 15.Ca4 Cd7?!

Era imprescindível 15...0-0, seguindo 16.Cxb6 axb6 17.Txa8 Dxa8 18.d6 Bd8 19.Be2 b3! com jogo complicado.

16.Dd4!

Dificultando as respostas do adversário.

16 ... Da5

Para 16...0-0, depois de 17.dxe6 Cb6 18.Dxd8 Tfxd8 19.Cc5 e o final é favorável às brancas.

17.d6 Bd8
 18.c5 b5
 19.b3! 0-0

Se 19...bxa4 20.Txa4 Dxc5 21.Dxc5 Cxc5 22.Bxc5 0-0 23.Bc4 com nítida superioridade.

20.Cb6

Dando continuidade às complicações.

20 ...
21.Dxa1
22.Db2

Dxa1+
axb6

Naturalmente, não seria aconselhável *22.Dxa8* pela resposta *22...Bh4+*.

22 ...
23.cxb6

Cxe5!

Caso aceitassem a oferta, poderia seguir *23.Dxe5 Bf6 24.Dxe6+ Bf7 25.Dg4 Bc3+* e o rei teria muitos problemas.

23 ...
24.Rd1
25.Bd4
26.g3
27.gxh4
28.Bxb5
29.Rc1
30.Dd2
31.Dxb4
32.Dxd4
33.Dxe3

Bh4+
Cg4
Tad8
Txd6
e5
Ce3+
exd4
Txb6
Tfb8
Txb5
Txb3

O rei branco está indefeso.

34.De6+
35.De4
36.Df5
37.Dc2
38.Df5
39.Dc2
40.Dc7
41.Dc6
42.Dc5
43.Rd2
44.Re3
45.Rf4
46.Rg5
47.Rh5

Bf7
T3b4
T4b5
Tb4
T4b5
Bb3
T5b7
Tb6
Ba4
Td8+
Te6+
Tf8+
Tg6+
Be8! 0–1

Partida 42
BORGES, J - BORGES, L
ALTINÓPOLIS, 1998 [B02]

1.e4 **Cf6**

2.Cc3

As brancas optam pela defesa do peão ao invés de avançá-lo, evitando assim a criação de debilidades.

2 ... **d5**

Pretendendo levar a partida para a Defesa Escandinava ou Francesa.

3.exd5

Outra possibilidade é *3.e5*, entrando por inversão de lances na Francesa, com *3...Cfd7 4.d4 e6 5.f4 c5 6.Cf3 Cc6 7.Be3*.

3 ... **Cxd5**
4.Cxd5?!

Uma imprecisão. Deixará a dama adversária centralizada. O mais jogado é *4.Bc4*.

4 ... **Dxd5**
5.d4

Alguns enxadristas jogam nesse momento *5.Df3*, com o intuito de trocar rapidamente as damas e entrar em posições de muita igualdade.

5 ... **Cc6**
6.Be3 **Bf5?!**

Muito melhor teria sido *6...e5*. O bispo deveria esperar para cravar o cavalo quando este fosse desenvolvido a *f3*.

7.Cf3 **0–0–0**
8.c3 **f6**

Por não ter realizado o avanço do peão a *e5* lances atrás, ele tem agora de ser preparado com *...f6*.

9.Be2 **g5?**

É importante completar o desenvolvimento das peças antes de começar uma ofensiva!

10.0–0

Parece um contra-senso rocar debaixo de uma avalanche de peões, mas, na ala da dama ou em sua casa central, o rei estaria ainda mais vulnerável.

10 ... e6



Posição após 10.Da4

11.Da4

Atacado em uma das alas, contratacar rapidamente no centro! Se isso não for possível, como nesse caso, devemos investir na ala oposta. As brancas agem acertadamente.

11 ... h5
12.b4 h4

As pretas deveriam cuidar da defesa

de seu rei, jogando 12...Rb8.

13.b5 Cb8
14.c4 Dd7
15.c5!

Melhor que 15.Dxa7. Com o lance do texto, o branco tem à sua disposição um número maior de opções no ataque.

15 ... g4
16.Cd2 g3?

Depois desse erro será impossível encontrar uma defesa viável para o segundo jogador. Era imprescindível a realização do avanço do peão a h3.

17.Bf3! c6
18.Dxa7 Bh6
19.Cc4 gxh2+
20.Rh1 1–0

As pretas, embora conduzidas pelo MF Leomar Borges, um *expert* da Defesa Alekhine e de nível técnico superior, cometeram duas sérias imprecisões: atacar sem um desenvolvimento adequado e cuidar excessivamente da ofensiva, esquecendo-se da defesa de seu rei.

Joel Cintra Borges, um dos autores desse livro, aproveitou bem as oportunidades oferecidas pelo adversário, definindo de maneira natural a partida.

Defesa Escandinava



1.e4 d5

Histórico

É a abertura semi-aberta mais antiga. Acredita-se que seja porque permite a saída prematura da dama, o que não era considerado um erro, pois nos primórdios do xadrez predominava o jogo tático, as grandes combinações, os ataques agudos ao rei, sem qualquer preparação prévia.

Ela já teve diversas denominações: “Peão da Dama Contra Peão Rei” foi seu primeiro nome oficial, depois passou a ser conhecida como “Contra-gambito do Centro”, mas só a partir do início do século XX, devido ao seu uso assíduo nos grandes eventos da Suécia, Noruega, Dinamarca e Bélgica, é que recebeu o nome de Defesa Escandinava.

Já passou por altos e baixos, sendo considerada até uma defesa inferior. No entanto, grandes jogadores têm-na utilizado com sucesso, fazendo com que se consolidasse. Entre eles: Adolf Anderssen, Marshall, Blackburne, Tartakower, Spielmann, Rubinstein, Réti, Alekhine, Tarrasch, Bronstein, Korchnoi, Larsen, Nona Gaprindashvili, Rogers e Sermek.

Na América do Sul o grande especialista é o mestre internacional argentino Guillermo Soppe. Em nosso país destacam-se o GM Giovanni Vescovi, os MIs

Rodrigo Disconzi da Silva e Vinícius Marques, o MF Chow Man Yee, além de Diniz Neves de Lima, Frederico Gazel, Lindolfo Silva e Danilo Epiácio.

Algumas posições têm similaridade com as defesas Caro-Kann, Alekhine e Nimzowich. Portanto, os interessados em jogá-la devem familiarizar-se com as possíveis transposições.

Sua dificuldade reside no fato de que as brancas assumem a iniciativa em praticamente todas as variantes, motivo porque seu uso não é muito freqüente na prática magistral.

As pretas, porém, têm encontrado diversas formas de contornar esse percalço, melhorando variantes consideradas inferiores ou críticas e dando vida nova a diversos sistemas, fazendo da Escandinava uma interessante e diferente alternativa.

Homenagem: Anderssen

Um pouco de sua história

Adolf Anderssen nasceu em Breslau, na Alemanha, no dia 6 de julho de 1818. Estudou filosofia e matemática, tornando-se professor em um instituto de ensino superior de sua cidade natal.

Aprendeu a jogar xadrez nos primeiros anos de sua vida estudantil, mas, sua força de jogo desenvolveu-se devagar. Para seus compatriotas e outros grandes jogadores da época, Anderssen foi uma revelação, ao sagrar-se campeão do primeiro torneio de mestres do mundo, ocorrido na Inglaterra, durante a Grande Exposição de Londres em 1851.

Além desse evento, considerado o início da era moderna do xadrez, ganhou outros importantes, em especial Londres 1862 e Baden-Baden 1870. De estilo combinatório, produziu várias partidas de

grande beleza, verdadeiras jóias do xadrez.

Apesar de ser o mais destacado jogador tático de sua época (e um dos maiores de todos os tempos), suas partidas deram grande amadurecimento para o jogo posicional que viria em seguida.

Foi o primeiro dos mestres antigos a utilizar a Defesa Escandinava em jogos oficiais, residindo aí sua grande contribuição para a popularização da mesma. Jogou-a em seu match com Paul Morphy, realizado em Paris no ano de 1858, para tentar combater o jogo posicional deste.

Seu falecimento, no dia 13 de março de 1879, foi considerado uma grande perda para a mais alta e mais fina arte enxadrística, na qual se revelava, então, o astro máximo.

Variantes

• Variante Antiga: 1.e4 d5 2.exd5 Dxd5

• Variante Marshall: 1.e4 d5 2.exd5 Cf6

Branças

Na Variante Antiga, o melhor é explorar a saída prematura da dama, bem como a carência de pontos de apoio das pretas no centro.

Assim, devem desenvolver suas peças ganhando tempos em cima da dama adversária, o que lhes permite assumir a iniciativa por um bom tempo, com chances de chegar ao meio-jogo em posição superior. Na Variante Marshall, sugerida por Johannes Metger e popularizada por Frank Marshall, as brancas têm duas opções:

• Jogar 3.Cc3 ou 3.d4, devolvendo o peão e simplesmente continuando a mobilizar suas peças, na expectativa de conseguir uma pequena vantagem no centro;

• Fazer 3.Bb5+ ou 3.c4, lutando para permanecer com o peão extra.

Caso optem por 3.d4 (a linha mais estudada e praticada atualmente), constroem um forte centro de peões, sempre com ganho de tempos.

Em um ou outro sistema, podem fa-

zer o roque pequeno e ocupar com sua torre do rei a coluna e semi-aberta.

Alguns jogadores optam por fazer uma expansão na ala do rei e rocar grande, plano esse que imprime um caráter dinâmico à luta, exigindo de ambos os jogadores lances precisos e incisivos, porque a partida tomará rumos acentuadamente combinatórios.

Pretas

Retomar o peão com a dama (Variante Antiga) reflete o tema da defesa: as pretas desejam criar um rápido contra-jogo no centro, evitando sua ocupação pelos peões brancos. Visam, também, dar um jogo ativo às suas peças, especialmente ao bispo de casas brancas.

Após sofrer o ataque do cavalo branco em c3, a dama deve retirar-se para a casa a5 (excepcionalmente para d6 ou d8), onde já estará desenvolvida, exercendo pressão no centro e na diagonal a5-e1.

Na Variante Marshall, a idéia é um pouco diferente: o objetivo das pretas é retomar o peão de d5 com o cavalo, evitando perder tempos com a dama.

Caso as brancas avancem seus peões a c4 e d4, o segundo jogador deve dispor suas peças para atacar o centro branco, que estará vulnerável.

Para isso, podem fazer o fianqueto na ala do rei, ficando com um bispo bastante ativo. É possível, também, tentar romper o centro através de ...c5, ou ...e5, que é o mais comum.

A escolha entre roque grande ou pequeno, em qualquer das variantes, gira em torno das necessidades da luta, mas é sempre interessante ocupar rapidamente a coluna d semi-aberta com a torre.

Partida 43

ALEXANDRIA, N - GPRINDASHVILI, N
TBILISSI (GEÓRGIA), 1975 [B01]

1.e4

d5

A Escandinava é uma das defesas favoritas da ex-campeã mundial.

2.exd5 Cf6

Com a intenção de recuperar o peão com o cavalo, para não ter que sair com a dama prematuramente.

3.Bb5+

Visa obstruir a dama no ataque ao peão branco em *d5*. Uma outra alternativa para tentar ficar com o peão é *3.c4*.

3 ... Bd7

A resposta mais comum. Nesse momento, para *3...c6?!* as pretas não dispõem de suficiente compensação pelo peão sacrificado, enquanto que *3...Cbd7* pretende evitar a troca dos bispos e obter um ativo desenvolvimento pelo peão de menos. Essa linha, no entanto, apesar de não estar refutada, é pouco encontrada na prática.

4.Bc4!? Bg4

Deixando livre a casa *d7* para a manobra *Cbd7-b6*, recuperando o peão. Digno de análise é *4...b5*.

5.f3 Bf5

É bastante jogado também *5...Bc8*.

6.g4!?

Para restringir a ação do bispo, tirando-o da incômoda diagonal *b1-h7*.

6 ... Bc8

A resposta natural *6...Bg6* não é recomendável, pois daria ao branco tema de ataque na ala do rei. Ao se retirar para *c8* o bispo está em uma casa segura, já tendo cumprido o seu papel de debilitar a ala do rei do adversário.

7.Cc3 c6

Um dos princípios básicos da Escandinava é ceder material em troca de desenvolvimento.

8.dxc6 Cxc6
9.d3 e5

Lance importante. Torna muito improvável o movimento liberador branco *d4* e coloca o peão em uma casa do centro, o que implica em vantagem de espaço.

10.g5

Desalojando o cavalo de sua privilegiada casa.

10 ... Ch5
11.Ce4

Para proteger o peão de *g5* que será imediatamente atacado pelo bispo.

11 ... Be7
12.Ce2

Pelo peão a mais, a posição branca ficou toda deteriorada, vendo-se claramente a dificuldade de desenvolvimento de suas peças.

12 ... 0-0
13.c3

Liberando a diagonal *a4-d1* para a dama e almejando realizar em algum momento *d4*.

13 ... Ca5
14.Be3

A tentativa de não ceder o par de bispos, por meio de *14.Bb5*, seria respondida com *14...Db6* e as casas pretas da diagonal *a7-g1* ficariam muito fracas.

14 ... Cxc4
15.dxc4

Triste necessidade. O peão dobrado será uma debilidade permanente.

15 ... Dc7
16.b3 Bh3
17.Tg1 Tad8

18.Dc2 Rh8
19.Td1?!

Era fundamental *19.Bd2* para fazer o roque e colocar o rei em segurança.

19 ... Txd1+
20.Rxd1 Dd7+!

Transferindo a dama para a ala do rei adversário, que está fraca.

21.Rc1 Df5
22.Cd2 Ba3+
23.Rb1

Observar que foram gastos muitos tempos para deixar o rei protegido.

23 ... Td8!
24.Cg3

Com as peças sem coordenação, a posição branca desmoronará em pouco tempo.

24 ... Cxg3
25.Txg3 b6!

Protege o peão e prepara *26...Bc5*.

26.Tg1?

Tentativa inconsistente de ativar a torre.

26 ... Bc5!



Posição depois de 26...Bc5!

27.Bxc5 Txd2
28.Dxf5

As brancas já poderiam abandonar.

28 ... Bxf5+
29.Rc1 Tc2+
30.Rd1 bxc5
31.Te1 f6
32.f4 Txa2
33.gxf6 gxf6 0-1

Pelo peão a mais na abertura, as brancas comprometeram toda a sua posição, criando debilidades e desenvolvendo de maneira inadequada as suas peças.

Partida 44
KARPOV,A - ROGERS,I
BATH (INGLATERRA), 1983 [B01]

1.e4 d5
2.exd5 Dxd5

A continuação clássica.

3.Cc3

Uma alternativa interessante é *3.d4* e posteriormente atacar a dama com *c4*, ficando com o domínio das casas centrais. Por outro lado, os peões avançados tornam-se alvo constante de ataque.

3 ... Da5

Considerada a melhor casa para a retirada da dama. Em algumas partidas vemos *3...Dd8*, bem como *3...Dd6*, mas são movimentos pouco usados na prática magistral.

4.d4 Cf6

Também se joga com frequência *4...c6* e *4...Cc6*.

5.Cf3

O branco segue desenvolvendo suas peças naturalmente.

5 ... Bg4

Em *g4* o bispo está bem posicionado, pois crava o cavalo e pressiona indiretamente o ponto *d4*, já que as pretas planejam ...*Cc6* e ...*O-O-O*. Mas o branco agora pode fazer uma expansão na ala do rei, mediante o ataque ao bispo.

6.h3

Pedindo explicações ao bispo, que precisa abandonar o domínio da diagonal *c8-h3*.

6 ... Bh5

Tomar o cavalo é duvidoso, porque além do par de bispos as brancas ganhariam um tempo, o que em jogo aberto é importantíssimo.

7.g4!?

As brancas aproveitam para ganhar tempos em cima do bispo. Avanços dessa natureza podem, contudo, tornar-se debilidades no futuro.

7 ... Bg6
8.Ce5

O cavalo se instala em um posto avançado.

8 ... e6
9.h4!

Criando dificuldades para o bispo e preparando um trunfo.

9 ... Bb4
10.Th3

Essa era realmente a intenção do lance anterior, ou seja, liberar a casa *h3* para a torre.

10 ... c6

Movimento muito freqüente na

Escandinava. Tem por objetivo principal dar casas de fuga à dama caso ela seja atacada, e em algumas posições impedir a ruptura em *d5*.

11.Bd2 Db6

Atacando o peão de *d4* que está indefeso.

12.h5 Be4
13.Te3!



Posição depois de 13.Te3!

Lance tático que dá vantagem ao primeiro jogador. Agora, se *13...Dxd4* seguiria *14.g5!* e depois de terminadas as complicações as brancas estariam melhores.

13 ... Bxc3
14.Bxc3 Bd5

Finalmente o bispo tem um pouco de sossego, já que até agora foi alvo de constantes ataques. Só que essa segurança é aparente, como mostra a seqüência da partida.

15.g5

Desalojando o cavalo para a dama ocupar a casa *g4*. Uma outra possibilidade é *15.Bd3*, tornando a idéia de *g5* mais segura.

15 ... Ce4

O cavalo busca permanecer no cen-

tro, mas faltam-lhe pontos de sustentação. Sendo uma peça lenta, necessita de constante apoio, especialmente por parte dos peões.

16.Dg4 **Cd6?**

Correto seria *16...Cxc3*, com a possível continuação *17.bxc3 Bxa2! 18.g6!* e jogo confuso. Rogers prefere um lance mais calmo, evitando entrar em complicações táticas. A seqüência da partida, porém, mostra que era imprescindível atacar.

17.0-0-0 **Cd7**
18.Be1!

Deixando livre a terceira fileira para a ação da torre.

18 ... **Cxe5**

É mau *18...Bxa2* por *19.Ta3*, atacando o bispo e ameaçando ganhar a dama com *Ba5*.

19.dxe5 **Cf5**
20.Th3 **0-0-0?**

De qualquer forma as pretas perderiam uma peça. Se *20...c5* (para tirar o bispo), então *21.Txd5 exd5 22.Dxf5*. Nota-se que a última chance real que as pretas tiveram de continuar com chances foi no lance 16, jogando *...Cxc3*. A partir daí sua posição piorou rapidamente, até ficar insustentável.

21.c4 **Dc5**

O grande mestre australiano tenta complicar a partida. Mas Karpov é preciso e contundente!

22.b4! **Bf3**
23.Txd8+ **Txd8**
24.Dxf3 **Dxe5**
25.Bc3 **Dd6**
26.Bd3 **Cd4**
27.Dxf7 **Cf5**

28.Bxf5 **Df4+**
29.Te3 **1-0**

Partida 45

SANTOS, MARCUS VINÍCIUS - EPITÁCIO, D
JUNDIAÍ/SP, 2000 [B01]

1.e4 **d5**
2.exd5 **Cf6**
3.d4 **Cxd5**
4.Cf3 **Bg4**
5.c4

O mais jogado pelas pretas aqui é *5...Cb6*, com idéia de *g6* e *Bg7*, preparando um futuro ataque central. Mas...

5 ... **Cf6!?**



Posição após 5...Cf6!?

Lance interessante. Esse retorno do cavalo a *f6* tem como objetivo continuar pressionando o centro e a ala do rei, além de um plano de desenvolvimento sincronizado com *...Bg4* e o movimento dos peões a *...e6* e *...c6*, seguido de *...0-0* e *...Cbd7*. Essa estrutura dificulta o ataque direto das brancas, sendo muito comuns as trocas de peças, levando geralmente a um final de torres e peões.

6.Be3 **e6**
7.Be2 **c6**
8.0-0 **Be7**
9.Cc3 **0-0**
10.Ce5 **Bxe2**

Cumprindo sua função no plano das pretas, ou seja, a troca pelo bispo contrá-

rio. Caso as brancas tivessem jogado *10.h3*, ele simplesmente recuaria para *h5*.

11.Dxe2 Cbd7
12.f4

Jogada forte, que inicia um promissor ataque na ala do rei. As negras precisam contra-atacar rapidamente no centro.

12 ... c5!
13.Cxd7 Cxd7
14.d5

Para impedir a troca do peão central pelo lateral, visto que *dxç5* ou *...çxd4* levaria a uma partida de muita igualdade.

14 ... exd5
15.Cxd5

O movimento *15.çxd5*, ainda que mais arriscado, daria maiores chances de lutar pela vitória. O do texto iguala muito o jogo.

15 ... Te8
16.Tad1 Cb6!

Com o simples propósito de trocar os cavalos.

17.Tf3

17.Cf6+?? é ilusório, porque seria

contestado com *17...Bxf6 18.Txd8 Taxd8*, com a idéia de *...Txe3*, explorando o tema da cravada na diagonal *a7-g1*.

17 ... Bf6
18.Dc2 Cxd5
19.Txd5 Da5
20.Bxc5 Te1+

Melhor teria sido *20...Dxa2*.

21.Rf2 Ta1
22.Dd2 0-1

As brancas perdem por ultrapassar o tempo regulamentar. De qualquer forma, as pretas têm um jogo melhor, mais ativo. O interessante plano *5...Cf6!?* no mínimo surpreendeu o condutor das brancas, levando-o a gastar um tempo excessivo na abertura.

Danilo Epitácio reside atualmente em Campinas/SP, onde cursa Faculdade de Direito. De estilo posicional e com bom conhecimento teórico, conquistou títulos estaduais e nacionais de categorias juvenis e destacadas colocações em torneios abertos, quando morava em Minas Gerais. Em 2001 tornou-se integrante do ranking da FIDE.

O MF Marcus Vinicius Moreira Santos é um dos mais fortes jogadores de São Paulo, tendo sido finalista do campeonato estadual de 2001 e campeão da semifinal do 72º Campeonato Brasileiro Absoluto.

Defesa Caro-Kann



1.e4 c6

Histórico

A Defesa Caro-Kann, como acontece com praticamente todas as aberturas, é de origem bem antiga, porque o homem (e em especial o jogador de xadrez!) é experimentador por natureza. Assim, há citações dela desde o ano de 1590, pelo italiano Polério.

Em tempos mais recentes, foi jogada várias vezes em 1883, na cidade de Nuremberg (Alemanha), pelo húngaro Weiss. No entanto, ela só se firmou quando o jogador britânico Horatio Caro e o vienense Marcus Kann recomendaram-na, em publicações feitas na revista Brüderschaft, no ano de 1886.

Já teve fama de ser passiva e conduzir com frequência ao empate. A descoberta de novas idéias, porém, tornou-a uma defesa dinâmica e versátil. Fez e faz parte do repertório de vários campeões mundiais, como por exemplo: Capablanca, Alekhine, Botvinnik e Karpov.

Cogita-se que isso se deve ao fato de ela ser uma defesa de cunho acentuadamente posicional, cuja estrutura geralmente leva a partida a um final em que os peões negros têm uma melhor formação. Como esses grandes mestres têm grandes conhecimentos de finais (que é realmente a fase da partida na qual o jogador

mais forte se sobressai), explica-se essa preferência.

Também são seus adeptos os grandes mestres Viswanathan Anand e Yasser Seirawan. No Brasil, o MF Roberto Júnio Brito Molina, Dirk Dagobert van Riemsdijk, Wladimir Zampronha, José Luís Cominato Neto são alguns de seus expoentes.

Especialista: Karpov

Um pouco de sua história

Anatoly Evgenievich Karpov nasceu no dia 23 de maio de 1951, em Zlatoust, um centro metalúrgico na região dos Urais, na Rússia.

Aprendeu a jogar xadrez aos quatro anos de idade, com seu pai, o engenheiro Evgeny Stepanovich. Progrediu rapidamente, recebendo aos quinze anos de idade o título de mestre nacional soviético e conquistando aos dezoito o campeonato mundial juvenil.

Em 1970, com apenas dezenove anos, torna-se grande mestre de xadrez. Em 1975, com a recusa do norte-americano Bobby Fischer (que era o campeão do mundo na época) de defender o título, ele se tornou o novo campeão mundial, mantendo a coroa até 1985, quando perdeu para Garry Kasparov.

Em 1993 torna-se novamente campeão mundial, versão FIDE, após derrotar o holandês Jan Timman (Kasparov havia fundado a PCA - Professional Chess Association - e não disputou), título que manteve até 1999, defendendo-o em matches com Kamsky (1996) e Anand (1998). Em 1999, por não concordar com as novas regras da FIDE para o campeonato do mundo, recusa-se a defender o título.

De estilo estrutural (na realidade, um posicional mais fino), é uma lenda viva

do xadrez, tendo dominado o cenário enxadrístico por dez anos (1975 a 1985). É o maior vencedor de torneios da história do xadrez, tendo sido campeão em mais de 160 deles. É considerado o melhor jogador posicional de todos os tempos, sendo também um artista de grande criatividade, com inúmeras partidas consideradas verdadeiras obras-primas.

Joga a Caro-Kann há muitos anos, com resultados muito positivos, tendo inclusive reabilitado inúmeras variantes. Em suas partidas e análises, tem mostrado a enorme elasticidade que a defesa possui, atendendo, sobretudo, aos jogadores que têm preferência por posições de fundo estratégico, mas valiosa também para os que apreciam posições agudas, uma vez que geralmente leva a um meio-jogo muito rico em possibilidades.

Variantes

• **Variante Clássica:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.Cc3 dxe4 4.Cxe4 Bf5

• **Variante Nimzowitsch:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.Cc3 dxe4 4.Cxe4 Cd7

• **Variante Panov-Botvinnik:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.exd5 cxd5 4.c4

• **Variante do Avanço:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.e5

• **Variante das Trocas:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.exd5

• **Variante do Cavalo:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.Cc3 dxe4 4.Cxe4 Cf6

• **Variante Tartakower ou Fantasia:** 1.e4 c6 2.d4 d5 3.f3

Analisaremos mais detidamente as variantes Clássica e Nimzowitsch.

Branças

Na Variante Clássica, quase sempre conseguem na abertura a iniciativa e

mais espaço, o que implica que precisão atacar para não perder essas vantagens.

O avanço do peão *h*, que paralisa a ala do rei das pretas; o domínio da coluna *e* semi-aberta; e a possibilidade de ocupar a casa *e5* com o cavalo, são trunfos que dão ao branco boas chances no meio-jogo.

A exemplo da partida-modelo, mostrada mais à frente, com as brancas conduzidas por Kasparov, existe uma chance real de definir o jogo avançando os peões da ala do rei. No entanto, em virtude desses peões usualmente ficarem mais expostos, por estarem adiantados, é necessário cuidado para não entrar em um final inferior.

Pode-se rocar grande e pressionar as casas centrais e a ala do rei, alternativa esta considerada a mais promissora, porém com maiores riscos. Ou então fazer o roque curto e concentrar as forças no centro do tabuleiro, aproveitando sobretudo a coluna *e* semi-aberta.

Mesmo na Variante Nimzowitsch, considerada mais posicional, um grande número de partidas tem apontado possibilidades táticas interessantes para as brancas, principalmente na linha com 1.e4 c6 2.d4 d5 3.Cc3 dxe4 4.Cxe4 Cd7 5.Cg5!?

Pretas

A Caro-Kann é considerada uma linha extremamente posicional, onde as pretas geralmente ficam com um jogo sólido, porém carente de iniciativa.

As negras devem estar atentas às ameaças táticas e tentar, mediante trocas, conseguir liberdade para suas peças. Procurar dominar a casa *d5*, pressionar o peão *d4* e, por extensão, toda a coluna *d*. Realizar os avanços *e5* ou *c5* em momento apropriado. O lance *c5* é muito importante e se torna mais forte ainda se as brancas rocam na ala da dama, por abrir a coluna *c*. Atenção especial para com a casa *e5*, que é onde o adversário costuma instalar um poderoso cavalo.

Deve-se ter em conta que, para obter

sucesso com esse sistema, é necessário um bom conhecimento sobre finais. Porque a principal vantagem da Caro-Kann é proporcionar às negras um melhor final, com uma formação de peões menos rígida e menos debilitada.

Partida 46
LJUBOJEVIC, L - KARPOV, A
LINARES (ESPANHA), 1981 [B19]

1.e4 c6

A intenção das negras é atacar imediatamente o centro branco, fazendo ...d5, com o apoio do peão em c6. No entanto, esse peão impede o desenvolvimento natural do cavalo.

2.d4

Aproveitando para formar um centro clássico (peões em d4 e e4), o que proporciona vantagem de espaço. Um outro tratamento bastante freqüente é 2.Cc3 d5 3.Cf3 (Variante dos Dois Cavalos).

2 ... d5
3.Cc3

Além desse lance, o branco pode responder 3.Cd2.

3 ... dxe4

Outra alternativa é 3...g6.

4.Cxe4

Pode-se notar, desde já, uma certa vantagem de espaço para as brancas, que dispõem de maior liberdade de ação para suas peças.

4 ... Bf5

É a maneira clássica de enfrentar essa linha. As pretas ativam seu bispo atacando o desprotegido cavalo de e4.

5.Cg3

O mais usual. O cavalo retira-se para um lugar seguro e ainda ameaça seu atacante, que irá para g6, incentivando h4-h5. As brancas mantêm a iniciativa.

5 ... Bg6
6.Cf3

Pretendendo instalá-lo em e5.

6 ... Cd7
7.h4

Lance enérgico, aproveitando a situação incômoda do bispo.

Tem por objetivo garantir vantagem de espaço na ala do rei.

7 ... h6
8.h5

Bloqueando a ala do rei.

8 ... Bh7
9.Bd3

Eliminando o poderoso bispo preto. Observar também que, após a troca, a dama branca ficará bem colocada.

9 ... Bxd3
10.Dxd3 e6

É mais freqüente 10...Dc7, evitando Bf4.

11.Bf4 Da5+

Imprescindível para tirar o bispo de sua casa privilegiada.

12.Bd2

A jogada 12.c3 levaria a um debilitamento da ala da dama, tornando inviável a idéia do roque grande. Ainda assim, é um lance que se tem encontrado na prática magistral.

12 ... Dc7

Através dessa manobra, o negro entra novamente na linha principal e prepara o roque grande. Rocar pequeno seria imprudente, porque o primeiro jogador já tem uma certa mobilização no flanco rei, podendo iniciar o ataque mais rapidamente. As brancas têm vantagem de espaço e desenvolvimento, porém as pretas não apresentam debilidades.

13.0-0-0

O rei está mais seguro nessa ala, porque seu próprio flanco encontra-se debilitado pelo avanço do peão da coluna *h*.

13 ... Cgf6
14.Ce4 0-0-0
15.g3

Para poder jogar *Bf4* e assegurar o controle do ponto-chave *e5*. Uma opção interessante é *15.De2*, saindo da linha da torre adversária.

15 ... Cc5

Aproveitando que o peão está cravado, para trocar as peças e aliviar a posição. Quase sempre o melhor caminho para sair de uma posição restringida é trocar peças!

16.Cxc5 Bxc5
17.Dc4 Bd6

Protegendo o ponto forte *e5*.

18.Da4 Rb8
19.Ce5

Aproveitando uma possibilidade tática para ocupar a casa *e5*.

20 ... Cd5
20.f4 Cb6
21.Db3 Bxe5
22.dxe5 Cd5

Se fizermos uma análise agora, ve-

remos que a posição resultante dos últimos lances ficou muito favorável para as pretas. O cavalo é superior ao bispo, já que este é mau (é da mesma cor de seus peões mais avançados). A estrutura de peões de Karpov também é muito superior, pois não tem fraquezas como as do branco na ala do rei.

23.c4

Necessário para expulsar o cavalo centralizado. Porém, tem o inconveniente de enfraquecer ainda mais a posição. É sabido que todo peão que avança causa debilidades, pois deixa fracas as casas ao seu lado, as quais protegia anteriormente.

23 ... Ce7
24.Be3 c5

Diminuindo o alcance do bispo.

25.Txd8+

As brancas não dispõem de um plano ativo.

25 ... Txd8
26.Td1 Txd1+
27.Dxd1

Depois das trocas, a vantagem do negro torna-se evidente, com um final muito favorável.

27 ... b6
28.Dd3

Procurando levar a dama para o centro do tabuleiro e ocupar as casas brancas. Quando se tem só um bispo, a dama e os peões devem procurar cobrir a fraqueza nas casas onde ele não atue!

28 ... g6
29.hxg6 fxg6
30.a3 a5
31.b3 h5

Para poder jogar *...Cf5* sem ser de-

salojado pelo avanço do peão a *g4*.

32.De4 **Cf5**
33.Bf2

Na luta de cavalo contra bispo, este deve situar-se a duas casas de distância do cavalo, na mesma coluna ou fileira, para impedir os seus saltos.

33 ... **Dd7**

Ocupando a coluna aberta. Posteriormente a dama passará para a casa *d8*, onde apoiará a ruptura em *g5*.

34.a4 **Rc7**

Nos finais, procurar levar o rei para o centro do tabuleiro!

35.Rc2 **Dd8**
36.Rc1 **g5**
37.fxg5 **Dxg5+**
38.Rc2 **Ce7**
39.Dh7 **Rd7**
40.De4 **Df5**

O final está ganho para as pretas, porque o cavalo em posições bloqueadas é muito superior ao bispo. Tudo se resume agora a uma questão de técnica.

41.Dd3+ **Rc6**
42.Dxf5 **exf5!**

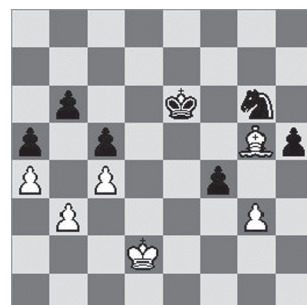
O peão da coluna *e* cairá em poucos lances.

43.Be3 **Cg6**
44.e6 **Rd6**
45.Bg5 **Rxe6**
46.Rd2

Se *46.Bd8 f4!* *47.gxf4 h4* e ganha.

46 ... **f4!**

A técnica e a precisão com que Karpov conduz as suas partidas são admiráveis.



Posição depois de 46...f4!

47.gxf4 **h4**

O peão passado lateral define o jogo, afastando o rei dos peões da ala da dama.

48.Re3 **h3**
49.Rf3 **Rf5**
50.Rg3 **Cxf4!**

E o cavalo atrevido não pode ser tomado!

51.Bd8 **Ce2+**
52.Rxh3 **Cd4**
53.Bxb6 **Cxb3**

Tudo muito bem calculado.

54.Bd8 **Re4**
55.Rg4

Tardiamente o rei tenta retornar ao campo da luta.

55 ... **Rd3**
56.Rf4 **Rxc4**

Naturalmente, o branco já poderia ter abandonado.

57.Re4 **Rc3!**

O melhor. Mas *57.Rb4* também ganha.

58.Bf6+ **Rc2**
59.Be5 **c4**
60.Re3 **c3**

61.Bf6 **Cc5**
62.Re2 **Rb3 0-1**

Uma partida típica do estilo do ex-campeão mundial.

Partida 47
KASPAROV,G - VUKIC,M
SKARA (SUÉCIA), 1980 [B19]

1.e4 **c6**
2.d4 **d5**
3.Cd2

É mais freqüente **3.Cc3**.

3... **dxe4**
4.Cxe4 **Bf5**
5.Cg3 **Bg6**
6.h4 **h6**
7.Cf3 **Cd7**
8.h5 **Bh7**
9.Bd3 **Bxd3**
10.Dxd3 **e6**
11.Bd2 **Dc7**
12.0-0-0

Nesta dinâmica posição, as brancas devem manter a iniciativa e tentar transformar essa ligeira vantagem posicional numa mais concreta, ou em um final promissor.

12... **Cgf6**
13.Ce4

Tem por objetivo melhorar a posição do cavalo, que estava mal colocado em **g3**. Ao mesmo tempo, impede **...Bd6**.

14... **0-0-0**
14.g3 **Cxe4**

Eliminando uma peça inimiga bem posicionada.

15.Dxe4 **Be7**

Seguindo com a mobilização das peças.

16.Rb1

Lance preventivo, tendo em vista as ações que irão acontecer na coluna **c**.

16... **The8**
17.De2!

Libera a torre da defesa de **h5** e apóia o avanço do peão a **c4**, onde atuará sobre as casas **b5** e **d5** do negro.

17... **Bd6**
Almejando realizar o lance liberador **...e5**.

18.The1 **Te7**

Continua preparando **...e5** e também possibilita à torre ir para **d7**.

19.c4

Isto é o que se pode chamar de um lance polivalente: ameaça ganhar o bispo preto, mediante o avanço a **c5**; inicia operações no flanco da dama, ampliando a vantagem de espaço; deixa a excelente casa **c3** para o bispo e libera a coluna **d** para a torre.

20... **c5**

Após as trocas centrais, as peças pretas ficarão mais desafogadas.

20.Bc3 **Cf6**

Interfere na ação do bispo branco sobre o ponto **g7**, ataca o peão de **h5** e briga pelo domínio da coluna **d**.

21.Ce5

As ações de domínio e ocupação das casas centrais atingem o clímax.

21... **cxd4**

Buscando dar maior liberdade para as peças, por meio da simplificação.

22.Txd4 **Bxe5**
23.Txd8+ **Dxd8**
24.Bxe5

Após as trocas, vê-se que o branco está melhor, porque seu bispo é superior ao cavalo, tem vantagem de espaço e possibilidades de realizar um ataque de peões na ala do rei, via *g4-f4-g5*.

24 ... **Td7?!**

Era melhor jogar *24...Da5!*, ameaçando *...Cxb5*.

25.Bc3

Não permitindo a manobra *...Da5*, seguida de *...Td2*.

26 ... **Db6**
26.g4

O branco prepara a construção da cadeia de peões *f3-g4-h5*, para no momento oportuno romper com *f4-g5*, obtendo um peão passado ou deixando um peão preto fraco em *h6*.

26 ... **Dd6**
27.f3

As brancas não devem se precipitar, com *27.g5 hxg5 28.h6 Df4 29.hxg7 Td8*, dando chances ao adversário.

27 ... **a6**

As pretas planejam criar contra-jogo com *...Dc6* e *...b5*, liberando a casa *d5* para o cavalo.

28.a4!

Agora, se *28...Dc6 29.b3* seguido de *Rb2* e *a5*.

28 ... **Dd3+?**

O plano correto para o segundo jogador seria evitar a troca das damas e

tentar aproveitar a posição exposta do rei branco.

29.Rc1 **Rc7**

Reis ativos e centralizados são muito importantes nos finais.

30. Dxd3 **Txd3**
31.Tf1 **Rc6**
32.Rc2 **Td7**

Após os previsíveis lances anteriores, a partida entra em um final muito melhor para o branco.

33.a5!

Além de paralisar a ala da dama das pretas, garante a permanência de um peão branco em *c4*, impedindo um melhor posicionamento do cavalo ou da torre preta em *d5*. Na opinião de Kasparov, o final está ganho.

33 ... **Ce8**

As pretas tentam melhorar sua posição, avançando seus peões a *f6* e *e5*.

34.Te1!

Impedindo *...f6*.

34 ... **Td6**

Pretendendo ainda jogar *...f6*.

35.f4!

Movimento que impede *...e5* e prepara o avanço *g5*, com múltiplas ameaças, inclusive o sacrifício do bispo em *g7*.

36 ... **Cf6?**

O erro decisivo. A troca debilita a estrutura de seus peões, levando a um final sem chance.

36.Bxf6 **gxf6**

37.Td1! 1-0



Posição após 37.Td1!

Com a troca forçada, as brancas poderão fazer peões passados na ala do rei, via *g5* e na ala da dama via *b4-b5*. Nesta partida, também valorizada pelo jogo correto das pretas, o grande campeão Garry Kasparov dá uma verdadeira aula de finais.

Partida 48

**GEORGIEV,K - ADAMS,M
GRONINGEN (ALEMANHA), 1993 [B17]**

**1.e4 c6
2.d4 d5
3.Cc3 dxe4
4.Cxe4 Cd7**

A Variante Nimzowitsch.

5.Bc4

O branco pode também jogar *5.Cg5!*? diretamente.

**5... Cgf6
6.Cg5**

Buscando complicações táticas na posição, pois o cavalo só pode ser expulso dessa casa mediante certas debilidades na ala do rei.

**6... e6
7.De2 Cb6**

Forçado, porque o branco ameaçava

8.Cxf7!

8.Bd3

É muito jogado *8.Bb3*.

8... h6

Para *8...Dxd4*, *9.C1f3* com grande iniciativa.

9.C5f3 c5

Visando trocar o peão lateral pelo central do adversário e lutar pelo domínio da casa *d4*, além de tirar o apoio do cavalo em *e5*.

10.dxc5

Lance necessário, pois era difícil sustentar o peão em *d4* sem causar dificuldades no desenvolvimento natural das peças brancas. Além do mais, abre a coluna *d*.

**10... Bxc5
11.Bd2 0-0
12.0-0-0**

A posição toma um rumo claro: ambos os jogadores tentarão mobilizar o flanco em que se encontra o rei contrário, para vencer por ataque.

12... Ca4!

Lance finíssimo, que foi uma novidade na época. Tem por objetivo impedir *Bc3*. Também libera a casa *b6* para a dama.

13.Bb5

Se *13.Bxh6?*, seguiria *13...Db6!*

**13... Bd7
14.Bxd7**

O aparentemente bom *14.Bxh6* é ineficaz, por *14...Cxb2* seguido de *15...Db6*.

14 ... Dxd7
15.Ch3

Igualmente, *15.Bxh6* não é bom, por *...Dc6*, seguido de *...Db6*.

15 ... Tac8

E as peças negras estão melhor posicionadas para o ataque, pois já dispõem de uma coluna aberta em cima do roque do inimigo.

16.Rb1 Dc6
17.Bc1 Cd5

Trazendo mais uma peça para o ataque.

18.Dc4

Para tentar trocar as damas e aliviar a pressão.

18 ... Tfd8?!

Era melhor *18...b5!*, já que forçaria a dama se retirar.

19.Ra1?

O movimento *19.Ce5* era o único para complicar a luta.

19 ... b5!
20.De4 Be7
21.c3

Para *21.Cd4*, *Da6* com grande vantagem, porque ameaçaria *...Cac3!*

21 ... Da6
22.Ce5 Bf6
23.Cg4?

Era imprescindível *23.f4*, diminuindo a ação do bispo e apoiando o cavalo. Mesmo assim a posição continuaria muito difícil de ser sustentada.

23 ... Caxc3!



Posição depois de 23...Caxc3!

As posições com vantagem posicional acabam se definindo através de lances táticos.

24.bxc3

O lance intermediário *24.Cxf6+* seria respondido simplesmente com *24...Cxf6*.

24 ... Bxc3+
25.Bb2 Tc4
26.Df3 Bxb2+
27.Rxb2 Tc2+!

Atraindo o rei para o campo aberto, onde será presa fácil.

28.Rxc2 Dxa2+
29.Rd3 Dc4+ 0-1

Se *30.Rd2 Cb4+* *31.Re3* (ou *Re1*) *Cc2* mate.

As brancas tiveram o fim que mereciam, uma vez que jogaram de forma muito passiva, cuidando apenas de defender seu rei. Em xadrez existe um axioma muito interessante: "Antes um mau plano, que jogar sem plano algum".

Adams

Michael Adams nasceu em 17 de novembro de 1971, na cidade de Truro, condado de Cornwall, Inglaterra. Tornou-se grande mestre em 1989, com apenas 17 anos de idade, ao vencer o campeonato britânico.

Tem participado dos maiores torneios internacionais, sempre com ótimos resultados, por exemplo, Dos Hermanas, Espanha, 1999, quando terminou em primeiro lugar, à frente de Kramnik, Anand, Svidler, Karpov e Topalov. Seu rating atual é 2.732, o que o coloca em oitavo lugar no mundo.

Partida 49
BATISTA, G - MOLINA, R
VARGINHA, 2004 [B11]

Esta partida foi disputada na rodada final do Campeonato Mineiro Absoluto e a vitória daria o título a um dos dois jogadores.

1.e4	c6
2.Cf3	d5
3.Cc3	

Entrando na Variante dos Dois Cavalos.

3...	Bg4
4.h3	Bxf3

Também é possível *4...Bh5*.

5.Dxf3	e6
6.d4	Cf6

A seqüência *6...dxe4 7.Cxe4 Cd7 8.Bd3 Cgf6* é outra opção teórica.

7.Bg5

A linha mais jogada é *7.Bd3 dxe4 8.Cxe4 Cxe4 9.Dxe4 Cd7 10.c3 Cf6 11.De2 Bd6 12.0-0 Bc7 13.Te1 0-0* (Short, N-Karpov, A/Monte Carlo 1993, com jogo equilibrado).

7...	Be7
-------------	------------

Ou então *7...dxe4*.

8.Bxf6	Bxf6
9.0-0-0	a6

Os lances *9...Cd7 10.g4 Bh4 11.De3 Da5 12.Rb1* foram jogados na partida Spassov, L-Minev, N em Varna 1971.

10.Rb1	Da5
11.g4	Cd7
12.h4	Tf8

O MF Roberto Molina escolhe uma defesa passiva, mas segura. O movimento *12...Td8* também seria jogável.

13.g5	Be7
14.Bd3	g6?!

Posicionalmente arriscado. Gérson avança na ala do rei e normalmente é melhor evitar debilidades na ala atacada. A intenção de Molina é evitar que após *e4-e5*, seu peão de *h7* fique indefeso.

A sugestão é *14...Ba3!?*, com jogo confuso. Por exemplo: *15.Ce2* (do contrário *15...Db4 15...Db6 16.b3 a5* e as negras conseguiriam forte contra-jogo na ala da dama.

15.h5!?

O professor paraisense escolhe uma arriscada e violenta linha, mostrando sua disposição de conquistar seu quarto título mineiro.

15...	Bxg5
16.hxg6	hxg6
17.exd5	cxd5
18.Dg4	Be7
19.Bxg6!	

Não havia volta na linha escolhida pelas brancas. Outras alternativas deixariam as negras com um peão a mais.

19...	Cf6!
--------------	-------------

Se *19...fxg6 20.Dxg6+ Rd8 21.Dxe6*, as negras teriam uma difícil posição, similar à que ocorreu mais tarde na partida.

20.Dxe6	fxg6
----------------	-------------

21.Tde1 Dd8

A melhor defesa.

22.Cxd5!!



Posição depois de 22.Cxd5!!

Segundo sacrifício de peça!

**22 ... Cxd5
23.Th7 Dd7**

No caso de *23...Tc8 24.Dxg6+ Rd7 25.De6+ Rc7 26.c4.*

**24.Dxg6+ Rd8
25.c4 Te8?!**

Até aqui o jovem Molina defendeu-se com precisão do violento ataque das brancas, porém agora a troca de damas era o melhor caminho. O rei negro no centro corre muito perigo com a dama branca no tabuleiro.

Para *25...Df5+ 26.Dxf5 Txf5 27.cxd5 Bf8 28.Txb7 Txf2* (entrando em um final complexo, com tendência de empate, mas com melhores chances práticas para as pretas. Seria a linha lógica para o segundo jogador) *29.Te4.*

26.cxd5 Dxd5?

A defesa correta era *26...Tc8 27.Db6+ Dc7 28.Dg6 Dd7* e as brancas teriam a opção de empate por repetição de lances.

**27.Db6+ Rd7
28.Df6!**

Gérson acerta o golpe definitivo. Não se pode *28.Te5* por *28...Dc6 29.Db4? Dh1+!*

**28 ... Dd6
29.Df5+ Rc7
30.Te6**

O lance *30.Df7* ganha imediatamente.

**30 ... Dd7
31.De5+ Rd8
32.d5 Da4
33.b3?!**

Neste momento as negras disputam apenas de um minuto, contra quase meia hora do oponente, estando o jogo praticamente decidido. Porém, mais preciso seria *33.a3.*

33 ... Dg4?

Ofereceria chances de resistência *33...Db5 34.Td6+ Rc8 35.Txe7 Txe7 36.Dxe7 Df1+ 37.Rb2 Dxf2+ 38.Rc3*, com clara vantagem das brancas.

**34.Th1 Dg5?
35.Dxg5**

E as pretas abandonam por causa da seqüência *35...Bxg5 36.Txe8+ Rxe8 37.Th8+* e tomam a torre de *a8.*

Partida analisada pelo Prof. Julio Lapertosa Viana, instrutor do talentoso MF Roberto Molina, uma das grandes forças do xadrez mineiro.

Partida 50
BARBOSA,E - LIMA,DINIZ
AMERICANA/SP, 2006 [B13]

Partida disputada no Campeonato Paulista Absoluto, entre o jovem enxadrista mineiro Evandro Amorim Barbosa (na época com 13 anos de idade) e o experimentado jogador paulista Diniz Neves de Lima.

1.e4 d5

Inicialmente uma Defesa Escandinava.

2.exd5	Cf6
3.c4	c6
4.d4	cxd5

Por inversão de lances chegamos ao Ataque Panov-Botvinnik, da Defesa Caro-Kann.

5.Cc3	Cc6
6.Cf3	

Um caminho bastante trilhado aqui é *6.Bg5*.

6 ...	Bg4
--------------	------------

As pretas desenvolvem seu bispo de *c8*, mas em contrapartida deixam fraca a casa *b7*.

7.cxd5	Cxd5
8.Db3	

Jogada ativa que explora a saída prematura do bispo.

8 ...	Bxf3
9.gxf3	e6
10.Dxb7	

Entrando num final onde o primeiro jogador ficará com uma má estrutura de peões em troca de um dinâmico jogo de peças.

10 ...	Cxd4
11.Bb5+	Cxb5
12.Dc6+!	Re7
13.Dxb5	

No caso de *13.Cxb5 Tb8 14.0-0 Db6 15.Dxb6 axb6* e as pretas ficam com ligeira vantagem.

13 ...	Dd7
---------------	------------

Propondo a troca das damas, pois o rei preto está exposto.

14.Cxd5+

A igualdade viria depois de *14.Da5 Cxc3 15.Dxc3 f6 16.Be3 Rf7*.

14 ...	Dxd5
15.Dxd5	

Mais jogado é *15.Bg5+*.

15 ...	exd5
16.Be3	

Com *16.0-0 Re6 17.Te1+ Rf5 18.Td1 Td8 19.Be3* haveria uma pequena vantagem branca.

16 ...	Re6
17.0-0-0	Tc8+

A idéia é trocar os bispos e jogar o final de torres.

18.Rb1	Bc5
19.The1	Rd6
20.Td3	Bxe3
21.fxe3	

Ainda que o lance do texto tenha o efeito positivo de desdobrar os peões, a jogada *21.Tdxe3* também merece atenção, pois mantém o domínio da coluna *e*, além da maior atividade das torres.

21 ...	Tc5
22.Ted1	Rc6
23.Ta3	

E o peão isolado na coluna *a* será tema constante da pressão branca.

23 ...	a5
24.Tc1	

Trocando a torre para ativar o rei, condição fundamental nos finais de partida!

24 ...	Ta8?
---------------	-------------

Tornando tudo mais fácil para o adversário.

25.b4!



Posição depois de 25.b4!

25 ... Txc1+
26.Rxc1 Rb5?

Ofereceria maior resistência
26...a4.

27.Txa5+ Txa5

28.bxa5

O final de peões está ganho para as brancas.

28 ... g5
29.Rd2 f5
30.e4!

Decidindo imediatamente o resultado da partida.

30 ... fxe4
31.fxe4 Rxa5
32.e5 Rb6
33.a4 g4
34.a5+ Rc6
35.a6 h5
36.e6 h4
37.a7 Rb7
38.e7 Abandono

Defesa Francesa



1. e4 e6

Histórico

Já citada nos trabalhos de Lucena em 1497, sua idéia original era evitar ataques prematuros sobre o ponto fraco *f7*, muito comuns no período romântico do xadrez.

Foi assim denominada em razão de uma partida por correspondência entre Londres e Paris, no ano de 1842, quando os franceses jogaram *1...e6* e acabaram ganhando. Esse fato despertou o interesse do mestre russo Jaenisch, que nesse mesmo ano publicou uma extensa análise sobre essa jogada.

Geralmente seus admiradores possuem estilo mais posicional, estando cientes de que necessitam estar constantemente atentos, já que o branco consegue vantagem de espaço (especialmente na ala do rei) e iniciativa.

Inúmeros enxadristas da elite mundial já fizeram (ou fazem) uso dela. Só para citar alguns: Uhlmann, Botvinnik, Korchnoi, Kramnik, Short, Timman, Yusupov, Bareev e Vaganian.

Entre os brasileiros, destacam-se os MIs Francisco Trois, Cícero Braga e Alexandru Segal, bem como o MF Carlos Segal, Gabriel Ricardo Salim Name e o ex-campeão mineiro Francisco José dos Santos Neto.

Especialista: Botvinnik

Um pouco de sua história

Mikhail Moisevich Botvinnik nasceu no dia 4 de agosto de 1911, em São Petersburgo, na Rússia. Quando tinha 14 anos, causou grande sensação ao derrotar o então campeão mundial José Raul Capablanca, em uma simultânea.

Com apenas 16 anos, classificou-se para as finais do campeonato soviético, terminando num brilhante quinto lugar e com o título de mestre internacional. Em 1931, quando completou 20 anos, venceu de forma incontestável esse mesmo campeonato, com dois pontos à frente dos adversários mais próximos.

Nessa época faz um intervalo na sua carreira enxadrística, para dedicar-se mais à engenharia elétrica, realizando trabalhos memoráveis nos projetos das grandes hidrelétricas russas. Casa-se com a grande paixão de sua vida, uma dançarina de *ballet* do Teatro Bolchoi.

Em 1933, conquistou novamente o primeiro lugar no oitavo campeonato soviético, sagrando-se grande mestre aos 22 anos. Em 1948, tornou-se o sexto campeão mundial, ao vencer o torneio organizado pela Federação Internacional de Xadrez para preencher a vaga deixada pela morte de Alekhine, ocorrida no ano de 1946.

Seu reinado de quinze anos foi interrompido em dois curtos períodos: em 1957, quando foi derrotado por Smyslov, recuperando-se em 1958; em 1960, a coroa mundial passou para Mikhail Tal, mas Botvinnik a retomou em 1961.

Perdeu o título definitivamente para Tigran Petrosian em 1963, recusando-se a tentar recuperá-lo pelo fato da FIDE ter eliminado o match-revanche.

De estilo posicional, encarando o

jogo sob um ângulo científico, deu ao xadrez uma enorme contribuição no desenvolvimento da teoria de diversas aberturas, entre elas a Defesa Francesa.

Faleceu em 5 de maio de 1995, deixando uma escola cujo principal mérito foi criar uma didática profundamente original, pioneira no gênero, por tratar de maneira extremamente séria e organizada a arte de ensinar a jogar xadrez.

Escola que por muito tempo ainda dará ao mundo jogadores extraordinários, como Kasparov, Karpov, Kramnik, Ivanchuk, Shirov, Yusupov...

Variantes

• **Variante Nimzowitsch ou do Avanço: 1.e4 e6 2.d4 d5 3.e5**

Branças

Estabelecem uma cadeia restritiva de peões, dificultando o desenvolvimento das pretas, em especial a saída do cavalo do rei para a sua melhor casa (*f6*).

Geralmente aproveitam a posição tolhida do adversário para um ataque na ala do rei, sendo a base das operações preparar *f4-f5*, visando abrir a coluna *f* para a torre, ou até mesmo efetuar *f6*.

O centro de peões das brancas é melhor e a manutenção ou não dessa cadeia muitas vezes é decidida de forma tática. Uma maneira moderna de lidar com essa linha é sacrificando o peão de *d4* (e às vezes até o de *e5*!), para ganhar tempos e abrir linhas para as peças brancas.

Pretas

Durante um longo tempo acreditou-se que a Variante do Avanço era a refutação da Francesa, pois o branco formava uma cadeia de peões aparentemente impossível de ser quebrada. No entanto, com o aperfeiçoamento da técnica defensiva no início do século passado, descobriu-se que o lance *3...c5* iniciava um promissor ataque na ala da dama.

O negro tem uma posição restringida,

mas sem fraquezas. Sua estratégia deve ser a seguinte: pressionar inicialmente a base da cadeia de peões (casa *d4*) e posteriormente o vértice (ponto *e5*), tentando debilitar a formação. No xadrez contemporâneo, porém, ocorre muitas vezes o inverso: atacar primeiro o vértice!

Uma das maiores preocupações do segundo jogador nessa variante é a falta de uma casa ativa para o bispo de *c8*.

• **Variante Winawer: 1.e4 e6 2.d4 d5 3.Cc3 Bb4**

Sistema sugerido e analisado pelo grande mestre polonês Simon Winawer. Devido às diversas inovações introduzidas por Aaron Nimzowitsch, um dos grandes baluartes do xadrez mundial, essa linha também é conhecida como Contra-ataque Nimzowitsch, ou até mesmo Sistema Winawer-Nimzowitsch.

Branças

O último lance das negras (*3...Bb4*), que ameaça ganhar um peão, coloca as brancas no seguinte dilema: a) aliviar a pressão no centro, mediante a troca do peão em *d5*, o que implica na diminuição de sua própria iniciativa; b) defender o peão com *4.Bd3*, dando oportunidade ao negro de igualar com facilidade; c) avançar o peão a *e5*, criando uma cadeia restritiva de peões; d) sacrificar o peão de *e4* em troca de uma grande iniciativa, através de *5.a3*, *5.Bd2* ou *5.Ce2*.

Na maioria dos casos, o branco fica com uma estrutura de peões bastante debilitada na ala da dama, em troca de um jogo muito ativo na ala do rei.

Pretas

A idéia de *3...Bb4* é obrigar o primeiro jogador a definir a situação do peão do rei, que se encontra ameaçado, acabando, assim, com a pressão branca no centro.

Também tem por objetivo debilitar a estrutura de peões na ala da dama, e a partir daí, com essas fraquezas fixadas, tratar de explorá-las.

É de capital importância cuidar da defesa de sua ala do rei, que será constantemente ameaçada. Em alguns casos deve, inclusive, sacrificar seu peão da coluna *g* e até o da *h*, tendo como compensação a abertura de linhas para suas peças.

• **Variante Steinitz: 1.e4 e6 2.d4 d5 3.Cc3 Cf6 4.e5**

Branças

O lance *4.e5* tem tido a preferência dos mestres da atualidade. A intenção é consolidar a cadeia de peões, a qual em breve servirá de base para um ataque ao rei adversário. Contam também com um jogo mais livre, o que dá boas perspectivas a esse intento.

Pretas

Estas, por sua vez, devem concentrar todos seus esforços na destruição da cadeia de peões brancos, mediante *...c5* e oportunamente *...f6*. Posteriormente, devem prosseguir com uma demonstração ativa na ala da dama, do contrário serão prontamente asfixiadas pelo ataque adversário no flanco rei. Em algumas situações, existem possibilidades de um contra-ataque na própria ala do rei, via coluna *f*.

• **Variante Clássica: 1.e4 e6 2.d4 d5 3.Cc3 Cf6 4.Bg5**

Branças

Objetivam conduzir a partida a uma tranqüila luta de manobras, esforçando-se para manter a iniciativa e terminar o desenvolvimento de suas peças.

Uma opção interessante é o Ataque Chatard-Alekhine, que surge após os lances *1.e4 e6 2.d4 d5 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Be7 5.e5 Cfd7 6.h4!*?

Pretas

Se o adversário entra no Ataque

Chatard-Alekhine, existem diversas opções: *6...a6, ...h6, ...c5, ...f6, ...0-0* ou ainda *...Bxg5*.

Se seguir na linha principal com *1.e4 e6 2.d4 d5 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Be7 5.e5 Cfd7 6.Bxe7*, pretas respondem *6...Dxe7 7.f4* e a posição é tida como equilibrada.

• **Variante Tarrasch: 1.e4 e6 2.d4 d5 3.Cd2**

Branças

A idéia do médico alemão Dr. Siegbert Tarrasch é apoiar o peão de *e4*, que está atacado, com o cavalo em *d2*, para evitar a incômoda cravada do bispo em *b4*, que agora não faria sentido porque o branco simplesmente jogaria *4.c3*.

Pretendem defender a base *d4* com o avanço do peão da coluna *c*, caso as negras joguem *...c5*. Em muitas variantes optam também por executar o lance *f4*, que dá suporte ao peão avançado de *e5*, construindo assim a típica cadeia de peões centrais.

Aqui, como em grande parte das partidas da Defesa Francesa, o branco tem ataque na ala do rei e possíveis rupturas no centro.

Pretas

O melhor plano é atacar na ala da dama, podendo, em algumas circunstâncias, também tentar desmorronar a posição adversária com uma investida sobre as casas centrais. As chances na ala do rei, ainda que não estejam totalmente fora de cogitação, são pequenas.

Os lances *...c5* e *...f6* geralmente são os que fornecem contra-jogo ao negro, pois visam atacar o forte centro adversário e buscar espaço para as peças através das rupturas.

Partida 51

POGREBISSKY, I - BOTVINNIK, M
LENINGRADO (RÚSSIA), 1939 [C19]

1.e4

e6

2.d4 **d5**
3.Cc3 **Bb4**

A Variante Winawer, mais que um método defensivo, pode ser considerada um verdadeiro contra-ataque, levando a posições agudas e ricas em possibilidades táticas.

4.e5

Construindo uma cadeia restritiva de peões. Pela vantagem de espaço criada na ala do rei, as possibilidades do branco estão numa investida nesse setor do tabuleiro. Também se joga aqui: *4.a3*, *4.Bd2*, *4.Bd3*, *4.Dg4*, *4.exd5* e ainda *4.Ce2*.

4 ... **c5**

Com esse lance, as negras atacam imediatamente a cadeia de peões, abrem a diagonal *a5-d8* para a dama e ainda pretendem jogar *...Cc6*, pressionando *d4*.

5.a3

Nesse momento, as brancas têm que escolher entre duas importantes opções:

a) Um caminho agressivo e arriscado, não ligando muito para a estrutura de peões, com o intuito de ter um forte ataque na ala do rei (*5.Dg4* e *5.a3*);

b) Cuidar primeiro de todos os detalhes da posição, jogando *5.Bd2*, por exemplo;

5 ... **Bxc3+**

Segundo a teoria, *5...Ba5* é menos exato; no entanto, esse lance tem sido encontrado com frequência na prática magistral. Seu objetivo é continuar mantendo a tensão na ala da dama.

6.bxc3 **Ce7**
7.Cf3

Movimento mais posicional, que visa

desenvolver a ala do rei, aproveitar a coluna *b*, abrir linhas para ampliar o raio de ação de seu par de bispos e atacar a cadeia de peões adversária com o avanço do peão da coluna *f*. Também é jogado com muita frequência *7.Dg4*.

7 ... **Cbc6**
8.Bd3

Impedindo o roque, que seria respondido com o sacrifício típico dessa posição, *9.Bxh7+!* Outras possibilidades do branco são: *8.a4* e *8.Be2*.

8 ... **Da5**

Nessa linha da Francesa, a dama quase sempre se posiciona em *a5* ou *c7*.

9.Dd2

Também são jogáveis *9.0-0* ou *9.Bd2*.

9 ... **c4**
10.Be2 **Da4**

Paralisando a ala da dama adversária.

11.0-0 **Bd7**
12.Cg5

Para permitir o avanço do peão a *f4*, plano padrão nesse tipo de estrutura de peões.

12 ... **h6**
13.Ch3 **0-0-0**

Naturalmente, o monarca negro estará mais seguro na ala da dama.

14.f4 **f6**

Com o rei em segurança, chegou a hora de começar a pressionar a cadeia de peões e marchar sobre o roque contrário.

15.Cf2 **h5**

Para impedir *Cg4* e também para poder jogar *...Cf5* sem ser molestado por *g4*.

16.Cd1

O cavalo será transferido para a outra ala, com o propósito de expulsar a dama adversária e dar mobilidade às peças paralisadas.

16 ... Cf5
17.Cb2 Da5
18.a4 g5!

Jogada ousada que começa a dar vantagem ao negro, já que muito em breve surgem temas de ataque ao rei.

19.Cd1

Para ativar o bispo via *a3*.

19 ... g4
20.exf6 Tdf8
21.Ba3 Txf6
22.Bb4

Abrindo mão do par de bispos, para expulsar a dama de sua incômoda posição e dar mobilidade aos peões dessa ala.

22 ... Cxb4
23.cxb4 Db6

Botvinnik começa a trabalhar a posição, explorando as fraquezas do branco.

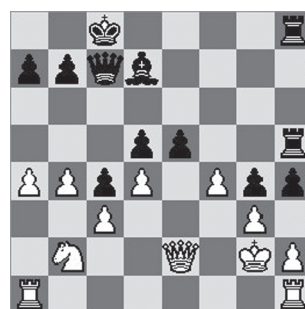
24.c3 Dc7
25.Cb2 Thf8
26.Bd1 Ce7
27.g3

Necessário para dar sustentação ao peão de *f4*; no entanto, cada avanço de peão gera mais debilidades no campo branco.

27 ... Th8
28.Bc2 h4

É difícil encontrar um plano coerente para as brancas nesse momento. Peças sem coordenação e rei em situação de risco não prenunciam boa coisa.

29.Rg2 Cf5
30.Bxf5 Txf5
31.De2 Tfh5
32.Th1 e5!



Posição depois de 32...e5!

A diagonal para o bispo vale mais que o peão!

33.dxe5 Bf5
34.Tag1 hxg3
35.Rf1 Txx2
36.Txx2 0-1

Se *37.Tg2 Dh7*, com múltiplas ameaças.

Partida 52

ALMASI,Z - TIMMAN,J
 UBEDA (ESPAÑA), 1997 [C18]

1.e4 e6
2.d4 d5
3.Cc3 Bb4

Se *3...dxe4*, entra na Variante Rubinstein e *3...Cf6 4.Bg5 Bb4*, na Variante McCutcheon.

4.e5 c5
5.a3 Bxc3+

O mais utilizado na prática. A alternativa *5...cxd4* é inferior.

6.bxc3 Ce7

A jogada 6...Dc7 era outra opção, para responder a 7.Dg4 com ...f6 ou ...f5, defendendo o peão de g7. Com esse lance, o negro quer manter a possibilidade de fazer o roque e, além disso, pretende pressionar a cadeia de peões com ...Cf5 e em momento oportuno ...f6.

7.Dg4

Movimento agressivo. Os lances 7.Cf3 e 7.a4 (para ocupar com o bispo a diagonal a3-f8) são mais posicionais, bem como 7.h4, para seguir com h5 e paralisar a ala do rei negra.

7 ... Dc7

Um verdadeiro contra-golpe. Outros lances também muito utilizados são: 7...0-0 e 7...Cf5.

**8.Dxg7 Tg8
9.Dxh7 cxd4
10.Ce2 Cbc6**

Aumentando a pressão sobre o peão do rei e preparando o roque grande. Também se pode jogar 10...dxc3, com grandes complicações, enquanto que 10...De5? daria enorme vantagem ao branco, após 11.Bf4 seguido de cxd4.

11.f4

Sustentando o ponto e5 e ameaçando tomar o peão em d4.

**11 ... dxc3
12.Dd3**

A dama retorna para pressionar o futuro roque adversário.

**12 ... Bd7
13.Be3**

Tem sido a variante da moda. Outras possibilidades são: 13.Cxc3, 13.Dxc3 e

13.Tb1.

13 ... Tc8?!

Naturalmente, o roque era mais indicado. O objetivo das pretas é passar rapidamente ao ataque.

**14.g3 Cf5
15.Bf2 Da5**

Se 15...d4 16.Bg2, com ligeira vantagem branca.

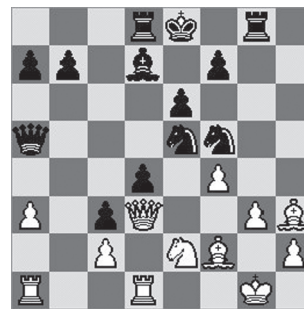
16.Bh3

Para 16.Bg2? Ch4! 17.Bh3 Cb4.

**16 ... d4
17.0-0 Td8
18.Tfd1**

Era mais promissor 18.Bxf5, seguido de 19.Bxd4. Apesar das pretas terem chances de contra-jogo, o branco teria melhores perspectivas.

18 ... Cxe5!



Posição após 18...Cxe5!

Timman encontra um forte lance que dá um contra-jogo violento.

**19.fxe5 Bb5
20.De4?!**

Era melhor devolver o material e equilibrar novamente a posição com 20.Bxf5!

20 ... Bc6

Percebe-se que o sacrifício do cavalo visava colocar o bispo nessa perigosa diagonal.

**21.Df4 Dd5
22.Rf1 Dh1+
23.Cg1 Dxb2
24.Td3?**

De novo era imprescindível *24.Bxf5*.

**24 ... Ce3+
25.Re2 Bb5
26.Tb1 Ba6!**

Bonito lance! A vitória agora é simples questão de tempo e de técnica.

**27.Df6 Cg4!
28.Bxg4 Txb4
29.Df3 Tg5
30.Txb7 Txe5+
31.Rf1 Tf5
32.Dc6+ Rf8
33.Cf3 Dh1+
34.Re2 Bxd3+**

O golpe final.

35.cxd3 c2

Ameaça mate e coroar o peão. O branco abandona.

Partida 53
BATISTA, G - VIEIRA, A
BRASÍLIA, 1999 [C02]

**1.e4 e6
2.d4 d5
3.e5**

Lance que caracteriza a Variante Nimzowitsch, ou do Avanço. Essa e a Variante das Trocas (*3.exd5*) são os métodos mais antigos de enfrentar a Francesa.

3 ... c5

4.c3

Para manter a base da cadeia de peões (casa *d4*).

4 ... Cc6

Os próximos lances de ambos os lados visam atacar e defender a cadeia de peões no centro. Outro plano interessante para as pretas é tentar trocar seu bispo mau pelo bispo bom do branco, com as seguintes jogadas: *...Db6, ...Bd7* e *...Bb5*.

5.Cf3 Db6

A dama também participa da luta, atacando o ponto *d4* e pressionando a casa *b2*, o que impede, ou dificulta, o desenvolvimento do bispo da dama.

6.Bd3

Havia dois outros caminhos: *6.a3* (estabilizando o centro e o flanco da dama) e *6.Be2*. O lance do texto dará à partida uma conotação extremamente agressiva.

6 ... cxd4

Jogada coerente com o plano negro de pressionar a casa *d4*, já que fixa o ponto para poder atacá-lo.

7.cxd4 Bd7

Obviamente, não é possível *7...Cxd4??* por *8.Cxd4 Dxd4 9.Bb5+*, ganhando.

8.Cc3!?

Antigamente jogava-se *8.Be2*. O ousado movimento *8.Cc3!?* sacrifica o peão de *d4* para deixar a dama adversária exposta. A teoria recomenda *8.0-0*; no entanto, achamos melhor jogar nesse momento *8.Cc3!*, para responder a *...Cb4* com *Bb1* (mantendo o bispo na diagonal *b1-h7*).

8 ... Cxd4

Pagando para ver!

9.Cxd4 Dxd4
10.0-0!

Uma idéia do ex-campeão mundial Mikhail Tal. Até então, usava-se *10.De2*, cedendo apenas um peão.

10 ... a6

As pretas decidem jogar com segurança e não tomam o segundo peão, o que tornaria a luta ainda mais aguda, uma vez que em troca dos dois peões centrais o branco desenvolveria rapidamente suas peças.

11.De2 Bb4?!

Esse não é o melhor. As opções *11...Tc8*, *11...Dh4* e especialmente *11...Ce7* (para jogar *...Cc6* e pressionar o peão de *e5*) são as mais indicadas.

12.Rh1?!

Oferecendo mais um peão. O movimento do rei é para sair da cravada e poder jogar *f4*, com a idéia de *f5-f6*.

12 ... f5

Se *12...Bxc3?! 13.bxc3 Dxc3 14.Bd2!* com boas possibilidades do branco.

13.exf6

O lance *13.f4* também era uma alternativa interessante.

13 ... Cxf6
14.f4

Impedindo um possível *...e5* e ainda com a ameaça de ganhar a dama.

14 ... Bd6
15.Be3 Db4

16.a3 Da5
17.Bd4 0-0
18.Df2

Com a idéia de levar a própria dama para a ala do rei e ameaçando novamente a do adversário.

18 ... Dd8
19.Dh4 g6?!

Essa jogada enfraquece ainda mais a posição do rei.

20.f5!?

Lance de caráter enérgico, não dando tempo ao negro de reforçar sua defesa.

20 ... gxf5?

O correto era *20...exf5*.

21.Dg5+ Rf7
22.Be2 h5?

O erro decisivo. Era fundamental responder *22...e5!*

23.Cxd5!!



Posição depois de 23.Cxd5!!

Início de um bonito arremate. O simples *23.Bxh5+* também já seria suficiente.

23 ... exd5
24.Bxh5+ Cxh5

25.Dxh5+ Re7
 26.Tae1+ Be6
 27.Dh7+ Tf7
 28.Txe6+!

Complemento da combinação iniciada no lance 23.

28 ... Rxe6
 29.Te1+ Rd7
 30.Dxf7+ Be7
 31.Bf6 1-0

Caso 30...Rc8 31.Te8 e para 30...Rc6 31.Tc1+.

Partida 54
FUCEK, C - DE SOUZA, M
MAR DEL PLATA (ARGENTINA), 1998 [C11]

1.e4 e6
 2.d4 d5
 3.Cc3 Cf6
 4.e5

Outra opção é 4.Bg5, entrando na Variante Clássica.

4 ... Cfd7
 5.Cce2

Mais jogado é 5.f4. A idéia de Cce2 é manter a cadeia de peões com c3, quando as negras fizerem ...c5. O lado negativo reside na falta de desenvolvimento na ala do rei.

5 ... c5
 6.c3 Cc6
 7.f4

O branco constrói um forte centro de peões, o que lhe assegura vantagem de espaço. Entretanto, esse centro dificilmente será sustentado, a não ser à custa de atraso no desenvolvimento.

7 ... f6

As negras, mediante os lances ...c5 (que abre a coluna c depois da troca em

d4) e ...f6 (abrindo a coluna f, após a troca em e5) buscam atuar nas alas, já que o centro está fechado.

8.Cf3 Db6
 9.a3

Para mobilizar os peões da ala da dama.

9 ... Be7
 10.b4 cxd4
 11.cxd4 0-0

Era de se cogitar 11...a5!?, para enfraquecer os peões da ala da dama adversária.

12.Tb1 fxe5?!

Embora 13.dxe5 fosse mais aconselhável, as pretas poderiam seguir com 13...a5! 14.b5 Bc5!, com posição confortável.

13 ... Txf3!



Posição depois de 13...Txf3!

Esse sacrifício é possível porque a ala do rei de Fucek está congelada e a diagonal e1-h4 debilitada.

14.gxf3 Bh4+
 15.Rd2?

Mais prudente teria sido 15.Cg3.

15 ... Cxd4

Nesse tipo de posição, é necessário analisar com muito cuidado, em busca de lances fortes e objetivos. É a hora do tudo ou nada!

16.f4

Apoiando o peão de e5 e almejando levar o rei para o refúgio a2.

16 ... Cxe5

Um corajoso sacrifício que tem por finalidade completar rapidamente o desenvolvimento e tirar proveito da situação exposta do rei branco. As pretas, no entanto, deixaram escapar o brilhante *16...Be1+!*, que conduziria rapidamente à vitória. Naturalmente, se *17.Rxe1 Cf3++*.

17.fxe5 Bd7
18.Rc3!

As brancas tratam de esconder seu rei o mais depressa possível.

18 ... Cf3!
19.Bf4?

Nesse momento, o único lance que dá alguma esperança ao branco parece ser *19.Rb2*.

19 ... a5
20.Db3 axb4+
21.Dxb4 Df2?

A opção *21...Txa3+!* decide mais rapidamente.

22.Dxb7?

Deixando o rei desprotegido. Com *22.Rb2!* a posição das brancas, embora ainda difícil, talvez pudesse manter-se, mediante uma defesa correta.

22 ... Dc5+
23.Rb3 Dxa3+

Se *23...Cd4+!*, seria mate em 3 lances: *24.Cxd4 Txa3+ 25.Rb2 Dc3++*.

24.Rc2 Ba4+
25.Rb3 Bxb3+ 0-1

Uma brilhante vitória do mestre internacional brasileiro Mauro de Souza.

Mauro de Souza

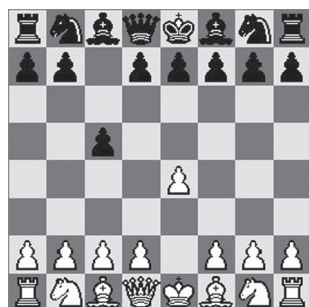
Mauro Guimarães de Souza nasceu em São Paulo no dia 30 de janeiro de 1968.

Obteve o título de mestre internacional em 1997. É professor de xadrez, ministrando aulas particulares, cursos e simultâneas.

Alguns resultados expressivos:

- Campeão brasileiro juvenil em 1987;
- Co-campeão do 7º Campeonato Aberto do Brasil de 1991;
- Campeão dos Jogos Regionais de São Paulo 1998, por Osasco;
- Campeão brasileiro interclubes de 2001, integrando a equipe do Clube de Xadrez São Paulo;
- Vice-campeão paulista absoluto de 2001.

Defesa Siciliana



1.e4 c5

Histórico

Segundo o inglês Jacob Henry Sarratt, o nome Defesa Siciliana originou-se de um estudo da seqüência 1.e4 c5 publicado em 1617 pelo padre italiano Pietro Carrera, da cidade de Militello, na Sicília.

O mérito não é só de Carrera, mas também de um grupo de mestres italianos, entre eles Gianutio, Polério, Sálvio e Greco, que entre os séculos XIV e XVII analisaram diversas aberturas novas, entre elas a Siciliana. Carrera aproveitou essas análises e escreveu o livro "Il giuoco degli scacchi" (O jogo de xadrez).

Mesmo tendo a aprovação do grande jogador francês Philidor, a Siciliana continuou sendo vista como inferior, até ser empregada no famoso match entre o francês De la Bourdonnais e o inglês McDonnell, ocorrido em 1834. Depois desse encontro, também esteve presente na disputa entre Staunton e Saint-Amant, em 1843, e no Grande Torneio Internacional de Londres, no ano de 1851.

Enquanto predominou o estilo romântico, ela não teve muitos partidários, devido, naturalmente, à predileção pelas aberturas abertas.

No início do século passado, com o aparecimento da Escola Hipermoderna,

a Siciliana ganhou mais adeptos, sendo, nos dias de hoje, a mais praticada das aberturas semi-abertas.

É difícil encontrar um enxadrista que não a tenha em seu repertório, ou que não a haja utilizado algum dia em sua carreira. Seu espírito dinâmico, que possibilita partidas agudas, somado ao seu caráter estrutural, que agrada aos jogadores que buscam uma boa formação de peões, tornam-na apta a qualquer estilo.

Seguramente, não existe outra abertura cuja teoria tenha se desenvolvido de forma tão vertiginosa, o que exige um conhecimento detalhado de uma grande quantidade de variantes, bem como um jogo preciso de ambos os lados, pois uma simples inversão na ordem das jogadas pode levar a uma posição inferior, ou mesmo à derrota.

Especialista: Fischer

Um pouco de sua história

Robert James Fischer nasceu em Chicago, Illinois, no dia 9 de março de 1943, de pai alemão e mãe judia-suíça. Aprendeu a jogar aos seis anos de idade com sua irmã Joan, logo demonstrando muito interesse pelo xadrez. Seu único instrutor, quando garoto, foi Carmine Nigro, presidente do Brooklyn Chess Club.

Em 1956, com apenas 13 anos, conquistou o campeonato juvenil dos Estados Unidos, façanha não igualada até hoje. No ano seguinte, disputando com vários grandes mestres, venceu o campeonato nacional absoluto, com um ponto à frente do segundo colocado.

Sua carreira internacional ganhou projeção no interzonal de Portoroz (Eslovênia), em 1958, onde terminou na quinta colocação, o que lhe deu o direito de receber o título de grande mestre in-

ternacional, com apenas 15 anos de idade (fato inédito na época).

No interzonal de Sousse de 1967, após estar liderando com folga a competição, desentende-se com a organização da prova e abandona-a. No ano de 1970, no entanto, ganha o interzonal de Palma de Mallorca com grande vantagem: 3.5 pontos à frente de seu concorrente mais próximo!

Passa, então, ao torneio de candidatos, realizado no ano seguinte, conseguindo o direito de enfrentar Spassky, após eliminar de forma categórica a seus três adversários: Taimanov 6-0, Larsen 6-0 e Petrosian 6.5 a 2.5.

Em 1972, em Reykjavik (Islândia), após um início confuso – perde de forma bisonha a primeira partida e não comparece à segunda – vence a Boris Spassky por 12.5 a 8.5 pontos, tornando-se o primeiro norte-americano a conquistar oficialmente o título de campeão mundial, que estava em mãos soviéticas há quase meio século.

Tendo conquistado os primeiros lugares em praticamente todos os principais torneios de 1958 a 1972, e alcançado seu maior objetivo na vida, surpreendentemente afasta-se do meio enxadrístico. Em 1975, quando tem de defender seu título frente a Karpov, que era o desafiante, faz algumas exigências (consideradas hoje absolutamente normais) à Federação Internacional de Xadrez, as quais não são aceitas. Ante sua recusa em jogar, a FIDE proclama Anatoly Karpov o novo campeão mundial.

Em 1992, portanto quase vinte anos depois, disputa um match milionário com seu antigo rival Spassky, vencendo por 10-5 (mais 15 empates). Essa foi sua última aparição em jogos oficiais, seu canto do cisne. Embora longe do antigo brilho, em muitos momentos ainda se pôde reconhecer sua força.

Dotado de uma personalidade forte, sua vida tem sido controvertida, mas é inegável que lutou muito para valorizar o xadrez e dar melhores condições aos enxadristas.

Sua excelente obra “Minhas sessenta melhores partidas”, que veio a público em 1969, foi muito elogiada pelos especialistas. Em seus escritos, procurou ser justo nas análises e críticas aos adversários, inclusive publicando três partidas que perdeu.

Era um verdadeiro lutador dentro das 64 casas do tabuleiro, empenhando-se sempre para ganhar todas as partidas que disputava. Dotado de um jogo muito agressivo e vigoroso, tinha uma habilidade ímpar para o ataque, alternando com extrema maestria o jogo tático com o posicional. Possuía também uma excelente preparação teórica.

Dominava muito bem a Siciliana, tanto que nela fez inúmeras novidades teóricas, refutando algumas linhas e melhorando outras.

Variantes

• **Variante Scheveningen: 1.e4 c5 2.Cf3 e6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 d6**

Sua idéia-base provém de estudos dos irmãos Paulsen, publicados em 1866. A denominação, contudo, deve-se à pequena cidade de Scheveningen, um balneário de Haia, onde estreou no torneio de 1923, pelas mãos do futuro campeão mundial Dr. Max Euwe, frente ao húngaro Geza Maroczy. Depois disso, prontamente se popularizou, sendo inclusive chamada de Variante Normal da Siciliana, pela sua freqüente utilização.

• **Ataque Richter-Rauzer: 1.e4 c5 2.Cf3 d6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 Cc6 6.Bg5**

O nome desse ataque vem do alemão Kurt Richter e do soviético Vsevolod Rauzer.

Trata-se de uma variante que exige grande conhecimento teórico, precisão e espírito combativo, uma vez que é quase uma constante o roque em alas opostas, o que leva a posições extremamente complicadas.

• **Variante Kan: 1.e4 c5 2.Cf3 e6 3.d4 exd4 4.Cxd4 a6**

Aproveitando, também, a idéia original dos irmãos alemães Louis e Wilfredo Paulsen (motivo pelo qual ela é chamada também de Variante Paulsen), o mestre e árbitro internacional soviético Ilya Kan revitalizou a linha, dando mais flexibilidade às suas inúmeras bifurcações, bem como introduzindo novas idéias, as quais vieram a torná-la mais atrativa e respeitada.

• **Variante Taimanov: 1.e4 c5 2.Cf3 e6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 a6 5.Cc3 Dc7 6.Bd3 Cc6 7.Be3 Cf6 8.0-0 Ce5**

Também derivada das idéias dos irmãos Paulsen, em suas primeiras jogadas pode ser facilmente transposta para a Scheveningen.

As novas possibilidades estratégicas e defensivas postas em prática pelo grande mestre e pianista soviético Mark Taimanov firmaram seu nome a esse sistema, que se tornou uma das linhas mais praticadas na Siciliana.

• **Variante dos Quatro Cavalos: 1.e4 c5 2.Cf3 e6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 Cc6**

As principais respostas das brancas são: 6.Cdb5; 6.Be2; 6.Cxc6, seguido de e5.

As pretas pretendem lutar pelo domínio do centro jogando rapidamente ...d5. Com forte pressão também sobre o quadro c3, colocando seu bispo em b4.

• **Ataque Sozin/Velimirovic: 1.e4 c5 2.Cf3 d6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 Cc6 6.Bc4**

No Ataque Sozin, analisado pelo russo Veniamin Sozin, as brancas continuam com Be3 e em seguida 0-0. Já no Ataque Velimirovic, cuja concepção se deve ao grande mestre iugoslavo Dragoljub Velimirovic, o branco joga Be3 e De2, seguindo com o roque grande. Esse último leva a posições de duplo fio, extremamente agudas.

• **Ataque Inglês – 1.e4 c5 2.Cf3 d6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 a6 6.Be3** (seguido de f3)

Popularizou-se nos anos 80 como um método para combater a Variante Najdorf, quando jogadores da envergadura de Nunn, Short e Chandler, todos grandes mestres *ingleses*, passaram a usá-lo com sucesso. Em tempos mais recentes Anand e Kasparov também o incluíram em seu repertório.

O Ataque Inglês pode ser adotado também contra outras variantes, necessitando apenas de uma certa adequação. Guarda semelhanças com o Ataque Velimirovic, com o diferencial de que a dama no Ataque Inglês se situa em d2 e no Velimirovic em e2.

Após 6.Be3, o branco segue um desenvolvimento a base de f3, Dd2, 0-0-0 e g4, com boas perspectivas no ataque.

• **Variante Najdorf: 1.e4 c5 2.Cf3 d6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 a6**

Essa seqüência é conhecida desde a partida entre Bogoljubov e Canal, em Carlsbad 1929. Ela tem o nome do enxadrista polonês, naturalizado argentino, Miguel Najdorf porque ele a estudou, melhorando muitas de suas linhas. É também conhecida por Variante Argentina, Variante Haia, ou ainda Paulsen Moderna.

• **Ataque Keres: 1.e4 c5 2.Cf3 d6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 a6 6.g4**

Sendo um excelente analista de aberturas, o grande mestre estoniano Paul Keres criou importantes linhas, defendendo suas idéias na prática, a exemplo dessa variante.

• **Variante do Dragão: 1.e4 c5 2.Cf3 d6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 g6**

Essa seqüência, junto com o posterior fianqueto do bispo, caracteriza a Variante do Dragão, cujo nome acredita-se que advenha da similaridade com a imagem mítica de um dragão (formação dos peões negros em d6, e7, f7, g6 e h7).

Sua forma atual remonta aos anos

de 1880, quando Louis Paulsen analisou essa estrutura mais profundamente. Porém, só nos anos 30 do século passado é que ela recebeu o nome atual.

Uma variação é o Dragão Acelerado, cuja ordem de lances é: *1.e4 c5 2.Cf3 Cc6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 g6*.

• **Variante Pelikan: 1.e4 c5 2.Cf3 Cc6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 e5**

Essa variante é conhecida oficialmente desde a partida Sellman-Bird, em Londres 1883. Seu *début* na prática magistral aconteceu em 1888, partida Tarrasch contra Mieses, em Nuremberg. Também foi utilizada no match-desafio entre Schlechter e o então campeão do mundo Emanuel Lasker, em 1910.

Seu nome deve-se a Jiri Pelikan, enxadrista tcheco naturalizado argentino.

Nos anos de 1980, o grande mestre soviético Sveshnikov deu vida nova à variante com suas análises. Inspirado no jogo Tal-Shambovich, Riga 1955, ele tornou popular sua variante: *1.e4 c5 2.Cf3 Cc6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 e5 6.Cdb5 d6 7.Bg5 a6 8.Ca3 b5 9.Bxf6 gxf6 10.Cd5 f5*.

• **Variante Alapin: 1.e4 c5 2.c3**

Uma antiga concepção do teórico russo Semyon Alapin, introduzida na prática magistral no torneio de Viena 1889.

As brancas ensaiam um rápido domínio central por meio de *d4*, apoiado pelo peão de *c3*. Essa idéia esteve muito em voga no final do século XIX, época na qual dois peões centrais eram considerados uma grande vantagem.

Mais recentemente, o movimento *2.c3* voltou a ser utilizado com bastante frequência, sendo o teórico russo Sveshnikov o maior especialista nessa variante, razão pela qual alguns autores a tratam de Variante Alapin-Sveshnikov.

• **Gambito Smith-Morra: 1.e4 c5 2.d4 cxd4 3.c3**

Esse interessante gambito deve-se ao francês Pierre Morra, que o defendeu nos idos de 1940, e ao norte-americano

Kenneth Ray Smith que o usava com assiduidade.

A entrega do peão dá ao branco a chance de adiantar-se no desenvolvimento e também abre linhas para que suas peças possam criar rapidamente ameaças ao adversário.

• **Variante Nimzowitsch-Rubinstein: 1.e4 c5 2.Cf3 Cf6**

As negras convidam seu oponente a desalojar o cavalo avançando o peão central, para depois contra-atacar exercendo pressão sobre ele.

Essa idéia de Nimzowitsch foi posta à prova pela primeira vez em sua partida contra Spielmann, em San Sebastian 1911. Mais tarde Rubinstein dedicou a ela exaustivas análises, motivo pelo qual seu nome foi incorporado à variante.

• **Sistema Fechado: 1.e4 c5 2.Cc3 Cc6 3.g3**

É conhecido internacionalmente desde o match entre Chigorin e Schiffers, no ano de 1880.

As brancas renunciam ao jogo aberto, para não entrar em variantes onde as negras dispõem de boas possibilidades de luta (Scheveningen, Dragão, Paulsen etc).

Brancas

Sua estratégia será desenvolvida em função da escolha de onde ficará seu rei: na ala do rei, ou na ala da dama.

Roque pequeno: devem atuar no centro e na ala do rei, atentas aos seguintes tópicos:

- As brancas sempre têm superioridade de espaço.
- Possibilidades de violentos ataques contra o flanco do rei adversário, à base do avanço dos peões das colunas *f*, *g* e até o de *h*.
- Conter a iniciativa negra na ala da dama, realizando algumas vezes a jogada *a4*, que dificulta ...*b5*.
- O bispo da ala da dama quase

sempre deve ajudar na segurança do rei, que estará desprotegido após o avanço dos peões de sua ala.

- Evitar a troca de peças, especialmente dos cavalos; sobretudo, não fazer *Cxc6*, o que abre perigosamente a coluna *b* para as negras e fortalece o centro, depois de *...bxc6*.

- Adiar ao máximo os avanços centrais do inimigo (*...d5* ou *...e5*), através do lance profilático *Tad1*.

- Levar a dama para cooperar na ofensiva, devendo ela estar em *g3*, *h3* ou *h4*. Dependendo das características da posição, essa manobra pode ser via *e1-g3*, ou à casa *f3* direto.

- Às vezes a colocação de um cavalo na casa *d5* (em algumas circunstâncias até com sacrifício), pode dar margem a uma vantagem decisiva.

- No caso do negro fianquetar seu bispo do rei, as idéias são praticamente as mesmas, com a diferença de que devem ficar atentas à ação desse perigoso bispo que passa a dominar a excelente diagonal *a1-h8*.

Roque grande: o foco da luta continua sendo a ala do rei e com menor frequência o centro. Devem observar ainda:

- É imprescindível agir com rapidez, pois, o ditado “quem chega primeiro ganha” continua válido.

- O bispo, em grande parte dos casos, deve ser jogado a *g5*, o que dificulta o contra-ataque central *...d5*.

- Levar o rei para *b1* após o roque, para sair da coluna *c* semi-aberta e da diagonal livre *c1-h6*.

- Cuidar para impedir o sacrifício de qualidade em *c3*, muito comum na Siciliana.

- Se o adversário fianquetar seu bispo negro, oferecer a troca pelo bispo próprio, o que enfraquecerá os quadros *f6* e *h6* das pretas.

Pretas

Suas idéias também dependem de onde o rei branco se colocar.

Roque pequeno:

- Atuar na ala da dama, sempre atentas às chances de uma ruptura central.

- Procurar valorizar sua estrutura de peões, mais elástica.

- Operar através da coluna semi-aberta *c*.

- Algumas vezes é necessário trocar o cavalo da dama pelo de *d4* adversário, para dar vida ao bispo de casas brancas.

- É muito comum a manobra *Cc6-a5-c4* (ou semelhante), para pressionar e criar debilidades no campo branco.

- Desenvolver o bispo da dama via *b7* ou *d7*.

- Observar a oportunidade de se abrir a coluna *b*, caso o branco jogue *a4*.

- Quando as peças não estiverem em harmonia, as perdas de tempo visando reagrupá-las ou aumentar seu raio de ação são justificáveis.

- Procurar evitar a entrada de um cavalo branco na casa *d5*.

- Não promover nenhuma ruptura central se seu cavalo de *f6* não tiver um campo seguro de retirada.

- Se fizer o fianqueto na ala do rei, valorizar ao máximo o forte bispo da diagonal *a1-h8*.

Roque grande: caso o rei branco vá para a ala da dama, deve-se jogar nesse flanco, mobilizando peças, avançando os peões e tentando promover a abertura central, caso surja oportunidade. Realizar o plano *standard* dessas posições, procurando impedir as idéias sugeridas ao branco linhas atrás.

Um detalhe importante é a conjugação do bispo de *g7* pressionando *b2*, com apoio da dama em *b6*, ou da torre em *b8* quando a coluna estiver aberta.

Partida 55

MINIC, D - FISCHER, R
ZAGREB (ESLOVÊNIA), 1970 [B99]

1.e4	c5
2.Cf3	d6
3.d4	

Se por um lado o branco consegue liberdade de espaço para suas peças, por outro o negro troca um peão lateral por um central, ficando com dois peões com possibilidades de caminhar para o centro.

3 ... cxd4
4.Cxd4

Pode-se responder também *4.Dxd4*, entrando na Variante Húngara. O que geralmente segue é *4...Cc6 5.Bb5 Bd7 6.Bxc6* e o branco tem sua dama centralizada para compensar a perda do par de bispos.

4 ... Cf6

Importante para impedir o Sistema Maroczy, no qual o branco joga *c4*, lance que dificulta *...b5* e também *...d5*, além de diminuir a importância do domínio das pretas sobre a coluna *c*.

5.Cc3

Aqui se pode responder *5.f3* (Variante Moscou).

5 ... a6

Lance profilático que dá origem à Variante Najdorf. A idéia é jogar a dama oportunamente a *c7*, sem que seja molestada por um cavalo em *b5*. Além disso, com *5...a6*, o negro planeja uma expansão na ala da dama por meio de *...b5*.

6.Bg5

Essa enérgica jogada visa dificultar o contragolpe *...d5*.

6 ... e6

Com certa frequência encontramos também *6...Cbd7*.

7.f4

Alcançamos agora a posição típica da variante.

7 ... Be7

Muito utilizado foi *7...b5*, iniciando rapidamente o ataque na ala da dama. Seguiria, então, *8.e5 dxe5 9.fxe5 Dc7!*

8.Df3 Dc7

Mais preciso que *8...Cbd7*, que seria combatido com *9.Bc4!*, ameaçando sacrificar o bispo em *e6*. Uma alternativa interessante é *8...h6 9.Bh4 g5!? 10.fxg5 Cfd7 11.Cxe6*, conhecida como Variante Gotemburgo.

9.0-0-0 Cbd7
10.g4

Dragoljub Minic não perde tempo e começa a mobilizar seus peões da ala do rei.

10 ... b5

Fischer não fica atrás e contra-ataca na ala da dama!

11.Bxf6

Já tendo cumprido sua missão, o bispo é trocado pelo cavalo de *f6*, o que permite o avanço do peão a *g5*.

11 ... Cxf6
12.g5 Cd7
13.a3?!

Muito mais dinâmico é *13.f5!*, sacrificando o peão por uma maior rapidez no ataque.

13 ... Tb8!

Prontamente a coluna *b* estará aberta e o ataque negro começará a oferecer riscos.

14.h4 b4

15.axb4 **Txb4**
16.Bh3 **0–0!**

Parece temerário colocar o rei de-
 baixo de uma avalanche de peões, mas
 no centro ele seria alvo fácil das peças
 brancas. O movimento natural seria
 16...Cc5.

17.Cf5

Se 17.Cxe6 fxe6 18.Bxe6+ Rh8
 19.Cd5 Dc5! daria no mínimo posição
 igual ao negro.

17 ... **Cc5**
18.Cxe7+ **Dxe7**
19.h5?

Recomenda-se aqui 19.De3!

19 ... **Bb7**
20.h6 **Bxe4**
21.Cxe4 **Cxe4**
22.hxg7

Depois de todas essas complica-
 ções, as pretas surgem com posição su-
 perior. Têm duas colunas livres para ata-
 car o roque contrário, enquanto que o bran-
 co possui um peão em g7, que está dan-
 do guarida ao rei adversário e um bispo
 em h3 atrapalhando a ação da torre.

22 ... **Tc8**
23.Th2 **Ta4**
24.Rb1 **d5**
25.c4

Uma tentativa de jogar o bispo ga-
 nhando um tempo em cima da torre. En-
 tretanto, já é demasiado tarde.

25 ... **Taxc4**
26.Bf1 **Tb4**
27.Dh3 **Cc3+!**

Esse é o lance que decide e que
 teve de ser calculado com anteceden-
 cia, porque sem ele Fischer estaria per-
 dido.



Posição após 27...Cc3+!

28.Rc1 **Ca4+**
29.Rb1 **Txb2+!**
30.Txb2 **Cc3+**
31.Rc1 **Da3**
32.Bd3 **Da1+**
33.Rd2 **Dxb2+**
34.Re1 **Ce4 0–1**

Uma partida de muita luta e cheia
 de lances agudos, típica de quando se
 roca em lados opostos.

Partida 56

MARKOVIC,I - PAYEN,A
CINGAPURA (CINGAPURA), 1990 [B78]

1.e4 **c5**
2.Cf3 **d6**
3.d4 **cxd4**
4.Cxd4 **Cf6**
5.Cc3 **g6**

Essa seqüência, com o posterior
 fianqueto do bispo, caracteriza a Variante
 do Dragão, que geralmente leva a uma
 violenta luta.

6.Be3

Interessante linha é 6.f4, com a idéia
 de e5.

6 ... **Bg7**

É incorreto 6...Cg4 por 7.Bb5+, ga-
 nhando material.

7.f3

Ao realizar esse lance, o branco entra na chamada Variante Sãmisch, em função de sua correlação com a variante de mesmo nome na Defesa Índia do Rei.

7 ... **0-0**
8.Dd2

As brancas desenvolvem suas peças visando o roque grande, o que imprime à partida uma situação de risco para ambos os lados.

8 ... **Cc6**
9.Bc4

Lance que dá origem ao Sistema Iugoslavo, muito estudado e também muito controvertido, devido aos inúmeros recursos táticos que ambos os jogadores têm à disposição.

Outra opção é *9.0-0-0*.

9 ... **Bd7**
10.h4

Toda vez que um peão do roque avança (no caso, ...g6), surge o tema de caminharmos com um peão lateral para propor a troca, abrindo assim a coluna onde estava nosso peão.

10 ... **h5**

Do contrário o primeiro jogador abriria a coluna *h*, mediante o sacrifício do peão em *h5*.

11.0-0-0 **Ce5**

O cavalo manobra para chegar à importante casa *c4*.

12.Bb3 **Tc8**

A coluna *c* é uma das principais armas de contra-ataque que o negro possui na Siciliana.

13.Bg5

Com duplo propósito: prepara a retirada *De2* ao salto do cavalo negro a *c4*, ameaçando ao mesmo tempo *f4*.

13 ... **Tc5**

Esse lance aparentemente misterioso de torre tem sua razão de ser: protege o peão da coluna *b*, que irá a *b5* para dar apoio ao cavalo, quando este se instalar em *c4*. Além disso, exerce importante papel defensivo ao longo da quinta fileira.

14.g4

Sacrificando um peão para começar a quebrar a fortaleza que as pretas montaram para dar proteção ao seu rei.

14 ... **hxg4**
15.f4

Desalojando o cavalo de seu excelente posto central e ficando com perspectivas de realizar rupturas à base de *e5* ou *f5*.

15 ... **Cc4**
16.De2 **b5**

Vemos agora a importância da torre em *c5* como sustentáculo do cavalo de *c4* e defensora do peão de *b5*.

A alternativa é *16...Ca5*.

17.f5

Superior a *17.e5*, que se jogava anteriormente.

17 ... **gxf5**

Do contrário surgem problemas na diagonal *a2-g8*.

18.Bxf6

Importante novidade teórica de Markovic. Antes era jogado *18.exf5*.

18 ... **Bxf6**

19.exf5! Tx5

Forçado. Para *19...Ce5 20.Thg1!*, ameaçando *Txg4*.

20.Dxg4+!

Uma boa opção é *20.Thg1!*

20 ... Tg5
21.hxg5!!

Brilhante! Além de todas as complicações táticas que esse lance origina, o sacrifício em si é muito bonito.

21 ... Bxg4
22.gxf6 exf6!
23.Tdg1 f5!
24.Th5!



Posição depois de 21.hxg5!!

Naturalmente, não é bom *24.Cxf5* por *24...Dg5+*.

24 ... Te8!
25.Bxc4! bxc4
26.Txf5 Dh4

Para *26...Te1+?* *27.Txe1 Bxf5 28.Cxf5 Dg5+ 29.Ce3* com vantagem decisiva.

27.Cf3 Dh6+!

Se *27...Dh3 28.Tg5+ Rf8 29.T5xg4 Dxf3 30.Tg8+ Re7 31.Te1+* ganhando.

28.Rd1 Dg6

A tentativa *28...Te1+* falha por *29.Rxe1 De6+ 30.Ce5! Rf8! 31.Txf7+ Re8 32.Txg4 Dxe5+ 33.Te4*.

29.Txg4 Dxc4
30.Tg5+ Dxc5
31.Cxg5 d5?!

Era imprescindível *31...Rg7!*

32.Cf3 f5?
33.Cd4

Depois das duas últimas imprecisões do adversário, o branco tem vitória fácil.

33 ... f4

Caso jogassem *33...Te5 34.Cc6 Te6 35.Cxd5*.

34.Cxd5 Td8
35.Ce7+ Rf7
36.Cec6 Td5
37.Re2 Re8
38.Rf3 Rd7
39.Rxf4 Rd6
40.Re4 Tg5
41.Cxa7 Ta5
42.Cab5+ 1-0

Uma linda partida, merecedora de um prêmio de beleza.

Partida 57

POLGAR, J - HULAK, K
AMSTERDÃ (HOLANDA), 1989 [B85]

1.e4 c5
2.Cf3 e6
3.d4 cxd4
4.Cxd4 Cc6
5.Cc3 Dc7

A dama em *c7* fica muito bem localizada: domina a coluna *c* semi-aberta, protege o cavalo de *c6* e ainda fiscaliza a importante casa *e5*.

6.Be2

Se *6.Cdb5*, então *6...Db8*, seguido de *...a6*.

6 ... a6

Para evitar *Cb5* e possibilitar um posterior *...b5*.

7.0-0

É muito comum vermos o branco contestar *...a6* com *a4*. Esse lance, se por um lado evita uma expansão negra nessa ala, por outro, cria um ponto fraco em *b4*.

7 ... Cf6
8.Be3 Be7
9.f4

O primeiro jogador não deve ter receio de realizar esse movimento, que à primeira vista parece deixar desprotegido seu rei: os bispos em *e2* e *e3* formam uma barreira, protegendo-o muito bem.

9 ... d6

Por transposição de lances, acabamos chegando na Variante Scheveningen.

10.De1

A dama passará para a ala do rei, onde dará apoio ao ataque que em breve se iniciará nesse setor. Muito freqüente também são *10.Rh1* e *10.a4*.

10 ... Bd7
11.Dg3

Mirando para o futuro roque negro e preparando *e5*.

11 ... 0-0
12.Tae1

Vemos como as brancas adquiriram clara vantagem de espaço e um harmônico desenvolvimento de peças. Em troca, seu adversário tem uma posição

restringida, mas sem fraquezas. Inclusive, com perspectivas de contra-jogo em vários pontos, seja com *...b5*, *...d5* ou *...e5*.

12 ... b5
13.a3

Importante para que não seja desalojado o cavalo que protege o peão de *e4*.

13 ... Cxd4

A troca em *d4* é sempre polêmica. É necessária para se colocar o bispo de *d7* em uma casa mais ativa (*c6*), entretanto, põe o bispo adversário na direção do próprio roque.

14.Bxd4 Bc6
15.Bd3

Em muitas ocasiões vemos o bispo branco ir a *f3* para o roque ficar mais protegido. No entanto, percebe-se que em *d3* ele é bem mais agressivo.

15 ... Tab8?!

A idéia aqui é proteger o peão de *b5* outra vez, para permitir *...a6-a5*.

Mas este não é o melhor plano. Cinco anos mais tarde o GM Lajos Portisch enfrentando a mesma Judit Polgar melhorou a idéia com *15...Tae8 16.Dh3 e5*.

16.e5

Jogada importantíssima, porque restringe ainda mais a posição das peças inimigas, aumentando as chances brancas de realizar um ataque vitorioso sobre o roque.

16 ... Ce8

Para *16...dxe5 17.Bxe5 Db6+ 18.Rh1 Tbd8 19.f5*.

17.f5! exf5
18.Txf5 dxe5
19.Dh3!



Posição após 19.Dh3!

E começam a aparecer as ameaças táticas.

19 ... h6

Se 19...exd4? 20.Txf7! com vantagem decisiva.

20.Bxe5 Da7+?

Era necessário jogar 20...Db6+ 21.Rh1 Bd6, com a sutil ameaça de após 22.Tg5 Bxe5 23.Dh6?, seguir com 23...Bxg2+!, ganhando a dama inimiga.

21.Rh1 Bd6
22.Tg5!

Um excelente lance de uma jovem de apenas 13 anos de idade!

22 ... Df2

Não servia 22...Bxe5 por 23.Dxh6 g6 24.Th5! ganhando.

23.Tf1 Dxf1+

As negras tentam salvar a partida trocando a dama pelas duas torres. O problema é que estas não estão conectadas e as demais peças não atuam em equipe.

24.Bxf1 hxg5
25.Bd3 f5

Além de perder um peão, ainda abre a posição do rei.

26.Bxf5 Bxe5

A peça a mais é ilusória. Devido à situação exposta do rei, em poucas jogadas as brancas recuperam o material cedido.

27.Dh7+ Rf7
28.Dg6+ Re7
29.De6+ Rd8
30.Dxe5

Hulak não vai resistir por muito tempo!

30 ... Tb7
31.Rg1!

Não convém 31.Dd4+ por causa da resposta 31...Td7!

31 ... Tbf7
32.g4 g6
33.Db8+ Re7
34.Cd5+! Bxd5
35.De5+ Rd8
36.Dxd5+ Rc7
37.Dc5+ Rb8
38.Db6+ Tb7
39.Dd8+ Ra7
40.Bxg6

E, devido à perda de uma peça no lance seguinte, as pretas abandonam.

Judit Polgar

A húngara Judit Polgar é considerada a rainha do xadrez e a melhor jogadora de todos os tempos. Nascida em 1976, no seio de uma família que possuía seus próprios métodos de educação, estudou em casa, não freqüentando escolas regulares.

Uma das convicções de Laszlo, seu pai, é que os gênios não nascem prontos, fazem-se. Por isso, quando Judit tinha cinco anos de idade, ele começou a ensiná-lhe os movimentos das peças (o que também fez com suas irmãs Sofia e Zsuzsa).

A garota assimilou os ensinamentos rapidamente, tanto que espantou a comu-

nidade enxadrística ao bater o recorde de Bobby Fischer – que se mantinha há mais de três décadas – sendo grande mestra aos 15 anos e 4 meses (dois meses menos que Fischer).

Uma curiosidade é que ela sempre participa de competições masculinas, onde afirma ter encontrado maiores desafios. Tem estado entre os dez melhores jogadores do mundo e é apontada como a única mulher, na atualidade, com chances reais de sagrar-se campeã mundial da categoria absoluta.

Partida 58
Ivanchuk,V - Topalov,V
Linares (Espanha), 1998 [B90]

1.e4	c5
2.Cf3	d6
3.d4	cx d4
4.Cxd4	Cf6
5.Cc3	a6
6.Be3	e5

Também é comum *6...e6*, ou ainda *6...Cg4*, ao que segue *7.Bg5*.

7.Cb3	Be6
8.f3	

Só então a partida toma a forma do Ataque Inglês, muito em voga em nossos dias. As brancas fazem o roque grande e lançam-se a um ataque na ala do rei, avançando os peões desse setor. Por sua vez, as pretas jogam na ala da dama, empurrando seus peões e pressionando ao longo da coluna *c*, em especial o quadro *c4*.

8 ...	Be7
9.Dd2	Cbd7

Chegaria a uma posição típica desta variante *9...0-0 10.0-0-0 b5 11.g4 b4 12.Ca4 Cc6 13.h4 Tb8*, com jogo complicado.

10.g4	h6
11.0-0-0	b5

12.Rb1	Cb6
13.Ca5	

Uma novidade na época. O normal era *13.Df2*.

13 ...	Dc7
14.Bxb6	Dxb6
15.Cd5	Bxd5
16.exd5	Tc8
17.b4?!	

Leva a igualdade a seqüência *17.Cc6 Cxd5 18.Cxe7 Cxe7 19.Dxd6 Dxd6 20.Txd6 Cc6 21.Td2 Re7*.

17...0-0

A opção é *17...Dc7*, que depois de *18.Bh3 Cxd5 19.Dxd5 Dxc2+ 20.Ra1 Dc3+ 21.Rb1 Dxb4+ 22.Cb3 0-0* e as chances são equivalentes.

18.h4	Tc7!
19.Bh3	

Essa é uma casa importante para o bispo no Ataque Inglês, usualmente ele usualmente consegue atividade na diagonal *h3-c8*.

Para *19.g5* segue *19...Ch5 20.gxh6 g6 21.Cc6 Bf6 22.Bd3 Cf4 23.Be4* e o jogo está igual.

19 ...	Ch7!?
20.Bg2	

O bispo em *h3* deixava no ar o peão de *h4*.

21 ...	Tfc8
---------------	-------------

Parece mais lógico *20...f5*.

21.Cc6	Cf6
22.f4?	

As brancas sacrificam o peão com a perspectiva de abrir linhas e mobilizar suas peças rumo ao rei adversário. Mas Topalov mostrará que a estratégia é fa-

Iha. Fazia-se necessário jogar 22.g5 Cxd5!
23.Cxe7+ Cxe7 ou ainda 22.Cxe7+ Txe7
23.g5 Ch5 24.gxh6 g6 25.Bf1 (25.Bh3 Tc4
26.Bg4 Cf4) Tec7 26.Bd3.

22 ...	Cxg4
23.Bh3	h5
24.Thg1	f5
25.fxe5	dxe5
26.Tgf1	Tf8
27.Cxe7+	

Para 27.Bxg4 hxg4 28.Cxe5 Dd6
29.Cc6 Bxh4.

27 ...	Txe7
28.d6	Tef7
29.Bxg4	hxg4
30.Dd5	f4
31.Dxe5	g3
32.Dd5	

Se 32.d7 g2 33.Tfe1 f3 34.Dd5 Dd8
35.Tg1 Dxd7! 36.Dxd7 Txd7 37.Txd7 f2 ga-
nhando.

32 ...	Db7!
--------	------

Para passar a um final com melho-
res chances, devido aos peões avança-
dos na ala do rei.

33.Dxb7	Txb7
34.d7	Txd7!



Posição depois de 34...Txd7!

Com o oportuno sacrifício de torre, o
grande mestre búlgaro terá em mãos um
final fácil de conduzir.

35.Txd7	f3
36.Tdd1	f2
37.Tg1	fxg1D
38.Txg1	Tf3

Depois das trocas, a vantagem é de-
cisiva.

39.Rc1	Rh7
40.Rd1	Rh6
41.Re2	Tc3
42.Rd2	Ta3
43.c3	g2
44.Re2	Txa2+
45.Rf3	Rh5
46.Rg3	Tc2
47.Ta1	Txc3+
48.Rxg2	Tc4
49.Txa6	Txh4
50.Ta7	g6
51.Th7+	Rg5
52.Txh4	Rxh4

E as brancas abandonam.

Topalov

Veselin Topalov nasceu em 15 de
março de 1975, em Ruse, Bulgária. Apre-
deu a jogar xadrez com seu pai, aos 8 anos
de idade. Em 1989 foi campeão mundial
sub14 e em 1992 tornou-se grande mes-
tre. Tem conseguido expressivas vitórias
nos maiores torneios do mundo, como:
Dos Hermanas 1996, Novgorod 1996,
Mônaco 2001 e Linares 2005 (junto com
Kasparov). Em outubro de 2005, venceu o
campeonato mundial da FIDE, realizado
em San Luís, Argentina, com a expressiva
diferença de 2,5 pontos sobre o segundo
colocado, o indiano Viswanathan Anand.
Reside atualmente na Espanha e seu
rating é 2813.

Partida 59

FIER,A - GARCIA,J
BALNEÁRIO CAMBORIÚ, 2005 [B33]

1.e4	c5
2.Cf3	Cc6

3.d4 **cx d4**
4.Cxd4 **Cf6**
5.Cc3 **e5**

Essa posição era chamada Variante Pelikan, mas hoje é mais comumente conhecida por Variante Sveshnikov, tamanha a contribuição do grande mestre soviético ao sistema empregado pelas pretas. A bem da verdade, a Variante Sveshnikov seria necessariamente a linha *1.e4 c5 2.Cf3 Cc6 3.d4 cxd4 4.Cxd4 Cf6 5.Cc3 e5 6.Cdb5 d6 7.Bg5 a6 8.Ca3 b5 9.Bxf6 gxf6 11.Cd5 f5*, conforme a obra "The Oxford Companion to Chess", de David Hooper & Kenneth Whyld.

6.Cdb5

Explorando o ponto fraco deixado em *d6*.

6 ... **d6**
7.Bg5 **a6**
8.Ca3 **b5**
9.Cd5

Novamente explorando um quadro fraco na posição contrária, que é a casa *d5* (nenhum peão pode expulsar o cavalo). O movimento *9.Bxf6* abriria um grande leque de possibilidades.

9 ... **Be7**
10.Bxf6 **Bxf6**
11.c3 **0-0**
12.Cc2 **Bg5**

Decidindo manter o par de bispos.

13.a4

A jogada *a4* sempre causa problemas à formação de peões *a6-b5*. Isso acontece com frequência também na Abertura Ruy Lopez.

13 ... **bx a4**
14.Txa4 **a5**
15.Bc4 **Tb8**
16.Ta2

Outra opção é *16.b3*.

16 ... **g6**
17.Cce3

Vemos agora o objetivo da longa peregrinação deste cavalo: apoiar seu companheiro de *d5*!

17 ... **Rh8**

Saindo da diagonal *a2-g8* para buscar a ruptura típica em *f5*.

18.h4!

Colocando o adversário numa situação delicada: se tomar abre a coluna *h* de seu rei, e se não tomar leva *h5*, com grande perigo.

18 ... **Bxh4**
19.g3 **Bg5**
20.f4!

Jogada engenhosa, que aliada ao avanço do peão *b*, possibilitará o rápido traslado da outra torre para a ala do rei.

20 ... **exf4**
21.gxf4 **Bh4+**
22.Rf1!

Para não atrapalhar a passagem da torre.

22 ... **f5**
23.b4!!

Eis a finalização do plano de levar a outra torre até a coluna *h*.

23 ... **fxe4**
24.Tah2 **g5**
25.b5! **Ce5**
26.Dd4

Visivelmente as brancas têm boa vantagem na posição.

26 ... Tb7
27.Txh4!



Posição após 27.Txh4!

O atual campeão nacional absoluto continua jogando o fino na posição. Sacrifica a qualidade para tomar em seguida o cavalo cravado.

27 ... gxf4
28.Re2 Tg7
29.fxe5 dxe5
30.Dxe4 h3
31.Dxe5

E não há mais esperanças para as pretas.

31 ... Dh4
32.Rd3 Dh6
33.Rc2 Dg6+
34.Rb3

Agora o rei está em segurança.

34 ... Te8
35.Dd4 De4
36.Dxe4

Tampouco o final sem as damas oferecerá possibilidades de resistência.

36 ... Txe4
37.Bd3 Te8
38.Bf5 Bxf5
39.Cxf5 Tg5
40.Cd6 Tf8
41.Ce7 Tg3

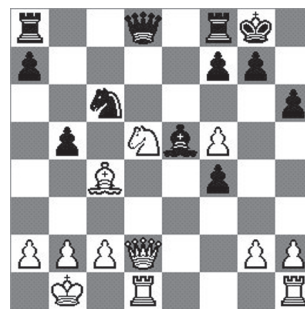
42.b6 Tb8
43.b7 1-0

Partida 60
T SUBOI, E - DOMINGUES, J
BELO HORIZONTE, 2001 [B64]

1. e4 c5
2.Cf3 d6
3.d4 cxd4
4.Cxd4 Cf6
5.Cc3 Cc6
6.Bg5

Entrando no ataque Richter-Rauzer.

6 ... e6
7.Dd2 Be7
8.0-0-0 0-0
9.f4 h6
10.Bh4 e5
11.Cf5 Bxf5
12.exf5 exf4
13.Rb1 d5
14.Bxf6 Bxf6
15.Cxd5 Be5
16.Bc4 b5!



Posição depois de 16...b5!

17.Bxb5 Tb8
18.c4

Se 18.Bxc6 Bxb2, com vantagem decisiva.

18 ... Cd4

Com a ameaça de 19...Txb5 e 20...Dxd5.

19.a4 **a6**
20.Bxa6 **Tb3**

Para manter a pressão na coluna.

21.The1 **f6**
22.Ra2

Se *22.Bb5*, segue ...*Da8* e as ameaças são: ...*Cxb5* e ...*Txb2+*, com posição complexa e provavelmente igual.

22 ... **Da8**
23.Dxd4

Forçado. Se *23.Bb5?? Txb5 24.cxb5 Dxa4+!* *25.Rb1 Ta8* ganhando.

23 ... **Bxd4**

Um pouco melhor seria *23...Txb2+ 24.Dxb2 Bxb2*.

24.Rxb3 **Bxb2**
25.Te6 **Be5**
26.c5 **Rh7**

27.Bb5 **Td8**
28.c6 **Da5**

Com múltiplas ameaças.

29.Txe5 **fxe5**
30.c7 **Tc8**

Também é possível *30...Txd5*.

31.Tc1?

O mais indicado é *31.Td3*.

31 ... **Dd2**
32.Tc5 **Dd4**

Com cavalo e torre atacados, as brancas abandonam.

Jair Vicente Domingues (1943) é mineiro, residindo atualmente em São Sebastião do Paraíso/MG. Integrante do ranking internacional, é um enxadrista experiente, com bons conhecimentos teóricos e bastante habilidade tática.

Essa partida foi jogada no regional sudeste, torneio classificatório para a final do campeonato brasileiro.

Gambito da Dama



1.d4 d5 2.c4

Histórico

Com 1.d4 d5 2.c4, o branco renuncia a um imediato desenvolvimento de suas peças, para criar uma agressiva tensão central, pressionando vigorosamente as pretas durante longo tempo.

O primeiro registro que se conhece dessa abertura encontra-se no manuscrito de Göttingen, do final do século XV. Também foi citada por Damiano, em 1512 e por Ruy Lopez em 1561. Depois de mais de quarenta anos aparece também no ensaio de Sálvio, denominado *Il Puttino, altrimenti detto il cavaliere errante* (Puttino, também chamado o cavaleiro andante).

Posteriormente, foi recomendada pelo enxadrista sírio Phillip Stamma, inventor da notação algébrica, em sua célebre obra *The Noble Game of Chess* (O Nobre Jogo de Xadrez), publicado em Londres no ano de 1745.

Entretanto, somente a partir dos famosos matches ocorridos em 1834, entre De la Bourdonnais e McDonnell, onde o primeiro o utilizou em dezesseis partidas (ganhando doze, empatando três e perdendo apenas uma), é que começou a despertar maior interesse.

Seu apogeu ocorreu no encontro entre Capablanca e Alekhine, em Buenos Aires, no ano de 1927, válido pelo cam-

peonato mundial. Na ocasião, das 34 partidas disputadas, 32 começaram com o Gambito da Dama.

Após 1.d4 d5 2.c4, as negras podem aceitar ou não o peão, entrando no Gambito da Dama Aceito ou no Recusado, dos quais trataremos de maneira sucinta no presente capítulo.

Especialista: Capablanca

Um pouco de sua história

José Raul Capablanca e Graupera nasceu em Havana, Cuba, no dia 19 de novembro de 1888. Segundo muitos de seus biógrafos, ele aprendeu xadrez aos quatro anos de idade, simplesmente observando seu pai jogar com os amigos. O bom senso diz que essa informação não deve ser verdadeira... e nem falsa! Vendo aquele pequeno espectador tão interessado, os jogadores devem ter-lhe passado, aos poucos, as primeiras noções, as quais, com seu talento inato, ele absorveu com facilidade.

Aos nove anos começou a frequentar o Clube de Xadrez de Havana, onde conheceu o mestre espanhol Celso Golmayo, disputando muitas partidas com ele. O progresso de Capablanca foi rapidíssimo, tanto que, em 1901, em um match informal, derrotou o melhor enxadrista da ilha, o forte Juan Corzo, por 4 a 2 e 6 empates.

Em 1904 mudou-se para os Estados Unidos, começando a estudar engenharia química na Universidade de Colúmbia no ano de 1906. Em seu tempo livre, frequentava o Manhattan Chess Club, onde travou conhecimento com os melhores jogadores de Nova Iorque, inclusive Lasker, campeão mundial na época.

Em 1909, aos 21 anos de idade, con-

sagra-se como mestre de categoria internacional, ao vencer em um match Frank J. Marshall, campeão norte-americano, por 8 a 1 e 14 empates.

Dois anos depois, conquista o primeiro lugar no Torneio de San Sebastian, um dos cinco campeonatos mais expressivos da época. A notícia de sua vitória foi manchete nos principais jornais do mundo: um jovem de 23 anos, em seu primeiro torneio, ergue-se à frente dos principais astros do xadrez mundial!

Nesse mesmo ano, desafia Emanuel Lasker pelo título máximo, mas o campeão mundial impõe inúmeras condições que não lhe agradam, motivo pelo qual o encontro não acontece.

Realiza, então, viagens de exibição pelos Estados Unidos e Europa, dando simultâneas e jogando partidas individuais com mestres. Seus resultados são impressionantes, razão porque se prognostica abertamente que ele seria o próximo campeão mundial, o que agrada aos aficionados, que se identificam mais com ele. Diferentemente do filósofo Lasker, o interesse maior de Capablanca, além do xadrez, era por outros esportes competitivos, sendo perito em bridge, excelente jogador de beisebol e muito bom no tênis e no bilhar.

Em 1920, as negociações pela disputa do campeonato mundial têm êxito e o encontro realiza-se em Havana, no ano de 1921. O resultado é o esperado: Capablanca, apresentando um jogo impecável, vence por 4 a 0 e 10 empates!

De triunfo em triunfo, o mestre cubano chega a passar oito anos sem perder uma única partida, quando, então, é considerado imbatível, uma espécie de máquina perfeita de jogar xadrez.

No entanto, em 1927, após ganhar brilhantemente o forte torneio de Nova Iorque, disputa um match pelo título mundial com o russo Alexander Alekhine. O confronto dura vários meses e para surpresa de todos Capablanca perde, por 6 a 3 e 25 empates. O resultado não convenceu muito ao mundo enxadrístico, que passou a esperar um match-revanche, o

qual nunca chegou a acontecer.

Foi casado com Gloria Simoni Beautucourt, com quem teve dois filhos, José Raul e Glória. Separando-se, contraiu matrimônio com Olga Chagodayev.

Atuou em 28 grandes torneios, ganhando ou dividindo o primeiro prêmio em 14 deles e o segundo lugar em 8 ocasiões. Em matches e torneios, de 1909 a 1939, jogou 583 partidas, com uma performance de 302 vitórias, 246 empates e apenas 35 derrotas. Nenhum outro mestre teve tão poucas derrotas!

Sempre mostrou um grande conhecimento dos finais e uma extraordinária rapidez para entender as posições, como se o xadrez fosse sua “língua nativa”. Seu estilo era direto e objetivo, evitando complicações e preferindo as posições simples e claras, onde pudesse ter tudo sob controle, retendo somente os elementos necessários para manter ou conseguir vantagem sobre o adversário.

Seus livros mais conhecidos são: *Minha Carreira Enxadrística*, *Fundamentos do Xadrez* e *Lições Elementares de Xadrez*, que podem ser considerados a lógica diante do tabuleiro.

Morreu no dia 8 de março de 1942, aos 53 anos de idade, em Nova Iorque, de hemorragia cerebral. Quando soube de sua morte, assim se pronunciou Alekhine, seu maior adversário: “Capablanca foi arrancado prematuramente do mundo do xadrez. Com sua morte, perdemos um grande gênio, que não teve igual e nem terá”.

Variantes

A seguir, passaremos a descrever as principais variações que surgem a partir de **1.d4 d5 2.c4**, bem como alguns dos praticamente infundáveis planos à disposição dos dois lados.

• Defesa Ortodoxa: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Be7 5.e3 0-0 6.Cf3 Cbd7

É uma das mais antigas respostas para se combater o Gambito da Dama, já existindo estudos sobre ela no livro

de Jaenisch, *Analyse nouvelle des ouvertures du jeu des Échecs (Nova análise das aberturas do jogo de xadrez)*, publicado no ano de 1843.

Bastante utilizada no campeonato mundial de 1927, nos anos posteriores sofreu um certo declínio, devido ao interesse dos jogadores nas Defesas Nimzowitsch e Índia Antiga. Entretanto, em maior ou menor grau, segundo o imperativo da moda, tem permanecido sempre vigente.

A Defesa Ortodoxa conduz a situações mais ou menos equivalentes, com a luta pelo ponto *d5*, que se inicia logo nas primeiras jogadas. As brancas têm jogo mais livre, significando que devem não só atacar, como também transformar sua superior mobilidade em uma vantagem mais permanente. Na ausência de algo mais concreto, procurar evitar que as pretas liberem seu jogo, retendo o maior número possível de peças no tabuleiro.

As negras, por seu lado, devem realizar ...*c5*, ou o menos usual ...*e5*, para pressionar o centro e dar espaço para suas peças. É através das trocas que atingem um jogo mais cômodo e saem de sua posição restringida, bastante comum na Ortodoxa. As maiores dificuldades das pretas são a incômoda cravada sobre o cavalo de *f6* e a existência do bispo mau em *c8*.

• **Sistema Tartakower: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Be7 5.e3 0-0 6.Cf3 h6 7.Bh4 b6**

Método defensivo inaugurado na partida Capablanca x Tartakower, em Londres 1922. O nome do enxadrista polonês firmou-se à linha porque ele a empregou com frequência frente a rivais do nível de Capablanca, Alekhine, Euwe e Rubinstein. Esse sistema é o favorito dos ex-campeões mundiais soviéticos Petrosian, Spassky e Karpov.

As justificativas negras são:

- A realização do lance ...*h6* no sexto movimento, tirando o peão da mira do bispo e da dama branca (que em geral situ-

am-se em *d3* e *c2*, respectivamente), evita possíveis ataques contra seu rei, propiciando maior elasticidade à defesa e ganhando importantes tempos para um contra-ataque.

- Com 7...*b6*, prepara-se a colocação do bispo branco em *b7* ou *a6*, possibilitando a comunicação das torres. Mantém, também, perspectivas de ruptura via ...*c5* e ...*e5*, o que permitirá futuramente a ocupação das colunas *c* e *e* pelas torres.

Já o condutor das brancas pode escolher quatro caminhos:

- Eliminação do cavalo de *f6* com um oportuno *Bxf6*, que é um importante defensor do roque adversário.

- Desenvolvimento das peças maiores.

- Aproveitamento da coluna *c* para impedir ou adiar o contra-golpe ...*c5*.

- Simplificação central, para limitar a ação do bispo da dama negro.

Esse sistema é também conhecido por Makagonov-Bondarevsky, devido à contribuição que ambos deram, através de extensas análises publicadas em 1936.

• **Defesa Tarrasch: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 c5**

Idealizada pelo famoso mestre alemão Dr. Siegbert Tarrasch, que promoveu intensos debates teórico-práticos com seus contemporâneos, no intuito de provar que sua defesa era superior aos sistemas ortodoxos, os quais visavam cuidar da proteção do peão de *d5*, atacado de forma direta e indireta pelo branco.

Seu propósito principal é agir sobre o centro branco com o peão da coluna *c*, e assim lutar desde os primeiros lances pela iniciativa, ainda que à custa do debilitamento de sua estrutura de peões (as negras freqüentemente ficam com um peão isolado em *d5*).

Tarrasch argumentava que a abertura de linhas (as colunas *c* e *e* abertas para as torres e também as diagonais para os bispos) compensavam a fraqueza do peão.

A prática demonstra que as pretas

têm suas chances no meio-jogo, devido às possibilidades de ataque que as linhas abertas proporcionam, enquanto que as brancas devem procurar trocar peças e partir para um final de partida, devido à sua melhor formação de peões.

A posição crítica acontece depois de *1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cf3 c5 4.cxd5 exd5 5.Cf3 Cc6 6.g3 Cf6 7.Bg2 Be7 8.0-0 0-0 9.dxc5*, que recebe o nome de Variante Rubinstein. Atingimos a Semi-Tarrasch com a seqüência: *1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Cf3 c5*.

• **Defesa Eslava: 1.d4 d5 2.c4 c6**

Essa polivalente defesa, já citada por Polerio no ano de 1590, compreende toda uma gama de sistemas estratégicos distintos, tendo sido analisada por mestres russos e tchecos no passado e em anos mais recentes.

Cabe destacar nesse sistema de defesa, um dos mais importantes do Gambito da Dama, que tiveram grande relevância no seu desenvolvimento teórico os mestres Chigorin, Alekhine e Botvinnik, entre outros.

A chamada Defesa Semi-Eslava tem origem após as jogadas *1.d4 d5 c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Cf3 c6*, enquanto que o Gambito Eslavo surge depois de *1.d4 d5 c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Cf3 dxc4 5.e4* (se *5.a4* entra-se na Variante Alapin).

• **Gambito da Dama Aceito: 1.d4 d5 2.c4 dxc4**

As negras tomam o peão e cedem o controle do centro, não para manter o peão de vantagem (o que poderia levá-las à derrota rapidamente), e sim na expectativa de contrabalançar essa desvantagem com o assédio ao peão adversário de *d4* – mediante *...c5* e *...e5* – além de buscar contra-jogo na ala da dama, por meio de *...a6* seguido de *...b5*. Visam também colocar em jogo o bispo de *c8* via fianqueto, peça essa que geralmente fica inativa na maioria das linhas do Gambito de Dama.

O branco deve mobilizar suas peças no sentido de recuperar o peão com o lance natural *Bxc4* (após o avanço do peão

e), fortalecer seu peão de *d4* – que será agredido lateralmente pelos peões contrários – e assim poder manter a vantagem do lance inicial e conseqüentemente a iniciativa. Também é chamado de Gambito Alepo (nome de uma cidade síria, terra natal do grande enxadrista Phillip Stamma).

• **Variante das Trocas: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.cxd5 exd5**

As brancas realizam uma troca, acaando com a tensão central e permitindo o desenvolvimento do bispo da dama contrário. Em contrapartida obtêm as seguintes compensações:

- Eliminam a possibilidade das negras entrarem em linhas agressivas, como por exemplo a Defesa Cambridge Springs.

- Seu bispo da dama pode ser colocado em *f4* ou *g5*, com perspectivas de realizar o roque grande e lançar-se a uma violenta ofensiva no flanco do rei adversário.

- Podem preparar o ataque da minoria, que se baseia principalmente na colocação das torres em *b1* e *c1*, para apoiar o avanço dos peões nesse setor e obter melhores chances em um final de partida.

As negras contrabalançam essas vantagens com:

- A colocação de um forte cavalo em *e4*, ao mesmo tempo em que promovem uma série de trocas para liberar seu jogo.

- Levando o cavalo da dama para a ala do rei, visando auxiliar na proteção de seu monarca, o que lhes permite avançar os peões dessa ala se o branco iniciar o ataque da minoria.

- Preparar uma demonstração no flanco da dama, se o branco rocar grande.

• **Defesa Cambridge Springs: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Cbd7 5.Cf3 c6 6.e3 Da5**

Sua idéia-base é um contra-ataque na ala da dama, em razão da impossibilidade das brancas retornarem seu bispo de ca-

sas pretas para a defesa dessa ala. Foi introduzida na prática magistral em 1892, numa partida entre Lasker e Hodges. Seu apogeu, no entanto, ocorreu no Torneio Internacional de Cambridge Springs 1904, onde foi utilizada com frequência. É também conhecida como Variante Pillsbury.

• **Variante Manhattan: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Cbd7 5.Cf3 Bb4**

Com o audacioso lance ...Bb4, as pretas tentam fazer pressão sobre o cavalo de c3 e tirar vantagem dessa cravada. Entretanto, por meio de uma defesa correta, o branco pode continuar tranquilamente seu desenvolvimento e conseguir boas posições. Ficou conhecida durante o Torneio de Nova Iorque 1927.

É limítrofe entre a Ortodoxa e a Nimzoíndia.

• **Defesa Lasker: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 Be7 5.e3 0-0 6.Cf3 h6 7.Bh4 Ce4**

É assim chamada pelo fato de o ex-campeão mundial Emanuel Lasker ter jogado a mesma variação em três ocasiões, em seu match com Marshall, em 1907.

A idéia básica das pretas é promover uma série de trocas, para aliviar a posição e dar liberdade às peças. As brancas ficam com um forte centro de peões, embora essa vantagem seja difícil de ser aproveitada devido às trocas que ocorrerão.

• **Sistema Ragozin: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Cf3 Bb4**

A idéia do respeitado grande mestre e árbitro internacional soviético Vasilievich Ragozin é que as pretas não devem se apressar em avançar seu peão da coluna c (seja em c6 ou c5), e sim realizar a troca dxc4 em momento oportuno e, após anular a tensão na ala da dama, tentar o avanço de seu peão do rei, com o intuito de levar a luta para o centro e ala do rei.

• **Variante Viena: 1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 Cf6 4.Bg5 dxc4**

A partida que deu origem a essa li-

nha ocorreu em Carlsbad 1923, entre Bogoljubov e Wolff. Posteriormente foi analisada por Grünfeld e outros mestres vienenses, razão porque recebeu o nome de Variante Viena, ou Variante Grünfeld.

• **Defesa Chigorin: 1.d4 d5 2.c4 Cc6**

É um sistema que priorizava a ação das peças no centro, típico da época em que viveu o mestre soviético Mikhail Chigorin, tendo sido criado por ele.

• **Defesa Balogh: 1.d4 d5 2.c4 Bf5**

O ponto fundamental dessa defesa, analisada pelo húngaro Janos Balogh, mestre internacional de xadrez por correspondência, é que o negro não se preocupa com seu peão atacado de d5, optando pela rápida e incomum instalação do bispo na casa f5, pretendendo ainda terminar o desenvolvimento do flanco da dama com ...Cc6 e ...Dd7. Conhecida desde a "pré-história" do xadrez, não gozou de muita popularidade entre os mestres, vindo a ser utilizada apenas ocasionalmente, a título de efeito surpresa, por poucos jogadores da elite mundial, como Nimzowitsch, Euwe e Smyslov.

• **Contragambito Albin: 1.d4 d5 2.c4 e5**

Experimentado pela primeira vez na partida Salvioli e Cavallotti, em Milão, no ano de 1881, somente adquiriu notoriedade graças aos esforços do mestre romeno Adolf Albin, que o empregou contra Emanuel Lasker no Torneio de Nova Iorque de 1893, no qual ocupou o segundo lugar, ficando atrás do próprio Lasker.

A estratégia das negras é relativamente simples: entregam um peão para ativar suas peças e tentar assumir a iniciativa, no estilo do Contragambito Falkbeer (1.e4 e5 f4 d5), só que em alas opostas.

Partida 61

CAPABLANCA, J - LASKER, E
HAVANA (CUBA), 1921 [D64]

1.d4	d5
2.Cf3	e6

3.c4 **Cf6**
4.Bg5 **Cbd7**
5.e3 **Be7**
6.Cc3 **0-0**

Defesa Ortodoxa.

7.Tc1 **Te8**

A idéia desse original e discutível movimento é retomar o bispo em e7 com a torre, e não com a dama, depois de uma futura retirada do cavalo de f6.

8.Dc2 **c6**
9.Bd3

Outro plano seria realizar a jogada de espera 9.a3. Então, quando as negras tomarem em c4, seguir com Bxc4-a2-b1.

9... **dxç4**
10.Bxc4 **Cd5**
11.Bxe7 **Txe7?**

Era mais natural – e também melhor – a continuação habitual 11...Dxe7 12.0-0 Cxc3 13.Dxc3 e5.

12.0-0 **Cf8?!**

Levará a uma posição demasiadamente restringida. Melhor seria 12...Cxc3 13.Dxc3 e5.

13.Tfd1 **Bd7**
14.e4 **Cb6?**

Era fundamental a tomada em c3, aliviando a posição por meio da troca de peças. O cavalo em b6 carece de perspectivas.

15.Bf1 **Tc8**
16.b4 **Be8**
17.Db3 **Tec7**

Antecipando-se à ruptura de Capablanca em b5 ou d5.

18.a4

Para deslocar o cavalo adversário de sua casa, empurrando-o para uma ainda pior.

18... **Cg6**
19.a5 **Cd7**
20.e5

Capablanca segue ganhando espaço.

20... **b6**

Pretendendo realizar em momento oportuno o lance liberador ...c5.

21.Ce4 **Tb8**
22.Dc3?!

Uma perda de tempo. O correto seria 22.Da3, já que agora o cavalo negro se instalará no "hole" d5 com ganho de tempo.

22... **Cf4**
23.Cd6 **Cd5**
24.Da3 **f6**

Lance prematuro. Melhor seria 24...De7, para, após a troca, tomar o cavalo com a torre, deixando a dama apontada para o peão branco de b4.

25.Cxe8! **Dxe8**
26.exf6 **gxf6**

Mesmo deixando debilitado o flanco do rei, é forçoso retomar de peão para não deixar a casa e5 à mercê do adversário.

27.b5!

Enfim, é chegada a hora de realizar a ruptura.

27... **Tbc8**

Se 27...c5? 28.axb6 axb6 29.Bc4 e a posição das pretas desmoronaria.

28.bxc6 **Txc6**
29.Txc6 **Txc6**
30.axb6 **axb6**

31.Te1

As brancas provocaram uma série de pontos fracos no campo inimigo e agora começam a explorá-los.

31 ... Dc8
32.Cd2!

Buscando uma casa mais ativa para o cavalo.

32 ... Cf8

De nada adiantaria *32...Tc3*, por *33.Dd6! Cf8 34.Ce4 Tc6 35.Da3*, chegando-se à posição da partida.

33.Ce4 Dd8
34.h4!

Capablanca se antecipa ao contra-ataque de Lasker, que começaria com *34...f5* seguido de *35...Tc3* e *36...Dg5*. Naturalmente, agora não seria adequado *35...f5*, porque o cavalo saltaria perigosamente a *g5*.

34 ... Tc7?

Capablanca qualificou essa jogada como um erro grave, achando imprescindível nesse momento *34...h6*, para poder jogar em seguida *...f5*, desalojando o cavalo.

35.Db3 Tg7

Lasker força o avanço do peão a *g3*, impedindo um possível xeque da dama.

36.g3 Ta7
37.Bc4

Com a intenção de prosseguir com *38.Bxd5 exd5 39.Dxd5+ Dxd5 40.Cxf6+*.

37 ... Ta5
38.Cc3

Faz-se necessária a troca do cavalo de *d5*, que defende os pontos débeis da

posição adversária.

38 ... Cxc3
39.Dxc3 Rf7
40.De3 Dd6
41.De4 Ta4?!

Mais indicado seria *41...Ta7*, para responder a *d5* com *...e5*, embora o branco continuasse com vantagem depois de *Bf1-h3*.

42.Db7+ Rg6

Seria mau *42...De7*, por *43.Dc6 Ta7 44.d5*.

43.Dc8 Db4?

A posição negra é difícil, mas um pouco melhor seria *43.Ta7*, defendendo a segunda fileira.

44.Tc1! De7

Não há muito o que fazer. A *44...Da3*, o branco jogaria *45.Bd3+! f5 46.De8+ Rh6 47.Te1 Ta8 48.Txe6+ Cxe6 49.Dxe6 Rg7 60.De5+* ganhando em poucos lances.

45.Bd3+ Rh6

Para *45...f5*, segue *46.Bxf5+!* e ganham a torre com xeque em *c2* ou *c6*.

46.Tc7 Ta1+
47.Rg2 Dd6
48.Dxf8+!



Posição após 48.Dxf8+!

E as negras abandonam. Segundo o próprio Lasker, “a partida revela o estilo inconfundível de Capablanca: jogo enérgico, porém circunspecto, com tendência a formar posições sólidas que facilitam, em momento oportuno, o ataque”.

Partida 62
VEINGOLD,A - FRIDMAN,D
TALLIN (ESTÔNIA), 1988 [D44]

1.d4	d5
2.Cf3	Cf6
3.c4	c6
4.Cc3	e6

Essa seqüência recebe o nome de Defesa Semi-Eslava.

5.Bg5

Sistema Anti-Merano de Botvinnik, com o qual o ex-campeão mundial obteve grandes êxitos. Se o jogo segue com *5.e3 Cbd7 6.Bd3 dxc4*, entra no complexo Sistema Merano, que teve origem na partida Grünfeld-Rubinstein, Merano (Itália) 1924.

5 ...	dxc4
--------------	-------------

Ao tomar o peão, as pretas esperam que o adversário perca tempos importantes tentando recuperá-lo, ou se lance em um ataque arriscado no intuito de compensar a perda do mesmo.

6.e4

As brancas respondem rapidamente com uma investida no centro e ameaçam iniciar uma ação violenta na ala do rei.

6 ...	b5
--------------	-----------

Sustentando o peão e guardando uma arma perigosa para o futuro: o avanço dos peões da ala da dama!

7.e5

O mais usado. As negras se vêem obrigadas agora a debilitar a ala do rei para não perder material.

7 ...	h6
8.Bh4	g5
9.Cxg5	

A continuação mais complexa. Esse pseudo-sacrifício dá continuidade à pressão sobre o adversário, sem a necessidade de ceder material. Outra opção interessante é *9.exf6*, sacrificando um ou mais peões para ganhar o poderoso quadro *e5* para o cavalo e assim poder dominar a grande diagonal *a8-h1*. A má estrutura dos peões negros e as possibilidades de ataque à casa *f7* compensariam a desvantagem material.

9 ...	hxg5
--------------	-------------

O movimento *9...Cd5!?* cederia a qualidade para atingir uma atrativa posição: *10.Cxf7! Dxh4 11.Cxh8 Bb4*, com jogo complicado.

10.Bxg5	Cbd7
11.g3	Bb7
12.Bg2	Db6

Saindo da cravada e dando proteção aos peões do flanco dama e ao bispo de *b7*. Além do mais, prepara o roque grande e ainda ameaça *...b4*, desalojando o cavalo.

13.exf6	0-0-0
----------------	--------------

Não tendo mais a ala do rei disponível, o rei busca refúgio na ala da dama. Falta agora comunicar as torres e começar o ataque sobre o monarca contrário.

14.0-0	c5
15.d5	b4
16.Tb1!	Da6

Não pode *16...bxc3?* devido a *17.bxc3 Da6 18.Txb7!*, seguido de *19.dxe6*.

17.dxe6 Bxg2
18.Te1!!

Novidade que deixa o adversário em grandes dificuldades.

18 ... Ce5?

Numa posição rica em complicações táticas, as pretas não encontram o melhor caminho. Oferece mais luta *18...bxc3!?*, *18...Cxf6!?*, *18...Dc6*, ou ainda *18...Bc6*.

19.Dxd8+!



Posição depois de 19.Dxd8+!

Sacrifício típico de dama. O rei fica exposto e o primeiro jogador explora esse fato para recuperar material, ou preparar uma rede de mate.

19 ... Rxd8
20.e7+ Bxe7
21.fxe7+ Re8

Se *21...Rc7* *22.Txe5 bxc3* *23.Bf4*, com grande vantagem.

22.Txe5 f6
23.Td1 fxe5

Para *23...Rf7* *24.Tf5!* *bxc3* *25.Txf6+* *Dxf6* *26.Bxf6 Rxf6* *27.bxc3* e ganham.

24.Td8+ Rf7
25.Txh8 Bc6
26.Ce4!?

O cavalo se junta às demais peças para decidir o jogo.

26 ... Dxa2
27.Th7+ Rg6

Não é possível *27...Re6* por *28.Th6+ Rd7* *29.Cxc5+*.

28.Th6+ Rf7
29.Th7+ Rg6
30.Th6+ Rf7
31.Cd6+ Rg8
32.e8D+! Bxe8
33.Bf6

Ameaçando mate em *h8*.

33 ... Db1+
34.Rg2 Bc6+
35.Rh3 Bd7+
36.Rh4 1-0

As negras só podem defender-se do mate entregando a dama. A maneira de Veingold jogar, sacando lances inesperados da cartola, lembra o saudoso Mikhail Tal.

Partida 63

KARPOV, A - ANAND, V
DOS HERMANAS (ESPAÑA), 1997 [D20]

1.d4 d5
2.c4 dxc4

No Gambito da Dama Aceito, o objetivo estratégico das negras consiste em ceder momentaneamente o centro, com a finalidade de continuar o desenvolvimento, contra-atacando-o posteriormente.

3.e4

Também se pode jogar *3.e3*, *3.Cc3*, ou *3.Cf3* (com a idéia de impedir o contra-golpe *...e5*).

3 ... e5

Outras opções são 3...c5, 3...Cf6 e 3...Cc6.

4.Cf3 **exd4**
5.Bxc4 **Cc6**

É mais jogado 5...Bb4+.

6.0-0 **Be6**

Necessário para acabar com a pressão do bispo sobre a diagonal a2-g8.

7.Bxe6 **fxe6**
8.Db3 **Dd7**
9.Dxb7 **Tb8**
10.Da6 **Cf6**
11.Cbd2

As brancas pretendem fazer a3, seguido de Dd3 e Cc4, com domínio sobre as casas brancas.

11 ... **Bb4**
12.Cc4

Se 12.Dd3 Bxd2 13.Bxd2 Txb2.

12 ... **0-0**
13.a3 **Bc5**
14.b4 **Bb6**

As brancas jogarão para impedir a ativação do bispo preto em b6. Para tanto, deverão bloquear o peão de d4.

15.b5!

Para manobrar via e5 com o cavalo e bloquear o peão em d3.

15 ... **Ce7**
16.Cfe5 **De8**
17.Te1 **Cg6**
18.Cd3!

Executam seu plano de bloquear o peão passado, deixando o bispo negro de b6 pouco ativo. O inconveniente é que a dama está fechada em a6 e o roque com poucos efetivos para sua defesa.

18 ... **Ch4**

Pretendendo jogar ...Dg6.

19.Bf4!

Bom lance, que visa proteger o rei por meio de Bg3.

19 ... **Cxe4**
20.Bg3!

Usando o bispo como um peão extra na defesa do roque. Para 20.Txe4? Dg6, ganhando.

20 ... **Cxg3**
21.hxg3 **Cf5**
22.a4

Uma posição interessante. Mesmo com um peão a mais, as negras não têm o que comemorar. Seu bispo inativo em b6, os bem colocados cavalos do adversário, e ainda a fraqueza nas casas brancas, deixam Anand sem muitas esperanças. O que fazer agora contra a ameaça branca 23.a5?

22 ... **Ce3!?**

Criando complicações e com isso colocando obstáculos ao adversário. O terreno tático é a especialidade do indiano! Não é possível 22...Dh5 por 23.a5 Tf6 24.Cf4 e as negras perdem.



Posição após 22...Ce3!?

23.Cce5?

As brancas não encontram o caminho correto e o blefe de Anand acaba funcionando. O ganho viria depois de *23.fxe3! dxe3 24.Cxb6! axb6 25.Txe3*. Karpov provavelmente ficou com receio de tomar o cavalo, por causa de *23...Dg6*, mas então seguiria *24.Cce5! Dxc3 25.a5 dxe3 26.Te2! Bd4 27.Dxe6+ Rh8 28.Tf1 Txf1+ 29.Rxf1 Tf8+ 30.Rg1!*

23 ... Cc2
24.Cc6?

Uma nova imprecisão que deixa escapar toda a vantagem. Correto seria *24.a5! Cxe1 25.Txe1 Bxa5 26.Dxa5 Dxb5 27.Dxa7!*, com superioridade.

24 ... Cxa1
25.Txa1

Não é possível *25.Cxb8?* por *25...Cc2 26.Tc1 e5!*

25 ... Ta8?!

A posição pedia *25...e5!*, valorizando os peões passados centrais.

26.Te1!

Se *26.a5 e5*.

26 ... e5!

Mantendo as pretas na briga pela iniciativa.

27.Txe5 Df7
28.a5 Db3
29.Ccb4 Tae8

A posição está igual.

30.Txe8 Txe8
31.Rh2 Df7!

Para conseguir o empate por xeque-perpétuo.

32.axb6 Dh5+

33.Rg1 Dd1+
34.Rh2 Dh5+ Empate

Depois de muita luta, ambos concordam em baixar as armas!

Partida 64
DLUGY,M - TRINDADE,S
BELFORT (FRANÇA), 1983 [D32]

1.d4 d5
2.c4 e6
3.Cf3 c5

Sistema Tarrasch: as negras pressionam o centro com seu peão lateral, buscando assumir a iniciativa.

4.cxd5 exd5
5.Cc3 Cc6
6.e3

A opção era entrar na Variante Rubinstein, com *6.g3*.

6 ... Cf6
7.Be2 Be7
8.dxc5

As brancas esperaram o bispo ser desenvolvido para poder tomar em *c5*, fazendo com que o adversário perdesse um tempo.

8 ... Bxc5

As pretas possuem maior liberdade de movimento à custa da debilidade do peão em *d5*, ao passo que o branco não tem fraquezas, porém suas peças têm pouco dinamismo.

9.0-0 0-0
10.a3

Para colocar a dama em *d3*, sem que ela seja incomodada pelo salto do cavalo a *b4*, e principalmente para poder jogar o peão a *b4*, liberando a casa *b2* para o fianqueto do bispo.

10 ... a6
11.Dd3 Be6

Protegendo o peão isolado para poder terminar a mobilização das peças maiores.

12.Td1 De7
13.b4 Ba7
14.Bb2 Tad8
15.Ca4 Ce4!

O peão em *d5* serve de sustentação ao cavalo centralizado. Sandro Heleno continua ganhando terreno e melhorando suas peças.

16.Tac1 Bf5
17.Db3 Tfe8
18.Cd4

A casa à frente do peão isolado é sempre um bom posto para uma peça (em especial o cavalo), pois não há peões laterais para desalojá-la.

18 ... Cxd4
19.Bxd4 Bb8!

O bispo será importante nas pretensões do negro de iniciar uma ofensiva ao roque branco. Além do que, a troca aliviará a pressão sobre o adversário.

20.g3

Fechando a diagonal do bispo, mas deixando debilitadas as casas brancas da ala do rei.

20 ... Dg5
21.Bf3 Bg4!

Elimina o bispo que defende os pontos fracos.

22.Bxg4 Dxc4
23.Bb6 Df3
24.Da2 Cg5
25.Cc3 d4!!



Posição depois de 25...d4!!

Sacrificando o peão isolado para abrir linhas para suas peças.

26.Bxd4

Para *26.exd4 Ch3+ 27.Rf1 Dh1++*.
Se *26.Bxd8 Ch3+ 27.Rf1 Txe3!* e mate na jogada seguinte.

Caso *26.Txd4 Txd4 27.Bxd4 Ch3+ 28.Rf1 Dh1+ 29.Re2 Dxc1*, ganhando uma peça.

Por último, *26.h4 Ch3+ 27.Rh2 Cxf2 28.Tg1 Cg4+ 29.Rh3 Cxe3* e vencem.

26 ... Txd4!

O representante brasiliense segue conduzindo brilhantemente a combinação iniciada no lance anterior.

27.Txd4

Forçado.

27 ... Ch3+
28.Rf1 Dh1+
29.Re2 Dxc1
30.Td7 Cg1+
31.Rd3 Df1+
32.Rd4 Cf3+
33.Rc5 Ba7+
34.Rd6 Dd3+
35.Dd5 Dg6+

E as brancas abandonam, pois, se *36.Rc7 Db6++*.

Uma obra-prima do mestre internacional Sandro Heleno Trindade, no campeonato mundial juvenil!

Partida 65
LASKER,E - STEINITZ,W
EUA e CANADÁ, 1894 [D40]

Essa foi a 11ª partida do match pelo título máximo do xadrez, no qual Emanuel Lasker sagrou-se o novo campeão do mundo, mantendo essa posição durante 27 anos.

1.d4	d5
2.c4	e6
3.Cc3	Cf6
4.Cf3	Be7
5.e3	0-0
6.Bd3	c5
7.dxc5	dxç4
8.Bxc4	Dxd1+
9.Rxd1	

Trocadas as damas, não há problema no fato do rei ficar no centro, uma vez que o risco de ataque é muito reduzido.

9 ...	Cc6
10.a3	Bxc5
11.b4	Bb6
12.Re2	Bd7
13.Bb3	Tac8
14.Bb2	a5

Mais prudente teria sido *14...Tfd8*. A jogada do texto é uma tentativa de desestabilizar a posição branca, que tem suas peças melhor posicionadas.

15.b5	Ce7
16.Ce5	Be8
17.a4	

Lasker sabia explorar magistralmente as pequenas vantagens posicionais.

17 ...	Bc7
18.Cc4	

Com a ameaça de *18.Ba3*.

18 ...	Bd7
19.Tac1!	

Planejando *20.Ba3*, seguido de *21.b6*. O lance *19.b6* diretamente seria precipitado.

19 ...	Ced5
---------------	-------------

Era melhor reconhecer a situação delicada e assumir a inferioridade por meio de *19...Ta8*, protegendo o peão de *a5*, para responder *...Bb8* ao movimento do peão branco a *b6*, a fim de continuar protegendo o ponto *d6*. Não servia *19...b6* por *20.Thd1 Tfd8 21.Cd6 Tb8 22.e4 Be8 23.e5*, com grande vantagem.

20.Cxd5	Cxd5
21.Ce5	

Especialista em lidar com o lado estratégico do jogo, o ex-campeão mundial Emanuel Lasker segue ampliando sua vantagem.

21 ...	Bxe5
---------------	-------------

As negras abrem mão do par de bispos para tentar aliviar a pressão. Seria pior *21...Be8*, *21...Tfd8* ou *21...Cf6*.

22.Bxe5	f6
----------------	-----------

Praticamente forçado, porque o branco ameaçava entrar com o bispo em *c7*, depois de *e4*.

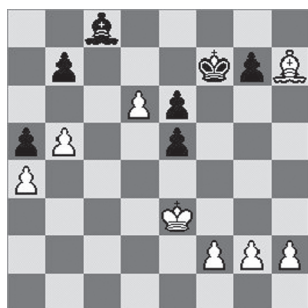
23.e4!	fxe5
---------------	-------------

Não há nada melhor. Para *23...Ce7* segue *24.Bd6 Tfe8 25.Bxe7 Txe7 26.Txc8+ Bxc8 27.Tc1 Bd7 28.Re3* e as chances nesse final são todas do lado branco.

24.exd5	Rf7
25.Thd1	Re7
26.d6+	Rf6
27.Re3	Txc1
28.Txc1	Tc8
29.Txc8	Bxc8
30.Bc2!	Rf7

Se agora 30...g6 então 31.Be4 Rf7 32.Rd3 Re8 33.Rc4 Rd7 (se 33...b6 34.Bc6+ e depois Rd3-e4) 34.Rc5 e ganham.

31.Bxh7!



Posição após 31.Bxh7!

31 ... b6

A tentativa de ganhar o bispo mediante 31...g6 é inócua, por causa de 32.Re4 Rg7 33.Rxe5 Rxh7 34.Rf6; ou 32.Re4 Rf6 33.g4 b6 34.g5+ Rxc5 35.Rxe5.

32.Re4	Rf6
33.g4	g5
34.Rf3	Rf7
35.Be4	Re8
36.h4!	Rd7

Não há defesa. Para 36...gxh4 as brancas continuam com 37.g5 Rf7 38.g6+ Rg7 39.Rg4 etc.

37.h5	Re8
38.Re3	1-0

Lasker

Um pouco de sua história

Emanuel Lasker nasceu em Berlinchen, uma pequena cidade próxima a Berlim, no dia 24 de dezembro de 1861. cursou a universidade com brilhantismo, obtendo o título de doutor em filosofia e matemática, ciências es-

sas que lecionou e cultivou com muito carinho por toda a vida.

Era, fundamentalmente, um filósofo, uma pessoa de vasta cultura e grande inteligência, além de um jogador excepcional, que reinou de forma indiscutível no mundo do xadrez por 27 anos consecutivos.

Começou a jogar aos doze anos de idade, junto com seu irmão maior Bertoldo, que era médico e excelente enxadrista. Desde cedo, demonstrou seu talento e a profundidade de suas concepções, as quais eram baseadas nas teorias de Steinitz, pai do xadrez moderno e campeão mundial na época.

De 1889 a 1936, participou de 22 torneios, conquistando o primeiro lugar em 12 deles e o segundo em quatro. Dos 22 matches que disputou, com os maiores jogadores de seu tempo, ganhou 21, sendo que em 12 não permitiu que seu adversário ganhasse uma única partida! Foi campeão mundial de 1894, quando tomou o título de Wilhelm Steinitz (para o qual concedeu revanche dois anos depois), até 1921, quando perdeu para José Raul Capablanca.

Mostrava grande espírito de luta, fugindo sempre aos empates. Por isso, não era raro cair em posições inferiores. Todavia, era especialmente nessa hora que se agigantava, tornava-se mais perigoso, "qual pantera encurralada", no dizer de Coria e Palau. Segundo Réti, muitas vezes Lasker jogava intencionalmente mal, a fim de desequilibrar a partida, porque sabia que pelos rumos normais, pelas trilhas já conhecidas, o resultado seria o empate.

Sua obra mais conhecida é "O bom senso em xadrez", escrita a partir de doze conferências que deu em Londres, no ano de 1895, para uma platéia de jogadores de xadrez.

Foi um dos pioneiros do xadrez psicológico, da luta entre duas vontades, duas personalidades. Assim, estudava as partidas, a forma de jogar, as forças e as fraquezas dos mestres que tinha de enfrentar, para explorar seus pontos fracos...

e também para mexer com seus nervos, conduzindo o jogo para rumos que sabia não serem de seu agrado!

Nesse sentido, outra valiosa observação sua é que um dos segredos do xadrez é *nunca fazer um lance puramente defensivo*, porque a ameaça desconcerta mais que a própria concretização.

É famosa a passagem em que, jogando com um adversário que não suportava a fumaça de cigarros (e para o qual havia prometido não fumar durante a

partida), depois de cinco ou seis lances ele tira um charuto do bolso e o leva à boca. O outro jogador chama imediatamente o árbitro, que calmamente observa:

– Ele não está fumando, porque o charuto continua apagado.

– É, mas ele está ameaçando acendê-lo!

Essa grande personalidade do mundo enxadrístico faleceu em Nova Iorque, em 11 de janeiro de 1941.

Defesa Holandesa



1.d4 f5

Histórico

Embora seja uma réplica muito antiga, somente temos notícias mais exatas de sua utilização a partir da segunda metade do século XVIII, quando em 1775 foi publicada a obra *Traité des amateurs* (Tratado dos amadores), onde se fazia menção a ela.

Existem duas explicações para o seu nome, as quais até se completam:

– No ano de 1789, o holandês Elias Stein escreve a obra *Nouvel essai sur les échecs* (Novo ensaio sobre o xadrez), onde cita que o movimento 1...f5 é uma boa resposta para 1.d4, batizando-o de Defesa Holandesa.

– Em princípios do século XIX, em uma partida por correspondência entre as cidades de Londres e Amsterdã, em resposta a 1.d4 os representantes holandeses utilizam o lance 1...f5, dando mais uma razão para que o nome se firmasse.

Sua popularidade cresce, aparecendo alguns defensores ilustres, como Chigorin, Tarrasch, Staunton, Bird, Bledow, Albin e Horwitz, que passam a jogá-la nos torneios importantes. Depois, Alekhine, Botvinnik, Tal, Spassky e mais recentemente Sax, Yusupov, Bareev, Dreev, Kramnik e Malaniuk, entre outros, tiveram bons resultados com ela.

Na América do Sul destaca-se Andrés Rodríguez, único grande mestre uruguaio. Entre nós, os MFs Juliano Resende, Roberto Júnio Brito Molina e João Bosco Ladeira, além de Érlon Cézar Braghini.

Especialista: Malaniuk

Dados biográficos

Vladimir Pavlovich Malaniuk nasceu em 21 de julho de 1957, em Arkhangelsk, na Rússia. Tornou-se mestre internacional em 1984 e grande mestre no ano de 1988.

Venceu sozinho, ou dividiu o primeiro lugar em Minsk 1985 e 1986; Memorial Sokolov 1985, Frunze 1987, Budapeste 1989, Forli e Snekkersten 1992; Alusta, Formia, Porto San Giorgio e Cattolica 1994; Amantea, Munster e Moscou 1995; Koszalin 1996 e Copa da Rússia 1997.

Quando conduzida por Malaniuk, a Defesa Holandesa transforma-se em uma poderosa arma, que já que lhe trouxe ótimos resultados em inúmeras ocasiões.

Variantes

Depois de 1.d4 f5 temos diversas variações, sendo que as mais usadas são as seguintes:

• Gambito Staunton: 1.d4 f5 2.e4

Colocado em prática pelo destacado campeão inglês do século XIX, Howard Staunton, esse audaz sacrifício de peão proporciona grande iniciativa ao branco, pelo melhor desenvolvimento e possibilidades de aproveitamento da debilidade causada na ala do rei inimiga pelo lance 1...f5. Por causa disso, muitos partidários da Holandesa têm passado a jogá-la por inversão de lances: 1.d4 e6 2.c4 (ou

2.Cf3) f5; e agora as brancas não podem mais realizar o gambito. O inconveniente é que após 1.d4 e6, a abertura poderia transpor para uma Defesa Francesa, com 2.e4 d5.

• **Sistema Leningrado: 1.d4 f5 2.c4 Cf6 3.Cf3 g6**

Esse original sistema foi analisado e posto em prática pelos mestres leningradenses Kuzminikh, Kopilov e o professor de história Kirill Vinogradov. É uma mescla de Holandesa com Índia do Rei.

A idéia básica é dar maior atividade ao bispo de f8 (que em geral tem papel passivo), ao mesmo tempo que promove uma ação no centro, com oportunos avanços à base de ...e5 e ...c5. Se isso não for possível, podem iniciar o avanço dos peões do flanco dama, com ...a6 e ...b5.

Sua desvantagem é que as brancas podem chegar a boas posições, através de jogadas simples e lógicas, além de permitir o Gambito Staunton, uma vez que as negras não efetuam o movimento 1...e6.

• **Variante Stonewall: 1.d4 f5 2.c4 e6 3.g3 Cf6 4.Bg2 Be7 5.Cf3 0-0 6.0-0 d5**

Também conhecida como “muro de pedra”, é uma tentativa de minimizar a força do ataque branco, mediante a formação defensiva dos peões em ...d5, ...e6 e ...f5.

As brancas geralmente trabalham suas peças explorando a casa fraca e5, deixada pelo adversário ao construir a referida formação.

Brancas

Têm dois métodos principais para enfrentá-la: um violento, através de 2.e4 (Gambito Staunton), e outro posicional.

No segundo caso, cuidar de defender bem seu flanco rei e acumular pressão sobre a diagonal a8-h1, com o desenvolvimento do bispo do rei por fianqueto, a fim de dominar a importante casa d5 e dificultar a saída do bispo de c8.

Sempre que possível devem abrir o centro, o que cria maiores situações de perigo para o monarca negro, devido às debilidades que ocorrem após 1...f5.

Pretas

A jogada 1...f5 tem como base uma arriscada concepção estratégica: dominar o quadro e4, prevenir a formação de um forte centro adversário, ao mesmo tempo que prepara a abertura da coluna f para uma posterior utilização, em um violento ataque ao rei inimigo.

Caso não consigam realizar a abertura da coluna f, podem fazer um ataque concentrado de peões na ala do rei.

Pela sua configuração completamente assimétrica, é ideal para se lutar pela vitória, evitando os rápidos empates, comuns em linhas áridas, de formação simétrica de peões.

Partida 66

NEVEROV, V - MALANIUK, V
VARSÓVIA (POLÔNIA), 1992 [A87]

1.d4 f5
2.Cf3

Com certa freqüência vemos o retardamento na saída desse cavalo, cujo desenvolvimento poderá ser a f3 ou h3 (para ir a f4 e apoiar o avanço do peão a d5, comprimindo a posição contrária).

2 ... Cf6
3.c4 g6

Sistema Leningrado.

4.g3

O melhor meio de desenvolver o bispo do rei branco na Defesa Holandesa é por fianqueto, independentemente de qual sistema elejam as negras. Em g2 ele dá cobertura ao próprio rei, atacando o flanco da dama e o centro do adversário, que ficam bastante vulneráveis nessa defesa.

4 ... Bg7
5.Bg2 0-0
6.0-0 d6
7.Cc3 De8

Mais usuais são *7...c6* (abrindo a diagonal *a5-d8* para a dama e preparando o contragolpe central *...e5*), ou ainda *7...Cc6*. Com a passagem da dama para *e8*, o negro quer apoiar o avanço do peão a *e5*.

8.b3

Apesar de dar sustentação ao peão de *c4* (sempre frágil quando o bispo de casas brancas, seu protetor natural, sai da diagonal *a6-f1*) e preparar o fianqueto do bispo da dama, deixa fracas as casas pretas da grande diagonal, o que pode implicar em problemas táticos futuros. Outras alternativas são: *8.Cd5*, *8.Db3*, *8.Te1*, ou *8.d5*.

8 ... Cc6!?

Com a idéia de atacar o centro e provocar o avanço do peão a *d5*, o que fixaria o centro branco e deixaria livre a casa *e5* para o salto do cavalo.

9.Cb5

Esse movimento foi uma novidade teórica na época. A idéia não é somente atacar o desprotegido peão de *c7*, mas também jogar *d5* e transferir o cavalo para a casa central *d4*. Até então jogava-se *9.Ba3* ou *9.d5*.

9 ... Dd8
10.d5 Ce5
11.Cxe5?!

A tomada em *e5* deixa o centro preto muito forte. Mais prudente seria *11.Cbd4* ou *11.Bb2*.

11 ... dxe5
12.Bb2 a6
13.Ca3

Vemos que a posição branca piorou sensivelmente: seu cavalo está mal colocado em *a3* e o adversário possui superioridade no centro, pois seus peões têm maior mobilidade.

13 ... e4
14.f3 exf3
15.exf3?!

Correto seria *15.Bxf3*, com jogo igual.

15 ... f4!

Buscando a abertura da coluna *f*, importante no ataque ao rei branco.

16.Te1 Ch5!

Forçando a troca dos bispos e liberando a coluna para a torre.

17.Bxg7 Cxg7
18.Dd4?!

Era fundamental *18.g4*, para impedir a abertura da coluna *f* e o salto do cavalo a *f5*.

18 ... fxg3
19.hxg3 Dd6

O roque branco foi todo desmantelado e Neverov agora terá grandes dificuldades para defender seu rei.

20.c5 Dxc3
21.Txe7

Tentando compensar a debilidade na posição do rei com a entrada da torre na sétima fila.

21 ... Cf5
22.De5

Forçado, para não perder a qualidade.

22 ... Dh4!

A ação conjunta de dama e cavalo traz grandes complicações para o lado defensor. Atentas a isso, as negras cedem material para manter a dama no tabuleiro.

23.Txc7 Bd7!

Malaniuk sacrifica o bispo para pôr em jogo rapidamente a torre de a8.



Posição após 23...Bd7!

24.Txd7?

Correto seria 24.Cc2, que poderia seguir 24...Tae8 25.Dh2 Te2! 26.Dxh4 Cxh4 27.Ce1 Cxg2 28.Cxg2 Bh3 29.Ce1 g5 30.d6 Td2.

**24 ... Tae8
25.Db2 Cd4
26.Cc2 Ce2+
27.Rf1 Txf3+!**

Abrindo a posição para a caça ao rei.

**28.Bxf3 Dh3+
29.Bg2**

Se 29.Re1 Cd4+ 30.Rd2 Cxf3+ 31.Rd3 Ce1+ 32.Rc4 Dd3+ 33.Rb4 Cxc2+, ganhando.

**29 ... Df5+
30.Re1 Cf4+!
31.Rf2**

Para 31.Ce3 Cd3+! 32.Rd2 Df2+ 33.Rxd3 Txe3+ 34.Rc4 Dxb2 e vencem.

**31 ... Cd3+
32.Rg1 Cxb2
33.c6**

Pela qualidade a menos, o branco tem um perigoso peão passado avançado.

33 ... Te2

Também é suficiente 33...Dxc2 34.Tf1 (34.cxb7 Cd1) Te2.

34.Ce3

Não é bom 34.Ce1 por 34...Df2+ 35.Rh1 Te5! 36.Cf3 Th5+ 37.Ch2 Dg3.

**34 ... Df2+
35.Rh1 Txe3
36.cxb7**

A nada positivo levaria 36.c7, em função de 36...Dh4+ 37.Rg1 Dd4 38.Rh1 Tc3! 39.Td8+ Rg7 40.c8D Txc8 41.Txc8 Cd1! 42.Tac1 Cf2+ 43.Rh2 Cg4+ 44.Rh3 Df4.

**36 ... Te8
37.Tc1 Dh4+
38.Rg1 Dd4+
39.Rh1 Cd3**

Mais preciso seria 39...Dg4! 40.Tdc7 Dh4+ 41.Rg1 Te1 e ganham.

**40.Tc8 Cf2+
41.Rh2 Cg4+
42.Rh3 De3+!
43.Rxg4 h5+
44.Rh4 Df4+
45.Rh3 Dg4+
46.Rh2 Dxd7**

Em vista da seqüência 47.b8D Dxc8! 48.Dg3 Rg7, as brancas abandonam.

Partida 67

**GLUCKSBERG - NAJDORF, M
VARSÓVIA (POLÔNIA), 1935 [A84]**

**1.d4 f5
2.c4**

Uma jogada um tanto exótica e que tem alguns partidários é *2.Bg5*, impedindo o desenvolvimento do bispo pela diagonal *a3-f8* e evitando a saída do cavalo a *f6*, onde poderia ser tomado, debilitando a formação dos peões. Se as negras respondem *2...h6*, enfraquecem ainda mais suas casas na ala do rei.

2 ... Cf6
3.Cc3 e6
4.Cf3 d5

Construindo o Sistema Stonewall, com o qual as pretas erguem uma sólida formação central de peões, dificultando a ruptura branca. Com essa estabilidade central, podem preparar seu ataque na ala do rei.

5.e3 c6

Fortalecendo ainda mais a estrutura de peões.

6.Bd3 Bd6

É comum encontrarmos também esse bispo em *e7*, mas na casa *d6* ele é bem mais útil, porque defende o quadro fraco *e5* e mira para a ala do rei contrária.

7.0-0 0-0
8.Ce2?!

Erro estratégico. Melhor é *8.b3*, para sustentar o peão de *c4* e poder fianquetar o bispo.

8 ... Cbd7
9.Cg5?

Grave erro tático. As brancas pretendem ganhar um tempo atacando o peão indefeso em *e6*, para poderem jogar *9.f4*, diminuindo a pressão do bispo sobre o roque. Entretanto, não observam a resposta simples do negro, que destrói a fortaleza branca e deixa o rei exposto.

9 ... Bxh2+!

10.Rh1

Se *10.Rxh2 Cg4+* e tomam o cavalo de *g5*.

10 ... Cg4
11.f4 De8

Manobra *standard* na Holandesa. A dama passa por *e8* para se transferir para a ala do rei e aumentar os efetivos no ataque.

12.g3 Dh5
13.Rg2 Bg1!



Posição depois de 13...Bg1!

Brilhante. Najdorf encontra uma maneira criativa de evitar *14.Th1* e *15.Cf3*.

14.Cxg1

Praticamente forçado.

14 ... Dh2+
15.Rf3 e5!

A grande dificuldade do negro no Sistema Stonewall é o desenvolvimento do bispo de casas brancas. Mediante *15...e5!*, desejam sacrificar material e abrir caminho para ele, além de também buscar a abertura da coluna *f*.

16.dxe5 Cdx5+!

Sacrificando o cavalo para dar passagem ao bispo.

17.fxe5 Cxe5+
18.Rf4 Cg6+
19.Rf3 f4!

E finalmente vemos livre a diagonal *c8-h3* para a ação do bispo.

20.exf4 Bg4+!!

Tanto trabalho para ativar o bispo e agora ele é sacrificado? Mas, as negras sabem onde estão pisando...

21.Rxg4 Ce5+
22.fxe5 h5++ 0-1

Uma verdadeira jóia de Miguel Najdorf, que assimilou acertadamente o espírito da linha, fortalecendo o centro e partindo para um bem sucedido ataque na ala do rei.

Essa partida é conhecida como “a imortal polaca”!

Najdorf

Miguel Najdorf é polonês, tendo nascido no ano de 1910. Em 1939 foi à Argentina, com sua equipe, disputar o Torneio das Nações (olimpíada de xadrez, atualmente), ali tendo que permanecer devido ao início da Segunda Guerra Mundial. Fixou-se lá, naturalizando-se cinco anos mais tarde.

Najdorf era brilhante no meio-jogo e foi nessa fase da partida que ganhou boa parte dos embates. Seu conhecimento das aberturas e técnica nos finais não tiveram o mesmo desenvolvimento, o que o impediu de vencer muitos torneios internacionais.

Ganhou o título de grande mestre em 1950, mantendo-se por muitos anos entre os dez melhores enxadristas do mundo.

Sua primeira tentativa de ganhar o título máximo aconteceu em 1948, quando disputou um torneio promovido pela FIDE, com o fim de apontar o novo campeão mundial, em razão da morte de Alekhine dois anos antes.

Participou de três torneios de candidatos: Saltsjöbaden 1948, Budapeste 1950 e Zurique 1953, ficando sempre entre os seis primeiros. Sua última tentativa ocorreu no interzonal de Gotemburgo, em 1955, não conseguindo chegar ao torneio de candidatos.

Jogou pela Polônia as olimpíadas de 1935, 1937 e 1939, e pela Argentina um total de onze edições, entre os anos de 1950 e 1976, tendo sido medalha de ouro por duas vezes, no primeiro tabuleiro. Ganhou o campeonato argentino em sete ocasiões.

Em 1947 quebrou o recorde mundial de partidas às cegas (vigente até hoje), enfrentando 45 tabuleiros simultaneamente, durante mais de 23 horas ininterruptas. Todas essas partidas são conhecidas e ele venceu 39, empatou 4 e perdeu 2. O evento ocorreu na Galeria Prestes Maia, em São Paulo.

Faleceu em 1997.

Partida 68

UMETSUBO,C - BLANK,E
SÃO PAULO,1996 [A82]

1.d4 f5
2.e4

O Gambito Staunton permite um rápido desenvolvimento das peças brancas e boas possibilidades de ataque.

2 ... fxe4

Recusar o peão com *2...d6*, debilitaria a posição negra sem compensação: *3.exf5 Bxf5 4.Bd3*.

3.f3

Em função da variante *3...d5 4.Cc3 exf3 5.Cxf3 Bg4 6.h3 Bxf3 7.Dxf3 e6 8.Bd3 Cc6! 9.Dh5+ Rd7 ou 9.0-0 Cf6* seguido de roque grande, é que prefere-se *3.Cc3* e depois *4.f3*.

3 ... exf3

Como analisamos anteriormente, é mais aconselhável 3...d5.

4.Cxf3 **Cf6**
5.Bd3 **d6**
6.h3

Apesar da prudência em se evitar a cravada do bispo, era preferível 6.0-0 e continuar com a rápida mobilização das peças.

6... **c5**
7.d5!

Tirando a melhor casa do cavalo da dama adversário.

7... **g6**
 Se 7...Cxd5? 8.Bb5+, ganhando o cavalo.

8.0-0 **Bg7**
9.Cg5 **0-0**
10.Cc3 **Ca6**
11.Txf6



Posição após 11.Txf6

Mesmo existindo indícios de que o branco pode obter um forte ataque, devido ao bom posicionamento de suas peças e à fraqueza do roque negro, uma defesa adequada daria às pretas boas possibilidades de se sustentar.

11... **Txf6**
12.Cxh7

Para manter a iniciativa, o jovem César Umetsubo tem de sacrificar mais uma peça.

12... **Rxh7**
13.Dh5+ **Rg8**
14.Bxg6 **e5?**

Erro decisivo. Se Blank tivesse devolvido um pouco do material conquistado, mediante 14...Txg6, teria posição tranqüila.

15.Dh7+ **Rf8**
16.Bh6 **Txg6**
17.Tf1+ **1-0**

Pudemos notar o quanto é difícil uma boa defesa contra o Gambito Staunton. Mesmo um jogador qualificado, como Eduardo Blank Gonçalves, não resistiu, sucumbindo ante o ataque branco.

Gambito Budapeste



1.d4 Cf6 2.c4 e5

Histórico

O Gambito Budapeste é de fundo acentuadamente tático, recomendado para jogadores empreendedores, imaginativos e que gostam de complicar a luta desde o início.

Seu primeiro registro é do jogo Adler-Maroczy, Budapeste 1896. No entanto, tornou-se conhecido somente entre 1916 e 1917, quando os mestres húngaros Abonyi, Breyer e Baracz o analisaram, colocando-o em prática com bons resultados, respaldados nos princípios revolucionários que haviam descoberto.

Em função disso, seu nome ficou vinculado à capital do país, Budapeste.

Após a partida Essem-Breyer, Budapeste 1916, mestres do ataque como Spielmann, Tartakower, Vidmar e Tarrasch aderem a ele e o popularizam como uma arma para lutar pela iniciativa com as peças pretas.

As convincentes vitórias de Alekhine de brancas frente a Rabinovich (Baden-Baden 1925) e Seitz (Hastings 1925/6) fazem com que esse gambito sofra um declínio até 1928, quando o mestre húngaro Fajarowicz descobre uma linha aguda para o segundo jogador, baseada no sacrifício de um ou mais peões.

De 1930 a 1950 seus principais de-

fensores são: Steiner, Bisguier, Richter, Heidenfeld, Ratner e Denker, entre outros.

As extensas análises dos enxadristas búlgaros publicadas em 1957, na revista *Schjmantnya Misl*, ratificam a correção do gambito, que ganha mais um ponto de sustentação.

Em 1966, o brasileiro Fernando de Almeida Vasconcellos publica uma respeitada monografia com o nome *Teoria e Prática do Gambito Budapeste*, a qual se torna referência internacional.

No ano de 1991, Gábor Gyuricza, brasileiro de origem húngara, organiza em Budapeste um torneio temático, que conta com a participação da maioria dos estudiosos do gambito, além de alguns grandes mestres convidados.

Na atualidade, seus maiores defensores são Vladimir Epishin, Ian Rogers e Nigel Short (este mais esporadicamente).

Em nível nacional destacam-se os MIs Eduardo Limp e Alexandru Segal, os MFs Chow Man Yee e Adriano Caldeira, e Francisco José dos Santos Neto.

Especialista: Rogers

Dados biográficos

Ian Rogers nasceu em 24 de junho de 1960, na Austrália.

Tornou-se grande mestre em 1985 e é considerado o melhor enxadrista da Oceania, tendo defendido seu país em diversas olimpíadas.

Já venceu muitas vezes o campeonato australiano, sendo a primeira em 1979.

No ano de 2000 teve uma performance excepcional no 107º Campeonato da Nova Zelândia – o mais antigo entre todos os países – conquistando o título com 10.5 pontos em 11 possíveis!

Entre suas boas atuações, destacam-se o primeiro lugar isolado nos fortes torneios de Groningen 1988 e 1989; e sozinho ou compartilhado em Calcutá 1988, Wijk aan Zee (grupo II) 1985, Kragujevac 1985 e Nuovo 1984.

Tem colaborado no desenvolvimento do xadrez com artigos em jornais e revistas, bem como em sites especializados.

É um dos mais expressivos defensores do Gambito Budapeste em nossos dias.

Variantes

Suas principais ramificações são:

- **Recusado: 3.d5, 3.e3 ou 3.Cc3**

O Gambito Budapeste Recusado é pouco freqüente, sendo usado apenas como uma opção para evitar linhas exaustivamente preparadas pelo adversário.

- **Aceito: 3.dxe5**

A aceitação do gambito tem a preferência dos mestres modernos, embasados no espírito de que o melhor é aceitar a oferta e devolvê-la mediante alguma compensação.

Branças

O primeiro jogador deve:

- Tomar o peão sacrificado.
- Devolvê-lo em momento adequado, para manter a vantagem do lance inicial ou chegar a um final superior.
- Brigar pelo domínio das casas centrais.

Pretas

Já o condutor das negras precisa:

- Jogar a partida no estilo do gambito, sem se preocupar com os possíveis sacrifícios de peões.
- Conseguir um rápido desenvolvimento de suas peças, em especial bispos e cavalos.

Partida 69

GARCIA MARTINEZ, S - ROGERS, I
REGGIO EMILIA (ITÁLIA), 1984 [A52]

1.d4 Cf6
2.c4 e5

A idéia básica é dismantelar o centro (ainda que à custa de um ou mais peões) e ter um jogo ativo de peças.

3.dxe5

O melhor. Além da tomada do peão, as brancas podem optar ainda por:

a) 3.d5 – Tem o inconveniente de deixar a casa c5 livre para a instalação de uma peça, além de dar muita iniciativa ao adversário na ala da dama.

b) 3.e3 – Soluciona grande parte dos problemas das pretas, pois elas responderiam 3...exd4 4.exd4 d5!, simplificando o jogo.

c) 3.Cc3 – Embora desenvolva uma peça, força a saída prematura da dama após 3...exd4.

3... Cg4

Optando pela Variante Clássica. Se 3...Ce4!?, entra no Gambito Fajarowicz.

4.Bf4

O lance preferido de Rubinstein. Ao jogar 4.Bf4 o branco defende o peão e ao mesmo tempo contribui para colocar suas peças em jogo, na expectativa de que o adversário perca alguns tempos para recuperar o peão. Além do mais, ajuda no domínio central e seu par de bispos estará muito forte no meio-jogo.

Outras possibilidades são: 4.e4, 4.Cf3, 4.e3, 4.a3, 4.Dd4, 4.f4 e 4.e6.

4... Cc6

Balogh sugere aqui 4...g5!?, para desenvolver o bispo via g7 e recuperar em seguida o peão.

5.Cf3 Bb4+

Deixa livre a casa e7 para a dama e obriga o branco a uma decisão sobre o futuro desenvolvimento do cavalo.

6.Cbd2

Sugerido por Bernstein, visando não debilitar a cadeia de peões.

6 ...	De7
7.e3!	Cgxe5
8.Cxe5	Cxe5
9.Be2	0-0
10.0-0	Bxd2
11.Dxd2	d6
12.Tfd1	b6
13.b4	

As brancas têm ligeira vantagem em função do par de bispos.

13 ...	Bb7
14.c5	dxc5
15.bxc5	Cg6
16.Dd7?	

O natural *16.Bg3* é o correto.

16 ...	Dxd7
17.Txd7	

A torre na sétima fileira não compensa a má estrutura de peões e a perda do par de bispos. Observar também que surge uma perigosa maioria de peões na ala da dama.

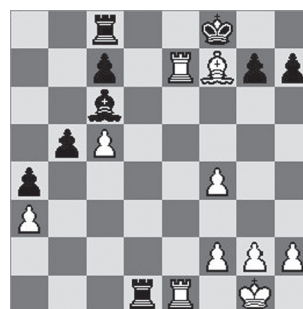
17 ...	Cxf4
18.exf4	Tac8
19.Bc4?!	Bc6
20.Te7	b5

Os dois peões contra um na ala da dama constituem motivo suficiente para as pretas já pensarem na vitória.

21.Bb3	a5
22.a3	a4
23.Ba2	Tfd8

24.Bxf7+	Rf8
25.Tae1	Td1!

Quanto menos peças sobre o tabuleiro, mais valor tem a maioria na ala dama.



Posição após 25...Td1!

26.Txd1	Rxe7
27.Ba2	Tb8
28.Td4	Tf8
29.Bb1	Td8!

Simplificando para facilitar a coroação do peão passado em potencial.

30.Txd8	Rxd8
31.Ba2	

Para *31.Bxh7 Bd5!*, com a idéia de tomar o peão de c5 por meio de *...Rd7-c6* e também fazer *...b4*, criando um peão passado.

31 ...	Rd7
32.f3	Bb7
33.Rf2	Rc6
34.Bb1	Rxc5
35.Bxh7	b4
36.axb4+	Rxb4
37.Bg8	a3
38.f5	Ba6

As brancas abandonam em razão da ameaça *39...Bc4*.

Partida 70
ALEKHINE, A - RABINOVICH, I
BADEN-BADEN (ALEMANHA), 1925 [A52]

1.d4 **Cf6**
2.c4 **e5**
3.dxe5 **Cg4**
4.e4

A Variante do Centro, que no entender do ex-campeão mundial coloca as pretas em grandes dificuldades. No entanto, estudos posteriores demonstraram que o segundo jogador dispõe de recursos à altura.

4 ... **Cxe5**

Além do lance escolhido por Rabinovich, considerado o mais indicado, é possível também:

a) **4...h5?!** – Com o intuito de manter o cavalo em um posto avançado. Seu inconveniente é debilitar demasiadamente o flanco do rei próprio, além de deixar as peças com pouca elasticidade.

b) **4...d6** (Gambito Balogh) – Sacrificando um peão para manter o cavalo em sua posição agressiva e ativar as peças.

5.f4

Fortalece o centro e coloca as pretas no seguinte dilema: onde colocar o cavalo?

5 ... **Cg6**

Para pressionar de imediato os peões do adversário, que ficaram débeis pelo fato de terem sido avançados sem muito preparo.

A outra alternativa é **5...Cec6** (Variante Abonyi), a preferida hoje em dia, com o propósito de conseguir contra-jogo na ala da dama.

6.Cf3 **Bc5?!**

Mais consistente é **6...Cc6**, para responder **...Cge5** quando as brancas jogarem **f5**.

7.f5!



Posição depois de 7.f5!

Esse lance comprime a posição negra.

7 ... **Ch4**
8.Cg5!

Evitando a troca de peças, que aliviaria a posição contrária. A ameaça agora é **Cxf7**, seguido de **Dh5+**.

8 ... **De7**
9.Dg4 **f6**
10.Dh5+!

Enfraquecendo ainda mais a estrutura dos peões pretos.

10 ... **g6**
11.Dxh4 **fxg5**
12.Bxg5 **Df7**
13.Be2!

As brancas estão nitidamente superiores: têm um peão de vantagem e peças mais ativas.

13 ... **0-0**
14.Tf1!

Colocando a torre em uma coluna privilegiada.

14 ... **Cc6**
15.Cc3 **Cd4**
16.fxg6 **Dxg6**
17.Txf8+ **Bxf8**
18.Bh5 **Db6**
19.0-0-0 **Bg7**

20.Tf1

A posição insegura do rei e a falta de desenvolvimento na ala da dama não dão margem a qualquer chance de sobrevivência para Rabinovich...

20 ...	Ce6
21.Bf7+	Rh8
22.Bxe6	Dxe6

No caso de *22...dxe6*, ganha-se com *23.Bh6!*

23.Bf6!	1-0
----------------	------------

Após o praticamente forçado *23...Bxf6* *24.Txf6*, o rei preto indefeso, a dama exposta e a ala da dama congelada dariam ganho quase imediato a Alekhine, o que motivou o abandono de seu adversário.

Partida 71
COSTA,H - VASCONCELLOS,F
BELO HORIZONTE, 1968 [A53]

1.d4	Cf6
2.Cf3	d6
3.c4	e5

O Gambito Budapeste Diferido, que, segundo Vasconcellos, em sua obra *Teoria e Prática do Gambito Budapeste*, é uma sugestão do enxadrista juiz-forano Carlos Alberto Pifano.

4.dxe5

Aceitando o desafio. Se *4.Bg5 Cbd7* *5.Cc3 Be7* entra-se numa variante da Índia Antiga.

4 ...	Ce4
5.Cbd2	

A opção *5.exd6* ajuda sobremaneira o desenvolvimento das peças do adversário.

5 ...	Bf5
6.Cxe4	Bxe4

7.Cg5	Bc6
--------------	------------

Para *7...Bf5?! 8.e4!*

8.e6	fxe6
9.Cxe6	De7
10.Cd4!	

Não seria aconselhável *10.Cxf8?!* por *10...Txf8*, seguido de *...Cbd7* e *...0-0-0*, com bom jogo.

10 ...	g6
11.h4	Bg7
12.Bg5	Df7
13.e3	0-0!

Assumindo o controle da partida.

14.Dd2	Cd7
15.h5	Ce5
16.Th4	gxh5
17.f3	Dg6
18.Bf4	Tae8

Completando o desenvolvimento e aumentando a pressão no centro.

19.e4	Df7!
--------------	-------------



Posição após 19...Df7!

As pretas estão muito superiores devido ao desenvolvimento mais harmônico de suas peças.

20.Tc1

Se *20.Bxe5 Bxe5*, com a ameaça de *...Bg3+*.

20 ... **Cg6**
21.Bg5 **Cxh4**
22.Bxh4 **Bxd4!**

Também se ganha com *22...Txe4+!*
23.fxe4 Dxf1++.

23.Dxd4 **Df4**

E as brancas abandonam porque perdem forçosamente uma peça.

Vasconcellos

Fernando de Almeida Vasconcellos nasceu em 29 de dezembro de 1919, no Rio de Janeiro, tendo falecido no mês de novembro de 1996, em Brasília, onde residia há mais de vinte anos.

Formou-se em economia e direito, tendo exercido a profissão de auditor fiscal do Tesouro Nacional.

O ano de 1941 foi o seu divisor de águas, quando então iniciou-se na teoria e prática do xadrez.

Disputou inúmeras competições nacionais, terminando sempre em posições destacadas, a exemplo da conquista do título de campeão brasileiro veterano 1989 e brasileiro de seleções estaduais em 1953.

Participou dos torneios internacionais do Rio de Janeiro de 1952 e 53, e de várias edições do campeonato brasileiro absoluto entre os anos de 1948 e 85. Representou o Brasil no I Zonal Sul-americano em Mar del Plata 1951 e na Olimpíada de Xadrez de 1952, na Finlândia.

Recebeu o título de mestre brasileiro de xadrez pela CBX em 1960.

Na parte de divulgação da modalidade, atuou como redator da coluna de xadrez do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro de 1952 a 54 e foi diretor técnico da revista *Xadrez Carioca*, 1952 e 53. Escreveu dois livros: *Teoria e Prática do Gambito Budapeste (1966)* e *Apontamentos para uma História do Xadrez & 125 Partidas Brillhantes (1991)*.

Defesa Benoni Moderna



1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 e6
4.Cc3 exd5 5.cxd5 d6

Histórico

Inicialmente chamada de Defesa Staunton, passou a ser considerada posteriormente uma das linhas do Gambito da Dama. Em meados do século passado foi agregada à Defesa Índia do Rei, porque as pretas começaram a desenvolver o bispo por fianqueto, à semelhança das defesas índias.

Convém esclarecer que a Benoni é um complexo de linhas que tem origem nos lances 1.d4 c5. A variante mais jogada, da qual trataremos no presente capítulo, denominada primeiramente Indo-Benoni ou Semi-Benoni, em nossos dias recebeu o nome de Benoni Moderna.

A palavra *Ben-Oni* é hebraica e significa “filho do meu sofrimento”. Conta-se que, quando deprimido, Aaron Reinganum pegava o tabuleiro de xadrez e punha-se a analisar posições, em especial defesas contra gambitos. Dessas análises surgiu um livro, publicado em 1825, considerado a base da Benoni Moderna. O nome da defesa foi tirado do título dessa obra.

Alguns brasileiros que a utilizam: os MIs Carlos Alejandro Martinez e Wellington Carlos Rocha, e o MF Adriano Lucas Caldeira Marques.

Especialista: Tal

Um pouco de sua história

Mikhail Tal nasceu na cidade de Riga, capital da Letônia, no ano de 1936, tendo falecido em 1992. Era de origem judaica, filho de um médico, tendo sua família um elevado nível cultural.

Desde muito pequeno demonstrou assombrosa capacidade intelectual, com grande facilidade para cálculos e uma memória prodigiosa, sendo capaz de gravar poemas e capítulos inteiros de livros em pouquíssimo tempo.

Aprendeu o xadrez com sete anos de idade e aos doze já era um forte jogador. Aos vinte e três anos sagrou-se campeão mundial, na época o mais jovem de todos os tempos, batendo – contra todos os prognósticos – a Mikhail Botvinnik, pelo dilatado score de 6 a 2 e 13 empates. No ano seguinte, porém, no match-revanche, Botvinnik recupera o título e Tal não mais consegue reconquistá-lo.

De 1958 a 1982 participa de oito olimpíadas, vencendo 63 partidas, empatando 35 e perdendo apenas duas. Entre outros títulos, citaremos “apenas” que foi campeão da URSS por seis vezes e que jogou mais de 4.000 partidas em torneios oficiais (uma das carreiras mais ativas entre todos os grandes enxadristas).

Apesar do muito que conseguiu, suas atuações, sem dúvida alguma, foram prejudicadas pela saúde precária, já que sofria de problemas renais.

Dono de um estilo extremamente agressivo e criativo, chegando a ser até paradoxo – o xadrez na concepção de Tal deixava de ser o reino da lógica para ser o das exceções – conquistou milhões de fãs com suas inesperadas e brilhantes combinações, o que lhe legou o cognome de “Mago de Riga”.

A Benoni sempre foi sua companheira. Utilizando-a com sucesso, imprimiu seu estilo agressivo em inúmeras linhas. Aos que pretendem jogá-la, as partidas de Mikhail Tal são fontes inesgotáveis de idéias e seu conhecimento é obrigatório.

Variantes

Após **1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 e6 4.Cc3 exd5 5.cxd5 d6**, as brancas têm à disposição várias continuações:

- **Variante Clássica:**
6.e4 g6 7.Cf3 Bg7 8.Be2 0–0 9.0–0
- **Sistema Karpov:**
6.e4 g6 7.Cf3 Bg7 8.h3 0–0 9.Bd3
- **Variante Mikenas:**
6.e4 g6 7.f4 Bg7 8.e5
- **Variante Taimanov:**
6.e4 g6 7.f4 Bg7 8.Bb5+
- **Variante Penrose/Tal:**
6.e4 g6 7.Bd3 Bg7 8.Cge2 0–0 9.0–0
- **Variante do Fianqueto:**
6.g3 ou 6.Cf3 g6 7.g3
- **Variante Uhlmann:**
6.Cf3 g6 7.Bg5
- **Sistema Nimzowitsch:**
6.Cf3 g6 7.Cd2

Daremos as idéias gerais para ambos os lados, as quais constituirão uma base para o conhecimento estratégico dessa defesa.

Aos interessados na Defesa Benoni “pura” sugerimos o estudo da partida Mauro de Athayde x Alexandru Segal, no final do capítulo.

Branças

Esta é uma das raras aberturas em que o branco tem chances de atuar nos três setores do tabuleiro: ala da dama, centro e ala do rei.

Na ala da dama deve estar sempre atento a um possível avanço do adversário, com ...a6 seguido de ...b5, mobilizando sua maioria de peões; portanto, é necessário vigiar constantemente o quadro b5 para que não ocorra esse tipo de contra-jogo.

Dessa forma, é praticamente obrigatório executar o movimento a4, às vezes até a5, paralisando completamente essa ala e possibilitando ainda uma excursão do cavalo de c3 a a4 e posteriormente b6, o que incomoda sobremaneira o jogo negro.

No centro, aproveitando o fato de que o peão pode ir facilmente a e4, organizar as peças para uma ruptura com e5.

Finalmente, na ala do rei, através do avanço do peão a f4 com o apoio de e4, começar o ataque com f5 ou e5. Nesse último caso é comum até o sacrifício do peão em e5, seguido de f5! (ou mais raramente o inverso).

É muito freqüente também a manobra do cavalo de g1 – chamada “pirueta de Nimzowitsch” – que salta para f3, passa por d2 e atinge a casa c4. De lá, defende b2 e pressiona o principal ponto fraco das pretas (o peão de d6), contando, ainda, com o apoio do bispo, que pode ir a f4.

Em suma, o branco tem jogo livre e um grande leque de opções, devendo, no entanto, jogar com cautela, pois a posição das peças pretas é dinâmica e fraquezas podem ser aproveitadas prontamente.

Pretas

Um princípio fundamental na Benoni é: através dos flancos, cercar o centro inimigo e organizar uma pressão sobre ele.

Os pontos fortes das pretas são: a maioria de peões na ala da dama, a coluna e semi-aberta (pressionando sobretudo a casa e4, que em geral fica fraca) e o forte bispo de g7 (muito ativo ao longo da diagonal a1-h8).

A Benoni comumente leva a posições restringidas, por isso o segundo jogador precisa aproveitar toda e qualquer oportunidade para abrir a posição.

Pelo fato de ter maioria de peões na ala da dama, o final lhe é francamente favorável, motivo pelo qual as trocas de peças devem ser buscadas. Isso ajuda também na liberação de seu jogo.

A Benoni Moderna oferece boas possibilidades de ataque na ala do rei

(especialmente quando o cavalo de *f3* das brancas traslada para *c4*, deixando seu rei com menos efetivos na defesa), o que explica a grande paixão dos jogadores táticos por ela.

Partida 72
GURGENIDZE, B - TAL, M
Moscú (Rússia), 1957 [A78]

1.d4	Cf6
2.c4	c5
3.d5	e6
4.Cc3	exd5
5.cxd5	d6
6.Cf3	

Entre as diversas alternativas para o primeiro jogador, *6.e4* seguido de *f4* por algum tempo pareceu ser a refutação da Benoni Moderna, porque colocava as pretas em grandes dificuldades, devido à forte iniciativa branca e aos problemas de desenvolvimento das peças negras.

A vitalidade do xadrez, no entanto, é enorme: os teóricos logo encontraram boas continuações e a Benoni Moderna seguiu impávida seu caminho!

6 ...	g6
--------------	-----------

É devido a essa idéia de fianquetar o bispo da ala do rei que alguns a chamam de Indo-Benoni ou Semi-Benoni. Na Benoni pura em geral o bispo fica em *e7*.

7.e4	
-------------	--

Esse movimento é sempre uma incógnita: pode ser bom, por auxiliar numa ruptura em *e5* e pode não ser, pela facilidade em ser atacado, especialmente pela torre em *e8*.

7 ...	Bg7
8.Be2	

Entrando na Variante Clássica ou Normal.

8 ...	0-0
--------------	------------

9.0-0	Te8
--------------	------------

Lance fundamental, uma vez que ocupa a coluna e ainda ataca o ponto-chave da posição, a casa *e4*.

10.Cd2	Ca6
---------------	------------

Esse lance exótico do cavalo tem por objetivo não atrapalhar o bispo (em *d7* fecharia a diagonal). No lance seguinte vai para *c7*, de onde apóia uma expansão em *b5*.

11.Te1	
---------------	--

Mais seguro é *11.f3*.

11 ...	Cc7
12.a4	

Lance característico. Impede ...*b5*.

12 ...	b6
---------------	-----------

Em caso de *12...a6?* seguiria *13.a5*, paralisando a ala da dama negra.

13.Dc2?!	
-----------------	--

A tentativa de apoiar o ponto *e4* não parece muito acertada. Mais aconselhável seria primeiramente tirar o acesso à casa *g4*, mediante *13.h3!*

13 ...	Cg4
14.h3?	

Agora esta jogada não é boa. Correto seria eliminar o cavalo, com *14.Bxg4*.

14 ...	Cxf2!
---------------	--------------

Nem precisaria ser um Tal para fazer esse sacrifício! A posição parece estar "pedindo" a tomada em *f2*, que desmoro-na toda a estrutura branca.

15.Rxf2	Dh4+
16.Rf1	Bd4
17.Cd1	Dxh3!



Posição após 17...Dxh3!

Tal aproveita a situação caótica do branco para oferecer sua dama, que, naturalmente, não pode ser capturada.

18.Bf3	Dh2
19.Ce3	f5
20.Cdc4	fxe4
21.Bxe4	Ba6
22.Bf3	Te5
23.Ta3	Tae8
24.Bd2	Cxd5
25.Bxd5+	Txd5
26.Re2	Bxe3
27.Txe3	Bxc4+ 0-1

Essa partida mostra todo o potencial da Benoni quando surgem temas de ataque na ala do rei. Foi jogada no 24º Campeonato Soviético, sendo o primeiro que “Misha” – como Tal era carinhosamente chamado – ganhou. Na época ele tinha apenas 20 anos de idade!

Partida 73
REVIKIN, I - TRIPOLSKY
CORRESPONDÊNCIA, 1988 [A67]

1.d4	Cf6
2.c4	c5
3.d5	e6
4.Cc3	exd5
5.cxd5	d6
6.e4	g6
7.f4	

As pretas devem jogar de forma cuidadosa, porque durante um longo tempo sofrem uma forte pressão.

7 ... Bg7

No próximo lance branco reside um dos maiores perigos da linha. Por isso tentou-se, sem sucesso, jogar 7...a6 – impedindo o perigoso xeque do bispo e preparando ...b5 – no entanto, essa jogada passiva na abertura possibilita ao branco um ataque central demolidor. Razão pela qual a idéia foi deixada de lado.

8.Bb5+

A Variante Taimanov é uma das mais perigosas armas para se combater a Benoni.

8 ... Cfd7

Parece um contra-senso, mas o natural 8...Cbd7 levaria 9.e5, seguido de e6. Ainda assim, sempre aparece na prática algum jogador, mesmo entre os grandes mestres, que tenta reabilitar essa jogada. Todavia, os resultados não têm sido satisfatórios.

9.a4

Do contrário seguiria ...a6 e ...b5, com superioridade negra.

9 ...	0-0
10.Cf3	Ca6
11.0-0	Cc7

Outra alternativa era ocupar com o cavalo o ponto fraco b4.

12.Bd3 a6

Um importante lance nessa variante é 12...Te8.

13.Rh1

Se 13.a5, as pretas podem jogar 13...Tb8 e depois ...b5. Mesmo que o branco tome *en passant*, deixando o peão de a6 isolado, a torre na coluna semi-aberta é compensação suficiente por essa debilidade.

13 ... Tb8
14.f5

É muito importante não ceder pontos fortes ao adversário, como a casa e5, local onde o negro poderá instalar comodamente suas peças. Entretanto, o movimento 14.f5, que também abre caminho para o bispo de c1, dará muito trabalho, já que inicia um poderoso ataque.

14 ... b5

Buscando contra-jogo na ala oposta.

15.axb5 Cxb5

Uma tentativa de melhorar o cavalo, que estava mal situado em c7. Era mais acertado, porém, jogar 15.axb5.

16.Bg5 Dc7?!

Mais indicado seria 16...f6 ou ainda 16...Bf6.

17.Bxb5!

Aqui começam os problemas das negras.

17 ... axb5
18.e5!!



Posição depois de 18.e5!!

Não era esperada tamanha ousadia! Quatro peças vigiam o quadro e5, contra um defensor apenas do branco e mesmo assim o peão foi jogado à quinta casa.

18 ... dxe5

Outros lances são inferiores.

19.d6

Agora fica claro o objetivo de 18.e5!!, que é liberar a casa d5 para a passagem das peças.

19 ... Db7
20.Cd5 f6
21.Ce7+ Rf7

Forçado. Não é possível 21...Rh8 por 22.fxg6! fxg5 23.Cxg5 Cf6 24.gxh7 Bh6 25.Cg6+ Rg7 26.Cxf8 Bg4 27.Txf6!!, ganhando.

22.fxg6+ hxg6

Se 22...Re8 23.Ch4!

23.Cxc8! Tbx8
24.Ta7!!

O golpe final! Um esplêndido lance que acaba com todas as esperanças de defesa.

24 ... Dc6

Claro que para 24...Dxa7, seguiria 25.Dd5+, com mate em dois.

25.Cxe5+ 1-0

Essa linda partida ilustra muito bem as chances de ataque do branco nessa agressiva variante.

Partida 74

DE ATHAYDE, M - SEGAL, A
 CURITIBA, 1977 [A56]

Nesta partida, disputada no Campeonato Brasileiro Absoluto, a linha escolhida pelas pretas é a Defesa Benoni (1.d4 c5), especialidade do ex-campeão brasileiro Alexandru Segal.

1.d4 **Cf6**
2.c4 **c5**
3.d5 **e5**

Lance que dá origem ao chamado Sistema Petrosian.

4.Cc3 **d6**

As pretas pretendem fechar o centro e assim poder atuar nas duas alas de forma combinada.

5.e4 **Be7**

Diferentemente da Defesa Benoni Moderna, aqui o bispo não é fianquetado.

6.Bd3

Apontando para *f5*, casa de ruptura por parte das pretas com o avanço do peão para abrir a coluna. O primeiro jogador também atinge uma sólida posição após a seqüência *g3, Bg2, Cge2* e *0-0*.

6... **0-0**
7.Cge2

O cavalo é desenvolvido a *e2*, tornando possível em algum momento *f4* para abrir a coluna.

7... **Cbd7**
8.0-0 **Ce8**

Com a idéia de preparar *...f5*.

9.a3

Por sua vez, Mauro de Athayde começa a mobilizar sua ala da dama em busca de contra-jogo.

9... **a6**
10.b4 **b6**
11.f4?!

Um movimento discutível. Tem o ângulo positivo de abrir a coluna, mas em

contrapartida deixa um ponto fraco em *e5* para a instalação do cavalo, além de liberar a diagonal *a1-h8* para o bispo.

11... **exf4**
12.Bxf4 **Bf6**
13.Tb1 **g6**

Segal avança o peão para dar passo a seu cavalo que irá a *h5*, via *g7*.

14.Dd2 **Ce5**

O cavalo ocupa o "hole" deixado em *e5*. Desde esse ponto, seu raio de ação está bastante ampliado, exercendo ainda controle sobre *f7*, casa essa que o branco poderia pressionar com suas torres através da coluna.

15.Rh1 **Cg7**
16.bxc5 **bxç5**
17.Ca4 **Ch5**

Uma das maiores qualidades de Segal é sua maestria para conduzir o jogo posicional, em especial a facilidade para trabalhar com as peças menores!

18.Bh6 **Te8**
19.h3?

Um grave erro tático.

19... **Bxh3!**



Posição após 19...Bxh3!

Explorando a posição exposta do rei e o cavalo indefeso em *a4*.

20.gxh3 **Dd7**
21.De3

Se *21.Cb2 Dxh3+* *22.Rg1Tab8!* com múltiplas ameaças.

21 ... **Dxa4**
22.Cf4 **Cxf4**
23.Dxf4 **Dd7!**

Com o peão a mais, a dama já pode voltar para a defesa. Se *24.Dxf6 Dxh3+*, seguido de *...Dxh6*.

24.Rg2 **Bg7**
25.Be2 **Bxh6**

Com a posição consolidada, as pretas buscam uma vitória tranqüila através das trocas.

26.Dxh6 **Tab8**

Novamente o tema da simplificação...

27.Df4 **De7**
28.h4 **Txb1**
29.Txb1 **Cd7**
30.Tb7 **Df6!**
31.Dxf6 **Cxf6**
32.Bf3 **Cxe4**

O final agora é só uma questão de técnica, o que o mestre Segal tem de sobra!

33.Tb6 **a5**
34.Ta6 **Cd2**
35.Txd6 **Te3**
36.Td8+ **Rg7**
37.Bg4 **Cxc4**
38.Bc8 **Td3**
39.Bb7 **Rf6**
40.a4 **Re7**
41.Tc8 **Cd6**
42.Txc5 **Cxb7**
43.Tc7+ **Rf6**
44.Txb7 **Txd5**
45.Ta7 **Td4**
46.Txa5 **Txh4**

47.Rg3 **Tb4**
48.Ta6+ **Rg5**
49.Ta7 **f5**
50.a5 **h5**
51.a6 **Tb3+**
52.Rg2 **Ta3**
53.Ta8 **Rg4**
54.a7 **g5**
55.Rf2 **f4 0-1**

Segal

Alexandru Sorin Segal nasceu em 4 de outubro de 1947 na Romênia. Aos 12 anos elevou-se à primeira categoria de seu país, tornando-se mais tarde campeão juvenil.

Em 1968 sagrou-se campeão romeno universitário, participando ainda de várias finais do campeonato nacional. Representou sua pátria em diversas competições internacionais. Paralelamente, estudou ciências econômicas, terminando o curso em 1970.

No ano seguinte mudou-se para o Brasil. Em 1972 foi campeão paulista e em 1973, já naturalizado, vice-campeão brasileiro, classificando-se para a olimpíada de Nice, onde teve o melhor aproveitamento da equipe.

Campeão brasileiro de 1974, participa do pan-americano no Canadá, obtendo o 3º lugar e sua primeira norma de mestre internacional. A segunda e definitiva viria no Torneio Cidade de São Paulo em 1977. O título lhe foi outorgado naquele mesmo ano pela FIDE.

Em 1978 ganha outra vez o campeonato brasileiro e representa nosso país na olimpíada de Buenos Aires. De 1973 para cá, tem participado de diversas finais do campeonato brasileiro.

Foi professor em vários clubes e vem ministrando palestras e simultâneas por todo o Brasil. Atuou como jornalista especializado durante oito anos para a *Folha de São Paulo*, colaborando também no *Jornal da Tarde*.

Por muito tempo foi recordista brasileiro em simultâneas, já tendo enfrentado 155 jogadores. Integrou inúmeras ve-

zes equipes que venceram os tradicionais jogos regionais e abertos de São Paulo.

Escreveu dois livros que tiveram boa aceitação: o primeiro em 1972, comen-

tando o match Fischer x Spassky pelo título mundial e o segundo em 1982, sobre combinações, cujo nome é *Fundamentos de Tática*.

Gambito Benko



1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5

Histórico

A época em que esse gambito surgiu na prática magistral não é muito precisa, mas acredita-se que tenha sido entre os anos de 1915 e 1920, quando se disputaram nos países escandinavos os interessantes torneios de gambito.

Em Viena 1922, já encontramos uma partida entre os grandes mestres Rubinstein e Spielmann, na qual, por transposição de jogadas, chega-se ao Gambito Benko Recusado.

No ano de 1936 o mestre internacional tcheco Karel Opocensky usa-o contra Stahlberg, o que na ocasião motiva o ex-campeão mundial Alekhine a denominá-lo de Gambito Opocensky.

Na Rússia é chamado de Gambito Volga, em homenagem ao jogador B. Argunov, de Buibyshev (cidade situada às margens do Rio Volga), que publicou importantes análises sobre esse sistema de jogo no *Shakmaty v SSSR* em fevereiro de 1946.

Em 1947 Bronstein, Keres e outros jogadores utilizam ocasionalmente uma aguda variante (uma espécie de Gambito Benko diferido) que o torna ainda mais conhecido.

Entretanto, sua sistematização e utilização nos torneios devem-se aos esfor-

ços do grande mestre franco-húngaro Pal Benko, que através de estudos feitos nos anos de 1960 e da posterior publicação de um livro acabou legando seu nome a ele.

Alguns de seus adeptos mais expressivos são o moldávio Lev Albur e o norte-americano John Fedorowicz.

Em terras brasileiras destacamos: os grandes mestres Giovanni Vescovi, Gilberto Milos e Darcy Lima; os mestres internacionais Herman Claudius e Jefferson Pelikian; Renato Andrade e Marcelo Moura.

Especialista: Pal Benko

Dados biográficos

Pal Charles Benko nasceu na França em 1928, morando atualmente ora na Hungria ora nos Estados Unidos.

Conquistou o título máximo húngaro aos vinte anos de idade e ganhou o campeonato aberto norte-americano por oito vezes. Representou esses dois países nas olimpíadas em diversas oportunidades.

Além de ganhar vários campeonatos internacionais de expressão, participou – também com destaque – dos torneios de candidatos ao título máximo mundial. Em 1970, inclusive, ganhou a vaga para o interzonal, cedendo-a para Bobby Fischer, que acabou tornando-se campeão do mundo.

Contribuiu muito para a evolução e popularização do gambito. Suas análises acabaram transformando-se em um livro, *The Benko Gambit*, publicado em 1973.

Variantes

Recusado: 4.b3, 4.a4, 4.Cf3, 4.Bg5, 4.Dc2 e 4.Cd2.

Semi-recusado.

• **Variante Vilnius:** 1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.cxb5 a6 5.Cc3 axb5 6.e4 b4 7.Cb5.

• 1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.axb5 a6 5.b6

• 1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.axb5 a6 5.f3

Aceito

• **Variante Clássica:** 1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.cxb5 a6 5.bxa6 g6 6.Cc3 Bxa6 7.e4 Bxf1 8.Rxf1 d6 9.g3 Bg7 10.Rg2

• **Variante do Fianqueto:** 1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.cxb5 a6 5.bxa6 g6 6.Cc3 Bxa6 7.Cf3 d6 8.g3 Bg7 9.Bg2 0-0 10.0-0

• 1.d4 Cf6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.cxb5 a6 5.e3

Branças

Apesar do peão a mais, têm grandes dificuldades para fazer valer essa vantagem material. Isso porque o desenvolvimento de suas peças torna-se muito difícil, especialmente na ala da dama, devido à pressão das torres adversárias que ocuparão as colunas *a* e *b*, e do bispo na diagonal *a1-h8*.

Romper o centro em momento oportuno, com o avanço do peão a *e5* (cuidando para não debilitar o ponto *d5*) e procurando oportunidades de ataque em cima do rei negro, é a estratégia fundamental do primeiro jogador. Quanto à ala da dama, realizar o avanço dos peões a *a4* e *b3* e procurar ocupar a casa *b5* com o cavalo, a fim de bloquear a posição.

Sempre que possível, trocar o bispo pouco ativo de *c1* pelo do adversário de *g7*, que está muito bem colocado.

Pretas

Com o lance 3...*b5*, cedem um peão para conseguir uma grande vantagem no desenvolvimento de suas peças.

As colunas *a* e *b* semi-abertas devem ser ocupadas pelas torres, as quais atuarão em conjugação com o bispo de *g7*, que exerce enorme pressão na

diagonal *a1-h8*. Essa estrutura, que é muito dinâmica, compensa sobremaneira o peão sacrificado.

Os cavalos têm de ser muito bem manobrados e seu acertado posicionamento será decisivo para o sucesso de toda a estratégia negra na abertura.

Apesar de parecer uma linha agressiva (pelo sacrifício do peão já no terceiro lance), na realidade essa defesa é de cunho profundamente estratégico, pois visa sacar proveito da posição a longo prazo, pelo melhor posicionamento de suas peças e exploração das debilidades no campo inimigo.

Partida 75

VUKIC,M - BENKO,P

SARAJEVO (BÓSNIA-HERZEGÓVINA), 1967 [A58]

1.d4 Cf6
2.c4 c5

Esse ataque lateral é vantajoso porque o peão central desempenha um papel mais importante. Caso as brancas tomem em *c5*, o negro pode jogar 3...*Ca6*.

3.d5

Evita a troca dos peões e tenta deixar restringida a posição adversária.

3 ... b5
4.cxb5

Pagando para ver! Aceitar o peão, não para mantê-lo e sim para devolvê-lo no momento oportuno, é o correto e o mais jogado.

4 ... a6

Oferecendo o segundo peão para abrir as colunas *a* e *b* e mobilizar rapidamente o flanco dama.

5.bxa6

Se preferir recusar o gambito, o mo-

vimento da moda é *5.b6*, devolvendo o peão e evitando a abertura da coluna *a*.

5 ... Bxa6

Atualmente é mais comum *5...g6*, deixando a tomada em *a6* para o lance seguinte. A idéia é colocar logo o bispo na importante diagonal *a1-h8*, não dando ao branco chance de lutar por ela.

6.Cc3 d6
7.Cf3 g6
8.g3 Bg7
9.Bg2 0-0
10.0-0

Apesar das brancas terem conseguido rocar, seus problemas estão apenas começando: as colunas *a* e *b* abertas e a pressão na grande diagonal deixam as pretas com forte iniciativa.

10 ... Cbd7
11.Dc2 Db6

Também é muito freqüente a dama ir a *a5*, de onde passa a atuar sobre *c3*. Assim, deixa livre a casa *b6* para o cavalo, de onde pode ir a *c4*, que está débil, ou para *a4*. A troca dos cavalos é recomendável, porque o cavalo de *c3* dificulta a pressão do bispo negro sobre o peão de *b2*.

12.Td1

O ponto *d5* é sempre motivo de muitos cuidados.

12 ... Tfb8

As pretas atingem o auge de seu desenvolvimento. E agora, fazer o quê? Não adianta a posição estar um “par de botas reluzentes” – como dizia Nimzowich – é preciso utilizá-la bem, do contrário perde sua finalidade. Vejamos como Benko conduz sua posição.

13.Tb1

Protegendo o ponto *b2* para poder desenvolver o bispo de *c1*.

13 ... Ce8
14.Bg5

Aproveitando que a casa *e7* ficou indefesa.

14 ... Dd8

Uma vez que a torre do rei já está ativa em *b8*, a dama pode voltar tranquilamente para sua casa.

15.Bf1

Querendo jogar *e4* e trocar seu bispo mau pelo bispo bom das pretas. Recordando: bispo mau é aquele que corre pelas mesmas casas de seus próprios peões mais avançados e bispo bom o que anda por cores distintas de seus peões. O primeiro é “travado” (na presente partida pelo peão de *d5*), enquanto o segundo tem rodovias à sua disposição!

15 ... h6
16.Bd2

Não resta outra alternativa, já que as demais casas também são desfavoráveis.

16 ... Cc7
17.b3 Cb6

O ponto *d5* tornou-se um alvo para os cavalos.

18.e4 Bxf1
19.Txf1 Dd7

Em *d7* a dama apoiará a ruptura no centro, mediante *...e6*. Observar a debilidade das casas brancas, o que o negro procura explorar imediatamente.

20.Tfe1 Rh7
21.Rg2 e6
22.dxe6 Cxe6

Aparece o ponto débil em *d4* e as pretas já iniciam manobras para dominá-lo.

23.Ce2 **d5!**

Aos poucos o centro branco é demolido.



Posição depois de 23...d5!

24.Cf4 **dx4**
25.Txe4 **Cd4**
26.Cxd4 **cx4**

Surge o peão passado, que tem planos concretos de caminhar para a promoção. Já os peões passados brancos, na ala da dama, têm escassas possibilidades de fazê-lo, devido à pressão que as torres adversárias exercem nas colunas *a* e *b*.

27.a4?

Esse lance compromete seriamente a partida. De qualquer modo, a posição negra já era bem superior, apesar do peão de menos.

27 ... **Db7!**

Aproveitando o tema da cravada para ganhar o peão de *a4*.

28. f3 **Cxa4**
29.Tbe1?!

Abandonando o peão de *b3* para tentar um contra-jogo em cima do rei contrá-

rio. Com mínimas possibilidades de sucesso, diga-se de passagem...

29 ... **Dxb3**
30.Dxb3

A vitória agora chega com facilidade.

30 ... **Txb3**
31.Te7 **Tb2**
32.T1e2 **Cc3**
33.Bxc3 **dx3**
34.Txf7 **Taa2**
35.Rf1 **g5**
36.Txg7+ **Rxg7**
37.Ce6+ **Rf6**
38.Cd4 **Txe2**
39.Cxe2 **Ta1+ 0-1**

Partida 76

CHERNIN,A - WEINDL,A
SAN BERNARDINO (EUA), 1994 [A59]

1.d4 **Cf6**
2.c4 **c5**
3.d5 **b5**
4.cxb5 **a6**
5.bxa6 **g6**
6.Cc3 **Bxa6**
7.Cf3 **Bg7**
8.e4

Com o intuito de acabar com a pressão do bispo adversário sobre a diagonal *a6-f1* e resolver o problema do bispo mau. A dificuldade dessa variante é que se perde muito tempo para colocar o rei em segurança.

8 ... **Bxf1**
9.Rxf1 **d6**
10.g3

Para dar uma casa ao rei e liberar a torre.

10 ... **0-0**
11.Rg2 **Cbd7**
12.Te1

Atualmente o lance preferido pelos mestres é *12.h3*, para evitar o incômodo pulo do cavalo negro a *g4*. Esse movimento da torre visa, entre outras coisas, passá-la para *e2*, superprotegendo o ponto *b2*.

12 ... Cg4

Uma vez que o branco não tomou providências para defender o quadro *g4*, as pretas abrem a diagonal para o bispo e preparam o salto do cavalo a *e5*.

13.Cd2

Com o objetivo de ganhar um tempo no domínio do centro, jogando *f4* no momento em que o cavalo adversário estiver em *e5*. Visa também evitar a troca dos cavalos.

**13 ... Cge5
14.De2 Cb6**

Liberando a casa para o outro cavalo.

15.f4

Importante lance para as brancas, que fortalece o centro e deixa latente o movimento *e5*.

**15 ... Ced7
16.a4!**

Impede o salto do cavalo a *a4*, o que colocaria o primeiro jogador em um dilema: trocar os cavalos (opção essa geralmente favorável ao negro, devido ao aumento da pressão em *b2*), ou retirá-lo para *d1*, deixando a posição restringida.

16 ... e6?!

Preparar a ruptura central antes, jogando *16...Te8* parece mais indicado.

17.dxe6 fxe6

18.Cf3! Te8

Se *18...d5 19.exd5 exd5 20.Cxd5 Cxd5 21.De6+*.

19.Cb5!

Tratando de explorar os pontos débeis no campo inimigo.

**19 ... Db8
20.Dd1!**

O branco está superior, porque tem centro seguro, enquanto que o do negro está débil, possibilitando um ataque a essas casas.

20 ... Cc8

Novamente a tentativa de contra-ataque mediante *20...d5* falharia, por *21.exd5 exd5 (21...Cxd5 22.Txe6!) 22.Txe8+ Dxe8 23.Cc7*.

21.Ta2

Para poder jogar *b3* e passar essa torre para *d2*, de onde atacará mais uma vez a casa *d6*. Iguamente bom era *21.Ta3*.

**21 ... Ta6
22.b3 Db7
23.Td2**

Seria uma opção interessante *23.Bb2*, para trocá-lo pelo forte bispo de *g7*.

23 ... c4!

Cedendo a casa *c5* ao cavalo.

**24.bxc4 Cc5
25.e5**

Desestabilizando o centro contrário.

Se *25.Cxd6 Cxd6 26.Txd6 Txd6 27.Dxd6 Cxe4 28.Da3 Dc6*.



Posição após 25.e5

25 ... Txa4

No caso de 25...dxe5 26.Td8.

26.exd6 Td8
27.De2

Era melhor 27.Cc7!

27 ... Cb6
28.Tc2 Cxc4
29.Txc4 Dxb5
30.Txa4?

Erro que diminui a vantagem duramente conquistada. Correto seria 30.Txc5! Dxc5 31.Dxe6+ Rh8, com variantes sempre favoráveis ao branco.

30 ... Dxa4
31.Td1 Dc6
32.Dc4 De4
33.Da2 Cd3
34.Ba3 Bf8?

Perdendo imediatamente. O movimento 34...Ta8 daria mais condições de resistência.

35.Dd2 1-0

Partida 77

KUBIKOVA, H - VESCOVI, G
ZLIN (REPÚBLICA TCHECA), 1995 [A57]

1.d4 Cf6
2.c4 c5

3.d5 b5
4.cxb5 a6
5.Cc3

Com a intenção de apoiar o avanço do peão a e4.

5 ... axb5
6.e4 b4

Outra opção é 6...Da5.

7.Cb5!?

A chamada Variante Vilnius.

7 ... d6

A jogada 7...Cxe4? é respondida com 8.Dc2.

8.Bf4

Impedindo a tomada em e4, já que se 8..Cxe4? 9.De2 e após a retirada do cavalo viria Cxd6+.

8 ... g5!?



Posição depois de 8...g5!?

Um lance agressivo que libera a casa g7 para a colocação do bispo na privilegiada diagonal a1-h8.

Os adeptos de jogo mais tranqüilo podem optar simplesmente por 8...g6 ou 8...Cbd7.

9.Bxg5

A teoria recomenda também *9.Be3* ou ainda *9.Bc1!*?

9 ... Cxe4
10.Bf4 Da5

Um lance bastante usado nesse momento é *10...Bg7*, que poderia seguir com *11.De2 Cf6 12.Cxd6+ Rf8 13.Cxc8 Dxc8* com chances iguais, a exemplo da partida Sokolov-Khalifman, Pärnu (Estônia) 1996.

11.Bd3?!

Fazia-se necessário *11.Bc4*, para evitar complicações táticas, a exemplo do 14º lance das pretas.

11 ... Bg7
12.De2

Naturalmente, se *12.Bxe4* o cavalo de *b5* fica sem apoio.

12 ... f5
13.f3

O melhor é *13.Bxe4 fxe4 14.Dh5+*.

13 ... b3+
14.Rf1 Dxa2!
15.Td1 0–0!

Agora com seu rei em segurança, Vescovi pode explorar adequadamente as casas débeis deixadas pela experiente mestra da FIDE, a tcheca Hana Kubikova.

16.Ch3

Para *16.fxe4 fxe4 17.Dxe4 Bf5 18.Df3 Bxd3+ 19.Txd3 Da4!*

16 ... Dxb2!
17.fxe4

Caso *17.Dxb2*, então *17...Bxb2 18.Tb1 Be5*.

17 ... Dxe2+
18.Bxe2 fxe4

19.Cc7 Bxh3!

E a vantagem das pretas é decisiva.

20.Cxa8 Txf4+
21.Rg1 Bd4+
22.Txd4 cxd4
23.gxh3 d3
24.Bg4 e3
25.Rg2 e2
26.Bf3 Cd7 0–1

Essa partida foi disputada na terceira rodada do Aberto de Zlin, vencido pelo brasileiro Giovanni Vescovi.

Vescovi

Giovanni Portilho Vescovi nasceu em Porto Alegre/RS, em 14 de junho de 1978. Mudou-se para São Paulo com menos de um mês de idade, onde vive atualmente, após ter morado vários anos em Americana, interior paulista.

Seu primeiro contato com o xadrez foi em casa, com o pai, aos três anos de idade. Em 1986 começou a freqüentar o departamento de xadrez do Clube Atlético Paulistano e a partir desse momento não parou mais de colecionar títulos!

Giovanni sempre teve uma inteligência acima da média, chegando a pulgar uma série no ensino fundamental, já que estava muito acima de seus colegas de sala em maturidade e conhecimentos.

Viveu algum tempo na Europa e suas várias participações em eventos internacionais deram-lhe oportunidade de conhecer mais de quarenta países. Além do português, fala cinco idiomas: inglês, alemão, sueco, russo e espanhol.

Sagrou-se mestre internacional ao ganhar o pan-americano juvenil e é grande mestre desde 1998.

Fora dos tabuleiros, cursou Faculdade de Direito.

Principais títulos:

- Vice-campeão mundial sub-10, em 1987.

- 3º colocado no Campeonato Mundial Cadetes 1993.
- 3º colocado no Campeonato Mundial Juvenil 1994.
- 4º colocado no Campeonato Mundial Juvenil 1995.
- Campeão Mundial Juvenil por Equipe 1998.
- 1º tabuleiro da equipe olímpica brasileira em Elista 1998 e Bled 2002.
- Campeão brasileiro absoluto em

1999, 2000 e 2001.

- Vice-campeão brasileiro absoluto em 1993, 1996, 1997 e 1998.
- Campeão sul-americano de categorias por seis vezes.
- Campeão do Zlin Open 1995.
- Campeão do Villa Martelli, Argentina, em 1998.
- Campeão do forte torneio fechado nas Bermudas em 2003 e 2004.

Defesa Grünfeld



1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 d5

Histórico

Seu nome vem do grande mestre austríaco Ernst Franz Grünfeld que a introduziu na prática magistral, utilizando-a no match que disputou com seu compatriota, o mestre internacional Albert Becker, em Viena, no ano de 1922.

Em suas pesquisas, Grünfeld inspirou-se nos princípios da Defesa Alekhine (jogada pela primeira vez um ano antes por Alekhine contra Steiner), uma vez que as duas guardam muitas semelhanças estratégicas e táticas entre si.

Essa defesa, que faz parte das aberturas da Escola Hipermoderna (muito popular nas décadas de 20 e 30 do século passado), vem de encontro aos fundamentos desse estilo de jogo, que prioriza o controle do centro à distância, especialmente através do fianqueto, não necessitando, portanto, da ocupação física do mesmo. Permite e até estimula a ocupação do centro pelos peões inimigos, para tentar demoli-lo posteriormente.

Alguns dos partidários da Defesa Grünfeld são: Botvinnik, Smyslov, Boleslavsky, Flohr, Simagin, Korchnoi e Kasparov. Os trabalhos do norte-americano Bobby Fischer, dos holandeses Euwe e Timman, bem como de teóricos

iugoslavos também a enriqueceram muito.

No Brasil, seu grande entusiasta é o MF paulista Édson Tsuboi. Também é usada com certa frequência pelo GM Gilberto Milos Júnior, pelo MI Everaldo Matsuura, pelo instrutor da FIDE Julio Lapertosa Viana e por Aduacto Wanderley da Nóbrega e Fábio Cordon.

Especialista: Timman

Dados biográficos

Jan Hendrik Timman nasceu na Holanda no ano de 1951. Tornou-se grande mestre em 1974, já foi campeão holandês dez vezes e tem representado com assiduidade seu país nas olimpíadas.

Esteve em vários interzonais e torneios de candidatos. Em 1993 chegou bem próximo da coroa de campeão do mundo, mas viu seu sonho ser desfeito ao perder a final para Anatoly Karpov.

A Defesa Grünfeld é uma das principais armas de Timman quando está de pretas, sendo suas partidas um rico acervo para os estudiosos.

Variantes

Após a seqüência **1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 d5** a posição se divide em várias linhas, destacando-se as seguintes:

• **Variante das Trocas: 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 d5 4.cxd5 Cxd5 5.e4 Cxc3 6.bxc3**

É a linha principal e mais discutida da Grünfeld. As brancas obtêm um centro de peões móveis, restringindo as peças adversárias e tendo possibilidades de ataque na ala do rei.

As pretas têm suas esperanças calçadas na maioria de peões na ala da dama (o que geralmente surge em função da seqüência ...c5 e posteriormente ...cxd4), além de contarem com um bom conjunto de peças.

• **Variante Russa: 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 d5 4.Cf3 Bg7 5.Db3**

Assim chamada porque foi muito analisada pelos grandes mestres russos. É conhecida igualmente por Sistema Smyslov. Muita complexa, é particularmente adequada para aqueles que apreciam variantes ricas em alternativas.

• **Variante Clássica: 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 d5 4.Bf4**

Continuação posicional, na qual o primeiro jogador situa seu bispo em uma casa privilegiada, de onde pressiona o ponto c7, podendo contar futuramente com o apoio da torre a ser colocada em c1.

As negras devem ficar atentas, uma vez que após 4.Bf4 o branco já pretende ganhar o peão de c7, depois de 5.cxd5 e 6.Cxd5. No entanto, se jogarem com cautela podem alcançar um cômodo equilíbrio.

Branças

Buscam uma formação central à base de d4 e e4, criando uma barreira restritiva que dificulta o desenvolvimento das peças do negro, bem como suas manobras.

Encontramos ainda situações em que o branco opta por manter o peão em e3, ficando com um centro menos vantajoso em termos de espaço, porém mais sólido.

Com um promissor meio-jogo, as brancas devem consolidar sua posição, sair das complicações táticas e partir para o ataque. Não é raro essa vantagem territorial, aliada a um adequado desenvolvimento de peças, justificar uma investida direta ao roque.

Pretas

Devem levar a partida para a fase final, onde sua vantagem posicional será inconteste, porque em um sem-número de casos terão maioria de peões na ala da dama. Por isso, toda possibilidade de trocar peças é bem-vinda. Não devemos esquecer, contudo, que as coisas não são assim tão simples, porque antes do final há um difícil meio-jogo pela frente!

Se o branco escolher a Variante das Trocas (a mais comum), existem duas opções principais:

- Jogar ...c5, ...Bg7 e ...Cc6, exercendo grande pressão sobre o ponto d4. A dama vai à casa a5, atacando o peão isolado da coluna a. O principal trunfo das pretas é a grande mobilidade de suas peças, a qual poderá ser aproveitada para causar problemas táticos na posição.

- Atacar o centro adversário com peças, mediante ...Cc6 e o duplo fianqueto, para em seguida bloqueá-lo, fixá-lo e destruí-lo com o avanço dos peões das colunas c e f, no mais puro estilo da Escola Hipermoderna.

Partida 78

POLUGAEVSKY,L-TIMMAN,J
TILBURG (HOLANDA), 1985 [D87]

1.d4	Cf6
2.c4	g6
3.Cc3	d5
4.cxd5	Cxd5
5.e4	

Aproveitando a exposição do cavalo para ganhar tempo e jogar seu peão a e4, dominando por completo o centro.

5...	Cxc3
-------------	-------------

O movimento 5...Cb6 foi jogado pelo lendário enxadrista indiano Sultan Khan contra Euwe, em Berna, no ano de 1932. Projeta uma ação contra os peões centrais, mas tem a desvantagem de ser molestado com facilidade pelo avanço do peão da coluna a.

6.bxc3

Variante das Trocas.

6 ... Bg7

Mais atual. O lance ...c5, que antes era realizado nesse momento, pode ser feito mais tarde.

7.Bc4

Movimento proposto por Alekhine em 1924. Se 7.Ba3 Cd7!, seguido de ...c5.

7 ... c5

Peões no centro nem sempre são sinal de superioridade! A disposição dos peões das brancas pode aparentar grande vantagem, mas o assédio que sofrem, durante boa parte do jogo, exige do seu condutor muita ginástica mental.

8.Ce2

O cavalo vai a e2 para evitar a cravada e conseqüentemente o enfraquecimento do peão de d4.

8 ... 0-0

Mantendo a tensão central e aguardando um pouco mais a definição estratégica. Outra alternativa era 8...cxd4, ficando com a maioria de peões na ala da dama.

9.0-0

As brancas mobilizam rapidamente seu flanco do rei, para iniciar um ataque por meio de f4-f5, seguido da colocação do cavalo em g3. Esse plano só é possível após o roque, do contrário as negras simplificam o jogo com ...cxd4 seguido de ...Da5+.

9 ... Cc6

10.Be3

Bg4

Com o objetivo de enfraquecer a diagonal a7-g1, uma vez que as brancas são praticamente forçadas a jogar 11.f3. O movimento intermediário 10...cxd4 é igualmente muito estudado e por inversão de jogadas chega-se à seqüência da partida.

11.f3

Já se tentou 11.d5, mas os resultados não foram muito satisfatórios.

11 ... Ca5

Essa é a posição chave da variante. O que devem fazer as brancas agora?

12.Bd5

Polugaevsky adota um lance pouco usado na prática magistral. Quer permanecer com seu bispo na diagonal a2-g8, deixando livre a casa d3 para a dama. As variações principais aqui são: 12.Bxf7+ (de fundo tático) e 12.Bd3 (de caráter mais posicional). Para 12.Bb5 as negras respondem simplesmente ...Bd7.

12 ... Bd7

13.Tb1

Em Montreal, 1979, o ex-campeão mundial Boris Spassky, enfrentando Timman, jogou 13.Bg5 e obteve igualdade.

13 ... Dc7!

Mesmo sofrendo o ataque do bispo, a colocação da dama em c7 é considerada boa, já que libera a casa d8 para a torre, pressiona a coluna c e pode apoiar a ocupação da casa c4 pelo cavalo, após a troca dos peões em d4.

14.Bf4

Ao ameaçar a dama, deixa de proteger o importante ponto *d4*.

14 ... Dc8
15.a3

Com o intuito de retornar o bispo para *a2*, mantendo o domínio da diagonal *a2-g8*. Outras opções são *15.Dd2* e *15.e5!?*

15 ... a6!?

Lance que acaba com a pressão do bispo na diagonal, pois dará apoio a *...Bb5*, seguido de *...Bc4*, com a conseqüente troca dos mesmos.

16.Tf2

Retirando profilaticamente a torre da futura cravada.

16 ... Bb5
17.Ba2?!

Parece mais lógico *17.a4* ou ainda *17.e5*.

17 ... Bc4

Apesar da teoria julgar essa posição como igual, cremos que as pretas têm jogo muito mais cômodo. Fazem pressão no centro – especialmente na casa *d4* – e mobilizarão seus peões na ala dama. É difícil ver como as brancas vão utilizar seu domínio central para iniciar um ataque na ala do rei, plano padrão para elas.

18.Bxc4 Cxc4
19.a4

Impedindo, ao menos temporariamente, *...b5*, que dará sustentação ao cavalo negro.

19 ... Td8
20.d5 e6

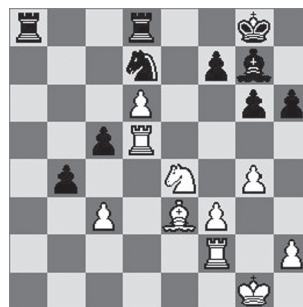
O ataque aos peões centrais do bran-

co é uma constante desde os primeiros lances da partida.

21.Dd3 exd5
22.exd5 b5!
23.axb5 Ca3
24.Td1 axb5
25.d6?!

Deveriam jogar primeiro *25.Cg3*, levando o cavalo a *e4*. O avanço do peão a *d6* dá a excelente casa *c6* para a dama adversária.

25 ... Cc4
26.Cg3 Dc6
27.Ce4 h6
28.g4 Cb6
29.Be3 Cd7
30.Dd5 Dxd5
31.Txd5 b4!



Posição após 31...b4!

Começando sua caminhada para a coroação. A partir de agora as brancas tentam complicar a luta, mas Timman joga com precisão e leva a cabo o plano que iniciou já nos primeiros lances: pressionar o centro – dificultando ao branco realizar um ataque sobre o flanco do rei – e jogar na ala da dama, procurando trocar peças, conseguir um peão passado e promovê-lo.

32.Cxc5 Cb6
33.Td3 Cc4
34.Bd4

Naturalmente, se *34.cxb4 Cxe3*, seguido de *...Bd4*.

34 ... **Ta1+**
35.Rg2

Era de se considerar *35.Tf1*.

35 ... **Bxd4**
36.Txd4 **Ce3+**
37.Rg3 **bxc3**
38.Cb7

O lance *38.Rf4* adiaria um pouco mais a derrota.

38 ... **c2**
39.Txc2 **Cxc2**
40.Td2 **Td7**
41.Cc5 **Ce3**
42.Td3 **Cf1+**
43.Rf4 **0-1**

Polugaevsky

Lev Abramovich Polugaevsky (1934-95) foi um dos grandes nomes do xadrez mundial. Tornou-se grande mestre em 1962, venceu o campeonato soviético por duas vezes (em 1967 e 1968) e manteve-se entre os dez melhores do mundo durante toda a década de 70.

De 1960 a 1980 participou de aproximadamente quarenta importantes torneios, tendo vencido isoladamente ou compartilhado o primeiro lugar em dezoito deles.

Sua biografia é muito rica de atuações também em matches, especialmente pelo campeonato mundial, tendo sido semifinalista, quando perdeu para Korchnoi, não conseguindo ser o desafiante de Karpov.

A especialidade de Polugaievsky era a Siciliana, sobre a qual tem artigos publicados, livros e até uma variante que leva seu nome.

Suas obras mais famosas são *Grandmaster Preparation* e *Grandmaster Performance*, dedicadas à formação de jogadores que disputam torneios, as quais contêm muitas de suas partidas comentadas.

Partida 79 SABAS, J - D'ARRUDA ARGENTINA, 1988 [D91]

Apesar dessa partida apresentar no oitavo lance uma idéia até então não explorada, consideramos muito instrutiva a forma rápida, ousada e criativa com que o branco passou ao ataque e a bonita seqüência com que definiu o jogo em apenas 26 lances.

1.d4 **Cf6**
2.c4 **g6**
3.Cc3 **d5**
4.Cf3 **Bg7**
5.Bg5 **Ce4**

Outra alternativa bastante praticada é *5...dxc4*.

6.cxd5 **Cxg5**
7.Cxg5 **e6**

Para *7...c6 8.dxc6 Cxc6 9.e3* com bom jogo. Também é possível *7...e5!?*, atacando o peão de *d4*.

8.h4!?

Aqui está a novidade. Essa posição é muito conhecida, mas não com *8.h4!?* e sim respondendo *8.Dd2* (como jogou a grande mestra argentina Cláudia Amura contra Recoulat, em 1994) ou *8.Cf3* (feito por Seirawan frente a Kasparov na Olimpíada de Dubai 1986).

8 ... **exd5**
9.e3 **0-0**

As negras valentemente fazem o roque curto. Se desenvolvessem suas peças no sentido de fazer o roque grande, o adversário jogaria *Bd3* e *Dc2*, com posição tranqüila.

10.Bd3 **c5**
11.Cxh7!

**Posição depois de 11.Cxh7!**

A idéia que estava por trás de *8.h4!*?

11 ... cxd4

A tomada com o rei, de imediato, não é boa devido a *12.h5*, planejando seguir com *hxg6* e *Dh5*.

12.exd4 Te8+

Quatro anos após essa partida, na semifinal do campeonato cubano por correspondência, Barreras experimentou contra Medina *12...Rxf7*, continuando assim: *13.h5 Rg8 14.hxg6 Dg5*, com jogo pouco claro.

13.Rf1 Rxf7
14.h5

Mesmo sem o roque as brancas seguem sua investida sobre o rei inimigo.

14 ... f5

Para *14...Be6 15.hxg6+ Rg8 16.Th7!* com a idéia de *17.Dh5*, tendo clara vantagem.

15.hxg6+ Rg8
16.Dh5 Df6?!

Talvez fosse melhor mobilizar o cavalo para a ala do rei. Mesmo assim, isso implica na perda de mais um peão e não elimina o ataque branco, o que já compensa o cavalo sacrificado.

17.Th4!

Planejando *Tf4* e *Bxf5*, não deixando outra saída às pretas senão entregar a qualidade.

17 ... Te4
18.Bxe4 dxe4
19.Cxe4!

Quando parecia que o ataque branco estava finalizado, eis que surge esse movimento do cavalo...

19 ... fxe4
20.Txe4

E começam as ameaças de mate. Vemos que as peças de vantagem nem chegam a participar da partida!

20 ... Bd7
21.Tae1 Rf8

Não pode *21...Cc6?* por *22.Dd5+* e *23.Dxd7*.

22.Te8+! Bxe8
23.Dc5+ Rg8
24.Txe8+ Bf8
25.Dd5+ Rg7
26.Te6! 1-0

O toque final. Também se ganha com *26.Dxb7*, porém o lance da partida força o abandono porque protege o peão da coluna *g*, não dando chance alguma.

Partida 80

MIRANDA,M - Tsuboi,E
CURITIBA, 1999 [D97]

1.d4 Cf6
2.c4 g6
3.Cc3 d5
4.Cf3 Bg7
5.Db3

O ex-campeão brasileiro Márcio Miranda, mineiro que residiu muitos anos no Rio de Janeiro, escolhe uma das me-

lhores armas para se combater a Grünfeld, a Variante Russa. Ela se baseia na excursão da dama à casa *b3*, para pressionar o ponto *d5* e obrigar as negras a uma decisão em relação ao centro.

5 ... dxc4

Cedendo o centro para desenvolver suas peças.

6.Dxc4 0-0
7.e4 Cc6

Movimento introduzido por Korchnoi. Visa provocar o avanço dos peões *d* ou *e* para logo em seguida fixá-los e explorar as fraquezas da posição.

8.e5

Apesar de fechar a diagonal do bispo de *g7*, deixa o quadro *d5* à mercê do negro. Outras opções são: *8.Be2*, *8.h3*, *8.d5*, *8.Be3* ou *8.Bf4*.

8 ... Cd7
9.Be3 Cb6

Também é interessante *9...Ca5*, levando a posições bastante agudas.

10.Dc5 a5
11.a3?! a4
12.Bb5 Ta5

Como vemos, o lance *10...a5* objetivava a saída da torre, ainda que de forma bastante incomum.

13.Td1 Bg4

Devido ao fato do bispo estar em *b5* e não em *e2* como é natural, as negras corretamente exploram a cravada em *f3*.

14.h3 Bxf3
15.gxf3

A estrutura defeituosa dos peões

brancos na ala do rei lhes causará problemas.

15 ... e6
16.f4?

Possibilita ao segundo jogador brevemente explorar a diagonal *a8-h1*.

16 ... Ca7

Ameaçando ...*c6*.

17.Db4

Seria um lance bom, se não fosse o problema na diagonal...

17 ... Txb5
18.Cxb5 Dd5

Conseqüência da jogada fraca *16.f4*.

19.Cxa7 Dxh1+
20.Re2 Dxh3

As negras estão com jogo melhor, devido ao peão passado lateral (o que o torna muito importante em um final) e ao fato do rei branco estar exposto.



Posição após 17...Txb5

21.Cb5

Trabalhando para a recuperação do peão.

21 ... Dg4+
22.Re1

Um pouco melhor era *22.Rd2*.

22 ... Cd5

O cavalo ocupa a casa forte *d5*, o que compensa sobremaneira a devolução do peão.

23.Dxa4 h5

A estratégia das pretas é simples: avançar o máximo possível o peão passado da coluna *h*, impedindo as peças brancas de atacar outros setores do tabuleiro, porque precisam vigiar o peão adiantado.

**24.Dc2 Bh6
25.De2 Dg2**

Manter a dama leva mais risco ao adversário. Entretanto, a troca também seria oportuna.

**26.Cc3 Cxc3
27.bxc3 Ta8**

Se a torre conseguir entrar em jogo, a posição já delicada do branco ficará insustentável.

28.Bc1 c5!

Para abrir a coluna *c*.

29.Dd3

Tomar em *c5* naturalmente deixaria em péssimo estado a estrutura de peões.

**29 ... cxd4
30.cxd4 Tc8
31.Be3 Bf8
32.Re2 Dd5
33.Tg1 Rh7
34.Tc1**

Para acabar com o domínio da torre, não há outra saída senão propor a troca.

**34 ... Txc1
35.Bxc1 Be7
36.Df3 Dc4+!**

Ganhando o peão de *d4* com xeque.

**37.Rd1 Dxd4+
38.Rc2 Dc4+
39.Rb1 b5
40.Bb2 Dd5
41.Dg3 h4
42.Dh2 Df3
43.Ra2 h3
44.f5 Dd5+
45.Ra1 Dg2
46.fxg6+ fxg6
47.Df4 Dg5
48.Df7+ Rh6
49.Rb1? Df5+ 0-1**

Tsuboi

O mestre da FIDE Édson Kenji Tsuboi nasceu no dia 6 de maio de 1958, em Dracena/SP.

É um dos jogadores que tem tido maior atividade nos torneios pelo Brasil, possuindo um estilo posicional difícil de ser enfrentado.

Já foi finalista do campeonato brasileiro várias vezes e representou o Brasil nas olimpíadas de Dubai 1986, Novi Sad 1990 e Manila 1992.

Sagrou-se campeão paulista em 1984 e 1987, sendo que em 1983 e 1993 ficou com o vice-campeonato.

Possui a terceira e definitiva norma de mestre internacional, precisando apenas atingir os 2.400 pontos de Elo exigidos pela FIDE para a homologação de seu título.

Defesa Índia do Rei



1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 Bg7 4.e4 d6

Histórico

É uma defesa moderna, que segue a idéia-base da Alekhine e da Grünfeld, de ceder o centro às brancas para depois começar a atacá-lo, especialmente com ...c5 e ...e5.

Chamada ocasionalmente de Defesa Índia do Leste, sua forma atual só começou a ter notoriedade no século XIX, graças ao forte enxadrista alemão Louis Paulsen, que a usava com certa frequência. Blackburne, em sua época um dos enxadristas mais fortes do mundo, também era seu adepto.

Entretanto, foi Chigorin que assentou as bases das numerosas formas de contra-ataque para as pretas, enquanto que as análises feitas posteriormente pelos teóricos da escola soviética mostraram os méritos táticos e estratégicos do sistema.

Bronstein e Boleslavsky, em meados do século passado, esforçaram-se bastante para que a Índia do Rei fosse valorizada pelos mestres e ela correspondeu às expectativas, gozando nos dias de hoje de enorme aceitação. Fazendo um paralelo, no campeonato para apontar o novo campeão mundial em 1948, das cinquenta partidas disputadas, apenas duas foram Índia do Rei. Cinco anos mais tarde,

no Torneio de Candidatos de Zurique, em quase um terço dos jogos ela já estava presente!

Alguns de seus mais expressivos representantes brasileiros são os mestres internacionais Cícero Braga, Hélder Câmara e Wellington Rocha.

Especialista: Kasparov

Um pouco de sua história

Garry Kimovich Kasparov nasceu em 13 de abril de 1963 em Baku, capital do Azerbaijão, um pequeno país situado no extremo leste da Europa e que anteriormente fazia parte da União Soviética.

Aprendeu a jogar xadrez aos 5 anos de idade, com seu pai, que morreu quando ele tinha 7 anos. De origem judia, seu nome original era Garry Weinstein, mas aos 12 anos passou a usar o sobrenome Kasparov, de sua mãe Clara Kasparova, uma pessoa muito importante em sua carreira.

Como sua genialidade para o xadrez desde cedo ficou patente, aos 11 anos foi aceito na escola especial de Botvinnik para grandes talentos, que era de acesso bastante restrito. Foi uma decisão muito acertada da escola, já que aos 12 anos ele ganhou o Campeonato Absoluto do Azerbaijão e o Campeonato Juvenil da Rússia. Aos 17, o mundial juvenil e o título de grande mestre.

Em 1984 conquistou o direito de disputar com Anatoly Karpov o título máximo (que pertenceria a quem ganhasse primeiro 6 partidas). O confronto durou cinco meses e terminou sem vencedor, sendo interrompido pelo presidente da FIDE, Florêncio Campomanes, devido à longa série de empates, tão iguais eram as forças.

Em 1985 começaram um novo match, em Moscou, dessa vez de 24 partidas, com vantagem para Karpov no caso de empate. Garry Kasparov sagrou-se campeão mundial, vencendo por 13 a 11. Posteriormente, defendeu com sucesso o título contra o mesmo arqui-rival em mais três oportunidades.

Em 1993, sendo seu desafiante o inglês Nigel Short, os dois resolveram disputar o título fora da FIDE, devido à baixa premiação estabelecida. Foi então que Kasparov fundou a Professional Chess Association (PCA). Como era esperado, ele sagrou-se vencedor.

Paralelamente, a FIDE realizou o campeonato mundial oficial entre o vice-campeão Anatoly Karpov e o holandês Jan Timman, que havia perdido para Short a final do match de candidatos. A vitória coube a Karpov.

Em 1995, Kasparov defende o título, versão PCA, contra o indiano Viswanathan Anand, que também foi derrotado. No ano 2000, contra todas as expectativas, perdeu para o bem preparado Vladimir Kramnik, da Rússia. Pela primeira vez, em 15 anos, ele não era campeão mundial!

Mesmo sem o título, continuou sendo considerado o melhor enxadrista da atualidade, uma vez que em todos esses anos ele participou dos principais torneios, ocupando sempre os primeiros lugares.

Seu estilo é ultradinâmico, valorizando acima de tudo a iniciativa, sendo o principal responsável por essa nova maneira de entender o xadrez. Grande inovador, avesso a dogmas, propiciou ao xadrez exatamente o que estava faltando: uma brisa de ar fresco!

Com sua enorme criatividade, trouxe novas idéias a posições da Índia do Rei que há décadas não avançavam de forma tão significativa. Com o grande jogador azerbaijano, no entanto, tudo é força e dinamismo: ataques e contra-ataques ativos que obrigam o adversário a jogar com extrema precisão, sob o risco de ficar passivo!

Em 2005, após sua vitória no torneio de Linares, fez um lance inesperado: anunciou sua aposentadoria para se dedicar à política!

Variantes

• Variante Clássica – 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 Bg7 4.e4 d6 5.Cf3 0–0

Sem dúvida alguma, o mais analisado e controvertido de todos os métodos usados para combater a Defesa Índia do Rei. Devido à vivacidade das partidas com essa linha de jogo, grande parte da popularidade da Índia é medida através dos triunfos ou reveses neste sistema.

A grande vantagem branca de espaço na ala da dama é combatida com uma forte iniciativa das negras na ala do rei, o que gera muita tensão na partida.

Tem importantes ramificações, sendo as mais expressivas as seguintes: Variante Zinnowitz (6.Be2 e5 7.Bg5), Larsen (6.Be2 e5 7.Be3), das Trocas (6.Be2 e5 7.dxe5), Petrosian (6.Be2 e5 7.d5), Variante Donner (6.Be2 e5 7.0–0 c6) e Aronin-Taimanov (6.Be2 e5 7.0–0 Cc6).

• Sistema Sämisch – 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 Bg7 4.e4 d6 5.f3

Assim chamado por causa do alemão Friedrich Sämisch, que o analisou e utilizou com assiduidade, é considerado o sistema que leva mais perigo imediato às pretas, já que o lance 5.f3 dá sustentação ao peão de e4 dificultando um contra-golpe do adversário nesse setor.

Sua idéia principal é rocar grande e iniciar um ataque na ala do rei, principalmente através do avanço dos peões das colunas g e h, visando abrir a coluna h para ocupá-la com a artilharia pesada (torre e dama).

O contra-jogo negro é feito através de ...c5 ou ...e5, e também com a preparação do avanço a ...b5, atacando o peão branco de c4 que ajuda na sustentação do centro.

• **Sistema Averbach – 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 Bg7 4.e4 d6 5.Be2 0–0 6.Bg5**

Teve origem em uma partida jogada na União Soviética em 1954, entre o russo Yuri Averbach e o argentino Oscar Panno.

É um sistema incisivo, originalmente dirigido a dificultar ou mesmo impedir a réplica ...e5, que é um dos golpes mais freqüentes das pretas na Índia do Rei.

Posteriormente foi se desenvolvendo, até ser reconhecido como um sistema rico em possibilidades, especialmente para o lado branco, que pode optar por fazer o roque curto e pressionar a ala da dama, ou executar o roque longo e atacar no flanco do rei, através das colunas *g* e *h*.

• **Variante dos Quatro Peões – 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.Cc3 Bg7 4.e4 d6 5.f4**

A história dessa variante tem início no jogo disputado entre o húngaro Berthold Englisch e o alemão Siegbert Tarrasch, em Hamburgo, no ano de 1885.

Sua idéia é simples: já que as negras não impediram a ocupação do centro, por que não fazê-lo? As brancas formam uma linha com seus quatro peões e com isso ganham muita vantagem de espaço no centro, passo importante para uma investida no flanco do rei.

Caberá às pretas tentar quebrar esse bloco de peões, iniciando por exemplo com ...c5, logo depois de executar o roque. É importante observar também que o avanço dos peões brancos deixa várias casas fracas, que podem ser exploradas.

• **Sistema do Fianqueto do Rei – 1.d4 Cf6 2.c4 g6 3.g3**

Linha posicional, na qual o branco desenvolve seu bispo da ala do rei por fianqueto, com o objetivo de dificultar o contra-jogo natural das pretas na ala da dama, à base de ...c5 e ...b5.

Ao mesmo tempo defende indiretamente o centro, sendo mais uma peça a consolidar a supremacia branca nesse setor.

Essa variante teve seu auge nas dé-

cadadas de 50 e 60 do século passado, coincidindo com o reinado do ex-campeão mundial Mikhail Botvinnik.

Branças

Como os planos são bastante diferentes nas diversas variantes, falaremos do espírito apenas da Clássica e da Sãmisch, que são as mais jogadas, deixando para o leitor a tarefa de fazer as adaptações quando for utilizar alguma das outras.

Na Variante Clássica, as brancas – normalmente com vantagem de espaço no centro – partem para um ataque na ala da dama, em especial à base da cadeia de peões.

Caso o centro fique fechado (após o avanço de seu peão a *d5*), as brancas iniciarão sua ofensiva com *c4-c5*, atacando a cadeia de peões do negro e abrindo linhas para suas peças, visando especialmente o ponto *c7*. Ou então, após a ruptura, começar um ataque sobre *d6*, que passou a ser a base da cadeia de peões.

Na Variante Sãmisch, o mais usado é rocar grande e lançar-se a um ataque “à baioneta” contra o flanco do rei negro.

Em algumas ocasiões, o branco também consegue jogo ativo na própria ala da dama, jogando *c5* e ocupando a coluna *c*.

Pretas

Jogar essa defesa não é nada fácil, uma vez que seu caráter dinâmico sempre exige lances enérgicos por parte das pretas, para que o equilíbrio seja mantido.

Observa-se também, em grande parte das partidas, uma luta constante pela iniciativa, não sendo raros os sacrifícios de material com o objetivo de se manter no ataque.

Na Variante Clássica, o usual é atacar na ala do rei das brancas, jogando *f5* para abrir essa coluna e partir para uma ofensiva direta ao roque. Deve-se ter o cuidado, também, de realizar jogadas defen-

18 ... h×g3
19.h×g3 Cxf2!



Posição depois de 19...Cxf2!

Fiel ao seu estilo agressivo, o ex-campeão mundial executa um sacrifício de cavalo para abrir espaço sobre o rei.

20.Dxf2 Cg4
21.Df3?

A dama deveria ir para d2, onde estaria mais segura, evitando o forte lance que vem a seguir.

21 ... Cxe3!

Ameaçando ...Bg4. Eis porque a dama deveria ter sido retirada para d2!

22.Te1

Não é possível 22.bxc6 por 22...bxc6 23.Cxc6 Bxc6 24.Dxc6 Cxd1. Para 22.Ce4, simplesmente 22...C×g2.

22 ... Bxd4
23.Cd5 Cg4+?!

Mais acertado é 23...Cd1+! 24.Bxd4 (24.Rh2 Dxe1 25.Txd1 De2 26.Cf6+ Bxf6 27.Dxf6 Dh5+) 24...Dxe1+ 25.Rh2 cxd5 26.Df6 (26.Txd1 De2) 26...Te5, ganhando.

24.Bxd4 Dxe1+
25.Txe1 Txe1+
26.Bf1 cxd5
27.Dxd5

Para 27.Dh1 Ce5.

27 ... Tae8

Como conseqüência da troca da dama pelas duas torres, as pretas atingiram uma posição muito superior. Suas torres estão conectadas, dobradas em uma coluna aberta e com o apoio das peças menores criarão sérias ameaças ao exposto rei branco.

28.Bf2

O movimento 28.Dh1!? é superior, já que proporciona algum contra-jogo.

28 ... Be6!
29.Dxb7

Se 29.Dxd6 Bxc4 30.Bxe1 Txe1 31.Dd8+ Rg7 32.Dd4+ Ce5 33.Rg2 Bxf1+ 34.Rf2 f6! e, naturalmente, não se pode tomar a torre pela ameaça do duplo em f3.

29 ... Tc1
30.Dc6

Não é possível 30.De4 por 30...Cxf2 31.Rxf2 Txf1+!

30 ... Tc8
31.De4 T8xc4
32.Da8+ Rh7
33.b6 Tb4
34.Dxa5

Não serve 34.b7 em razão de 34...Tbb1 35.Da6 Bc4! e vencem.

34 ... Tbb1
35.Rg2 Tc2

E não tendo como defender o bispo, as brancas abandonam.

Partida 82

TAIMANOV, M - NAJDORF, M
ZURIQUE (SUÍÇA), 1953 [E99]

1.d4 **Cf6**
2.c4 **g6**
3.Cc3 **Bg7**
4.e4 **d6**
5.Cf3

Depois de *5.h3* estaríamos na Variante Makogonov.

5 ... **0-0**
6.Be2

Esta é a formação que caracteriza a Variante Clássica.

6 ... **e5**
7.0-0

Além do roque, o branco dispõe de várias outras continuções importantes, por exemplo: *7.dxe5* (pondo fim à tensão nas casas centrais), *7.d5* (que fecha o centro) e *7.Be3* (mantendo a tensão).

7 ... **Cc6**

Além do movimento escolhido por Najdorf, que entra na variante denominada Aronin-Taimanov, é possível também *7...c6* (Variante Donner).

8.d5

Pouco antes desse torneio, Taimanov jogou o mesmo lance em duas ocasiões durante a 20ª edição do Campeonato da URSS. Em ambas as partidas obteve sucesso com idêntico plano: assédio ao flanco da dama, especialmente por meio do rompimento na coluna *c*, seguido de entrada das peças na retaguarda adversária, deixando para trás apenas o bispo de casas pretas para dar proteção ao rei.

8 ... **Ce7**
9.Ce1

O branco escolhe o plano *Ce1-d3*,

f3, *Be3-f2*, seguido da ruptura em *c5* e ataque pela coluna *c*.

Outras alternativas são: *9.b4* e *9.Cd2*.

9 ... **Cd7**
10.Be3 **f5**
11.f3 **f4**
12.Bf2

Esse método de proteção do rei branco é de autoria de Taimanov. Os peões cobrem os quadros brancos enquanto o bispo tem a missão de ajudar na segurança do rei, vigiando as casas pretas, ao mesmo tempo que aponta para a ala da dama, onde dá apoio à ruptura em *c5*.

12 ... **g5**
13.Cd3

Enquanto o negro continua se mobilizando para um ataque ao roque adversário, o branco coloca mais uma peça pressionando o ponto *c5*.

13 ... **Cf6**
14.c5

Finalmente as brancas começam o rompimento no flanco da dama.

14 ... **Cg6**
15.Tc1 **Tf7**

Realizando uma importante manobra de ataque e defesa: pretende seguir com *Bf8* (apoiando o peão de *d6*) e futuramente levar essa torre para a coluna *g* ou *h*, auxiliando no ataque. Além disso, os cavalos logo começarão a ameaçar a ala do rei.

16.Tc2 **Bf8**
17.cxd6 **cxd6**
18.Dd2?!

Permite o avanço do peão *g*.

18... **g4**
19.Tfc1 **g3!**



Posição após 19...g3!

Sacrifício promissor.

20.hxg3 **fxg3**
21.Bxg3 **Ch5**

Apesar das negras terem boas possibilidades de ataque pelo peão sacrificado, as brancas ainda têm muitos recursos defensivos.

22.Bh2?!

Esta é uma má casa para o bispo, pois ele não atuará na importante diagonal a7-g1.

22 ... **Be7**

Organizando adequadamente suas peças para o ataque. As brancas têm muitas fraquezas nas casas negras.

23.Cb1 **Bd7**
24.De1 **Bg5**
25.Cd2 **Be3+**

Se o primeiro jogador tivesse optado por colocar o bispo em f2 (e não em h2) esse perigoso xeque não aconteceria.

26.Rh1 **Dg5**
27.Bf1?

Agora o russo precisaria eliminar o bispo de e3, ainda que à custa da qualidade, com 27.Cc4.

27 ... **Taf8**
28.Td1 **b5**

Impedindo o incômodo Cc4.

29.a4 **a6**
30.axb5 **axb5**
31.Tc7 **Tg7**
32.Cb3 **Ch4**
33.Tc2 **Bh3**

Uma curiosa posição. Enquanto o flanco da dama está deserto, sete peças atacam o rei branco. O ponto g2, ameaçado quatro vezes, não pode ser defendido e como se não bastasse, ainda há o latente ...Txf3!

34.De2

Se 34.gxh3 Dg1+ 35.Bxg1Txxg1+ 36.Rh2 Cxf3 mate.

34 ... **Cxg2**
35.Bxg2 **Bxg2+**
36.Dxg2 **Dh4**

Não há como salvar a dama. Se ela se retira há o xeque em g3...

37.Dxg7+ **Rxg7**
38.Tg2+ **Rh8**
39.Ce1 **Cf4**
40.Tg3 **Bf2**
41.Tg4 **Dh3**
42.Cd2 **h5**
43.Tg5

Em vista de 43...Tg8 44.Txg8+ Rxg8 45.Tc1 Bxe1 e mate em g2, as brancas abandonam.

Partida 83

MECKING,H - ROCHA,W
 INDAIATUBA, 1994 [E84]

1.d4 **Cf6**
2.c4 **g6**
3.Cc3 **Bg7**
4.e4 **d6**
5.f3

Sistema Sämisch.

5 ...	0-0
6.Be3	Cc6
7.Dd2	a6
8.Cge2	Te8

Para quando o branco jogar *Bh6* poder responder *...Bh8*, evitando a troca do bispo, fundamental nesse momento para a segurança do rei.

9.g4

O branco, perfeitamente de acordo com o espírito da variante, começa o ataque sobre o roque adversário.

9 ...	Tb8
--------------	------------

Buscando contra-ataque no flanco dama.

10.g5

Outra alternativa muito jogada é *10.h4*, com idéia de *h5*, para abrir a coluna.

10 ...	Cd7
---------------	------------

Se *10...Ch5?* *Cg3* e o branco tem grande vantagem.

11.h4	b5!?
--------------	-------------

Cedendo esse peão, as pretas iniciam uma seqüência de movimentos agressivos, inclusive com sacrifício da qualidade, causando às brancas muitas dificuldades no desenvolvimento de suas forças.

12.cxb5	Ca5
----------------	------------

Ameaçando eliminar o importante bispo de casas pretas com *...Cc4*.

13.Cg3	axb5
14.Bxb5	c5

Pressionando o centro e abrindo a diagonal para a dama.

15.Cge2

Necessário para proteger a casa *d4* e fechar a diagonal *a6-f1*.

15 ...	Txb5!
---------------	--------------



Posição depois de 15...Txb5!

Sacrificando a qualidade pela iniciativa.

16.Cxb5	Cc4
17.Dc3	Cxe3
18.Dxe3	Da5+
19.Cbc3	

A partida toma o seguinte rumo: o branco tentará deixar seu rei em segurança, simplificar a posição e ganhar o final, já que tem material a mais; as pretas, tendo sacrificado qualidade e peão, têm que ganhar por ataque.

19 ...	Ba6
---------------	------------

Impedindo o roque, já que se *20.0-0*, *cxd4* e as brancas teriam que devolver a qualidade. O roque grande, naturalmente, é temerário.

20.Rf2

Mecking não vê outra alternativa se não abrir mão do roque.

20 ...	cxd4
---------------	-------------

21.Cxd4 Ce5

Observa-se que a força das pretas, além do par de bispos, está na posse da iniciativa. Se em algum momento ela passar para o outro lado, a partida estará definida em favor do primeiro jogador.

22.Cb3 Dc7
23.Rg2

Para oportunamente jogar *f4* e expulsar o cavalo de sua casa forte.

24 ... e6

Cobrindo a debilidade de *d5*.

24.Tad1 Cc4

Liberando a casa *e5* para o bispo.

25.Df2 Be5!

Para *25...Cxb2? 26.Dxb2 Bxc3 27.Da3!*

26.Cc1 Tb8

As peças de Wellington têm muita atividade. O branco está encontrando muitas dificuldades para neutralizá-las e fazer valer sua vantagem material.

27.Cb3 Bf4
28.The1 h6!

Visando quebrar a estrutura de peões do branco, o que irá aumentar o raio de ação de seu bispo e abrir a diagonal *d8-h4* que será ocupada pela dama.

29.gxh6 Rh7
30.Rh1 De7
31.Ce2 Be3
32.Dg3 e5?!

Reforça a pressão sobre as casas *d4* e *f4*, mas enfraquece a casa *d5*.

33.Cc3 Bb7
34.Cd5 Bxd5

As pretas se vêem forçadas a entregar o par de bispos.

35.exd5

Parece mais lógico retomar o bispo com a torre.

35 ... Bxh6
36.Te2

O lance *36.f4* é uma opção tática interessante.

36 ... Rg7
37.Rg2 Df6
38.Te4 Cb6

Instrutiva manobra de valorização do cavalo, que passará a *f6*, onde será mais útil.

39.Rf1 Bf4
40.Df2 Cd7
41.Tc4 Df5
42.Cc1 Cf6
43.b3 Tb5
44.Ce2 Txd5

Enfim recuperam o peão sacrificado ainda na fase da abertura.

45.Txd5 Cxd5
46.Te4 Cf6
47.Tc4 d5

Agora as pretas têm um peão passado difícil de ser bloqueado.

48.Tc6 Bh6
49.Rg2 Ch5
50.Dc5 Dd3
51.Dc2 De3
52.Tc3 Db6
53.Tc6 Db4
54.Dc5 De1

Com esses últimos lances, o tetracampeão mineiro consegue uma boa posição para sua dama.

55.Df2 **Dd2**

Observamos que a situação saiu do equilíbrio dinâmico (qualidade pela iniciativa) e começa a se definir a favor das pretas.

56.Cg3 **Cf4+**
57.Rf1 **Dd3+?!**

O movimento **57...Dd1+** é mais simples.

58.Ce2 **d4**
59.Tc4 **Cd5**
60.Tc5 **Be3**
61.Dg3 **Cf4**
62.De1 **Bd2**
63.Df2 **Db1+**
64.Cc1 **Be3!**

Lance bonito, mas bispo toma cavalo também é ganhador.

65.Dc2 **Da1!**

Finíssimo (conseqüência do anterior) e coerente com o estilo brilhante do condutor das pretas. Deixa o branco em uma situação muito delicada, pois ameaça **d3-d2-d1**.

66.De4 **Bxc1**
67.De5+ **Rh7**
68.De1 **Db2**
69.Df2 **Dxf2+**
70.Rxf2 **Cd3+ 0-1**

Uma obra-prima do talentoso enxadrista mineiro.

Partida 84
LEITÃO, R - IVANOVIC, B
EREVAN (ARMÊNIA), 1996 [E76]

1.d4 **Cf6**
2.c4 **g6**
3.Cc3 **Bg7**
4.e4 **d6**
5.f4

Apesar de seu caráter agressivo, a Variante dos Quatro Peões deixa o centro exposto, o que pode ser explorado pelo adversário.

5 ... **0-0**

Também é possível **5...c5**, como jogou Kasparov frente a Hernandez em 1979. A partida seguiu com **6.d5 0-0 7.Bd3 a6!? 8.Cge2 b5 9.cxb5 axb5 10.Cxb5 Ba6**, com compensação pelo peão.

6.Cf3 **Ca6**

Além da jogada do texto, havia mais três caminhos importantes:

a) **6...e5 7.dxe5 dxe5 8.Dxd8 Txd8 9.Cxe5 Te8** (se **9...Cxe4 10.Cxe4 f6 11.c5!** e as brancas têm superioridade) **10.Bd3 Cxe4 11.Bxe4 f6 12.Bd5+ Rf8 13.Bf7** com jogo melhor.

b) **6...Bg4 7.Be2 Cfd7 8.Be3 Bxf3 9.Bxf3 Cc6 10.e5 Ca5 11.Da4 Cb6 12.Dxa5 Cxc4 13.Dd5 Cxe3 14.De4 Cc4 15.De2 Ca5 16.Td1 e6 17.h4** com ligeira vantagem das brancas, a exemplo do jogo Nogueiras-Kozul, Sarajevo 1985.

c) **6...c5**, considerada a melhor opção. Para esse ataque lateral, as brancas podem responder **7.d5** (priorizando a manutenção dos peões no centro), ou então **7.dxc5** (com vistas a uma rápida mobilização de seus efetivos depois de **7...Da5 8.Bd3 Dxc5 9.De2**, seguido de **Be3**).

7.e5!



Posição após 7.e5!

O GM Rafael Leitão, profundo conhecedor da variante, combate o plano das negras acertadamente, avançando sem demora seus peões centrais para desestabilizar as peças contrárias.

7 ...	dx e5
8.fxe5	Ce8
9.Be2	f6

Diferentemente do que preconizava Aaron Nimzowitsch, o grande mestre iugoslavo ataca primeiro o vértice da cadeia de peões para em seguida pressionar sua base com ...c5.

10.Bf4

As peças brancas trabalham harmoniosamente e seu jogo flui com naturalidade. Em contrapartida, devido à situação restringida de suas forças, o segundo jogador tem que fazer malabarismos para buscar o equilíbrio...

10 ...	c5
11.dxc5	Da5

A troca de damas seria favorável ao branco, já que suas peças estão melhor distribuídas no tabuleiro. A presença das damas no jogo pode dar margem a complicações táticas.

12.Be3!	fx e5
----------------	--------------

Naturalmente, não é bom **12...Cxc5** por **13.Dd5+**.

13.0-0	e4
---------------	-----------

Visando ampliar o raio de ação do bispo de *g7*.

14.Dd5+	e6
15.Dxe4	Cxc5
16.Dh4	

A dama passa a ocupar uma privilegiada casa, colaborando numa futura investida ao roque das negras.

16 ...	Cf6
17.Tad1	Bd7
18.Ce5	Dc7

Ivanovic tenta reagrupar suas forças e tornar sua posição defensável.

19.Bd4	Be8
20.b4	Ca4
21.Dh3	

A cada lance, Leitão melhora suas peças, ampliando a vantagem.

21 ...	Cxc3
22.Bxc3	De7
23.Dh4	Ba4?

Apesar da dificuldade de se sustentar, melhor teria sido **23...Cd5**.

24.Td3	Cd5
---------------	------------

Pretendendo manter-se mediante trocas.

25.Txf8+	Txf8
26.Dxe7	Cxe7
27.b5	

Percebe-se agora o quanto foi fraco **23...Ba4**.

27 ...	Cf5
28.Td7	Bf6
29.Txb7	Bg5
30.Cd7	1-0

Leitão

Rafael Duailibe Leitão nasceu em São Luís/MA em 28 de dezembro de 1979. Começou a jogar xadrez com seis anos de idade, incentivado pelo pai. Aos nove, conquistou seu primeiro título, o de campeão brasileiro mirim (sub-10).

Continuou acumulando vitórias nas diversas categorias de base, com destaque para os oito títulos pan-americanos e dois campeonatos mundiais: pré-infantil (sub-12) em Varsóvia 1991 e infanto-juve-

nil (sub-18) em Cala Galdana (Espanha) 1996. Além disso, foi vice-campeão mundial das categorias mirim, em Porto Rico 1989 e cadetes (sub-16) em Guarapuava 1995.

Aos 15 anos já era mestre internacional, conquistando o título de grande mestre em 1998.

Disputou sete finais de campeonatos brasileiros, vencendo as edições de 1996, 1997, 1998 e 2005.

Defendeu o Brasil nas olimpíadas de 1996 em Erevan (Armênia), 2000 em Istambul (Turquia), 2002 Bled (Eslovênia) e Turim (Itália) 2006. Participou de quatro

campeonatos mundiais da FIDE: em Las Vegas (Estados Unidos) 1999, Nova Delhi (Índia) 2000 (neste último classificou-se entre os 16 melhores de um total de 100 participantes), Moscou (Rússia) 2001-2 e Trípoli (Líbia) 2004.

Conduz suas partidas com uma lógica clássica, num estilo posicional refinado, reflexo do convívio e treinamento com seu principal orientador, o GM Gilberto Milos Júnior, além da influência de seu antigo professor, o mestre internacional Jefferson Pelikian.

Desde 1995 mora na cidade de Americana, interior de São Paulo.

Defesa Índia da Dama



1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cf3 b6

Histórico

Como praticamente todas as defesas índias, é certamente muito antiga, mas só a partir de 1841 aparecem citações sobre ela na teoria. Até ser popularizada com o nome atual, foi chamada de Neo-Índia e de Índia do Oeste (porque a Defesa Índia do Rei era conhecida como Índia do Leste).

Seu *début* na prática magistral ocorreu no Torneio de Mestres de 1913 e no Torneio Internacional de 1914, ambos em São Petersburgo, através de Aaron Nimzowitsch. A partir daí ela passou a ser respeitada, tornando-se uma defesa da moda.

Capablanca, Alekhine, Botvinnik, Smyslov, Keres, Bronstein, entre outros, tiveram-na em seu repertório de aberturas.

Mais recentemente, podemos destacar como fiéis defensores da Índia da Dama os grandes mestres Karpov e Kortchnoi, que mostraram sua solidez na final do Torneio de Candidatos de 1974, em Moscou.

Todos os grandes mestres brasileiros utilizam-na regularmente. O jogador brasileiro Adriano Valle também é um de seus partidários.

Especialista: Kortchnoi

Um pouco de sua história

Victor Lvovich Kortchnoi nasceu na Rússia, na cidade de Leningrado, em 23 de março de 1931.

Recebeu o título de mestre nacional em 1951 e a partir daí tornou-se jogador profissional. Não se descuidando, todavia, de seus estudos acadêmicos, em 1959 formou-se em História pela Universidade de Leningrado.

Obteve o título de grande mestre em 1956, tornando-se, de 1960 em diante, um dos melhores jogadores do mundo, *status* que manteve pelas três décadas seguintes.

Prova disso é que, de 1954 até 1990, disputou 70 fortes torneios internacionais, ou eventos relacionados com o campeonato mundial, vencendo ou dividindo a primeira colocação em 40 deles e ficando abaixo do terceiro lugar em apenas 7.

Ganhou o Campeonato de Leningrado três vezes e o da URSS quatro. Chegou bem perto de vencer o campeonato mundial em 1974, quando perdeu a semifinal para Karpov por estreita margem: +2=19-3. No ano seguinte, Karpov disputaria a final com Bobby Fischer, mas este recusou-se a jogar e a coroa ficou com Anatoly Karpov.

Em 1977 eliminou Petrosian, Polugaevsky e Spassky, chegando à final em 1978 novamente com Karpov... e perdendo outra vez por apenas um ponto (+5=21-6)!

No ciclo seguinte, 1981, é derrotado novamente por Karpov.

Pessoa franca e liberal, Kortchnoi foi muitas vezes criticado pelas autoridades soviéticas. Em 1977, sentindo que sua carreira corria perigo, deixou a Rússia, mudando-se primeiro para a Holanda e

depois para a Suíça, onde se naturalizou.

Seu estilo caracteriza-se pela disposição de enfrentar cada partida com determinação. É agressivo, versátil e gosta de conhecer o estilo de seus adversários, características essas de Lasker, a quem admira muito. Um grande especialista na defesa, ele escreveu: “Se um jogador acredita em milagres, ele pode algumas vezes realizá-los”.

Em 1977 publicou *Chess is my life*, uma autobiografia que contém 75 partidas e que é propositadamente homônima de uma de Anatoly Karpov.

É um jogador muito vigoroso, física e mentalmente, tanto que aos setenta e cinco anos, idade em que a grande maioria dos jogadores já se aposentou, continua vencendo torneios de primeira categoria.

Curiosamente, ele atribui esse vigor ao mingau de aveia que comia diariamente, para manter as forças, na época em que Leningrado foi sitiada pelos alemães, na Segunda Guerra Mundial!

Variantes

• Variante Normal – 1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cf3 b6 4.g3

É considerada a melhor alternativa para as brancas e por isso a linha principal (constitui princípio geral que a melhor maneira de combater um fianqueto é com outro fianqueto!).

É um sistema muito sólido, no qual o primeiro jogador coloca seu bispo na diagonal *a8-h1* para poder jogar em algum momento *e4*, movimento sempre almejado por estabelecer amplo domínio do centro. As melhores alternativas para as negras são: *4...Bb7*, *4...Ba6* e *4...Bb4+*.

• Variante Rubinstein – 1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cf3 b6 4.e3

Visando seguir com um desenvolvimento de peças à base de *Bd3*, *Dc2* e *Cc3* (ou *Cbd2*), com a opção de fianqueto na ala da dama e luta pelo domínio central, visando uma ofensiva contra a ala do rei adversária. As pretas podem comba-

ter esse plano realizando *...d5* rapidamente, instalando seu bispo em *d6* e vigiando o ponto *e5*, ou também fazendo *...c5* e em seguida *...d6* ou *...d5*, antes que o branco feche o centro levando seu peão a *d5*.

• Variante Petrosian – 1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cf3 b6 4.a3

Impedindo um incômodo xeque do bispo em *b4* e preparando um assalto de peões na ala da dama. Era a variante favorita do ex-campeão mundial Tigran Petrosian e por isso leva seu nome. Também utilizada com sucesso por Gheorghiu e mais recentemente por Kasparov.

• Variante Bogoljubov – 1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cf3 b6 4.Cc3

Lance adotado com regularidade pelo grande mestre Efim Bogoljubov. É a linha que mais transpõe para as outras variantes (*4...Bb7 5.e3* ou *4...Bb7 5.a3*) e também para outras aberturas, como a Defesa Nimzoíndia (*4...Bb7 5.Dc2 Bb4*) e Gambito da Dama (*4...Bb7 5.Dc2 d5*).

Branças

A Variante Normal (*4.g3*) é considerada a melhor opção, pois trata de combater a força do bispo das negras de *b7* com seu bispo em *g2*.

Na casa *e4* será travado um constante duelo, com o branco tentando avançar seu peão a esse quadro e o negro lutando para impedir isso. Caso as brancas não consigam fazer *e4* imediatamente, deverão prepará-lo com *d5* em momento apropriado (bloqueando a diagonal do bispo da dama do adversário fica mais fácil o avanço de seu peão do rei).

Uma outra idéia é a troca dos bispos, o que tem a desvantagem de dar mais liberdade ao jogo das negras, uma vez que trocas de peças quase sempre aliviam posições restringidas.

Pretas

Intimamente relacionada com a Defesa Nimzoíndia (com a qual guarda mui-

tas semelhanças nas idéias básicas), a Índia da Dama é um sistema muito seguro, que proporciona às pretas relativa facilidade para conseguir a igualdade. Exige, no entanto, um bom conhecimento teórico para não cair em transposições que as deixem em inferioridade.

Um dos seus principais pontos positivos é a grande pressão que o bispo de *b7* exerce na diagonal *a8-h1*, em especial sobre o ponto *e4*, dificultando sobremaneira o avanço do peão branco a essa casa. Esse é um detalhe importante, uma vez que essa peça geralmente tem um papel muito passivo em outras aberturas de peão dama.

É comum *...c5* para pressionar o centro, quando a resposta branca *d5* não tiver muita força. A prevenção ao avanço do peão branco a *e4* gira em torno de *...d5* (que tem o inconveniente de bloquear a diagonal do bispo), *...f5*, *...Ce4* ou *...Be4*.

Estando o centro estabilizado, a principal estratégia do segundo jogador será a preparação de um ataque ao flanco do rei inimigo, com o avanço dos peões dessa ala.

Partida 85

MILES,A - KORTCHNOI,V

WIJK AAN ZEE (HOLANDA), 1978 [E19]

1.d4	Cf6
2.Cf3	e6
3.g3	b6
4.Bg2	Bb7
5.c4	Be7
6.0-0	0-0
7.Cc3	

Por inversão de lances, entramos na Variante Normal.

7 ...	Ce4
-------	-----

Ocupando o ponto *e4* para impedir o avanço do peão das brancas a essa casa.

8.Dc2

Forçando o adversário a definir a si-

tuação do cavalo.

8 ...	Cxc3
-------	------

Tanto *8...f5* como *8...d5* seriam respondidos com *9.Ce5*.

9.Dxc3

O golpe tático *9.Cg5?* falharia por *9...Cxe2+*, ganhando.

9 ...	f5
-------	----

Chegando a posições similares da Defesa Holandesa. Esse avanço de peão, ao mesmo tempo que controla *e4* prepara um futuro ataque ao roque, à base do avanço dos peões do flanco rei.

Outras possibilidades são: *9...c5* (linha favorita de Kortchnoi, aproveita o fato de que o peão dama adversário não pode avançar) e *9...Be4* (ver partida nº 88, German x Letelier).

10.b3

Outra opção é *10.Be3*, ao que poderia seguir: *10...Bf6 11.Dd2 Be4* (para *11...d6 12.d5 12.Ce1* (não dava mais para protelar a troca dos bispos) *12...Bxg2 13.Cxg2 Cc6!*, onde as negras dispõem de contra-jogo na ala do rei e no centro, o que é compensado por sua inferioridade na ala da dama e em um final.

10 ...	Bf6
11.Bb2	

Também é interessante *11.Ba3!?*

11 ...	Cc6
12.Tad1	De7
13.Dd2	Cd8
14.d5?!	

Quebrando o equilíbrio. Era necessário nesse momento um lance que não alterasse tão drasticamente a posição, por exemplo *14.Tfe1*.

14 ... Bxb2
15.Dxb2 d6
16.dxe6 Cxe6
17.b4 f4

Com melhor posição, Kortchnoi começa acertadamente sua ofensiva sobre o roque.

18.Td2 Tf6

Iniciando um plano simples e difícil de ser combatido: colocar as torres na coluna *f* e transferir a dama para *h5*, culminando com o avanço do peão *g* para expulsar o cavalo de *f3*.

19.Dc3 Taf8
20.a3 De8
21.Dd3

Apesar dos riscos, era necessário o corajoso *21.g4*, impedindo a instalação da dama em *h5*, ao mesmo tempo que mantém fechada a ala do rei.

21 ... Dh5
22.Tdd1

Se *22.Tfd1*, a coluna *f* ficaria muito vulnerável, em especial a casa *f2*.

22 ... Rh8

Para poder jogar *...g5* e manter liberada a casa *g8* para uma possível ocupação com a torre.

23.Ch4

Necessário para aliviar a pressão por meio de trocas, porém insuficiente para salvar a partida!

23 ... Bxg2
24.Rxg2 g5
25.Cf3 Th6

E finalmente a torre chega ao seu destino, em manobra que vinha sendo preparada desde o lance *18*.

26.h4?

Toda tentativa de avanço dos peões do roque só vem a enfraquecer a posição do rei. Melhor seria o cauteloso *26.b5*, preparando-se para um final, caso as negras não conseguissem definir a partida.

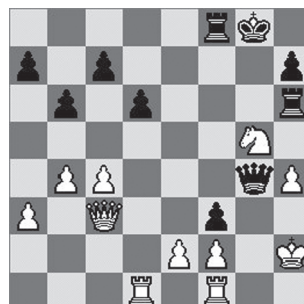
26 ... gxh4

Agora não há nada que salve as brancas de um ataque fulminante.

27.Dc3+ Rg8
28.gxh4

Se *28.Cxh4 fxc3*, ganhando rapidamente.

28 ... Dg4+
29.Rh2 Cg5!
30.Cxg5 f3!



Posição depois de 30...f3!

31.Dxf3 Txf4+
32.Dh3 Dg5!

Em vista de não poder jogar *33.Tg1*, pela resposta *33...Txf2+*, as brancas abandonam.

Nessa partida, o GM Victor Kortchnoi aplica corretamente os conceitos que regulam a posição, mostrando um jogo objetivo, claro e eficiente.

Partida 86
SÄMISCH,F - NIMZOWITSCH,A
COPENHAGUE (DINAMARCA), 1923 [E06]

1.d4 **Cf6**
2.c4 **e6**
3.Cf3 **b6**

Aaron Nimzowitsch é um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da Índia da Dama, além do papel fundamental que teve na conceituação de princípios pioneiros para a época, os quais tiveram importância vital na construção do xadrez moderno.

4.g3 **Bb7**
5.Bg2 **Be7**
6.Cc3 **0-0**
7.0-0 **d5**

Esse lance está um pouco em desacordo com o espírito dessa defesa e da própria Escola Hipermoderna, que preconiza o controle das casas centrais à distância, em especial através do bispo fianquetado.

A teoria recomenda *7...Ce4*, manobra simplificadora que aumenta a força do bispo da dama, além de possibilitar um futuro avanço do peão a *f5*, onde as negras teriam boas perspectivas de um ataque na ala do rei.

Mas, uma das grandes regras do xadrez é que: as regras estão aí para ser quebradas, em nome da inspiração do momento e da criatividade!

8.Ce5

Aproveitando a cravada do peão de *d5* para instalar o cavalo no posto avançado *e5*.

8 ... **c6**

Dando sustentação ao centro e fechando a diagonal profilaticamente, para evitar os temas táticos.

9.cxd5

Digno de atenção é *9.e4*.

9 ... **cxd5**

10.Bf4 **a6!**

Preparando uma expansão na ala da dama.

11.Tc1 **b5**
12.Db3 **Cc6**
13.Cxc6

Concederia iniciativa às pretas *13.Tfd1*, pela resposta *13...Ca5*, com vista à entrada do cavalo em *c4*.

13 ... **Bxc6**
14.h3 **Dd7**
15.Rh2 **Ch5**
16.Bd2 **f5!**

Estratégia típica do estilo de Nimzowitsch: mobilidade em ambas as alas.

17.Dd1 **b4**
18.Cb1 **Bb5**
19.Tg1

As brancas pretendem jogar *e4* com ganho de tempo, para liberar um pouco seu jogo, que está praticamente sem espaço.

19 ... **Bd6!!**

Planejando o sacrifício do cavalo em *h5*.

20.e4 **fxe4!**

Cedendo uma peça menor em troca de dois peões, coluna *f* aberta, posse da sétima fileira e uma excelente colocação dos bispos, fatores esses mais que suficientes para compensar o sacrifício.

21.Dxh5 **Txf2**
22.Dg5 **Taf8**
23.Rh1

Para evitar *23...T8f3*.

23 ... **T8f5**
24.De3 **Bd3!**

Ameaça ganhar a dama com 25...Te2.

25.Tce1 h6!! 0-1



Posição após 25...h6!!

Um lance simples que deixa as brancas em *zugzwang*, ou seja, qualquer jogada que fizerem conduzirá à derrota. Com efeito, com exceção dos lances de peões, que não têm nenhum significado prático, as outras alternativas são catastróficas:

- a) 26.Bc1 Bxb1;
- b) 26.Td1 Te2;
- c) 26.Bf1 Bxf1;
- d) 26.Rh2 T5f3;
- e) 26.g4 T5f3 27.Bxf3 Th2 mate.

Essa partida é conhecida como “A imortal do *zugzwang*”.

Partida 87

KASPAROV, G - PORTISCH, L
NİKSİC (IUGOSLÁVIA), 1983 [E12]

1.d4 Cf6
2.c4 e6
3.Cf3 b6
4.Cc3

Apressando-se em colocar as peças em jogo, sempre voltadas para o domínio do território central.

4 ... Bb7

O bispo fica muito ativo.

5.a3

Uma jogada aparentemente passiva, mas que tem uma grande importância profilática. Esse humilde movimento de peão impede a ocupação da ativa casa b4 pelo bispo negro, assegurando a permanência do cavalo em c3, de onde exerce papel relevante na vigilância dos quadros centrais.

5 ... d5

Reforçando sua posição no centro, mas, com a desvantagem de limitar a diagonal do bispo.

6.cxd5 Cxd5

Depois de 6...exd5, o bispo de b7 seria obstruído pelo próprio peão, ficando inativo por um longo período.

7.e3

Também é freqüente 7.Dc2, com a idéia de jogar e4.

7 ... Cxc3
8.bxc3

Após as trocas, as brancas têm centro sólido e peão isolado na coluna a. Em função disso, terão melhor meio-jogo, porque podem usar seu domínio central para uma investida contra o roque negro, e pior final, devido à fraqueza do peão isolado.

8 ... Be7
9.Bb5+!

Explorando a debilidade das casas brancas.

9 ... c6
10.Bd3 c5
11.0-0 Cc6
12.Bb2 Tc8
13.De2 0-0
14.Tad1 Dc7

Melhor seria *14...cxd4* para abrir a coluna, ao que seguiria *15.cxd4*. Seria mau *15.exd4*, porque o branco ficaria com peões *colgantes* (um peão ao lado do outro, mas isolados de outros blocos de peões).

15.c4 **cxd4**
16.exd4 **Ca5?**

O cavalo fica fora de jogo!

17.d5!

Para aumentar a ação dos bispos sobre o roque adversário.

17... **exd5**
18.cxd5 **Bxd5**
19.Bxh7+ **Rxh7**
20.Txd5

O rei das pretas ficou exposto e estará sob ataque constante das peças de Kasparov.

20... **Rg8**
21.Bxg7!!



Posição depois de 21.Bxg7!!

Sacrifício que visa abrir a posição do rei.

21... **Rxg7**
22.Ce5!

Permitindo a passagem da dama para a ala do rei.

22... **Tfd8**

Impedindo a torre de se instalar na sétima fila e dando uma casa de fuga ao rei.

23.Dg4+ **Rf8**
24.Df5 **f6**
25.Cd7+ **Txd7**
26.Txd7 **Dc5**
27.Dh7 **Tc7**

Não existe tanta desigualdade material, mas falta harmonia às peças negras e seu rei está exposto, condições essas suficientes para Kasparov alcançar a vitória.

28.Dh8+

Não é possível a manobra natural de ganho *28.Td3*, seguido de *Tg8++*, pela incisiva resposta *28...Dxf2+!*

28... **Rf7**
29.Td3 **Cc4**
30.Tfd1

Convém deixar disponíveis todos os efetivos para o ataque!

30... **Ce5**
31.Dh7+ **Re6**

Naturalmente, não é possível *31...Rf8* por *32.Td8+ Bxd8 33.Txd8++*.

32.Dg8+ **Rf5**
33.g4+ **Rf4**
34.Td4+ **Rf3**
35.Db3+ **1-0**

Partida 88

GERMAN, E - LETELIER, R
MAR DEL PLATA (ARGENTINA), 1952 [E19]

1.cf3 **Cf6**
2.d4 **e6**
3.c4 **b6**
4.g3 **Bb7**

Interessante e mesmo curiosa é a alternativa 4...Ba6, comum nas partidas do ex-campeão mundial Anatoly Karpov e também do brasileiro Adriano Valle.

O ataque ao peão de c4 é só uma maneira de fazer o branco jogar uma peça que normalmente não seria movimentada nesse momento, por exemplo: 5.b3, 5.Da4 e 5.Cbd2. Depois de um desses lances as pretas simplesmente respondem 5...Bb7.

5.Bg2	Be7
6.0-0	0-0
7.Cc3	Ce4
8.Dc2	Cxc3
9.Dxc3	Be4

Impede o retorno da dama à diagonal b1-h7 e de certa forma imobiliza o cavalo de f3, pois sua saída implica na troca do bispo fianquetado, um dos principais defensores do roque branco.

10.Bf4

Lance recomendado pelo holandês Max Euwe, campeão mundial de 1935 a 1937.

10 ...	d6
---------------	-----------

É possível também 10...Dc8 com a idéia de ...Db7, fortalecendo a diagonal a8-h1.

11.Tfd1	Cd7
12.De3	Bb7

Outra opção é 12...Cf6, como jogou Najdorf contra Euwe em Amsterdã 1950.

13.Tac1

German conta com todas as suas peças em jogo, estando seus efetivos mais preparados para uma ofensiva. Já a posição de Letelier, apesar de sólida tem o inconveniente de estar restringida.



Posição após 13.Tac1

13 ...	a5
14.Dd3	

Para dar passagem ao peão, que será jogado em e4, ampliando o domínio central.

14 ...	h6
15.e4	Te8
16.Dc2	

Coerente com seu estilo de jogo, o ex-campeão brasileiro Eugênio German manobra seus efetivos em busca da posição ideal para uma ofensiva.

16 ...	Dc8
17.Be3	Cf6
18.Ce1	e5
19.dxe5	dxe5
20.c5	De6
21.a3	

Parece melhor 20.c6 ou 20.f3.

21 ...	Cg4
22.c6	Cxe3
23.fxe3	Ba6
24.Td5	Bc5
25.Dd2	a4

Deixa atrasado o peão de b2 e permite a tomada em c6 no lance seguinte. Naturalmente, não se pode 25...Dxc6, por 26.b4.

26.Cf3	Dxc6?
---------------	--------------

O correto é 26...f6 ou mesmo 26...Df6. A jogada do texto permite contra-jogo rápido das brancas.

27.Cxe5 Db7?!

Era imprescindível 27...De6, ameaçando 27...c6, e se agora 28.Cd7? então 28...Dxd5!

28.Cd7 Be7
29.e5 c6
30.Td4 Tac8?

Era fundamental 30...Bb5.

31.Txa4 Bb5
32.Td4

O mestre internacional Eugênio German assume o controle da partida e sua superioridade é visível.

32 ... Tc7
33.a4

Igualmente bom é 33.Td1.

33 ... Bxa4
34.Txa4 Txd7
35.Dc3

O peão de c6, atacado por três peças e somente com um defensor, cai logo a seguir.

35 ... Bc5
36.b4 b5
37.Taa1 Bf8
38.Bxc6

Vantagem decisiva.

38 ... Dc7
39.Bxd7 Dxd7
40.Tab1 De6
41.Dd4 Dxe5
42.Dxe5 Txe5
43.Tc8 f5
44.Ta1 Rf7
45.Ta7+ Be7

46.Tc5 1-0

German

Eugênio Maciel German nasceu em 24 de outubro de 1930, na cidade de Ubá/MG.

Aprendeu a jogar xadrez aos oito anos de idade com seu irmão Henrique. Sua carreira enxadrística começou a deslanchar na adolescência, quando se mudou para Belo Horizonte para cursar o científico (atual ensino médio).

Em 1948 terminou o campeonato mineiro absoluto na segunda colocação, atrás apenas do experimentado Jayme Moses. Disputando o 17º Campeonato Brasileiro no ano seguinte, terminou em 3º lugar, empatado com Ronald Câmara. Em 1951 conquista o título de campeão brasileiro, em Fortaleza/CE.

O ano de 1952 foi o mais brilhante de sua carreira, apesar de ter terminado na segunda posição do 19º Campeonato Brasileiro. Disputou três torneios internacionais: San Rafael, no Uruguai, onde ficou na 4ª colocação; Mar del Plata, Argentina, dividindo a 7ª posição; e Olimpíada de Helsinque, na Finlândia, com performance de 68% de aproveitamento no primeiro tabuleiro, o que lhe valeu o título de mestre internacional, o primeiro conquistado pelo Brasil.

De 1952 a 1958 ficou afastado das competições, dedicando-se ao curso de Engenharia Elétrica.

Em 1959 retorna com toda força, vencendo o campeonato mineiro desse ano e dos dois anos seguintes.

No ano de 1960 ganha o Torneio Zonal Centro e o Troféu Cidade de Vitória, este último com 100% de aproveitamento.

Nesse mesmo ano termina empatado na 3ª colocação no Torneio Zonal Sul-americano e no ano seguinte conquista de forma categórica a vaga para o Interzonal.

No Interzonal de Estocolmo (Suécia) o destaque foi sua vitória sobre o GM Lajos

Portisch, além dos empates com os grandes mestres Kortchnoi, Gligoric, Stein e Geller.

Afasta-se outra vez dos tabuleiros, jogando (e ganhando!) apenas o Zonal Centro, no ano de 1965, em Belo Horizonte, sem contudo participar da final do brasileiro.

Em 1968 volta a disputar o campeonato mineiro e a convite da Confederação Brasileira de Xadrez integra a equipe nacional na Olimpíada de Lugano (Suíça), como segundo tabuleiro, atrás de Mecking.

Joga a edição de 1970 do campeonato mineiro e ganha outra vez o Zonal Centro, desta vez em Brasília. Decide participar da fase final, em Blumenau. Com meio ponto a mais que seus adversários, sagra-se bicampeão brasileiro em 1972, aos 41 anos de idade.

No final desse mesmo ano participa de sua terceira olimpíada, em Skopje (Macedônia). Como primeiro tabuleiro, faz 60% de aproveitamento, coroando uma bela carreira enxadrística.

Morreu no dia 1º de abril de 2001, em Belo Horizonte.

Defesa Nimzoíndia



1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cc3 Bb4

Histórico

A Defesa Nimzoíndia surgiu por volta de 1920, como uma variação da Índia da Dama, mas, dos estudos dos teóricos, especialmente de Aaron Nimzowitsch, acabou surgindo um sistema novo, que passou a ter muito mais importância que aquele do qual se originou.

Filha legítima da Escola Hipermoderna, sua enorme popularidade se explica pela flexibilidade estratégica e variedade de linhas, prestando-se a todos os estilos e temperamentos, especialmente para jogadores posicionais. Abundante em sutilezas, algumas de suas variações exigem grande compreensão estratégica do jogo.

É praticamente impossível citar alguns de seus partidários, porque quase todos os jogadores, desde que ela apareceu, têm-na empregado.

Uma curiosidade é que a expressão *defesas índias* deve-se a Tartakower, que a usou pela primeira vez em 1924, em seu livro *Indisch*. Até então elas eram conhecidas simplesmente por *aberturas irregulares*.

Especialista: Nimzowitsch

Um pouco de sua história

Aaron Nimzowitsch foi um dos pensadores mais originais e seguramente um dos pilares mais importantes do xadrez moderno. Aprendeu a mover as peças aos oito anos de idade, mas só começou a olhar o jogo seriamente dez anos mais tarde, quando estudava matemática.

Nascido no dia 7 de novembro de 1886, em Riga, capital da Letônia, de pais judeus, desde cedo conheceu a discriminação racial, que certamente marcou muito sua personalidade. Assim, paralelamente com sua genialidade e grande capacidade de trabalho, sempre foi uma pessoa muito nervosa, facilmente irritável, supersensível a críticas e quase patologicamente desconfiada.

Por volta de 1904 encontrou-se com Tarrasch pela primeira vez, ocasião em que o mestre alemão criticou duramente seu jogo, um incidente que Nimzowitsch nunca esqueceu. Desse momento em diante, começou a reexaminar os ensinamentos formalistas de Tarrasch, contra os quais o movimento modernista era em grande parte uma reação.

Procurando novas maneiras de encarar o problema de controle do centro, ele estudou com profundidade as idéias de muitos mestres do século XIX, como Chigorin, Paulsen, Steinitz e Winawer, que eram olhados pelo Dr. Tarrasch como “não-ortodoxos”.

De seu trabalho, que teve a ajuda de outros enxadristas, em especial Réti e Breyer, surgiram as teorias de superproteção, profilaxia, bloqueio e controle do centro à distância, que deram início ao movimento hipermodernista.

Essas teorias foram publicadas por Nimzowitsch em 1925, na obra *Meu Sistema*, que é um dos clássicos da literatura enxadrística. Escreveu também *O Bloqueio* (1925) e a *Prática de Meu Sistema* (1929).

Foi também um dos jogadores mais fortes de seu tempo, chegando a ocupar, entre 1925 e 1930, a terceira posição no mundo, atrás apenas de Alekhine e Capablanca. Inclusive, em 1926 seu desafio para um match pelo título mundial foi aceito por Capablanca, mas, Aaron Nimzowitsch não conseguiu o dinheiro para a bolsa exigida.

Da Letônia, emigrou para a Alemanha, depois para a Suécia e finalmente para Estocolmo, na Dinamarca, onde viveu o resto de sua vida, vindo a morrer no ano de 1935.

Variantes

• Variante Clássica – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.Dc2

Conhecida também por Variante Capablanca, devido ao emprego freqüente que o genial cubano fazia dela. A idéia, que inclusive é uma das primeiras que se teve para tentar combatê-la, é evitar a quebra dos peões da ala da dama e lutar pelo controle da importante casa central e4.

As negras possuem inúmeras continuções, desde o avanço no centro, que obriga a decisões imediatas (4...c5 e 4...d5), até um tranqüilo desenvolvimento, com 4...0-0, 4...Cc6, 4...b6, ou 4...d6.

• Variante Leningrado – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.Bg5

O espírito que anima essa variante é pressionar o centro indiretamente, com a cravada do cavalo. Outro ponto positivo é que, caso ocorra fechamento do centro, o bispo ficará mais ativo, por encontrar-se fora da cadeia de peões.

Para equilibrar o jogo, as negras devem realizar uma imediata agressão ao centro e tentar descravar o cavalo, com a saída da dama para um dos flancos. Assim, as melhores réplicas são 4...Bxc3+, 4...c5 e 4...h6.

Seu nome deve-se aos êxitos obtidos pelos mestres leningradenses Zak e seu então pupilo Spassky, além de Kortchnoi, o que motivou o surgimento de

análises sobre o sistema em revistas especializadas por volta de 1947.

• Variante Rubinstein – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.e3

É considerada a linha principal. As brancas desenvolvem seu jogo tranqüilamente e de forma eficiente, organizando uma metódica abertura de linhas e gradual expansão central.

As pretas, por sua vez, com uma sólida posição e superior estrutura de peões, têm amplos caminhos e variados recursos, os quais geralmente começam com 4...b6, 4...c5, 4...Cc6 ou ...0-0.

Seu nome vem do grande mestre polonês Akiba Rubinstein, cujo estilo se caracterizava pela precisão, beleza e elegância de manobras, além de ser um dos maiores finalistas que o mundo enxadrístico já conheceu.

• Variante Sämisch – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.a3

Enfraquece a estrutura de peões na ala dama, em troca de um forte centro de peões e possibilidades de ataque na ala do rei. Está intimamente ligada à Variante Rubinstein.

As pretas têm boas possibilidades defensivas e condições de entrar em um melhor final, pela superior formação de peões.

Devendo seu nome ao grande mestre alemão Friedrich Sämisch, a grande questão desta linha é: 4.a3 é uma perda de tempo apenas aparente, compensada pela posse do par de bispos?

• Variante Spielmann – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.Db3

Popularizada pelo teórico austríaco Rudolf Spielmann no Torneio de Carlsbad 1929, foi empregada pelos grandes mestres por aproximadamente uma década. Então, possivelmente em virtude de algumas vitórias de Alekhine, Flohr e Botvinnik conduzindo as peças negras, sua aparição no cenário internacional começou a diminuir.

A principal debilidade reside na má

colocação da dama em *b3*, o que faz com que se torne um pouco passiva e não exerça uma pressão mais direta no centro. Por outro lado, tem a vantagem de atacar o bispo, impedindo o avanço do peão da dama das negras precocemente, como ocorre em outras variantes. Enfim, sobre o lance *4.Db3* ainda não foi dada a palavra final, podendo ser realizado com relativa confiança.

O brasileiro Aduacto Nóbrega é especialista nessa linha.

• **Sistema Kasparov – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.g3**, ou **4.Cf3** seguido de **5.g3**

É um sistema novo, cuja aparição no cenário internacional se deve ao grande mestre ucraniano Oleg Romanishin. Posteriormente, foi consolidado por Kasparov.

É adequado para jogadores que apreciam posições dinâmicas, com a posse do par de bispos, busca da iniciativa e conseqüentemente o ataque.

• **Variantes diversas – 1.d4 Cf6 c4 e6 3.Cc3 Bb4 4.f3**, ou **4.Bd2** e **4.Db3**

São variações menos freqüentes, onde as brancas procuram desviar seu adversário dos caminhos mais usuais e conseqüentemente mais estudados.

Brancas

Entre as variantes explanadas anteriormente, o primeiro jogador pode fazer a escolha da linha de acordo com suas intenções:

• Variantes com *4.Dc2* e *4.Db3*, quando sua prioridade for uma boa formação de peões.

• Variante com *4.a3*, se quiser construir um centro sólido e eventualmente atacar na ala do rei.

• Variante com *4.e3*, para desenvolver com tranqüilidade as peças.

• Variante com *4.Bg5*, cravando o cavalo de *f6* para pressionar indiretamente o centro negro e debilitar sua ala do rei.

• Variante com o fianqueto do bispo

do rei: dar maior proteção ao rei e atacar o centro à distância, com o domínio da diagonal *a8-h1*.

Pretas

Para conduzir a Nimzoíndia, o segundo jogador deve ter em conta os seguintes fatores:

• Contra-ataque através de *...c5*.

É a jogada usual para tentar quebrar o centro adversário. Pode ser realizada com o apoio de *...b6* (aproveitando para fianquetar o bispo) e algumas vezes em conjunto com *...d5*.

• Contra-ataque com *...d5*.

A idéia é clara: tentar levar o centro branco ao colapso. É uma jogada de cunho agressivo, de caráter tático, que leva a posição para águas bastante turbulentas.

• Contra-jogo com *...d6* e *...e5*.

Estratégia comum em linhas mais antigas, onde o cavalo da dama é desenvolvido via *d7*. Em geral conduz a um jogo mais fechado.

• Contra-jogo com *...Bxc3+*.

Para atacar na ala dama, em particular ao peão de *c4*. Visa, naturalmente, aproveitar as fraquezas da estrutura de peões brancos.

• Ataque na ala do rei.

Acontece ocasionalmente, em variantes nas quais o centro está fechado.

Partida 89

JOHNER, P - NIMZOWITSCH, A
LEIPZIG (ALEMANHA), 1926 [E50]

1.d4	Cf6
2.c4	e6
3.Cc3	Bb4
4.e3	

Variante Rubinstein.

4 ...	0-0
5.Bd3	c5
6.Cf3	Cc6
7.0-0	Bxc3
8.bxc3	d6

Como já foi enfatizado anteriormente, a estrutura de peões das pretas é superior, devido aos peões brancos dobrados na coluna *c*. Esse fato, no entanto, não deve ser supervalorizado, porque o branco tem suas compensações (par de bispos e centro forte).

9.Cd2

Um sólido plano de luta. Se agora *9...e5* segue *10.d5 Ce7* (para *10...Ca5 11.Cb3*) *11.e4*, com boa posição.

9 ... b6

A intenção é *10...e5 11.d5 Ca5* e o cavalo tem a casa de fuga *b7*.

10.Cb3?

Mais indicado seria *10.f4*. Quando as negras fizessem *...e5*, as brancas tomariam com o peão *f* para abrir a coluna e em seguida jogariam *d5*, fechando o centro.

**10 ... e5
11.f4 e4
12.Be2**

O peão negro de *e4* passa a funcionar como uma cunha, restringindo a posição branca.

12 ... Dd7!

Início de uma manobra restritiva profunda, a qual se tornará mais clara com o desenrolar da partida.

**13.h3 Ce7
14.De1 h5!**

Começa o processo de bloqueio.

15.Bd2

Não é possível *15.Dh4* por *15...Cf5 16.Dg5 Ch7 17.Dxh5 Cg3*, ganhando qualidade.

15 ... Df5!

A dama se dirige para a casa *h7*, de onde exercerá papel fundamental na condução do plano de restrição do jogo branco.

16.Rh2 Dh7!



Posição depois de 16...Dh7!

A manobra *Dd1-d7-f5-h7* demonstra a profundidade de Nimzowitsch e a compreensão notável que ele possuía sobre as posições.

17.a4 Cf5

Ameaça *18...Cg4+* e se *19.hxg4 hxg4+* *20.Rg1 g3*, ganhando imediatamente.

18.g3 a5!

O peão atrasado de *b6* é uma fraqueza que não pode ser explorada a curto prazo. É, pois, uma debilidade aparente, amplamente compensada pelo bloqueio da ala dama, que evita um eventual contra-jogo.

**19.Tg1 Ch6
20.Bf1 Bd7
21.Bc1 Tac8**

Forçando o avanço branco a *d5* para poder operar na ala do rei sem preocupações com o centro. Desnecessário dizer que o lance *22.dxc5* conduziria a um final completamente perdido, devido à

péssima estrutura de peões que resultaria e à própria posição restringida.

22.d5 Rh8

Liberando a casa para as torres, que atuarão na coluna *g*.

23.Cd2 Tg8

Agora vem o ataque! Com isso podemos concluir que a manobra *Dd1-d2-f5-h7* era para prepará-lo? Com a palavra o próprio Nimzowitsch: "A resposta é sim e não. Não, porque a idéia consistia exclusivamente em frear os peões brancos; porém, sim também, porque toda manobra restritiva é a preparação lógica de um ataque, dado que todo complexo imobilizado tende a debilidade e, portanto, cedo ou tarde converter-se-á em objetivo de ataque".

**24.Bg2 g5
25.Cf1 Tg7
26.Ta2 Cf5
27.Bh1**

De maneira hábil, o branco traz todas as suas forças para a defesa.

**27 ... Tcg8
28.Dd1**

É muito difícil encontrar um plano numa posição passiva. Apesar de não estar perdendo material, não se vê perspectiva para o lado branco.

28 ... gxf4

Abre-se a coluna *g*. Entretanto, o adversário terá à disposição a coluna *e*, fato esse que obriga as pretas a ter muita atenção.

29.exf4 Bc8!

O bispo vai se transferir para a casa *a6*, de onde pressiona o peão débil de *c4*, escravizando uma peça branca na sua defesa.

**30.Db3 Ba6
31.Te2 Ch4**

Explorando o tema da cravada.

32.Te3

Não é possível *32.Cd2*, devido à bonita combinação: *32...Bc8 33.Cxe4 Df5 34.Cf2 Dxb3+! 35.Cxb3 Cg4* mate.

**32 ... Bc8
33.Dc2 Bxb3!
34.Bxe4**

Se *34.Rxb3 Df5+* e mate em poucos lances.

34 ... Bf5

O melhor. Agora, o avanço do peão de torre é apenas uma questão de tempo.

**35.Bxf5 Cxf5
36.Te2 h4
37.Tgg2 hxg3+
38.Rg1 Dh3
39.Ce3 Ch4
40.Rf1 Te8! 0-1**

Com o lance preciso *40...Te8!*, a ameaça é *41...Cxb3 42.Txb3 Dh1+ 43.Re2 Dxb3+* e não existe mais defesa. Uma partida extraordinária de Aaron Nimzowitsch sobre o tema bloqueio.

Partida 90
ARENCIBIA, W - ARMAS, J
HAVANA (CUBA), 1987 [E28]

**1.d4 Cf6
2.c4 e6
3.Cc3 Bb4
4.e3**

A linha principal da Defesa Nimzoíndia. As brancas desenvolvem eficientemente suas peças, deixando para mais tarde a tentativa de jogar *e4*.

4 ... **0-0**
5.a3

Mais condizente com a variante escolhida é *5.Cge2* e só então *a3*, para retomar com o cavalo quando as negras fizerem *...Bxc3*. Outra opção é *5.Bd3*.

5 ... **Bxc3+**
6.bxc3 **b6**
7.Ce2 **Ba6**

Manobra típica para pressionar o peão de *c4*, juntamente com o salto do cavalo a *c6* e posteriormente *a5*.

8.Cg3

Libera a diagonal e protege o quadro *e4* para o avanço do peão.

8 ... **Cc6**

Os lances *8...d5* e *8...Bb7* evitariam o próximo lance das brancas.

9.e4

O branco consegue realizar o sempre almejado *e4*, que consolida o domínio sobre o centro do tabuleiro.

9 ... **Ca5**
10.Bg5!

Sacrificando o peão de *c4* para obter uma rápida mobilização de suas peças sobre a ala do rei.

10 ... **h6**
11.h4!!

Mantendo a tensão.

11 ... **Te8**

Não é bom *11...hxg5* por *12.hxg5* e após a retirada do cavalo a dama vai a *h5*, ganhando.

12.e5 **hxg5**

13.hxg5 **Ch7**
14.Ce4

Também seria suficiente *14.Dh5*.

14 ... **Bb7**

Uma outra tentativa de resistir ao ataque era por meio de *14...Cf8*.

15.Cf6+!! **gxf6**
16.Txh7!



Posição após 16.Txh7!

16 ... **Be4**

Se *16...Rxf7* *17.Dh5+ Rg8* *18.gxf6*, com ganho rápido.

17.Th3 **fxg5**
18.Dh5 **f6**
19.Be2!

Preparando o bispo para colaborar no ataque.

19 ... **De7**
20.Dh8+ **Rf7**
21.Th7+! **Rg6**

Se *21...Bxh7* *22.Dxh7+ Rf8* *23.Dh8+ Rf7* *24.Bh5++*

22.Th6+ **1-0**

Se *22...Rf7* *23.Bh5+ Bg6* *24.Th7* mate. No caso de *22...Rf5* *23.Txf6+ Dxf6* *24.Dxf6* mate. Também ganharia *22.Tg7+ Dxg7* *23.Dh5+ Rf5* *24.Bg4+ Rf4* *25.g3* mate.

Um ataque primoroso, com magnífica coordenação de peças!

Partida 91
SAKAEV,K - SILVA,S
GUARAPUAVA, 1991 [E20]

Esta partida foi disputada no mundial infanto-juvenil em Guarapuava/PR e teve um desfecho curioso: o russo Konstantin Sakaev – favorito ao título juntamente com Vladimir Kramnik – gastou apenas dois minutos de seu tempo para derrotar convincentemente ao chileno Sebastian Silva em meio a grandes complicações táticas... Uma prova inconteste da excelente preparação teórica da escola russa!

1.d4	Cf6
2.c4	e6
3.Cc3	Bb4
4.f3	

Com vistas à preparação do avanço do peão a e4, com amplo domínio central.

4 ...	c5
--------------	-----------

Alternativa é 4...d5 5.a3 Bxc3+, entrando por inversão de lances na Variante Sämisch.

5.d5	Ch5
6.g3	

Uma idéia curiosa é 6.Ch3! (Variante Raicevic), que apesar de exótica tem se mostrado muito eficiente.

6 ...	f5
--------------	-----------

Um plano mais sólido é 6...0-0 7.e4 f5 8.f4 Cf6 9.e5 Ce4 10.Bd2 Bxc3 11.Bxc3 d6! com jogo complicado, a exemplo da partida Armas-Barbalescu, Havana 1986.

7.e4

E, apesar dos esforços das pretas no sentido de impedir o controle do centro pelo seu adversário, Sakaev consegue realizar e4.

7 ...	f4
8.dxe6	

Sem se importar com sua ala do rei o russo liquida o centro, abrindo a posição e partindo para a luta franca.

8 ...	fxg3
9.Dd5!	

Aplicando o tema da centralização da dama.

9 ...	g2
10.Dxh5+!!	

Um lance que deve ter deixado o enxadrista chileno muito surpreso. Simplesmente as brancas permitem a coroação da segunda dama inimiga!

10 ...	g6
11.De5	Bxc3+
12.bxc3	Dh4+
13.Re2	gxh1D



Posição depois de 13...gxh1D

A jogada 13...gxf1D+, seguida de 14...0-0, daria mais condições de jogo, embora a posição seja difícil de ser sustentada.

14.Dxh8+	Re7
15.Dg7+	Rxe6

Se 15...Rd6 16.Df8+!

16.Bh3+ Dxb3?

Permite um bonito e rápido arremate. Era forçado 16...Rd6, mas depois de 17.Df8+ Rc7 18.Bf4+ o primeiro jogador tem vantagem.

17.Dg8+ Rf6
18.Bg5+! 1-0

Partida 92

MECKING, H - SMYSLOV, V
PALMA DE MALLORCA (ESPAÑA), 1970 [E54]

1.d4 Cf6
2.c4 e6
3.Cc3 Bb4
4.e3 0-0
5.Bd3 c5
6.Cf3 d5
7.0-0 dxc4

Abandonando aparentemente o centro para conseguir um jogo ágil para suas peças e evitar debilidades na estrutura dos peões centrais (um peão isolado em d5, por exemplo).

8.Bxc4 a6

Com o intuito de realizar ...b5 e desenvolver o bispo via b7, podendo entrar em variantes do Gambito da Dama Aceito.

9.a3

Uma alternativa vista com frequência na prática magistral é 9.a4, para cortar pela raiz a idéia de ...b5.

9... Ba5

Também é possível 9...cxd4, ao que segue 10.axb4 dxc3 11.Dxd8 Txd8 12.bxc3.

10.dxc5 Bxc3

A má formação de peões das brancas é compensada pela força do par de bispos em jogo aberto.

11.bxc3 Da5
12.Be2 Cbd7?!

Permite ao grande mestre Mecking debilitar os peões do ex-campeão mundial. Seria melhor 12...Cc6 e recuperar o peão com a dama.

13.c6! bxc6

Agora as estruturas de peões estão iguais e restou ao branco o par de bispos!

14.c4 c5
15.Bd2 Dc7
16.Da4 a5
17.Tfd1

A vantagem branca é nítida.

17... Bb7
18.Bc3 Bc6
19.Dc2 Ce4
20.Bb2

É imprescindível conservar o par de bispos.

20... Tab8
21.Cd2 Cxd2
22.Dxd2 Tb3
23.Bc3 a4
24.Bd3 Ce5
25.Bc2 Cg4?!

Melhor teria sido 25...Tbb8.

26.f4!

Defende a ameaça direta e prepara a invasão do território adversário com Be5.

26... Tb7
27.h3 Cf6
28.Be5



Posição após 28.Be5

Com a força do par de bispos, Mecking domina o tabuleiro.

28 ... Dc8
29.Dc3

O branco continua pressionando.

29 ... Ce8

30.Da5 f6?

Ofereceria mais resistência *30...Bd7*.

31.Td8 Dxd8
32.Dxd8 fxe5
33.fxe5

A diferença de material logo será sentida pelas pretas.

33 ... Tbf7
34.Db6 Ba8
35.Bxa4 Be4
36.Bc6 Bd3
37.Dxc5 Cc7
38.Td1 1-0

Esta partida, que é tida como modelo na condução do par de bispos, consta do Informador nº 10 e foi jogada no Torneio Interzonal de 1970.

Ataque Índio do Rei



Posição característica

Histórico

Sistema favorito dos enxadristas húngaros, o Ataque Índio do Rei surgiu após o movimento hipermodernista da década de 20 do século passado, estando fortemente ligado aos princípios dessa escola. Sua idéia básica é jogar uma Defesa Índia do Rei com as peças brancas, o que teoricamente implica no ganho de um tempo.

Também é muito eficaz para evitar linhas preparadas, ou muito estudadas, em defesas tradicionais como Siciliana, Francesa, Caro-Kann, Alekhine e outras. Pode ser jogado fundamentalmente de duas formas:

- Começando com *1.Cf3, g3, Bg2* (como se fosse uma Abertura Réti) e continuando posteriormente com *d3, e4 e Cbd2*. Em resumo: desenvolve-se primeiro a ala do rei para depois atuar no centro.

- Iniciando a partida com *1.e4* e, independentemente da resposta das pretas, seguir com *2.d3* e continuar com o plano *Cf3, g3, Bg2, 0-0 e Cbd2*. Ou seja, ocupando o centro inicialmente e partindo depois para o desenvolvimento da ala do rei.

Os mestres internacionais Cícero Braga e Eduardo Limp são os maiores

especialistas brasileiros no Ataque Índio do Rei.

Especialista: Dvoretzky

Um pouco de sua história

Mark Israelovich Dvoretzky, nascido em Moscou no ano de 1948, é considerado o melhor treinador de xadrez da atualidade, sendo também o mais bem sucedido.

Sua carreira competitiva inclui a vitória no Campeonato de Moscou em 1973, quinto lugar no Campeonato Soviético de 1974 e a primeira colocação no Torneio de Hoogovens, em Wijk aan Zee 1975. Nesse mesmo ano conquistou o título de mestre internacional.

Em uma interessante entrevista concedida a Afek Yochanan, publicada no Israel Chess Magazine em 1999, ele diz que começou sua carreira de professor na época em que estudava Matemática e Economia na Universidade de Moscou, ocasião em que foi convidado para ser treinador de xadrez no Instituto do Esporte.

Segundo Dvoretzky, as qualidades necessárias a um treinador de xadrez são: certeza de que quer ajudar as pessoas a aperfeiçoarem seu jogo, e não considerar seu trabalho apenas como uma fonte de renda; vasta cultura na área do xadrez; facilidade para relacionar-se com as pessoas; finalmente, um senso agudo de observação.

Falando sobre sua filosofia de treinamento, ele diz que: "É realmente essencial não apenas criar um jogador forte, mas também uma pessoa honesta, com valores e caráter, que desenvolverá suas qualidades para dar o melhor de si".

Seus escritores preferidos, bem como suas respectivas obras, são:

Nimzowitsch (Meu sistema e Prática de meu sistema), Bronstein (Xadrez de torneio), Shereshevsky (Estratégia de finais), Vukovic (A arte do ataque), Kotov (Pense como um grande mestre), Nunn (Segredos do jogo prático), Tisdall (Melhore seu jogo agora), Hort e Jansa (Seu melhor movimento), Kasparov (O teste do tempo). Cita, também, como muito bons: Timman, Fischer, Larsen e, curiosamente, ele próprio, com seus diversos *bestsellers*...

Um de seus principais pupilos, desde os tempos de juvenil, é Artur Yusupov, que no final da década de 1980 chegou a ocupar a terceira posição no ranking da FIDE, atrás apenas de Kasparov e Karpov. Posteriormente, Yusupov, que ele considera seu melhor amigo e uma pessoa extraordinária, tornou-se co-autor da maioria dos seus livros.

Jogadores da elite, como Kasparov, Anand, Topalov, Bareev e Yusupov, para citar apenas alguns, em determinados momentos de suas carreiras tiveram o apoio de Dvoretzky.

De certa forma, a escola de Mark representa hoje um novo Palácio dos Pioneiros, fundado e mantido na época pelo ex-campeão mundial Mikhail Botvinnik, e que teve importância fundamental no enorme desenvolvimento do xadrez russo.

Em sua já extensa bibliografia, Dvoretzky descreve o método de treinamento utilizado em sua escola. Alguns de seus mais importantes títulos são:

- *Training for the Tournament Player* (com Artur Yusupov);
- *Technique for the Tournament Player* (com Yusupov);
- *Positional Play* (com Yusupov);
- *Opening Preparation* (com Yusupov);
- *Attack and Defence: How Creative Thought Develops in a Chess Player* (com Yusupov);
- *Secrets of Chess Tactics*;
- *Secrets of Chess Training* (com Garry Kasparov);

- *Endgame Analysis: School of Chess Excellence 1*;

- *Tactical Play: School of Chess Excellence 2*.

Em espanhol, podemos encontrar as obras *Training for the Tournament Player* e *Opening Preparation*, com o título de “*Entrenamiento de Elite*”.

Variantes

Não há como descrevermos as variantes principais, já que para qualquer defesa das pretas, as brancas continuam com seu desenvolvimento normal e entram no Ataque Índio do Rei.

Ainda assim, a título de ilustração, vamos citar aqui duas seqüências:

- **Variante Francesa** – Surge quando o segundo jogador realiza *1...e6* e *2...d5*. Recebe esse nome porque as primeiras jogadas das pretas são características da Defesa Francesa. Por exemplo: *1.e4 e6 2.d3 d5 3.Cd2 c5 4.Cfg3 Cc6 5.g3* etc, entrando no Ataque Índio do Rei.

- **Variante Siciliana** – Em resposta a *1.e4*, as negras jogam *...c5*, como na Defesa Siciliana, podendo entrar, entre outras, nas seguintes linhas: *1.e4 c5 2.Cf3 e6 3.d3* (para *2...Cc6 3.d3* ou então *2...d6 3.d3*).

Branças

Pretendem sustentar o centro e atacar na ala do rei, o que será explicado com mais detalhes nos comentários das partidas selecionadas. A ala da dama geralmente é dominada pelo adversário, cabendo ao jogador das brancas evitar as rupturas mais importantes.

Como já foi dito anteriormente, esse método de desenvolvimento tem a vantagem de evitar linhas muito estudadas, especialmente da Siciliana e da Francesa, o que força o segundo jogador a trabalhar na formação de um plano diferente para a posição, o que constitui um fator psicológico relevante.

Pretas

Se optam por uma Defesa Francesa (1.e4 e6) e se deparam com 2.d3, devem continuar normalmente com 2...d5, atacando o centro e forçando em algum momento o avanço do peão adversário a e5. A partir daí, pressionam o flanco dama (já que o centro está fechado), com ...c5, ...Cc6, ...b5 etc. É comum surgirem posições agudas, típicas dos ataques em flancos opostos.

Se a intenção foi jogar uma Siciliana (1.e4 c5) e enfrentam 2.d3, o sistema recomendado pelos teóricos baseia-se em jogar agora 2...d6, com o plano de ...e5 e fianquetar o bispo do rei. Caso tenham realizado 1.e4 c5 2.Cf3 e6 3.d3, aconselha-se o seguinte método defensivo: ...d5, ...Cc6, ...Cge7, ...g6, ...Bg7 e ...0-0, com o posterior avanço dos peões da ala da dama, através de ...Tb8 e ...b5.

Partida 93
DVORETSKY, M - UBILAVA, E
TBILISSI (GEÓRGIA), 1979 [C00]

1.e4 e6
 2.d3 d5
 3.Cd2

Necessário para evitar a troca das damas.

3 ... g6
 4.Cgf3 Bg7
 5.g3 c5
 6.Bg2 Cc6
 7.0-0

Esta é a formação que se convencionou chamar Ataque Índio do Rei.

7 ... Cge7

É inferior 7...Cf6 em razão de 8.exd5 Cxd5 (para 8...exd5 segue 9.Te1+) 9.Cb3 b6 10.c4 Cc7 11.d4.

8.Te1 0-0?!

O roque pequeno é estrategicamente mau nesse momento, devido ao forte ataque que as brancas promovem nessa ala.

9.e5!

Iniciando o plano padrão de ataque: Cf1, h4, Ch2-g4 etc.

9 ... Dc7
 10.De2 a5
 11.h4 h6
 12.Cf1

Outra opção é 12.a4!?, seguido de c3 e Cf1.

12 ... a4
 13.a3

Necessário para impedir ...a3 do adversário, que debilita a estrutura de peões.

13 ... b5

Mais interessante é 13...Cd4.

14.C1h2 b4
 15.Bf4

As brancas continuam firmes em seu propósito de atacar na ala do rei.

15 ... Rh7
 16.Cg4 Cg8
 17.c4!

Paralisando as contra-chances no centro. É prematuro 17.h5 por 17...g5, num momento em que não é válido o sacrifício em g5.

17 ... bxc3 e.p.
 18.bxc3 Ba6
 19.c4! dxc4
 20.dxc4

Agora 21.h5 é inevitável e muito forte, porque a dama entra de maneira decisiva no ataque.

20 ... **Tab8**
 21.h5!

Não é bom 21.Cf6+? por 21...Rh8
 22.h5 g5.

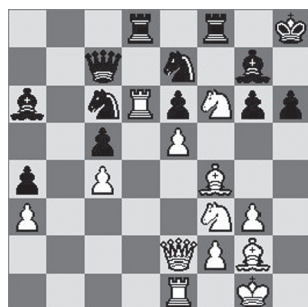
21 ... **Rh8**

Para 21...g5, o contundente 22.Bxg5!
 é suficiente.

22.hxg6 **fxg6**
 23.Cf6 **Cge7**

Outra alternativa é 23...Cd4.

24.Tad1 **Tbd8**
 25.Td6!



Posição depois de 25. Td6!

Invadindo a posição.

25 ... **Bb7**
 26.Txe6 **Cd4**

Enfim a vantagem posicional traduz-se em ganho material. Se 26...Cf5 27.Cd5 Df7 28.Txc6 Bxc6 29.e6.

27.Cxd4 **cxd4**
 28.Dd3

Além de bloquear o peão passado, a dama mira para a enfraquecida ala do rei do adversário.

28 ... **Bxg2**
 29.Rxg2 **Tf7**
 30.Th1 **Cf5**

31.g4 **Db7+**
 32.Rg1 **Ce3**

Um último suspiro...

33.Bxe3 **Df3**
 34.Dxg6 **Dxf6**

Seria mais sensato o abandono!

35.Txh6+ **1-0**

Partida 94

SAVON, V - UHLMANN, W
 SKOPJE (MACEDÔNIA), 1968 [A08]

1.e4 e6
 2.d3 d5
 3.Cd2 Cf6
 4.Cgf3 c5
 5.g3 Cc6
 6.Bg2 Be7
 7.O-O 0-0
 8.Te1 b5

É necessário assumir a iniciativa na ala da dama, já que o adversário brevemente atacará na ala do rei.

Bastante jogado também é 7...Dc7, para pressionar o peão branco que vai se instalar em e5.

9.e5

Com esse lance o branco praticamente sela seu destino: expulsa o cavalo de f6, um dos principais sustentáculos do roque, para atacar diretamente o rei.

9 ... **Cd7**
 10.Cf1 **a5**

Não perdendo tempo e apostando em um ataque nessa ala, estratégia correta em posições dessa natureza.

11.h4 **b4**
 12.Bf4 **Ba6**
 13.Ce3 **a4**
 14.c4

Também é comum combater a estrutura das pretas com 14.a3.

14 ... **bxc3 e.p.**
15.**bxc3** **d4!**

Uhlmann age com energia e abre o centro, não dando ao primeiro jogador tempo de iniciar seu ataque no flanco rei.

16.**cxd4** **cxd4**
17.**Cc4**

As brancas mudam o rumo do plano original, já que normalmente esse cavalo é necessário para colaborar no ataque à ala do rei.

17 ... **Cc5**
18.**Cg5** **Cb4!**



Posição após 18...Cb4!

Explorando a fraqueza do peão de d3. O domínio da diagonal a8-h1 é compensação mais do que suficiente pela perda da qualidade.

19.**Bxa8** **Dxa8**
20.**Dh5**

Ofensiva que está fadada ao fracasso, pois faltam peças para o ataque...

20 ... **Bxg5**
21.**Bxg5** **Cbx3**

E a posição desmorona.

22.**Bf6**

Não há muito o que fazer. O branco ainda tenta um blefe...

22 ... **gxf6**
23.**exf6** **Rh8**
24.**Cd6** **Cf4!**

Para abrir a coluna g após a tomada em f4.

25.**Cxf7+**

Desespero, as brancas já poderiam abandonar.

25 ... **Txf7**
26.**gxf4** **Txf6**
27.**De5** **Cd7**
28.**Dxd4** **Dg8+**
29.**Rh2** **Dg4**
30.**Te3** **e5! 0-1**

Partida 95
LIMP,E - MIRANDA,M
GARANHUNS, 1986 [A08]

Esta partida foi disputada na final do Campeonato Brasileiro de 1986.

1.**e4** **c5**
2.**Cf3** **e6**
3.**d3**

Iniciando a formação típica do Ataque Índio do Rei.

3 ... **Cc6**
4.**g3** **d5**
5.**Cbd2** **g6**
6.**Bg2** **Bg7**
7.**0-0** **Cge7**
8.**Te1** **0-0**
9.**e5**

Não dando chance ao adversário de trocar os peões e abrir o centro. Ao jogar 9.e5, o mestre internacional Eduardo Limp define sua estratégia de atacar no flanco do rei.

9 ... **Dc7**

O peão avançado em e5 é tema de constante assédio, mas as brancas têm peças para defendê-lo adequadamente.

10.De2 **b6**

Mais incisivo é *10...b5*.

11.Cf1

Seguindo o plano *standard* dessa abertura...

11 ... **a5**
12.h4 **Ba6**
13.c3!

Lance de espera: se o ex-campeão brasileiro Márcio Miranda jogar *...c4*, a resposta é *d4* e se fizer *...d4*, a contestação é *c4*. O que as brancas visam, naturalmente, é fechar o centro.

13 .. **a4**
14.Bf4 **Tad8?!**

Parece mais lógico *14...Tfd8*, deixando a outra torre reservada para a ocupação da coluna *b*, que em breve estará aberta. Digno de análise é *14...a3!?*

15.C1h2 **d4**
16.c4

Seguindo os ensinamentos de Steinitz: para poder atacar nas alas, é fundamental manter o centro fechado!

16 ... **b5**
17.b3 **bxc4**
18.bxc4 **Tb8**
19.Cg4 **a3**
20.Cf6+ **Rh8**
21.Cg5 **h6**
22.Dg4!

Como não se pode tomar o cavalo, o branco aproveita para levar a dama ao ataque. Limp segue à risca os fundamentos da abertura escolhida!



Posição depois de 22.Dg4!

22 ... **Cb4**
23.Ted1 **Cc2?!**

Lance inócuo que só vem a melhorar as peças do primeiro jogador.

24.Tac1 **Cb4**

Se *24...Tb2* então *25.Cxf7+! Txf7 26.Dxe6*.

25.Td2 **Bb7**
26.h5 **Bxg2**
27.Rxg2 **Dc6+**
28.f3 **Cf5**
29.hxg6 **fxg6**
30.Cge4 **Bxf6**

Para *30...g5 31.Bxg5!*

31.Cxf6 **Txf6?**

Embora a situação seja difícil, ofereceria mais resistência *31...Rg7*.

32.exf6 **e5**
33.Dxg6 **exf4**
34.Th1 **Dd7**
35.f7 **Dd6**
36.Txh6+ **1-0**

Limp

O mestre internacional Eduardo Thélío da Silva Limp, nascido no Rio de Janeiro em 12 de abril de 1955, já venceu os campeonatos paulista (em quatro edições), carioca e goiano.

Por várias vezes foi finalista do Campeonato Brasileiro, sagrando-se vice-campeão no ano de 2000.

Possui uma natureza extremamente calma, fato que se reflete em seu estilo de jogo, de cunho acentuadamente posicional.

Costuma usar linhas que não estão muito na moda, especialmente as adotadas pelos mestres clássicos.

Sua força reside fundamentalmente no amplo conhecimento dos finais de partida, fase que domina como poucos no Brasil.

Abertura Réti



1. Cf3 d5 2. c4

Histórico

O movimento inicial *1. Cf3* por si só não quer dizer nada, pois a partir dele pode-se transpor para quase todas as aberturas. A idéia do grande mestre tchecoslovaco Richard Réti, no entanto, é seguir com *2. c4* e fianquetar os dois bispos, contra qualquer resposta das pretas. A linha que foi popularizada como Abertura Réti é: *1. Cf3 d5 2. c4*.

A primeira vez que esse sistema foi visto na prática, oficialmente, foi em 1923, na partida entre A. E. Wolf e Teich, no Landstrasse Schachbund. Um mês depois, Réti jogou-a contra Grünfeld em Margate, Inglaterra. Embora seja mais conhecida por Abertura Réti, ou Sistema Réti, alguns a chamam de Abertura Landstrasse, Abertura Zukertort, ou Zukertort-Réti.

O pensamento de Réti, Nimzowitsch e Gyula Breyer, os pais da Escola Hipermoderna, é que nas primeiras jogadas não se deve avançar os peões centrais, para que eles não se tornem alvos de ataques; que o controle do centro deve ser feito à distância, especialmente por meio do fianquete dos bispos; que não é preciso estar *dentro do centro*, colocar, necessariamente, os peões nos quadros centrais, para dominá-lo, bastando – e

sendo mais efetivo – o domínio à distância. Não é preciso dizer que a abertura que Réti desenvolveu caiu como uma luva nesses princípios!

Em seu excelente livro *Os grandes mestres do tabuleiro*, no capítulo intitulado “Meu sistema de abertura”, Richard Réti discorre das vantagens de se jogar *1. Cf3*, afirmando: “A jogada natural nesse sistema é *1. Cf3*, pois pressiona o centro ao evitar *1...e5* e conserva abertas todas as possibilidades ao primeiro jogador. A obstrução que esse lance faz ao peão do bispo do rei branco é de pouca importância, porque esse peão só deve ser lançado a um conflito no centro raramente e com grandes precauções, devido à debilidade que isso causa na posição do rei”.

Especialista: Réti

Um pouco de sua história

Richard Réti nasceu em 28 de maio de 1889, na cidade austro-húngara de Bazin, incorporada posteriormente à Tchecoslováquia com o nome de Pezinok. Seus pais eram judeus húngaros com boa condição financeira.

Muito cedo demonstrou excepcional inteligência e grande interesse pelo estudo, tanto que aos quinze anos de idade, ao terminar o curso secundário, possuía extensa cultura, com bons conhecimentos sobre música, pintura e literatura, além de falar vários idiomas.

Começa, então, a estudar matemática e física em Viena... e também a frequentar os cafés onde se jogava xadrez! Em 1908 faz amizade com Breyer, com quem conversa longamente sobre a teoria enxadrística, surgindo daí as novas idéias que deram origem à “escola hipermoderna”.

Em 1921 publica, ainda na capital da

Áustria, o livro *Novas idéias em xadrez*, no qual expõe os princípios do sistema que posteriormente receberia seu nome. Nem é preciso dizer que a obra despertou grande controvérsia.

De 1918 até sua morte (ocorrida no dia 6 de junho de 1929, na cidade de Praga), jogou 25 grandes torneios, ganhando diversas primeiros prêmios, em muitas ocasiões à frente de Lasker, Rubinstein, Schlechter, Bogoljubov e outros grandes jogadores.

Esteve em São Paulo no ano de 1925, a convite do Clube de Xadrez São Paulo e Automóvel Clube, ficando quase um mês no Brasil ministrando cursos, palestras e simultâneas, ocasião em que bateu (na época) o recorde mundial de partidas simultâneas às cegas, enfrentando 29 adversários.

Quando foi vitimado, aos quarenta anos de idade, por uma doença infecciosa aguda conhecida por *escarlatina*, estava terminando de escrever o livro que se tornou um clássico da literatura enxadrística: *Os grandes mestres do tabuleiro*.

Variantes

Após **1.Cf3 d5 2.c4**, as principais variações são:

- **2...dxc4** – Essa variante que tem o nome de Gambito Réti Aceito, visa evitar complicações e preparar a construção de um forte centro, mediante ...c5 e ...e5. Após a tomada, o branco poderá recuperar o peão com *3.Da4+*, *3.e3* ou ainda através de *3.Ca3* (continuação de Réti, fiel aos princípios hipermodernos).

- **2...d4** – Com o propósito de desarmonizar o desenvolvimento branco. É um lance muito forte e por isso mesmo o mais estudado e praticado em nossos dias. A resposta que traz menos complicações para o branco é *3.e3*, ao passo que *3.b4*, característica da Escola Hipermoderna, leva a posições mais agudas.

- **2...c6** – Jogada lógica e efetiva,

com o intuito de manter um peão no centro. As negras devem jogar com energia para não cair numa posição passiva, ficando em inferioridade. O primeiro jogador pode responder *3.b3*, ou *3.g3* (fianquetando o bispo da dama ou o do rei), ou então *3.d4*, entrando na Defesa Eslava por transposição

- **2...e6** – Continuação sólida, porém de cunho mais passivo e menos promissor que *2...c6*. É uma linha mais para transposição, na qual as pretas podem realizar um desenvolvimento semelhante ao da Defesa Ortodoxa.

Branças

As brancas não ocupam o centro com os peões nas primeiras jogadas, e sim procuram vigiá-lo com as peças menores, em especial os dois bispos fianquetados. No momento oportuno, dependendo da direção que o negro der ao seu jogo, atacam as casas centrais.

Como muitas vezes são necessárias demoradas manobras, a Abertura Réti é mais indicada para jogadores de estilo posicional. Ter em mente, também, que ela guarda uma certa semelhança com a Abertura Inglesa.

Pretas

De um modo geral, pode-se dizer que, se as negras dominam o centro com seus peões, obtêm jogo superior, caso contrário, as brancas assumem a iniciativa e acabam conseguindo superioridade.

Dentro dessa idéia, uma das melhores respostas para o segundo jogador foi posta em prática contra o próprio Réti, em 1924. Na ocasião, o ex-campeão mundial Emanuel Lasker bateu-o com um plano muito interessante, através da seguinte ordem de jogadas: *1.Cf3 d5 2.c4 c6 3.b3 Bf5!* (o Sistema Lasker, que situa o bispo em uma casa ativa e forma uma sólida cunha com seus peões no centro, o que permite às negras terminar de forma efetiva a mobilização de suas forças).

Partida 96
RÉTI,R - CAPABLANCA,J
NOVA IORQUE (EUA), 1924 [A15]

Esta partida, em que José Raul Capablanca, campeão mundial na época, perdeu a invencibilidade de quase uma década, causou sensação e despertou o interesse da comunidade enxadrística para o Sistema Réti.

1.Cf3 **Cf6**
2.c4 **g6**

Capablanca enfrenta as idéias inovadoras do adversário também fianquetando seu bispo, com um misto da Defesa Índia do Rei com a Índia da Dama.

3.b4

Lance de Nimzowitsch, que busca ganhar espaço na ala da dama, mas que deixa esse flanco pouco sólido. Mais seguro seria o plano natural *b3* e *Bb2*, seguido de *g3* e *Bg2*.

3 ... **Bg7**

É preferível *3...a5!* *4.b5 d6*.

4.Bb2 **0–0**
5.g3 **b6**
6.Bg2 **Bb7**
7.0–0

Réti cumpre seu plano típico de abertura, com exceção do movimento *3.b4* (ele sempre jogava *3.b3*).

7 ... **d6**
8.d3 **Cbd7**
9.Cbd2 **e5**
10.Dc2 **Te8**
11.Tfd1!

O primeiro lance sutil, já demonstrando a intenção de fazer operações com a dama na diagonal *a1-h8*.

11 ... **a5**

Para *11...e4*, conforme faz prever o lance anterior, a continuação *12.dxe4 Cxe4 13.Bxg7 Rxg7 14.Cd4 Cdf6 15.Db2!* deixa as brancas em vantagem por causa da poderosa colocação da dama.

12.a3 **h6**
13.Cf1 **c5!**

Uma jogada ousada, mas bem calculada!

14.b5!

Se *14.bxa5 Txa5 15.Cxe5 Bxg2 16.Cxd7 Bc6! 17.Cxf6+ Bxf6 18.Bxf6 Dxf6*, o jogo negro tem muito mais perspectivas, apesar do peão de menos: seu bispo é muito superior ao cavalo e o roque branco está debilitado. A próxima jogada das pretas poderia ser *...h5!*, com idéia de *...h4*.

14 ... **Cf8**
15.e3!

O início de uma manobra para a abertura da coluna da dama e da diagonal *a1-h8*.

15 ... **Dc7**
16.d4 **Be4!**

Manobra característica. Quando o cavalo de *f3* for jogar, o bispo será trocado, enfraquecendo as casas brancas.

17.Dc3?!

Mais prudente é *17.Dc1*, para não deixar a dama sob o raio de ação do bispo de *g7*.

17 ... **exd4**
18.exd4 **C6d7?**

Prematuro. Correto seria *18...Ce6!*

19.Dd2!

Com criatividade, Réti sacrifica seu peão de *c4*. Como compensação, tem

agora sua dama descravada e perspectivas de ataque na ala do rei.

19 ... cxd4?!

Melhor teria sido passar a uma passiva, porém sólida defesa, por meio de *19...Tad8*. O lance do texto deixa uma séria debilidade em *b6* e abre caminho às brancas para o importante posto avançado em *c6*.

20.Bxd4 Dxc4
21.Bxg7 Rxc7
22.Db2+



Posição após 22.Db2+

A dama exercerá grande pressão na diagonal *a1-h8*.

22 ... Rg8
23.Txd6

Recuperando o peão com posição superior.

23 ... Dc5
24.Tad1 Ta7
25.Ce3!

Rumando a *f6*, via *g4*.

25 ... Dh5
26.Cd4!

Mais efetivo que *26.T1d5*, a que segue *26...Bxd5 27.g4 Bxf3 28.gxh5 Bxg2* e as negras poderiam exercer uma resistência tenaz.

26 ... Bxg2
27.Rxg2 De5

Relativamente melhor seria *27...Ce5*, apesar de que as brancas responderiam *28.Db3* ou *28.De2*, com possibilidades de forçar a vitória. Para *27...Txe3? 28.fxe3 Dxd1 29.Ce6!* e ganham.

28.Cc4 Dc5
29.Cc6 Tc7
30.Ce3

Ameaçando novamente *Cg4*.

30 ... Ce5
31.T1d5! 1-0

Depois de *31...Cc4 32.Txc5 Cxb2 33.Tc2 Ca4 34.Cd5* vencendo.

Partida 97
LISIZIN - SIMAGIN,V
URSS, 1955 [A07]

1.Cf3 Cf6
2.g3 d5
3.Bg2 c5
4.c4 d4

Essa posição lembra a Defesa Índia Antiga, com as cores invertidas.

5.a3

O plano padrão. Merece atenção *5.e3*.

5 ... Cbd7

Não é correto *5...Cc6*, porque após *6.b4* as negras não podem jogar *6...e5*, devido a *7.b5*.

6.b4 e5
7.bxc5 Bxc5
8.d3 0-0
9.0-0 Te8

Os planos estratégicos já estão definidos: as brancas devem atacar pelo flanco dama, onde têm uma coluna semi-

aberta; as pretas, por seu lado, tentam romper o centro com e4. A luta toma um rumo agudo.

10.Cbd2 **Tb8**
11.Cb3 **b6**
12.Cxc5

Troca desafortunada, depois da qual o segundo jogador assume a iniciativa. O bispo ocupava uma posição passiva, razão pela qual não era conveniente trocá-lo pelo ativo cavalo branco. Seria melhor jogar 12.a4, ou 12.Cfd2 Bb7 13.f3 e logo em seguida 14.a4.

12... **Cxc5**
13.Cd2 **Bg4**
14.f3 **Bd7**
15.Ce4 **Ba4**

Conseguindo impedir o importante movimento a4.

16.Cxf6+ **Dxf6**
17.De1 **Cb3**
18.Tb1 **Cxc1**

Depois da troca, no campo das brancas aparece uma persistente debilidade na casa e3. As negras também poderiam ter jogado 17... Dd6, preparando o avanço ...f5.

19.Dxc1 **Bc6**
20.Dd2 **Dd6**
21.Tb3 **Tbc8**
22.Ta1 **f5**
23.a4 **e4**
24.dxe4?

Erro decisivo, que põe em movimento o centro das negras. Após 24.a5 exd3 25.exd3 Te3 26.axb6 axb6 27.Txb6 f4, ou 27...De7, as negras conseguem um perigoso ataque, mas as brancas podem defender-se.

24... **fxe4**
25.a5 **d3!**

Possível, devido à ameaça 26.Dd4+.



Posição depois de 25...d3!

26.e3 **exf3**
27.Bf1

As pretas não podem jogar 27.Txd3 por causa de 27...De5! ganhando uma peça.

27... **Be4**
28.axb6 **axb6**
29.Td1 **Tcd8**
30.Bxd3 **Dg6**
31.c5 **f2+!**

Esse golpe acaba com a resistência inimiga.

32.Rf1

Se 32.Rxf2 Df7+.

32... **De6**
33.Dc2 **Dh3+**
34.Re2 **Dg2**
35.Tf1 **Bf3+**
36.Rd2 **Dxf1**

Completamente perdidas, as brancas ultrapassam o tempo regulamentar.

Partida 98
MOENNICH, M - MUJICA, A
CORRESPONDÊNCIA 1969/70 [A07]

Esta partida foi jogada na 1ª Olimpíada Pan-americana, entre o brasileiro Marcos Moennich e o chileno Ascui Mujica.

1.Cf3 **d5**
2.g3 **Cf6**

3.Bg2 **Bf5**
4.c4

Para poder jogar *Db3*, explorando a ausência do bispo de casas brancas na ala da dama.

4 ... **e6**

As opções são *4...c6* ou *4...dxc4*.

5.Db3

A dama pressiona o ponto *b7*, que está sem a proteção natural do bispo.

5 ... **Dc8**

Avançar o peão a *b6* não seria prudente, porque deixaria a diagonal *a8-h1* débil e igualmente fraco todo o conjunto de casas brancas na ala da dama.

6.cxd5 **exd5**
7.d3 **c6**
8.e4!

Com o peão ofertado, o branco pretende começar seu ataque contra o rei adversário.

8 ... **dxe4**
9.Cg5 **Bg6**
10.0-0!

Jogada ousada, mantendo as perspectivas de ataque.

10 ... **exd3?!**

Continuar o desenvolvimento, mediante *10...Be7*, seguido de *11...0-0*, é o plano correto.

11.Bh3 **Cbd7**
12.Te1+ **Be7**
13.Bf4

As peças brancas tomam conta do tabuleiro, deixando completamente resringido o jogo das pretas.

13 ... **Rf8**

Forçado. A ameaça era *14.Bd6*.

14.Cc3 **b6**

Se *14...Cc5*, a resposta é *15.Bxc8* (trocando as damas e entrando com a torre na sétima fileira), ou simplesmente *15.Dc4!*

15.Txe7

Devido à falta de mobilidade e concatenação das peças negras, o primeiro jogador faz um sacrifício de qualidade, expondo o rei adversário e colocando em jogo sua única peça que ainda não participava da luta: a torre de *a1!*

15 ... **Rxe7**
16.Te1+

Atacando com força máxima.

16 ... **Rf8**
17.Bf5! **d2**
18.Bd6+! **Rg8**
19.Bxg6!!



Posição após 19.Bxg6!!

19 ... **dxe1D+**
20.Rg2 **De6**
21.Dxe6 **fxe6**
22.Bf7++

Uma vistosa partida de Marcos Moennich!

Abertura Catalã



1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.g3

Histórico

A Catalã é uma mescla de escolas bem distintas, uma vez que reúne traços da linha clássica (movimentos 1.d4 e 2.c4), com o fianqueto do bispo na ala do rei, próprio da Escola Hipermoderna.

Foi praticada pela primeira vez em 1929, no Torneio de Barcelona, capital da Catalunha (Espanha), por Tartakower, que era famoso por sua originalidade no tocante às aberturas. Na ocasião, ele jogou 1.d4, seguido de g3 e só posteriormente c4.

Tendo um caráter bastante elástico, bem ao gosto do xadrez moderno, a Abertura Catalã pode passar com facilidade para posições características de outras aberturas, como: Réti, Inglesa, Gambito da Dama Aceito, Eslava etc.

Foi empregada por fortes jogadores do passado, como Alekhine, Botvinnik, Keres, Petrosian e Polugaievsky. Em data mais recente, Kortchnoi, Portisch, Larsen e Beliavsky, entre outros.

No Brasil, seus maiores expoentes são o grande mestre Jaime Sunye Neto e o MF Carlos Alberto Segal.

Especialista: Beliavsky

Um pouco de sua história

Alexander Genrikhovich Beliavsky nasceu em 17/12/1953 na Ucrânia. Sua vida enxadrística é uma longa lista de títulos, iniciada em 1973, com a conquista do Campeonato Mundial Juvenil. No ano de 1974, na cidade de Leningrado, disputa o Campeonato Soviético, dividindo o primeiro lugar com Mikhail Tal. O título de grande mestre vem em 1975.

Passa, então, por um período irregular de quase quatro anos, após o qual volta a ter boas atuações nos torneios.

Para citar apenas alguns, obteve a primeira colocação em: Kiev 1978; Bucarest 1980 (com três pontos sobre o segundo); Campeonato URSS 80-81 (junto com Psakhis); Tilburg 1981 (à frente de Timman e Kasparov); Wijk aan Zee 1984 (nesse forte torneio dividiu o título com Kortchnoi); Amsterdã, 1989 e 90; Campeonato URSS 1990, quando compartilhou o primeiro lugar com Bareev.

Tem usado a Abertura Catalã com alguma frequência, inclusive acrescentando à mesma diversas novidades teóricas.

Variantes

A Abertura Catalã pode caminhar para três tipos de posições, de acordo com o tratamento que o segundo jogador lhe der:

- *Abertas*: aquelas em que em algum momento tomam em c4.
- *Fechadas*: quando mantêm o peão em d5.
- *Índias*: no 3º lance jogam ...Bb4+ ou ...c5.

Depois de 1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.g3, as duas variantes principais são:

- 3...d5 4.Bg2 dxc4 – É a variante crítica, na qual as brancas procuram valorizar ao máximo o domínio da diagonal a8-h1, bem como a rápida mobilização de

suas peças, deixando para mais tarde a recuperação do peão sacrificado.

O segundo jogador buscará agredir o centro branco por meio de ...c5, desenvolver o mais rápido possível suas forças, além de tentar manter o peão a mais, ou então devolvê-lo mediante alguma compensação, política comum quando se aceita um gambito.

• **3...Bb4+** – Sistema semelhante à Defesa Bogoíndia (1.d4 Cf6 2.c4 e6 3.Cf3 Bb4+), onde as negras planejam trocar seu bispo, que representaria um papel passivo em e7 durante um longo período. Posteriormente, colocarão seus peões nas casas pretas, para suprir a fraqueza desses quadros.

Branças

Através do fianqueto de seu bispo do rei, pretendem pressionar as casas centrais à distância, dificultando o desenvolvimento do adversário na ala da dama, que por si só já é um grande problema para as negras em jogos fechados.

Além de vigiar o centro, devem buscar também o controle físico do mesmo, com a instalação de seus peões nesses quadros. Por exemplo com e4, quando obtêm grande vantagem de espaço.

Se as negras tomarem em c4, o que acontece com frequência (primeira variante estudada), deve-se agilizar o desenvolvimento das peças e dominar a coluna c, que estará semi-aberta.

Um dos fatores essenciais para que as brancas assumam a iniciativa da luta é dificultar, na medida do possível, a liberação do jogo negro.

Pretas

Em grande número de partidas, vemos o jogador de pretas aceitar o gambito, através da tomada em c4, com a pretensão de ficar com o peão a mais, ou negociar sua devolução em um momento que lhe seja vantajoso.

O lance ...c5 é muito utilizado e é atra-

vés dele que se consegue quebrar o centro do rival. Outra estratégia interessante é formar uma barreira contra o forte bispo branco, com os peões em c6, d5 e e6.

Partida 99

BELIAVSKY, A - GIPSLIS, A
PARNU (ESTÔNIA), 1997 [E00]

1.d4	Cf6
2.c4	e6
3.g3	Bb4+

Com a idéia de trocar o bispo que geralmente fica passivo em e7.

4.Bd2

Pode-se também responder 4.Cd2 para reter o par de bispos.

4 ...	De7
--------------	------------

Outros caminhos eram: 4...Bxd2+, 4...Be7 e 4...a5.

5.Bg2	Cc6
6.e3	e5

Também se costuma jogar 6...Bxd2+, seguido de ...0-0, ...d6 e só então ...e5.

7.d5	Bxd2+
8.Dxd2	

A tomada é feita com a dama, reservando o salto do cavalo a c3, uma casa mais ativa.

8 ...	Cb8
9.Cc3	d6
10.Cge2	

Uma novidade de Beliavsky. Conhecidos eram 10.e4 e 10.h3.

10 ...	0-0
11.h3!	

Deixando em aberto a possibilidade de jogar g4, Cg3 e 0-0-0.

11 ... Ce8?!

Um plano mais ativo é *11...c5 12.g4 Ca6* e posteriormente *...Cc7* e *...a6*, com bom desenvolvimento de peças e inviabilizando o roque grande, que seria atacado rapidamente através de *...b5*.

12.f4 exf4?!

Para *12...f5 13.e4! fxe4 14.0-0! exf4 15.Cxf4 e3 16.Dd4*, seguido de *Tae1*, com vantagem. O melhor ainda seria *12...c5*.

13.exf4 a5

Já não é bom *13...c5*, por *14.dxc6 e.p. bxc6 15.0-0 f5 16.Cd4* e o branco tem melhor jogo.

14.0-0!

Quando tudo indicava que as brancas optariam pelo roque grande, Beliavsky surpreende e roca pequeno.

**14 ... Ca6
15.Cd4 Dd8
16.Tae1 Cf6
17.g4!**

Com suas peças bem mais ativas, o primeiro jogador inicia um assalto ao roque adversário, ainda que à custa do debilitamento de seu rei. Esse fato, no momento, não tem tanta importância, uma vez que o exército negro está muito afastado para tentar um contra-ataque.

**17 ... Te8
18.g5 Cd7
19.h4**

Com o centro em seu poder e boa mobilidade dos peões no flanco do rei, o ataque branco tem todas as chances de sair vitorioso.

19 ... Cf8

20.f5 Cd7

Carentes de um plano ativo e com suas peças mal posicionadas, as negras estão sem qualquer reação. Se *20...Bd7 21.Ce4 Cc5 22.Cg3*, com a idéia de *Ch5* e *Dc3*, pressionando o ponto *g7*.

21.f6 Ce5

Não serve *21...g6* por *22.Ce6!*

**22.fxg7 Cc5
23.Ce4 Cxe4
24.Bxe4 Rxc7
25.Tf6!**

A superioridade do grande mestre ucraniano (radicado atualmente na Eslovênia) é visível e as pretas não tardarão a abandonar.

25 ... Bg4

Se *25...Cg4 26.Tf4* e depois *Tef1* ou *25...Cxc4 26.Dc3 Ce5 27.Th6 Th8 28.Cf3 De7 29.Bc2* e ganham.

**26.Tef1 Bh3
27.T1f4 Rg8
28.Dc3 Bd7
29.Th6 Cg6
30.Bxc6 fxg6
31.Txh7!**



Posição depois de 31.Txh7!

As pretas abandonam, uma vez que se *31...Rxh7 32.Tf7+ Rg8 33.Ce6*, com mate inevitável.

Partida 100
RAVINSKY,G - SMYSLOV,V
Moscú (Rússia), 1944 [E02]

1.d4	Cf6
2.c4	e6
3.g3	d5
4.Bg2	dxç4

O sistema mais usual de se combater a Catalã. Enquanto as brancas vão recuperar o peão, as negras mobilizam sua ala da dama. Outra opção é continuar o desenvolvimento natural das peças, com ...Be7, ...0-0 e ...Cbd7, mantendo o peão em d5 e jogando em seguida ...c6, ...b6 e ...Bb7, fortalecendo o centro e limitando a ação do bispo de g2 adversário.

5.Da4+

Recuperando imediatamente o peão e dificultando o desenvolvimento natural das pretas ala da dama.

5 ...	Bd7
--------------	------------

Para levar o bispo em seguida a c6 e assim diminuir a pressão do bispo contrário na grande diagonal a8-h1. Outra alternativa é 5...Cbd7, com a intenção de fazer ...a6 e ...b5, seguido de ...Bb7 e ...c5, com bom jogo, graças fundamentalmente ao ganho de tempo sobre a dama branca.

6.Dxc4	Bc6
7.Cf3	Be7

Preparando o roque antes de tentar algo mais concreto. Também é muito comum 7...Cbd7 8.Cc3 Cb6 9.Dd3 Bb4, aumentando o controle sobre o ponto e4.

8.Cc3	0-0
9.0-0	Cbd7
10.Bg5	

Conduz a um jogo complicado 10.Dd3 Cd5 11.e4 Cxc3 12.bxc3 f5.

10 ...	h6
---------------	-----------

11.Bxf6	Cxf6
12.Tad1	

Também é bom 12.Tac1 e na sequência 13.Tfd1.

12 ...	Dd6
---------------	------------

Visa liberar a casa d8 para a torre do rei, continuando com Be8 e c6, com posição sólida.

13.Dd3

Pretendendo jogar em algum momento e4 e ter amplo domínio do centro.

13 ...	Db4
---------------	------------

As negras aproveitam a saída da dama e partem para a pressão na ala da dama inimiga.

14.Dc2	Da5
15.e4	Tfd8
16.Tfe1	

Para 16.Ce5 Be8 17.Cc4 Da6 18.b3 c6, com a ameaça de ...b5 e ...Db6.

16 ...	Be8
17.a3	

Aproveitando a exposição da dama negra para iniciar o avanço dos peões do flanco dama.

17 ...	c6
18.Ca4	Tac8

Preparando ...c5.

19.b4	Dc7
20.Db3	b6
21.Tc1	c5!

Jogada ousada, que desnivela o jogo de fundo posicional que vinha acontecendo até então. A iniciativa agora passa para o segundo jogador.

22.dxc5 Bxa4
 23.Dxa4 bxc5
 24.Bf1 Db6
 25.b5

Esperando bloquear o peão passado por meio de Bc4.

25 ... c4!



Posição após 25...c4!

O peão é sacrificado para criar oportunidades de ataque contra o roque branco.

26.h3?!

Temendo os perigos de 26...Cg4 (após 26.Bxc4 ou 26.Txc4), o branco comete uma imprecisão que faz disparar o perigoso peão passado. Era fundamental seguir com 26.Txc4 Cg4 27.Te2! Txc4 28.Dxc4 Bc5 29.Dc2 Dxb5 30.h3, e o ataque seria rechaçado.

26 ... c3
 27.Db3 Bc5
 28.Tc2

Se 28.Te2 Bxf2+! 29.Txf2 Cxe4 30.Dc2 Td2 31.Dxe4 Dxf2+ 32.Rh1 Tb2, e têm forte ataque.

28 ... Td2!
 29.Txd2

Não se pode 29.Cxd2 por 29...Bxf2+ 30.Rg2 Bxe1 31.Cf3 De3 32.Te2 Dxe2!+ 33.Bxe2 c2 e vencem.

29 ... cxd2
 30.Te2 Bxf2+!
 31.Rg2

Naturalmente, contra 31.Txf2 segue 31...Cxe4.

31 ... Tc3!
 32.Dd1 Be3
 33.Cxd2 Dd4

A vantagem é decisiva.

34.De1 Cxe4
 35.Cxe4 Dxe4+
 36.Rh2 Dd4
 37.Tg2 Tc1

Invadir a oitava fileira tem muito mais valor que a tomada do peão em a3.

38.De2 Da1
 39.Dxe3 Txf1
 40.g4 Te1

Branças abandonam. Se 41.Dxa7 De5+ 42.Tg3 Te2+ ou 41.Te2 Th1+ 42.Rg3 Df1 43.Tg2 Dxb5, ganhando sem maiores problemas.

Nesta partida, disputada no forte campeonato soviético, o ex-campeão mundial Vasily Smyslov demonstra, de forma magistral, como tirar o máximo proveito de uma pequena vantagem.

Partida 101

RESHEVSKY, S - FINE, R
 HOLANDA, 1938 [E02]

1.d4 Cf6
 2.c4 e6
 3.Cf3 d5
 4.g3 dxc4
 5.Da4+ Cbd7
 6.Bg2 a6
 7.Cc3!

Impede uma expansão na ala da dama por meio de 7...b5, que seria respondido simplesmente com 8.Cxb5.

7 ... Be7
8.Ce5

Uma novidade de Reshevsky que se mostrou duvidosa.

8 ... Tb8
9.Dxc4 b5
10.Db3 Cxe5
11.dxe5 Cd7

Um balanço na posição mostra que as brancas estão inferiores: o peão de e5 será alvo constante de ataque e as pretas têm maioria de peões na ala da dama.

12.Bf4?!

O lance *12.f4* daria melhor sustentação ao peão de e5.

12 ... c5

A estratégia das pretas é clara: avançar sua maioria de peões e buscar a simplificação, já que quanto menos peças no tabuleiro, maiores suas chances em um final de partida.

13.0–0 Dc7
14.a4 0–0!
15.axb5 axb5
16.Ce4

É claro que não se pode *16.Cxb5* por *16...Db6*, ganhando uma peça.

16 ... Bb7
17.Ta7 Db6
18.Tfa1 Ta8!

Obrigando a simplificar o jogo.

19.Txa8 Txa8
20.Txa8+ Bxa8
21.Dd3 Bc6
22.Cg5 Bxg5!

Mais uma troca.

23.Bxg5 Db7!

Tanto *23...Bxg2* quanto *23...Cxe5* perdem. O primeiro por *24.Dxd7* e o segundo em razão de *24.Dd6*.

24.f3 h6!
25.Be7 c4
26.Dc3 Cxe5
27.Bc5 Cd7
28.Bd4 e5!



Posição depois de 28...e5!

Uma fineza posicional. Com a troca, ficará mais fácil para Fine avançar os peões da ala da dama.

29.Bxe5 b4!

Mais um passo rumo à coroação...

30.Dd4 Cxe5
31.Dxe5 c3!
32.b3

A jogada *32.bxc3* permite ganho imediato com *32...b3 33.Df5 Be4!*

32 ... Db6+
33.Rf1 c2
34.Db2 Dc5
35.Dc1 Bd5
36.f4 Bxg2+
37.Rxg2 Dd5+

E como não há defesa para *38...Dd1*, as brancas rendem-se.

Abertura Inglesa



1.c4

Histórico

Mencionada no livro de Luis Ramirez Lucena, entre os séculos XV e XVI, raramente foi jogada até o ano de 1843, quando o inglês Howard Staunton a utilizou em seu match contra o francês Pierre de Saint-Amant.

Staunton escreveu em seu livro *Chess-Player's Handbook* que o movimento 1.c4 poderia ser adotado com perfeita segurança, uma vez que o branco conseguiria bom jogo caso as negras respondessem 1...e5, já que entrariam em uma Defesa Siciliana com as cores invertidas e com isso as brancas teriam um tempo a mais em relação à seqüência normal.

Em função dessa apologia do famoso mestre inglês e do fato de utilizá-la com frequência, passou a ser conhecida como Abertura Inglesa. Antes era chamada simplesmente de Abertura do Peão do Bispo da Dama.

Um detalhe importante é que desde 1935, nas disputas pelo campeonato mundial, 20% das partidas começaram com a Inglesa. Além disso, 1.c4 é o terceiro lance mais praticado, ficando atrás somente de 1.e4 e 1.d4.

Em virtude de seu caráter posicional, os ex-campeões mundiais Mikhail

Botvinnik e Tigran Petrosian eram seus fiéis partidários. Anteriormente, Nimzowitsch e Réti, mestres do hipermodernismo, viram nela uma excelente oportunidade para aplicar os princípios de sua escola. Mais recentemente, podemos citar, entre outros, os grandes mestres Uhlman e Seirawan.

No Brasil, seus adeptos mais expressivos são o grande mestre Jaime Sunye Neto, os mestres internacionais Cícero Braga, Rubens Filguth e Antonio Resende; o MF Juliano Resende; e Aron Correa.

Especialista: Petrosian

Dados biográficos

Tigran Vartanovich Petrosian nasceu em 1929, na cidade de Tbilisi, capital da Geórgia, país situado no extremo leste da Europa e anteriormente uma das repúblicas da União Soviética.

Ficando órfão aos dezesseis anos, ele tomou o lugar do pai como modesto zelador para sustentar o restante da família. Possivelmente essa foi uma das causas que fizeram com que se dedicasse ao xadrez, nele procurando uma forma de realização.

No ano de 1946 muda-se para Yerevan, capital da Armênia, ganhando em seguida o campeonato armênio. Em 1949 transfere-se para Moscou e ali sua carreira enxadrística decola.

Em 1952 divide a segunda colocação no campeonato soviético e conquista o título de grande mestre. Participa de vários torneios de candidatos, sempre com atuação muito boa, até que em 1962 vence invicto o Torneio de Candidatos de Curaçao, tornando-se o desafiante do campeão mundial Mikhail Botvinnik.

O match durou dois meses, termi-

nando com o seguinte escore: Petrosian venceu 5 partidas, empatou 15 e perdeu 2.

Em 1966 defende seu título contra Spassky e o conserva. Entretanto, em 1969 perde-o para o mesmo desafiante, não mais conseguindo recuperá-lo.

De 1952 até 1984, tomou parte em mais de 50 fortes torneios internacionais, conquistando o primeiro lugar em 16 ocasiões e em outras 17 vezes sagrando-se vice-campeão. Participou de dez olimpíadas, sendo que em seis delas ganhou medalha como melhor tabuleiro.

Profundamente influenciado pelos estudos de Nimzowitsch, seu estilo baseava-se na *profilaxia*. O que equivale a dizer que se preocupava muito mais em anular os planos do adversário que em executar os próprios, controlando casas-chave e priorizando a conquista de espaço.

Sua concepção extremamente posicional do xadrez não conquistou muitos adeptos e fez com que fosse pouco compreendido, entretanto, ainda hoje é tido como o mais completo mestre da defesa.

Pesquisou profundamente a Abertura Inglesa, que se ajustava como uma luva ao seu estilo posicional e pouco agressivo, enriquecendo-a bastante com suas idéias.

Faleceu em 1984, vitimado pelo câncer.

Variantes

Após **1.c4**, temos várias ramificações, de acordo com a resposta das negras. Vejamos as três principais:

- Variante Siciliana com as cores invertidas. Algumas linhas mais populares são: Sistema Bremen: *1.c4 e5 2.Cc3 Cf6 3.g3 d5 4.cxd5 Cxd5 5.Bg2 Cb6 6.Cf3 Cc6 7.0-0 Be7*; Variante Moderna: *1.c4 e5 2.Cc3 Cf6 3.g3 Bb4* e Variante dos Quatro Cavalos: *1.c4 e5 2.Cc3 Cf6 3.Cf3 Cc6*.

- **1...c5** – Mantendo a simetria. É um

sistema de jogo complexo, demandando uma boa preparação teórica para não cair em inferioridade. Principais alternativas: Variante Simétrica: *1.c4 c5 2.Cc3 Cc6* e Variante Keres-Parma-Rubinstein: *1.c4 c5 2.Cc3 Cf6 3.g3 d5 4.cxd5 Cxd5*. Essa última seqüência também recebe o nome de Variante Maroczy com cores trocadas.

- **1...Cf6** – A réplica mais utilizada. Deixa ambas as partes com variadas opções, caindo um sem números de vezes em outras defesas: Eslava, Ortodoxa, Nimzoíndia, Índia do Rei etc.

- **1...f5** – Variante Anglo-holandesa.

Branças

O ponto fundamental que caracteriza essa abertura é que o branco não se apodera do centro, mas controla-o à distância, pelos flancos.

De fundo acentuadamente posicional, encaixa-se no repertório de jogadores que apreciam posições onde as peças não tenham muito contato nas primeiras jogadas, priorizando-se antes seu desenvolvimento harmônico e deixando para uma fase posterior o confronto direto.

O forte das brancas é a movimentação que podem criar na ala da dama. A razão disso é que muitas vezes o bispo está fianquetado na ala do rei, exercendo grande pressão na diagonal *a8-h1*; a torre domina a coluna *c* semi-aberta e o cavalo ocupa o posto avançado *c5* (via *a4* ou *e4*). Atenção redobrada sobre o imprescindível quadro *d5*, que necessitará de constante vigilância.

Um outro caminho é promover o avanço dos peões *a3* e posteriormente *b4-b5*, buscando desalojar as peças negras de suas casas ideais, em especial o cavalo, que geralmente está situado em *c6*.

Quem decidir jogar a Inglesa deve estar preparado para uma lenta e complicada luta de manobras, além de necessitar de um afiado sentido estratégico para guiá-lo no aproveitamento de pequenas

vantagens, as quais precisarão ser trabalhadas e ampliadas para se chegar à vitória.

Pretas

O condutor das pretas pode tratá-la de duas maneiras principais: fazendo lances que originam posições próprias, ou passando – por transposição de lances – para outras defesas com as quais esteja mais familiarizado, como se a Inglesa fosse uma espécie de camaleão.

Se decidir por uma linha própria, *1...e5* (ou ainda *1...c5*), deve estar pronto para contrapor à ofensiva branca na ala da dama, um confronto nessa própria ala, ou abertura do centro, ou ainda um contra-ataque na ala do rei.

Partida 102

PETROSIAN, T - GHEORGHIU, F
Moscou (Rússia), 1967 [A29]

1.c4	e5
2.Cc3	Cc6
3.Cf3	Cf6

Entrando na Variante dos Quatro Cavalos.

4.g3

Um movimento habitual.

4 ...	Bb4
--------------	------------

Um lógico lance de desenvolvimento, que prepara o roque pequeno e coloca o bispo em uma posição agressiva.

5.Bg2

É a continuação mais utilizada. As brancas continuam seu desenvolvimento, reservando o salto do cavalo a *d5* para uma melhor oportunidade, pois no momento esse lance parece prematuro, por iniciar uma rápida definição no centro.

5 ...	0-0
--------------	------------

O mais seguro. Para *6.Cd5*, então *6...e4*.

6.0-0

A posição crítica da variante. Abrem-se agora vários caminhos para as pretas: *6...d6*, *6...Bxc3*, *6...Te8* e *6...e4*.

6 ...

Te8

A teoria considera melhor *6...e4*, para dificultar o livre desenvolvimento branco. O lance do texto prepara o avanço do peão a *e4* e deixa livre a casa *f8* para o retorno do bispo.

7.d3

Dificultando *7...e4* e ainda com a opção de jogar *Bg5*, cravando o cavalo, o que acentuaria a importância do cavalo branco em *d5*. Recomenda-se aqui também *7.Cd5*, que é um movimento padrão na posição.

7 ...

h6

É igualmente um bom lance *7...Bxc3*, uma vez que sempre que a troca do bispo pelo cavalo for favorável, ela deve ser feita. Agora é um desses casos, porque o cavalo tem maior importância estratégica nessa variante, em função da casa *d5* que pode ser vigiada e ocupada por ele.

8.Cd5	Bf8
9.Cxf6+!	

Por que será – pergunta-se o leitor – que Petrosian, na época campeão mundial, trocou seu excelente cavalo de *d5*? A resposta vem logo a seguir.

9 ...	Dxf6
10.Cd2	

Agora vemos a razão. A tomada em *f6* é o início de um plano de substituir um cavalo pelo outro, na casa *d5*, o que dará

às brancas um amplo domínio sobre as casas centrais.

10 ... **d6**
11.Ce4 **Dd8**
12.Cc3 **Bd7**
13.b4!

Aproveitando o peão de *b7* indefeso para fazer uma expansão na ala da dama.

13 ... **Dc8**
14.Tb1 **Bh3**
15.e4!



Posição após 15.e4!

Outra fineza posicional. Praticamente impede qualquer reação central, mediante a preparação de um possível *...d5*. Observar também que com a troca dos bispos os quadros brancos ficam débeis. Petrosian sabiamente coloca seus peões nessas casas, para suprir a ausência desse bispo, além de valorizar seu bispo de casas pretas.

15 ... **Bxg2**
16.Rxg2 **g6**
17.h4!

Com a idéia de jogar *18.h5*, o que força o avanço do peão das pretas a *g5*, deixando o bispo do adversário totalmente bloqueado.

17 ... **Bg7?!**

Era imprescindível *17...h5*.

18.h5 **g5**

Após esse lance, o bispo de *g7* fica parecendo um “peão grande”, tamanha sua inatividade.

19.Cd5 **Cd4**
20.Ce3 **f5**
21.Bb2!

Para trocar em *d4* e jogar um final muito superior de cavalo contra bispo mau.

21 ... **fxe4**

Não serve *21...f4* por *22.Bxd4 exd4 23.Cf5* com grande vantagem.

22.dxe4 **De6**
23.Bc3 **b5?**

Pretendendo criar algumas complicações, mas o branco saberá sair com facilidade delas.

24.cxb5 **Dxa2**
25.Dd3 **De2**
26.Dxe2 **Cxe2**
27.Cd5 **Tab8**
28.Tfe1 **Cd4**
29.Bxd4 **exd4**
30.Tbc1

Passando a um final tecnicamente ganho, devido à centralização do cavalo e à debilidade da estrutura de peões negros.

30 ... **Tb7**
31.Cxc7 **Te5**
32.Tc6 **g4**
33.Cd5 **Txb5**
34.Txd6 **Tb7**
35.Tg6 **Rh7**
36.Txg4 **Td7**
37.Th1 **Te6**
38.Td1 **Tc6**
39.Td2 **Be5**
40.f4 **Bh8**
41.f5

E as negras abandonam.

Partida 103
CVETKOVIC,S - CEBALO,M
IUGOSLÁVIA, 1986 [A29]

1.c4 e5
2.Cc3 Cf6
3.Cf3 Cc6
4.g3

O bispo na diagonal *a8-h1* está muito bem instalado. Domina as casas centrais à distância e ainda dá suporte a uma possível movimentação na ala da dama.

4... d5

Já que seu adversário pretende atuar através das alas, as negras se apressam em avançar seus peões centrais.

5.cxd5 Cxd5
6.Bg2 Cb6

Evitando *Cxe5*, que ganharia um peão.

7.0-0 Be7
8.d3 0-0
9.a3

Aqui também se joga com frequência *9.Be3* e *9.Bd2*. O objetivo de *a3* é promover uma ofensiva na ala da dama, aproveitando a fácil mobilização dos peões das colunas *a* e *b*, que irão ganhar tempos hostilizando as peças inimigas ali postadas.

9... Be6
10.b4

Se observarmos atentamente a posição, veremos que a formação é de uma Defesa Siciliana, Variante do Dragão, com as cores invertidas.

10... a5

Procurando debilitar a estrutura de peões brancos. O movimento *10...f6*, para

dar sustentação ao peão de *e5*, também é bastante jogado.

11.b5 Cd4
12.Bb2

Além do lance do texto, é de se considerar *12.Cd2*, que defende a casa *b3* e abre a diagonal. Se *12.Cxe5*, então *12...Bf6*.

12... Cb3
13.Tb1

A entrada do cavalo no campo branco impede que a torre ocupe *c1*, sua posição ideal.

13... f6
14.Cd2 Cc5

Dá ligeira vantagem às brancas a variação *14...Cxd2 15.Dxd2 Cc4 16.Dc1 Cxb2 17.Dxb2 Tb8 18.a4*.

15.a4

Do contrário, seriam as pretas que jogariam *...a4*.

15... Tf7
16.Ta1

Apoiando o peão para poder trocar o cavalo de *c3* pelo incômodo cavalo de *c5*.

16... Tc8!

Jogada que dará vitalidade às pretas. Além de tirar a torre da diagonal onde se encontra o bispo de *g2*, apóia o avanço do peão a *c6*, dando início à quebra da estrutura de peões do branco.

17.Cce4 Cxe4
18.Bxe4

Até aqui podemos dizer que a posição está equilibrada.

18... c6

19.bxc6 **bxc6**
20.Cb3 **Bb4**
21.Ba3 **c5**

O dinamismo das peças pretas compensa a debilidade de seus peões.

22.Bxb4 **axb4**
23.Dc2

Outra alternativa é *23.a5*, numa tentativa de valorizar o peão livre.

23 ... **f5**
24.Bg2 **c4**

Finalmente conseguem abrir a posição.



Posição depois de 24...c4

25.dxc4 **Cxc4**
26.Tfd1 **Df8**
27.Tdc1 **Ca5**
28.Dxc8 **Bxc8**
29.Bd5?

Era fundamental jogar *29.Cxa5*, o que levaria a um jogo complicado. Depois desse lance, a posição do branco vai piorando gradualmente, até ficar insustentável.

29 ... **Cxb3**
30.Bxb3 **De8**
31.Txc8 **Dxc8**
32.a5 **Rf8**
33.Bxf7 **Rxf7**
34.a6 **b3**

35.a7 **b2**
36.a8D **Dxa8 0-1**

Partida 104
SUNYE NETO,J - RICARDI,P
BUENOS AIRES (ARGENTINA), 1990 [A35]

1.c4 **c5**
2.Cf3 **Cc6**
3.Cc3

Essa seqüência é denominada de Variante dos Três Cavalos.

3 ... **g6**
4.e3 **Bg7**
5.d4 **d6**

Depois de *5...cxd4 6.exd4 d5 7.Be2 Cf6 8.0-0 0-0* entraríamos em uma Defesa Tarrasch com as cores invertidas.

6.Be2 **Bg4**

O movimento *6...Cf6* tem sido realizado com maior frequência. A idéia do grande mestre argentino Pablo Ricardi, com seu movimento do bispo a *g4*, é trocá-lo pelo cavalo e assim resolver um dos maiores problemas das pretas em partidas de peão dama: o que fazer com o bispo de casas brancas?

7.d5

Digno de consideração também é *7.0-0*, continuando o desenvolvimento e adiando a decisão de definir a posição no centro.

7 ... **Bxc3+**

Lance pouco visto na prática magistral. Esse bispo fará muita falta a Ricardi, pois as casas pretas serão sempre alvo de exploração por parte do grande mestre brasileiro. O fato de quebrar a estrutura de peões brancos não é compensação suficiente.

8.bxc3 **Ca5!?**

A tomada de bispo em *f3* é outra possibilidade. Mesmo tendo de jogar uma posição de par de bispos contra par de cavalos, o bispo branco é mau, por estar com seu raio de ação limitado pelos peões de *c4* e *d5*. Caso o condutor das negras tomasse essa decisão, seria imprescindível manter o jogo fechado, onde os cavalos trabalham melhor que os bispos.

9.Cd2!

Propondo a troca do bispo mau pelo bispo bom do adversário.

9 ... Bxe2

Seria mais prudente *9...Bd7*.

10.Dxe2

Em caso de *10.Da4+ Dd7 11.Dxd7+ Rxd7 12.Rxe2* simplificaria tudo.

10 ... Dd7

A dama cobre a ausência do bispo de casas brancas, mantendo ainda a possibilidade de fazer o roque grande.

11.e4 e5

Quando o adversário tem apenas um bispo, é interessante limitar sua movimentação colocando nossos peões nas casas da cor desse bispo.

12.f4!?

Procurando quebrar o bloco de peões centrais e também abrir a posição para valorizar o bispo.

12 ... f6?!

É preferível a tomada em *f4*. O branco agora abrirá a coluna *f*, dominando-a rapidamente.

13.fxe5 fxe5

14.0-0 h6

Para evitar a manobra *f3-g5-e6* do cavalo.

15.Cb3

Parece um contra-senso ajudar a resolver o problema do cavalo mal colocado das pretas, mas a posse da coluna *a* aberta é compensação mais do que suficiente.

15 ... Cxb3

Se *15...Da4 16.Cxa5 Dxa5 17.Tb1* com vantagem.

16.axb3 Th7

Visando jogar a torre na coluna *f* e brigar pela posse dela.

17.Be3 Tf7
18.Tf3 Txf3
19.Dxf3 b6

Para *19...Df7*, então *20.De2* seguido de *Tf1*.

20.Tf1

O controle absoluto da coluna aberta dá ensejo às brancas de lutar pela vitória.

20 ... 0-0-0
21.h4

Impedindo *...g5*, que limitaria a ação do bispo.

21 ... Rc7
22.Dg3

A torre na frente da dama oferece maior perigo ao inimigo. Assim, Sunye inicia uma manobra para a inversão das peças maiores ao longo da coluna *f*.

22 ... Dg7

23.Tf3 **Td7**
24.Df2 **h5**

Um pouco melhor é 24...g5.

25.b4

Com total domínio na ala do rei, o branco inicia uma ofensiva no setor onde se encontra o monarca contrário.

25 ... **Ch6**

As negras não têm muito o que fazer. Estão sem um plano ativo e ainda falta-lhes uma defesa satisfatória contra o sacrifício preparado pelo branco.

26.bxc5 **bxç5**
27.Bxc5!

O início do fim! A exposição do rei adversário, aliada aos peões passados e unidos que surgirão em seguida, garantem a vitória das brancas.



Posição após 27.Bxc5!

27 ... **Cg4**
28.Bxd6+ **Rxd6**
29.c5+ **Re7**
30.Db2 **Re8**
31.c6 **Td8**
32.d6 **Cf6**
33.Db5 **1-0**

Sunye

Jaime Sunye Neto nasceu em Curitiba, Paraná, em 2 de maio de 1957. Foi bicampeão brasileiro juvenil, pan-americano juvenil e campeão brasileiro absoluto em sete ocasiões.

Participou de vários zonais sul-americanos (ganhou a edição de 1989, realizada em São Paulo) e de três interzonais da FIDE.

Representou o Brasil em nove olimpíadas, ganhando a medalha de ouro como primeiro tabuleiro em Manila, nas Filipinas, no ano de 1992.

Obteve o título de mestre internacional em 1980 e o de grande mestre em 1986, tendo sido o segundo jogador brasileiro a consegui-lo.

Foi presidente da CBX e vice-presidente da FIDE, responsável pelas Américas.

Sempre trabalhou pela divulgação do xadrez e sua implantação nas escolas.

Índice de partidas

Capítulo I - Abertura do Centro

- 1 - Shabalov, A x Shliperman, I
- 2 - Romero Holmes, A x Karpov, A
- 3 - Kupreichik, V x Estrin, Y

Capítulo II - Gambito do Rei

- 4 - Keres, P x Mues, L
- 5 - Rubinstein, A x Hromadka, K
- 6 - Matsuura, E x van Riemsdijk, H

Capítulo III - Abertura Vienense

- 7 - Spielmann, R x Flamberg, A
- 8 - Hansen, J x Nunn, J
- 9 - Pelikian, J x de Haro, M

Capítulo IV - Defesa Philidor

- 10 - Brühl x Philidor, A
- 11 - Ramos, E x Lima, D
- 12 - Taulbut, S x Smyslov, V

Capítulo V - Defesa Petrov

- 13 - Ivanchuk, V x Yusupov, A
- 14 - Milos Jr., G x Zarnicki, P
- 15 - Cotta, E x Souza, A

Capítulo VI - Abertura dos Quatro Cavalos

- 16 - Glek, I x Kroeze, F
- 17 - Capablanca, J x Steiner, H
- 18 - Winants, L x Scheeren, P

Capítulo VII - Abertura Escocesa

- 19 - Chigorin, M x Schiffers, E
- 20 - Kasparov, G x Karpov, A
- 21 - Rocha, W x Batista, R

Capítulo VIII - Abertura Giuoco Piano

- 22 - Nunn, J x Finlayson, S
- 23 - Sepulveda x Servat
- 24 - Rossolimo, N x Reissman, P

Capítulo IX - Gambito Evans

- 25 - Morphy, P x N.N.
- 26 - Kopaev, N x Sokolsky, A
- 27 - Kasparov, G x Anand, V

Capítulo X - Defesa dos Dois Cavalos

- 28 - Kurkin x Estrin, Y
- 29 - Arnold x Chigorin, M
- 30 - Sundqvist x Gabran

Capítulo XI - Abertura Ruy Lopez

- 31 - Steinitz, W x Blackburne, J
- 32 - Khalifman, A x Glek, I
- 33 - Fischer, R x Portisch, L
- 34 - Kasparov, G x Anand, V
- 35 - Battell, J x Marshall, F
- 36 - Mecking, H x Reshevsky, S

Capítulo XII - Sistema Pirc/Robatsch

- 37 - Adams, M x Svidler, P
- 38 - Fischer, R x Benko, P
- 39 - Silveira, M x Trindade, S

Capítulo XIII - Defesa Alekhine

- 40 - Minic, D x Hort, V
- 41 - Kupreichik x Gispplis, A
- 42 - Borges, J x Borges, L

Capítulo XIV - Defesa Escandinava

- 43 - Alexandria, N x Gaprindashvili, N
- 44 - Karpov, A x Rogers, I
- 45 - Santos, Marcus Vinicius x Epitácio, D

Capítulo XV - Defesa Caro-Kann

- 46 - Ljubojevic, L x Karpov, A
- 47 - Kasparov, G x Vukic, M
- 48 - Georgiev, K x Adams, M
- 49 - Batista, G x Molina, R
- 50 - Barbosa, E x Lima, Diniz

Capítulo XVI - Defesa Francesa

- 51 - Pogrebinsky, I x Botvinnik, M
- 52 - Almasi, Z x Timman, J
- 53 - Batista, G x Vieira, A
- 54 - Fucek, C x de Souza, M

Capítulo XVII - Defesa Siciliana

- 55 - Minic, D x Fischer, R
- 56 - Markovic, I x Payen, A
- 57 - Polgar, J x Hulak, K
- 58 - Ivanchuk, V x Topalov, V
- 59 - Fier, A x Garcia, J
- 60 - Tsuboi, E x Domingues, J

Capítulo XVIII - Gambito da Dama

- 61 - Capablanca, J x Lasker, E
- 62 - Veingold, A x Fridman, D
- 63 - Karpov, A x Anand, V
- 64 - Dlugy, M x Trindade, S
- 65 - Lasker, E x Steinitz, W

Capítulo XIX - Defesa Holandesa

- 66 - Neverov, V x Malaniuk, V
- 67 - Glucksberg x Najdorf, M
- 68 - Umetsubo, C x Blank, E

Capítulo XX - Gambito Budapeste

- 69 - Garcia Martinez, S x Rogers, I
- 70 - Alekhine, A x Rabinovich, I
- 71 - Costa, H x Vasconcelos, F

Capítulo XXI - Defesa Benoni Moderna

- 72 - Gurgendidze, B x Tal, M
- 73 - Reviakin, I x Tripolsky
- 74 - de Athayde, M x Segal, A

Capítulo XXII - Gambito Benko

- 75 - Vukik, M x Benko, P
- 76 - Chernin, A x Weindl, A
- 77 - Kubikova, H x Vescovi, G

Capítulo XXIII - Defesa Grünfeld

- 78 - Polugaievsky, L x Timman, J
- 79 - Sabas, J x D'Arruda
- 80 - Miranda, M x Tsuboi, E

Capítulo XXIV - Defesa Índia do Rei

- 81 - Timman, J x Kasparov, G
- 82 - Taimanov, M x Najdorf, M
- 83 - Mecking, H x Rocha, W
- 84 - Leitão, R x Ivanovic, B

Capítulo XXV - Defesa Índia da Dama

- 85 - Miles, A x Korchnoi, V
- 86 - Sämisch, F x Nimzowich, A
- 87 - Kasparov, G x Portisch, L
- 88 - German, E x Letelier, R

Capítulo XXVI - Defesa Nimzoíndia

- 89 - Johner, P x Nimzowich, A
- 90 - Arencibia, W x Armas, J
- 91 - Sakaev, K x Silva, S
- 92 - Mecking, H x Smyslov, V

Capítulo XXVII - Ataque Índio do Rei

- 93 - Dvoretzky, M x Ubilava, E
- 94 - Savon, V x Uhlmann, W
- 95 - Limp, E x Miranda, M

Capítulo XXVIII - Abertura Réti

- 96 - Réti, R x Capablanca, J
- 97 - Lizisin x Simagin, V
- 98 - Moennich, M x Mujica, A

Capítulo XXIX - Abertura Catalã

- 99 - Beliavsky, A x Gispplis, A
- 100 - Ravinsky, G x Smyslov, V
- 101 - Reshevsky, S x Fine, R

Capítulo XXX - Abertura Inglesa

- 102 - Petrosian, T x Gheorghiu, F
- 103 - Cvetkovic, S x Cebalo, M
- 104 - Sunye Neto, J x Ricardi, P

Jogadores citados neste livro

A

Abonyi, István (1886-1942) – Mestre húngaro.
Adams, Michael (1971) – Grande mestre britânico.
Adams, Weaver (1901-1963) – Jogador norte-americano.
Adaucto Wanderley da Nóbrega – Jogador brasileiro.
Adler, Viktor (1947) – Mestre internacional russo.
Adriano Caldeira (1971) – Mestre FIDE mineiro, radicado em São Paulo.
Adriano Fernandes de Oliveira (1973) – Enxadrista paulista.
Adriano Valle de Sousa (1964) – Enxadrista brasileiro.
Adwilhans Luciano de Souza (1973) – Mestre FIDE paranaense.
Afek, Yochanan (1952) – Mestre internacional israelense.
Akopian, Vladimir Eduardovich (1971) – Grande mestre armênio.
Alapin, Semyon Zinovievich (1856-1923) – Jogador e analista de aberturas lituano.
Albin, Adolf (1848-1920) – Enxadrista romeno.
Alburt, Lev Osipovich (1945) – Grande mestre ucraniano.
Alekhine, Alexander Alexandrovich (1892-1946) – Ver Defesa Alekhine.
Alessandro Batezelli (1972) – Enxadrista paulista.
Alexandr Fier (1988) – Ver Defesa Siciliana.
Alexandria, Nana (1949) – Grande mestra georgiana.
Alexandru Sorin Segal (1947) – Ver Defesa Benoni Moderna.
Allgaier, Johann Baptist (1763-1823) – Jogador e autor alemão.
Almasi, Zoltan (1976) – Grande mestre húngaro.
Amura, Cláudia Noemi (1970) – Grande mestra argentina.
Anand, Viswanathan (1969) – Ver Gambito Evans.
Anderssen, Karl Ernst Adolf (1818-1879) – Ver Defesa Escandinava.
André Diamant (1990) – Mestre FIDE paulista.
Antal, Aladár (1893-1975) – Jogador e escritor húngaro.
Antonio Carlos de Resende (1959) – Mestre internacional paulista.
Antônio Vieira – Enxadrista brasileiro.
Antoshin, Vladimir Sergeevich (1929-1994) – Grande mestre russo.
Arencebia, Walter (1967) – Grande mestre cubano.
Armas, Jorge (1959) – Mestre internacional cubano.
Aron Antunes Corrêa (1964) – Mestre internacional, campeão brasileiro em 1993.
Averbach, Yuri Lvovich (1922) – Grande mestre e escritor russo.

B

Bacrot, Etienne (1983) – Grande mestre francês.
Bagirov, Vladimir Konstantinovich (1936) – Grande mestre letão.
Balogh, Janos (1892-1980) – Húngaro, mestre internacional por correspondência.
Bardeleben, Curt von (1861-1924) – Mestre e escritor alemão.
Bareev, Evgeny Ilgizovich (1966) – Grande mestre russo.
Barreras, Alberto (1951) – Mestre internacional cubano.
Becker, Albert (1896-1984) – Mestre internacional austríaco.
Belavsky, Alexander Genrikhovich (1953) – Ver Gambito Budapeste.
Benares, Ricardo (1981) – Mestre FIDE brasileiro.
Benjamin, Joel Lawrence (1964) – Grande mestre norte-americano.
Benko, Pal Charles (1928) – Ver Gambito Benko.
Berger, Johann Nepomuk (1845-1933) – Jogador e teórico austríaco.
Bernstein, Ossip Samoilovich (1882-1962) – Grande mestre ucraniano.
Bilguer, Paul Rudolf von (1815-1840) – Jogador alemão.
Bird, Henry Edward (1830-1908) – Um dos mais brilhantes enxadrists ingleses do século passado.
Bisguier, Arthur (1929) – Grande mestre norte-americano.
Blackburne, Joseph Henry (1841-1924) – Mestre inglês, por mais de vinte anos um dos seis jogadores mais fortes do mundo.
Bledow, Ludwig Erdmann (1795-1946) – Jogador alemão.
Blumenfeld, Beniamin Markovich (1884-1947) – Mestre russo.
Bogoljubov, Efim Dmitrievich (1889-1952) – Grande mestre ucraniano, um dos jogadores mais fortes de seu tempo.
Boleslavsky, Isaak Yefremovich (1919-1977) – Grande mestre e teórico soviético.
Bondarevsky, Igor Zakharovich (1913-1979) – Grande mestre soviético.
Botvinnik, Mikhail Moiseyevich (1911-95) – Ver Defesa Francesa.
Bourdonnais, Louis-Charles Mahé de la (1795-1840) – Notável jogador e escritor

francês, considerado por muitos autores como campeão do mundo de 1824 a 1840.
Bremer, Bertus – Enxadrista holandês.
Breyer, Gyula (1893-1921) – Jogador húngaro, um dos criadores da Escola Hipermoderna.
Bronstein, David Ionovich (1924) – Grande mestre russo, excelente escritor e vice-campeão mundial em 1951.
Brühi, Hans Moritz (1736-1809) – Enxadrista alemão.
Byrne, Robert Eugene (1928) – Grande mestre norte-americano.

C

Cámpora, Daniel Hugo (1957) – Grande mestre argentino.
Canal, Esteban (1896-1981) – Mestre internacional peruano.
Capablanca, José Raúl (1888-1942) – Ver Gambito da Dama.
Carlos Alberto Segal (1967) – Jogador paulista.
Carlos Alejandro Martinez (1955) – Mestre internacional argentino, radicado em São Paulo.
Carlos Martins (1970) – Paranaense, mestre FIDE.
Carlos Rodrigues Peixoto (1940) – Campeão gaúcho de 1954 a 1957.
Caro, Horatio (1862-1920) – Jogador britânico.
Carrera, Pietro (1573-1647) – Jogador e autor italiano.
Cebalo, Miso (1945) – Grande mestre croata.
César Umetsubo (1983) – Mestre FIDE paulista.
Charousek, Rudolf Rezsó (1873-1900) – Jogador húngaro, de carreira curta, porém brilhante.
Chatard, Eugène (1850-1924) – Jogador francês.
Chernin, Alexander Mikhailovich (1960) – Grande mestre húngaro.
Chigorin, Mikhail Ivanovich (1850-1908) – Ver Abertura Escocesa.
Chow Man Yee (1953) – Mestre da FIDE paulista.
Cícero Braga (1958) – Paulista, mestre internacional.
Cochrane, John (1798-1878) – Enxadrista escocês.
Coria, Valentin Fernandez – Enxadrista e escritor argentino do final do século passado.
Corso, Juan (c.1873-?) – Campeão cubano na época em que Capablanca iniciou sua carreira.
Cozio, Carlo Francesco (c.1715-c.1780) – Enxadrista italiano.
Crosa, Martin (1982) – Uruguaio, mestre FIDE.
Cubas, José Fernando (1981) – Paraguaio, mestre internacional.
Cvetkovic, Srdjan (1946) – Mestre internacional iugoslavo.

D

D'Arruda, Ricardo (1959) – Mestre FIDE argentino.
Damiano, Pedro – Jogador e teórico português do século XVI.
Daniliuk, Sergey (1966) – Mestre internacional russo.
Danilo Epitácio Neves Rosa (1982) – Ver Defesa Escandinava.
Darcy Gustavo Machado Vieira Lima (1962) – Ver Defesa Philidor.
Denker, Arnold Sheldon (1914) – Grande mestre norte-americano.
Diniz Neves de Lima (1962) – Ver Defesa Caro-Kann.
Dirk Dagobert van Riemsdijk (1941) – Enxadrista holandês radicado em São Paulo.
Dlugy, Maxim (1966) – Grande mestre russo radicado nos Estados Unidos.
Dolmatov, Sergey Viktorovich (1959) – Grande mestre russo.
Domingos Sávio Perego – Enxadrista paulista.
Dyckhoff, Eduard (1880-1949) – Enxadrista alemão.
Dreev, Alexei Sergeevich (1969) – Grande mestre russo.
Dufresne, Jean (1829-1893) – Jogador e escritor alemão.
Dvoretsky, Mark Israelovich (1948) – Ver Ataque Índio do Rei.

E

Édson Kenji Tsuboi (1958) – Ver Defesa Grünfeld.
Eduardo Gonçalves Blank (1960) – Enxadrista paulista.
Eduardo Guaracy Cotta (1948-1969) – Ver Defesa Petrov.
Eduardo Thélío da Silva Limp (1955) – Ver Ataque Índio do Rei.
Englisch, Berthold (1851-1897) – Jogador austríaco.
Epishin, Vladimir (1965) – Grande mestre alemão.
Ercole del Rio, Domenico (c.1718-c.1802) – Enxadrista e teórico italiano.
Érlon César Braghini (1976) – Enxadrista mineiro.
Estrin, Yakov Borisovich (1923-1987) – Ver Defesa dos Dois Cavalos.
Eugênio Maciel German (1930-2001) – Ver Defesa Índia da Dama.
Euwe, "Max" Machgielis (1901-1981) – Grande mestre holandês, campeão mundial de 1935 a 1937.
Evandro Amorim Barbosa (1992) – Ver Defesa Caro-Kann.

Evans, Larry Melvyn (1932) – Grande mestre norte-americano.
Evans, William Davis (1790-1872) – Ver Gambito Evans.
Everaldo Matsuura (1970) – Ver Gambito do Rei.

F

Fábio Henrique Cordon Silva (1978) – Enxadrista paulista.
Falkbeer, Ernst Karl (1819-1885) – Jogador austríaco.
Fedorov, Alexei (1972) – Grande mestre soviético.
Fedorowicz, John Peter (1958) – Grande mestre norte-americano.
Felipe de Cresce El Debs (1985) – Mestre FIDE paulista.
Fernando de Almeida Vasconcellos – Ver Gambito Budapeste.
Finlayson, Shaun – Enxadrista inglês.
Fischer, Ludwig (1945) – Enxadrista alemão.
Fischer, Robert James (1943) – Ver Defesa Siciliana.
Flamberg, Alexander (1880-1926) – Jogador polonês.
Flohr, Salomon Mikhailovich (1908-1983) – Grande mestre ucraniano, um dos oito melhores jogadores dos anos 30.
Francisco José dos Santos Neto (1963) – Enxadrista mineiro.
Francisco Trois (1946) – Mestre internacional gaúcho.
Frederico Gazel Cohen Pereira (1987) – Enxadrista mineiro.
Fridman, Daniel (1976) – Mestre internacional letão.
From, Martin Severin Janus (1828-1895) – Jogador e teórico dinamarquês.
Fucek, Cláudio (1980) – Mestre FIDE argentino.

G

Gabriel Ricardo Salim Name (1950) – Enxadrista paulista.
Gallagher, Joseph (1964) – Grande mestre suíço.
Gaprindashvili, Nona Terentyevna (1941) – Grande mestra georgiana, campeã mundial feminina de 1962 a 1978).
Garcia, Jhoel (1988) – Enxadrista peruano.
Garcia Martinez, Silvino (1944) – Grande mestre cubano.
Georgiev, Kiril Dimitrov (1965) – Grande mestre búlgaro.
Gerardo Frota (1949) – Enxadrista cearense.
Gérson Peres Batista (1973) – Enxadrista mineiro, um dos autores deste livro.
Gheorghiu, Florin (1944) – Grande mestre romeno.
Gianutio della Mantia, Orazio – Italiano, forte jogador e escritor que viveu no século XVI.
Gilmar Dias Machado (1958) – Enxadrista mineiro.
Gipslis, Aivars Petrovich (1937-2000) – Grande mestre letão.
Gilberto Milos Júnior (1963) – Ver Defesa Petrov.
Giovanni Portilho Vescovi (1978) – Ver Gambito Benko.
Glek, Igor (1961) – Ver Abertura dos Quatro Cavalos.
Golmayo, Celso (1820-1898) – Mestre espanhol que viveu em Cuba.
Göring, Carl Theodor (1841-1879) – Jogador alemão.
Granda Zuñiga, Júlio Ernesto (1967) – Grande mestre peruano.
Greco, Gioacchino (1600-c.1634) – Forte jogador e escritor italiano.
Grünfeld, Ernst Franz (1893-1962) – Grande mestre e escritor austríaco.
Gufeld, Eduard Yefimovich (1936-2003) – Grande mestre ucraniano.
Guimard, Carlos Henrique (1913) – Grande mestre argentino.
Gunsberg, Isidor Arthur (1854-1930) – Húngaro naturalizado inglês, um dos mais fortes jogadores de seu tempo.
Gurgenidze, Bukhuty Ivanovich (1933) – Grande mestre georgiano.
Gutman, Lev (1945) – Grande mestre alemão.

H

Haberditz, Hans (c.1901-1957) – Jogador e analista austríaco.
Hamppe, Carl (1814-1876) – Jogador suíço.
Harding, Tim (1948) – Jogador irlandês.
Harwitz, Daniel (1823-1884) – Forte enxadrista alemão.
Heidenfeld, Mark (1968) – Mestre internacional irlandês.
Helbach, Grigory (1863) – Enxadrista soviético.
Hélder Câmara (1937) – Mestre internacional e ex-campeão brasileiro.
Henrique Costa Mecking (1952) – Ver Abertura Ruy Lopez.
Herman Claudius van Riemsdijk (1948) – Ver Gambito do Rei.
Hertes Furtado Costa (1948) – Jogador mineiro.

Hjartarson, Jóhann (1963) – Grande mestre islandês.
Hodges, Albert Beauregard (1861-?) – Enxadrista norte-americano.
Hort, Vlastimil (1944) – Grande mestre tcheco.
Horwitz, Bernhard (1808-1885) – Jogador e compositor alemão radicado na Inglaterra.
Hromádka, Karel (1887-1956) – Mestre tcheco.
Hübner, Robert (1948) – Grande mestre alemão.
Hulak, Krunoslav (1951) – Grande mestre croata.

I

Inkiöv, Ventsislau (1956) – Grande mestre búlgaro.
Ivanchuk, Vasily (1969) – Ver Defesa Petrov.
Ivanovic, Bozidar (1949) – Grande mestre iugoslavo.
Ivkov, Borislav (1933) – Grande mestre iugoslavo.

J

Jaenisch, Carl Friedrich Andreyevich (1813-72) – Jogador e escritor finlandês educado na Rússia.
Jair Vicente Domingues (1943) – Ver Defesa Siciliana.
Jansa, Vlastimil (1942) – Grande mestre tcheco.
Jefferson Pelikian (1965) – Ver Abertura Vienense.
Joao Bosco Amado Ladeira (1952) – Mestre FIDE mineiro.
João Caldas Viana (1862-1931) – Forte jogador brasileiro.
João Carlos da Costa (1962) – Exandrista mineiro.
João Manoel Menna Barreto – Jogador gaúcho da década de 50.
Joaquim de Deus Filho – Enxadrista paulista.
Joel Cintra Borges (1940) – Enxadrista mineiro, um dos autores desse livro.
Johner, Paul F. (1887-1938) – Jogador suíço.
José Luiz Cominato Neto (1988) – Enxadrista paulista.
Juliano Resende Matias Pereira (1972) – Mestre FIDE mineiro, campeão mundial amador em 2002.
Julio Lapertosa Viana (1962) – Instrutor da FIDE mineiro.

K

Kamsky, Gata (1974) – Grande jogador russo radicado nos Estados Unidos.
Kan, Ilya Abramovich (1909-1968) – Mestre internacional soviético.
Kann, Marcus (1820-1886) – Jogador austríaco.
Karpov, Anatoly Yevgenyevich (1951) – Ver Defesa Caro-Kann.
Kasparov, Garry (1963) – Ver Defesa Índia do Rei.
Kaufmann, Arthur (1872-c.1940) – Jogador austríaco.
Keene, Raymond Dennis (1948) – Grande mestre inglês.
Keres, Paul (1916-1975) – Ver Gambito do Rei.
Khalifman, Alexander Valeryevich (1966) – Grande mestre soviético, campeão mundial em 1999.
Kieseritzky, Lionel Adalbert Bagration Felix (1806-1853) – Jogador estoniano.
Kopaev, Nikolai Antonovich (1914-1978) – Enxadrista soviético.
Kortchnoi, Victor Lvovich (1931) – Ver Defesa Índia da Dama.
Kostic, Bora (1887-1963) – Grande mestre sérvio.
Kotov, Alexander Alexandrovich (1913-1981) – Grande mestre e treinador russo.
Kramnik, Vladimir (1975) – Grande mestre russo, campeão mundial da PCA no ano de 2000.
Krikor Sevag Mekhitarian (1986) – Mestre internacional paulista.
Kubikova, Hana (1962) – Mestra FIDE tcheca.
Kupreichik, Viktor Davidovich (1949-1991) – Grande mestre soviético.
Kuzminikh, Yevgeny Filipovich (1911) – Jogador soviético.

L

Langier, Daniel (1974) – Mestre internacional argentino.
Larsen, Jorgen Bent (1935) – Grande mestre dinamarquês.
Lasker, Berthold (1860-?) – Médico e excelente enxadrista, irmão de Emanuel Lasker.
Lasker, Edward (1885-1981) – Mestre internacional e autor polonês naturalizado norte-americano.
Lasker, Emanuel (1868-1941) – Ver Gambito da Dama.
Legall de Kermeur (1702-1792) – Jogador francês, um dos campeões do famoso Café de la Régence, em Paris.
Leko, Peter (1979) – Grande mestre húngaro.
Leomar Barbero Borges (1963) – Mestre da FIDE paulista.
Letelier, René Martner (1915) – Mestre internacional chileno.
Lindolfo Silva (1975) – Enxadrista paulista.

Lisizin, Georgy Makhailovich (1909-1972) – Mestre internacional soviético.
Ljubojevic, Ljubomir (1950) – Grande mestre iugoslavo.
Löwenthal, János Jakab (1810-1876) – Destacado jogador húngaro radicado na Inglaterra.
Lucena, Luis Ramirez – Jogador e escritor espanhol que viveu entre os séculos XV e XVI.
Luís Henrique Pinto Coelho (1981) – Mestre internacional do Distrito Federal.

M

Makogonov, Vladimir Andreyevich (1904-1993) – Mestre internacional soviético.
Makarychev, Sergei Yurievich (1953) – Grande mestre russo.
Malaniuk, Vladimir Pavlovich (1957) – Ver Defesa Holandesa.
Marcelo Moura (1968) – Enxadrista mineiro.
Márcio Marcos do Carmo Miranda (1942) – Mineiro, mestre FIDE e ex-campeão brasileiro.
Marcos Silveira (1962) – Enxadrista brasileiro.
Marcus Vinicius Santos (1977) – Mestre da FIDE paulista.
Markovic, Ivan (1972) – Mestre internacional iugoslavo.
Maroczy, Geza (1870-1951) – Grande mestre húngaro.
Marshall, Frank James (1877-1944) – Norte-americano, esteve entre os dez melhores do mundo durante vinte anos.
Martin Afonso Palma de Haro (1948) – Enxadrista catarinense.
Mauro Guimarães de Souza (1968) – Ver Defesa Francesa.
Max Lange (1832-1899) – Jogador, analista e escritor alemão.
McCutcheon, John Lindsay (1857-1905) – Jogador norte-americano.
McDonnell, Alexander (1798-1835) – Jogador irlandês. O melhor jogador do Reino Unido por volta de 1830.
Metger, Johannes (1851-1926) – Jogador e analista alemão.
Mieses, Jacques (1865-1954) – Grande mestre alemão naturalizado inglês.
Mikenas, Vladas Ionovich (1910-1992) – Mestre internacional estoniano radicado na Lituânia.
Miles, Anthony John (1955-2002) – Grande mestre inglês.
Minic, Dragoljub (1937) – Grande mestre croata.
Möller, Jorgen (1873-1944) – Jogador dinamarquês.
Mongrédién, Augustus (1807-1888) – Enxadrista inglês.
Morovic Fernandez, Ivan Eduardo (1963) – Grande mestre chileno.
Morozevich, Alexander (1977) – Grande mestre russo.
Morphy, Paul Charles (1837-1884) – Ver Gambito Evans.
Morra, Pierre (1900-1969) – Enxadrista francês.
Müller, Hans (1896-1971) – Mestre internacional austríaco.

N

Najdorf, Miguel (1910-1997) – Ver Defesa Holandesa.
Neverov, Valeriy (1964) – Grande mestre ucraniano.
Nielsen, Peter Heine (1973) – Grande mestre dinamarquês.
Nigro, Carmine – Presidente do Brooklyn Chess Club no início da carreira de Fischer.
Nikolic, Pedrag (1960) – Grande mestre da Bósnia-Herzegóvina.
Nimzowitsch, Aaron (1886-1935) – Ver Defesa Nimzoíndia.
Nunn, John Denis Martin (1955) – Ver Abertura Giuoco Piano.
Oll, Lembit (1966) – Grande mestre estoniano.
Opocensky, Karel (1892-1975) – Mestre internacional tcheco.

P

Padevsky, Nikola Bochev (1933) – Grande mestre búlgaro.
Palau, Luis Argentino (1896-1971) – Mestre internacional e escritor argentino.
Panno, Oscar Roberto (1935) – Grande mestre argentino.
Panov, Vasily Nikolayevich (1906-1973) – Grande mestre e escritor russo.
Parma, Bruno (1941) – Grande mestre esloveno.
Paulsen, Louis (1833-1891) – Grande teórico alemão.
Paulsen, Wilfried (1828-1901) – Jogador e analista alemão.
Payen, Arnaud (1972) – Mestre internacional francês.
Pearson, Steven – Enxadrista sul-africano.
Pelikan, Jiri (1906-84) – Jogador tcheco naturalizado argentino.
Penrose, Jonathan (1933) – Mestre internacional inglês.
Petroff, Alexander Dmitriyevich (1794-1867) – O melhor jogador russo de seu tempo. Em inglês costuma-se dizer Petrov.
Petrosian, Tigran Vartanovich (1929-1984) – Ver Abertura Inglesa.
Philidor, François-André Danican (1726-1795) – Ver Defesa Philidor.

Pifano, Carlos Alberto (1940) – Jogador mineiro.
 Piket, Jeroen (1969) – Grande mestre holandês.
 Pillsbury, Harry Nelson (1872-1906) – Norte-americano, um dos quatro maiores jogadores do mundo no final do século XIX.
 Pirc, Vasja (1907-1980) – Grande mestre eslovênia.
 Polério, Giulio Cesare (c.1550-c.1610) – Jogador e teórico italiano.
 Polgar, Judit (1976) – Ver Defesa Siciliana.
 Polgar, Lázlo – Escritor húngaro e pai das irmãs Polgar.
 Polgar, Zsófia (1974) – Mestra internacional húngara.
 Polgar, Zsuzsa (1969) – Grande mestra húngara e ex-campeã mundial feminina.
 Polugaevsky, Lev Abramovich (1934-1995) – Grande mestre soviético.
 Pomar, Arturo (1931) – Grande mestre e escritor espanhol.
 Ponomarev, Ruslan (1983) – Ucrainiano, campeão mundial da FIDE em 2002.
 Portisch, Lajos (1937) – Grande mestre húngaro.
 Psakhis, Lev Borisovich (1958) – Grande mestre russo radicado em Israel.

R

Rabinovich, Ilya Leontievich (1891-1942) – Escritor, professor e jogador russo.
 Radulov, Ivan Georgiev (1939) – Grande mestre búlgaro.
 Rafael Duailibe Leitão (1979) – Ver Defesa Índia do Rei.
 Ragozin, Viacheslav Vasilievich (1908-1962) – Grande mestre soviético.
 Raicevic, Vladimir (1949) – Grande mestre iugoslavo.
 Ramos, Ernesto (1959) – Mestre FIDE peruano.
 Rauzer, Vsevolod Alfredovich (1908-1941) – jogador e teórico soviético.
 Ravinsky, Grigory Ionovich (1909-?) – Enxadrista soviético.
 Recoulat, Eduardo Juan – Mestre FIDE argentino.
 Reinganum, Aaron – Teórico que pesquisou a Defesa Benoni.
 Renato Andrade Santos (1966) – Enxadrista paulista.
 Renato Batista – Jogador paulista.
 Reshevsky, Samuel Herman (1911-1992) – Grande mestre polonês que viveu nos Estados Unidos.
 Réti, Richard (1889-1929) – Ver Abertura Réti.
 Ricardi, Pablo (1962) – Grande mestre argentino.
 Ricardo Teixeira (1957) – Mestre FIDE carioca.
 Richter, Kurt Paul Otto Joseph (1900-1969) – Mestre internacional e escritor alemão.
 Robatsch, Karl (1928) – Grande mestre austríaco.
 Roberto Júnio Brito Molina (1985) – Mestre FIDE mineiro.
 Rodrigo Disconzi da Silva (1970) – Mestre internacional paranaense.
 Rodriguez, Andrés (1973) – Grande mestre uruguaio.
 Rogers, Ian (1960) – Ver Gambito Budapeste.
 Romanishin, Oleg (1952) – Grande mestre ucraniano.
 Romero Holmes, Alfonso (1965) – Grande mestre espanhol.
 Rossolimo, Nicolas (1910-1975) – Grande mestre russo.
 Rubinstein, Akiba (1882-1961) – Grande mestre polonês.
 Ruy Lopez de Segura (c.1530-c.1580) – Frade espanhol, o mais forte jogador de sua época.

S

Sabas, Jorge (1953) – Enxadrista argentino.
 Sadi Glasser Dumont (1957) – Mestre FIDE carioca.
 Saint-Amant, Pierre Charles Fournier de (1800-1872) – Forte enxadrista francês.
 Sakaev, Konstantin (1954) – Grande mestre russo.
 Salov, Valery Borisovich (1964) – Grande mestre russo de origem polonesa, mais tarde naturalizado espanhol.
 Sálvio, Alessandro (c.1575-c.1640) – Jogador e grande analista italiano.
 Sâmisch, Friedrich (1896-1975) – Grande mestre e teórico alemão.
 Sandro Heleno Trindade (1965) – Mestre internacional brasileiro.
 Sarrat, Jacob Henry (1772-1819) – Enxadrista inglês.
 Savon, Vladimir Andreyevich (1940) – Grande mestre ucraniano.
 Sax, Gyula (1951) – Grande mestre húngaro.
 Schallopp, Emil (1843-1919) – Jogador e escritor alemão.
 Scheeren, Peter (1955) – Mestre internacional holandês.
 Schiffers, Emanuel Stepanovich (1850-1904) – Forte enxadrista russo.
 Schlechter, Carl (1874-1918) – Famoso jogador austríaco.
 Schliemann, Adolf Karl Wilhelm (1817-1872) – Jogador alemão.
 Seirawan, Yasser (1960) – Grande mestre norte-americano, nascido na Síria.
 Seitz, Jakob Adolf (1898-1970) – Jogador alemão.

Sellman, Alexander (1856-?) – Enxadrista norte-americano.
Sepúlveda, Luis – Jogador chileno.
Sermek, Drazen (1969) – Grande mestre esloveno.
Servat, Roberto (1968) – Mestre internacional argentino.
Shabalov, Alexander (1967) – Ver Abertura do Centro.
Schiffers, Emanuel Stepanovich (1850-1904) – Enxadrista russo.
Shirov, Alexei Dmitriyevich (1972) – Grande mestre letão naturalizado espanhol.
Shliperman, Igor (1979) – Mestre internacional norte-americano.
Short, Nigel David (1965) – Grande mestre inglês.
Silva, Sebastian – Enxadrista chileno.
Sílvio Cunha Pereira (1957) – Jogador de Santa Catarina.
Simagin, Vladimir Pavlovich (1919-1968) – Grande mestre soviético.
Smirin, Illia (1968) – Grande mestre israelense.
Smith, Kenneth Ray (1930) – Enxadrista norte-americano.
Smyslov, Vasily Vassilievich – Ver Defesa Philidor.
Sokolov, Ivan (1968) – Grande mestre Bósnia-Herzegóvina.
Sokolov, Alexei Pavlovich (1908-1969) – Jogador e teórico russo.
Soppe, Guilherme (1960) – Mestre internacional argentino.
Sorin, Ariel (1967) – Grande mestre argentino.
Sozin, Veniamin Innokentevich (1896-1956) – jogador russo.
Spassky, Boris Vasiliyevich (1937) – Grande mestre russo, campeão mundial de 1969 a 1972. Atualmente vive na França.
Spielmann, Rudolf (1883-1942) – Forte enxadrista austríaco, que viveu na Alemanha.
Stahlberg, Anders Gideon Tom (1908-1967) – Grande mestre sueco.
Stamma, Philip – Jogador e teórico sírio do século XVIII, inventor da notação algébrica.
Staunton, Howard (1810-1874) – Forte e ativo jogador inglês, criador do atual modelo das peças de xadrez.
Stein, Elias (1748-1812) – Enxadrista alemão que viveu na Holanda.
Steiner, Andreas (1901-1944) – Jogador húngaro.
Steiner, Herman (1905-1955) – Nascido na Hungria e naturalizado norte-americano.
Steinitz, Wilhelm (1836-1900) – Ver Abertura Ruy Lopez.
Sultan Khan (1905-1966) – Jogador indiano, um dos grandes talentos do xadrez moderno.
Suttles, Duncan (1945) – Grande mestre canadense.
Sveshnikov, Yevgeny Ellinovich (1950) – Grande mestre e teórico russo.
Svidler, Peter (1976) – Ver Sistema Pirc/Robatsch.

T

Taimanov, Mark Yevgenyevich (1926) – Grande mestre e teórico soviético.
Tal, Mikhail (1936-1992) – Ver Defesa Benoni Moderna.
Tarrasch, Siegbert (1862-1934) – Teórico alemão, que em sua época foi um dos quatro maiores jogadores do mundo durante vinte anos.
Tartakower, Saviely Grigoryevich (1887-1956) – Grande mestre e escritor russo, um dos criadores da Escola Hipermoderna.
Taulbut, Shaun (1958) – Mestre internacional inglês.
Teich, Udo (1942) – Enxadrista alemão.
Timman, Jan Hendrik (1951) – Ver Defesa Grünfeld.
Tisdall, Jonathan (1958) – Grande mestre norueguês.
Tkachiev, Vladislav (1973) – Grande mestre francês.
Tolush, Alexander Kazimirovich (1910-1969) – Grande mestre russo.
Traxler, Karel (1866-1936) – Jogador e problemista tcheco.
Tripolsky, Eugene – Mestre internacional ucraniano.
Topalov, Veselin (1975) – Ver Defesa Siciliana.

U

Ubilava, Elizbar Elizbarovich (1950) – Grande mestre georgiano.
Ufimtsev, Anatoly Gavrilovich (1914-2000) – Enxadrista e analista soviético.
Uhlmann, Wolfgang (1935) – Grande mestre alemão.
Unzicker, Wolfgang (1925) – Grande mestre alemão.

V

Vaganian, Rafael Artemovich (1951) – Grande mestre armênio.
Veingold, Alexander (1953) – Mestre internacional estoniano.
Velimirovic, Dragoljub (1942) – Grande mestre iugoslavo.
Vidmar, Milan (1885-1962) – Grande mestre iugoslavo.

Vinicius de Abreu Marques (1978) – Mestre internacional paulista.
Vinogradov, Kirill (1921) – Jogador russo.
Vukic, Milan (1943) – Grande mestre iugoslavo.
Vukovik, Vladimir (1898-1975) – Mestre internacional e escritor iugoslavo.

W

Weindl, Alfred (1964) – Mestre FIDE alemão.
Weiss, Max (1857-1927) – Enxadrista húngaro que viveu na Áustria.
Wellington Carlos Rocha (1972) – Ver Abertura Escocesa.
Winants, Luc (1963) – Grande mestre belga.
Winawer, Syzmon (1838-1920) – Enxadrista e teórico polonês.
Wladimir Camilo Zampronha (1971) – Enxadrista paulista.
Wolf, Henrich (1875-1943) – Jogador austríaco.

Y

Yermolinsky, Alex (1958) – Grande mestre norte-americano.
Yusupov, Artur Mayakovich (1960) – Ver Defesa Petrov.

Z

Zaitsev, Alexander Nikolayevich (1935-1971) – Grande mestre soviético.
Zak, Uriel (1959) – Mestre internacional israelense.
Zukertort, Johann Hermann (1842-1888) – Grande jogador polonês do século XIX.

BIBLIOGRAFIA

- ALEKHINE**, Alexander A. – Mis mejores partidas de ajedrez (1924-1937).
Argentina: Editorial Sopena, 1962.
- BRONSTEIN**, David – El ajedrez de torneo.
Espanha: Fundamentos/Aguilera, 1984.
- CAPBLANCA**, José Raul – Fundamentos del ajedrez.
Argentina: Editorial Sopena, 1965.
- CORIA**, Valentin F. y PALAU, Luis – El genio del ajedrez: Pablo Morphy.
Argentina: Editorial Sopena, 1961.
- CORIA**, Valentin F. y PALAU, Luis – Las grandes partidas de Emmanuel Lasker.
Argentina: Editorial Sopena, 1953.
- COSTA**, Waldemar – Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez.
Rio de Janeiro, 1994.
- CULLERE**, Jaime – Ocho maestros de la escuela romantica. Argentina:
Editorial Grabo, 1959.
- D' AGOSTINI**, Dr. Orfeu G. – Xadrez básico. São Paulo: Editora
Difusora Cultural, 2ª. edição.
- DVORETSKY**, Mark & YUSUPOV, Artur – Entrenamiento de elite (1).
Espanha: Ediciones Eseeve S. A., 1992.
- DVORETSKY**, Mark & YUSUPOV, Artur – Entrenamiento de elite (2).
Espanha: Ediciones Eseeve S. A., 1994.
- ENCYCLOPAEDIA** Britannica do Brasil Publicações Ltda. – Atlas Mirador
Internacional. Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1975.
- EUWE**, Dr. Max – Apertura Inglesa.
Espanha: Ediciones Limitadas Catalan, 1976.
- EUWE**, Dr. Max – La Apertura Española.
Espanha: Ediciones Limitadas Catalan, 1964.
- FILGUTH**, Rubens A. – Mequinho, o perfil de um gênio.
Paraná: Editora Promochess Ltda., 1983.
- FINE**, Reuben – The ideas behind the chess openings.
EUA: Mc Kay Chess Library, 1990.
- FISCHER**, Robert J. – Mis 60 mejores partidas.
Espanha: Editorial Fundamentos, 1986.
- GAIGE**, Jeremy – Chess Personalia (A Bio-bibliography).
EUA: Mc Farland Library, 1987.
- GRAU**, Roberto G. – Tratado general de ajedrez.
Argentina: Editorial Sopena Argentina S. A., 1962.
- GUDE**, Antônio (Organizador) – Apertura Italiana (Coletânea de 250 partidas).
Espanha: Ediciones Eseeve S. A., 1989.

- GUDE**, Antônio (Organizador) – Defesa Índia de Rey (Coletânea de 250 partidas). Volume I.
Espanha: Ediciones Eseeve S. A., 1991.
- GUDE**, Antônio (Organizador) – Defesa Índia de Rey (Coletânea de 250 partidas). Volume II.
Espanha: Ediciones Eseeve S. A., 1991.
- HOOPER**, D. & **WHYLD**, Kenneth – The Oxford Companion to Chess.
Inglaterra: Oxford University Press, 1996.
- HORTON**, Birne J. – Moderno dicionário de xadrez.
São Paulo: IBRASA, 1973.
- IBERO**, Ramón – Diccionario de ajedrez.
Espanha: Ediciones Martinez Roca S.A., 1977.
- KASPAROV**, Gary and **KEENE**, Raymond – Batsford Chess Openings 2.
Inglaterra: B. T. Batsford Ltd, 1989
- KERES**, Paul – El gambito de rey.
Espanha: Ediciones Martinez Roca S.A., 3ª. edição, 1972.
- KOTOV**, Alexander – Juegue como un gran maestro.
Espanha: Editorial Fundamentos, 1989.
- LASKER**, Edward – A aventura do xadrez.
São Paulo: Edições IBRASA, 1962.
- MILOS Jr.**, Gilberto – Campeonato Mundial da FIDE de 1996 - Karpov x Kamsky.
Paraná: Revista Xadrez Alternativo.
- PACHMAN**, Ludek – Defesa Siciliana.
Espanha: Ediciones Martinez Roca S.A., 1990.
- PANOV**, Vasily N. – Capablanca.
Espanha: Ediciones Martinez Roca. S.A., 1986.
- PANOV**, Vasily N. – Teoria de aberturas.
Espanha: Ediciones Martinez Roca, 1966.
- PHILIDOR**, F. A. Danican – Analyse du Jeu des Échecs.
França: Librairie Garnier Frères, 1871.
- RETI**, Richard – Los grandes maestros del tablero.
Espanha: Fundamentos/Aguilera, 1982.
- RUA**, Juan F. – La edad de oro del ajedrez.
Espanha: Editorial Ricardo Aguillera, 1973.
- SAHOVSKI INFORMATOR** – 640 best and 64 golden games.
Iugoslávia, 1996.
- SIMAGIN**, Vladimiro P. – El estilo posicional.
Espanha: Editorial Ricardo Aguillera, 1965.
- SMYSLOV**, Vasily V. – Partidas seleccionadas de V. V. Smyslov.
São Paulo: Edições IBRASA, 1967.
- SOKOLIK**, David – O xadrez magistral de Gary Kasparov.
Rio de Janeiro: Editora Revan.

SOKOLSKY, A. P. – Nuevas ideas en las aperturas - Aperturas cerradas.
Espanha: Ediciones Limitadas Catalan, 1969.

VASCONCELOS, Fernando A. – Apontamentos para uma história do xadrez & 125 partidas brilhantes.
Brasília: Da Anta Casa Editora, 1991.

WADE, R. G. & O'CONNELL, K. J. – The games of Robert J. Fischer.
Inglaterra: B. T. Batsford Limited London, 1985.

WATSON, John – Secrets of Modern Chess Strategy (Advances Since Nimzowich).
Inglaterra: Gambit Library, 1998.

REVISTAS:

Ajedrez de estilo – Argentina: La Casa del Enxadrista.

Ajedrez 2000 – Argentina: La Casa del Enxadrista.

Caissa – Rio de Janeiro.

Cuadernos teóricos de ajedrez – Argentina: Editorial Sopena e Espanha: Revista Jaque. 1973 a 1980.

Inside Chess – EUA: International Chess Enterprises, Inc.

Jaque – Espanha: Jaque XXI, S.L.

Jogo Aberto – São Paulo.

Lance – Brasília: Lance Cultural Produções Ltda.

P4D – Rio de Janeiro.

Preto & Branco – Paraná: Editora Promochess Ltda.

Revista Brasileira de Xadrez Postal – São Paulo.

Teoría al día – Argentina: La Casa del Enxadrista (1984 a 1990).

Xadrez Alternativo – Paraná.

Xadrez Ciência – Paraná: Editora Promochess Ltda.

